Revistas.PeruRadio.net.ms



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

# MICHAEL

DOS EDITORES DA ROLLING STONE

TRADUÇÃO: BIA PEINE E DALTONY NÓBREGA

SPRING PUBLICAÇÕES LTDA.

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

*Jann S. Wenner*
EDITOR-CHEFE E PUBLISHER

EDITOR GERAL: *Will Dana*

EDITOR: *Jason Fine*

DIRETOR DE ARTE: *Joseph Hutchinson*

DIRETOR DE FOTOGRAFIA: *Jodi Peckman*

EDITOR ASSISTENTE: *John Dioso*

EDITORES CONTRIBUINTES: *Nathan Brackett, Michael Endelman, Tom Nawrocki, Jonathan Ringen*

ASSISTENTE DA DIREÇÃO DE ARTE: *Mac Lewis*

EDITORES DE FOTOGRAFIA: *Deborah Dragon, Sacha Lecca*

CHECADORES: *Julia Holmes, Sarene Leeds, Brian Moran, Jamie Reynolds*

PESQUISADORES: *Erika Berlin, Bob Hammond, Eric Magnuson, Kevin O'Donnell, Phoebe St. John, Alexis Sottile*

GERENTE DE PRODUÇÃO: *Eleni Tzinakos*

MICHAEL Copyright © 2009 ROLLING STONE LLC. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada nem reproduzida de forma alguma sem permissão por escrito, exceto no caso de curtas citações incorporadas em análises e artigos críticos.

Publicado originalmente em inglês sob o tíitulo MICHAEL by The Editors of ROLLING STONE por Harper Collins Publishers. Todos os direitos reservados.

Copyright © 2010 Spring Publicações Ltda. *"Published by arrangement with Harper Collins Publishers"*

PRIMEIRA EDIÇÃO

Direitos da edição e tradução para o território Brasileiro.

*Spring Publicações Ltda.*

PUBLISHER: *José Roberto Maluf*

DIRETOR EXECUTIVO: *Eduardo Colturato*

GERENTE DE MARKETING & PROJETOS ESPECIAIS: *Leo Belling*

ASSISTENTE DE MARKETING: *Leonardo Libman Nascimento*

GERENTE DE CIRCULAÇÃO: *Gabriela Beraldo*

ADAPTAÇÃO GRÁFICA: *Daniel S.B. Mangione, Gerson Nascimento, Guido Cipollone e Tamara Emy*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: *Pablo Miyazawa e Paulo Terron*

TRADUÇÃO E REVISÃO: *Bia Peine e Daltony Nóbrega*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Michael / dos Editores da ROLLING STONE ; Tradução Bia Peine e Daltony Nóbrega. – São Paulo: Spring Publicações, 2010.

Título original: Michael.

ISBN 978-85-62921-01-8

1. Jackson, Michael, 1958-2009 2. Músicos de

pop - Biografia 3. Rolling Stone (Revista).

10-05351 CDD-782.66092

Índices para catálogo sistemático:
1. Músicos pop : Biografia 782.66092

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

# ÍNDICE

14 Prefácio: O Último Imperador *Por Will.i.am*

16 Introdução: Relembrando Michael *Pelos Editores*

18 As Capas da Rolling Stone

20 Triunfo e Tragédia *Por Mikal Gilmore*
Michael Jackson: ele cruzou todas as fronteiras, mas não encontrou o que procurava.

52 A Máquina de Soul *Por David Ritz*
Como a fábrica de sucessos da Motown transformou cinco irmãos de Gary, Indiana, no maior fenômeno pop do mundo.

68 O Príncipe do Pop *Por Ben Fong-Torres*
Na estrada com o Jackson 5: a primeira matéria de capa na Rolling Stone, em 1971

74 Quando Michael se Tornou Michael *Por Rob Sheffield*
No final dos anos 1970, Jackson começou a produzir o disco-pop que faria o mundo dançar.

80 Michael Reinventa o Pop *Por Anthony DeCurtis*
Na criação de *Off the Wall*, a inovação que transformou Jackson em superastro.

88 Máquina de Dançar *Por Douglas Wolk*
Fred Astaire disse que ele se movimentava excepcionalmente; Baryshnikov chamou-o de "formidável". Como Jackson virou um dos dançarinos mais importantes de sua geração.

98 No Topo do Mundo *Por Alan Light*
Jackson e Quincy Jones queriam que *Thriller* fosse o maior álbum da carreira dele. Acabou sendo o maior álbum de todos os tempos.

114 Michael Dá a Resposta
Nos bastidores com Bruce Springsteen, Bob Dylan, Stevie Wonder e os outros superastros que gravaram "We Are the World".

118 No Reino da Magia *Por Gerri Hirshey*
Em 1982, logo após *Thriller*, Michael Jackson levou uma jornalista da Rolling Stone à casa dele – e a fez posar com sua cobra de estimação.

Revistas.PeruRadio.net.pe

132 Maior, Mais Pesado, Mais Arriscado *Por Jon Dolan*
Michael não realizou o sonho de ultrapassar as vendas de *Thriller* com *Bad*, de 1987, mas fez seu último disco notável de verdade.

138 No Limite *Por Jon Dolan*
Jackson abraçou os anos 1990 remodelando seu som em *Dangerous*, acrescentando hip-hop, new jack swing e guitarras pesadas à receita.

144 A Emoção Acabou *Por Jon Dolan*
Irregular, voltado para o próprio ego e emocionalmente imaturo, *HIStory* combinou um disco de grandes sucessos com um álbum conceitual sobre as agruras da fama.

147 Perdido na Pista *Por Jon Dolan*
As remixagens de *Blood on the Dance Floor* devolveram o calor à música de Jackson.

148 De Volta à Rotina *Por Jon Dolan*
Em seu último álbum, *Invincible*, Michael Jackson voltou ao soul funkeiro e ao R&B suave que fizeram dele um superastro.

152 Super-Herói Negro *Por Touré*
Intelectuais e artistas afro-americanos – de Sean "Diddy" Combs a Henry Louis Gates Jr. – avaliam o legado de Jackson.

156 A Hora do Show *Por Douglas Wolk*
Viajando com Michael Jackson, das longas viagens de carro com os irmãos até os espetáculos pop mais caros que o mundo já viu – ou não chegou a ver.

168 Um Novo Tipo de Musical *Por Rob Sheffield*
Com "Billie Jean", Jackson aperfeiçoou um novo formato de clipe, mas nunca desistiu de ir ainda mais longe. Um guia crítico dos vídeos de Jackson.

182 O que Deu Errado *Por Claire Hoffman e Brian Hiatt*
Uso de drogas, processos judiciais e quase falência: reconstituindo os momentos mais sombrios e a espiral descendente de Jackson.

202 Os Momentos Essenciais *Por Rob Sheffield*
As músicas, os vídeos e as performances que definiram a carreira de Jackson.

212 Tributos
Quincy Jones, Smokey Robinson, Sheryl Crow e outros dez outros astros compartilham suas lembranças de Michael Jackson.

220 Singles
Um guia comentado dos sessenta singles de Jackson que foram ao Top 40.


Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe





Revistas.PeruRadio.net.pe

PREFÁCIO

# O ÚLTIMO IMPERADOR

## Por Will.i.am

Eu fui criado em um bairro pobre. Quando se cresce perto da violência e de gente que vende crack, vai para a prisão e morre, a única saída que existe é a música. Quando você ouve música porque há dramas demais à sua volta, ela é como uma nave espacial que te carrega para um lugar completamente diferente. É isso que Michael Jackson foi para mim.

Mas por que todos nós amamos Michael Jackson? Por que Michael Jackson é importante? Por causa de seu extremo talento. Sua habilidade para dominar seu próprio corpo – seu modo de cantar, sua dança. E por causa de sua imaginação, de sua capacidade não só de romper barreiras, mas de continuar rompendo até que não haja mais barreiras a quebrar.

Michael conseguiu o máximo, e não estou falando apenas sobre performance e vendas. Ele teve sucesso nos negócios, foi um empreendedor. Nesse sentido, ele não foi só o Rei do Pop, mas o Rei da Indústria. Ele foi a Wall Street da música. Não existiria Jay-Z se não existisse Michael Jackson. Não existiria Usher nem Justin Timberlake. Todas essas pessoas desaparecem se você tira o Michael Jackson da equação.

Trabalhei com ele na reedição do 25º aniversário de *Thriller* e no álbum em que ele estava trabalhando quando morreu. No início, estar com ele no estúdio era difícil, porque não dava para deixar de ser um fã. Eu fiz todas as perguntas que sempre quis fazer: "Qual foi a sensação de ter feito o vídeo 'Thriller'?" "Por que essas meias brilhantes?"

Eu lhe disse que, quando ele fez o clipe de "Thriller", foi bem na minha rua. Perguntei à minha mãe se eu podia ir, mas ela disse que não. "Por quê?", perguntou ele. Expliquei que era porque morávamos em um bairro problemático e talvez fosse perigoso. Ele disse apenas: "Bem, se ela tivesse deixado, talvez não estivéssemos aqui agora." Nós criamos um vínculo verdadeiro. Tornamo-nos amigos.

Quanto ao novo álbum, ele sempre disse que queria que fosse "inaudito". Eu nunca havia usado essa palavra. Então, fui para casa e pesquisei. "A gente tem de ir direto na jugular", disse ele. Número um. Precisamos ser o número um, seja onde for. Ele queria superar a si mesmo. Eu dizia que ele não conseguiria fazer melhor do que já tinha feito. Tínhamos conversas como essa e fizemos coisas excelentes. Espero que sejam lançadas.

Quando trabalhei com ele, ele estava ótimo tanto vocalmente quanto espiritualmente. Atravessando a vida com um olhar atento e crítico – não sei como ele conseguia. Sendo julgado e questionado pelo mundo inteiro. Ele ainda se empolgava com a música, ainda se empolgava para ir aos ensaios e trabalhar com pessoas de todo o mundo.

Para compreender Michael Jackson é preciso entender de onde ele veio. Em 2005, quando eu estava trabalhando com ele, tive o prazer de também trabalhar com James Brown, um dos ídolos de Michael. Contei a Michael que, quando pedi a James para tirar uma foto comigo, ele bateu palmas duas vezes, e uma mulher apareceu de repente e começou a pentear seu cabelo.

Michael só disse: "Uau. O show business não é maravilhoso?" Quando ele disse isso, tudo fez sentido. No show business, o palco é qualquer lugar. O palco não está só no Grammy. O palco é quando você sai do estacionamento. Quando vai ao shopping. Tem a ver com motivação, com fazer o possível para ser perfeito.

É por isso que Michael Jackson tinha majestade. Quando ele andava pela rua, era um acontecimento. Para todas as pessoas que ele cresceu admirando – Frank Sinatra, Sammy Davis Jr., Elizabeth Taylor – o show estava em todo lugar. Michael é o último imperador dessa era.



Revistas.PeruRadio.net.pe

INTRODUÇÃO

# RELEMBRANDO MICHAEL

MICHAEL JACKSON INVENTOU O POP MOderno. Como menino cantor do Jackson 5, ele já tinha aquela voz, pairando sobre as músicas mais rápidas ("I Want You Back", "The Love You Save") e penetrante nas baladas ("I'll Be There", "Got to Be There"). Se ele nunca tivesse feito nada além disso – se tivesse se acomodado na respeitável rotina de carreira de uma Gladys Knight ou de um Steve Miller – ele ainda seria lembrado, como se essas canções nunca tivessem parado de tocar no rádio.

No entanto, em agosto de 1979, mal saído da adolescência, ele chegou a um nível totalmente novo de megaestrelato com *Off the Wall*, levando o funk, a Motown, os excessos do rock e o esplendor de Hollywood a um novo som. Foi uma gravação em estilo despudoradamente disco, com um hino chamado "Burn This Disco Out", quando "disco" era a palavra mais controversa na área de música.

Mas foi um álbum que representou a totalidade do pop nos termos da música disco e pareceu universal em um nível que antes ninguém imaginava possível. *Off the Wall* tinha mais sucessos do que as rádios tinham tempo de tocar: quando "Rock With You" explodiu, era hora de "Don't Stop 'Til You Get Enough" sumir, mas as rádios continuaram tocando-a – porque todo o mundo queria mais. Mesmo nos momentos mais intensos de dança, sua voz tinha aquele tremor solitário, triste e vulnerável, como se a canção fosse perseguida por algo sobrenatural e belo. Ele era tão intenso e estranho quanto qualquer cantor e compositor excêntrico poderia ser – embora também fosse o cara mais famoso do mundo.

O único motivo pelo qual *Off the Wall* não é lembrado como o maior disco pop de todos os tempos é que *Thriller* foi ainda maior e melhor. As pessoas adoram comparar *Off the Wall* e *Thriller*, mas nunca haverá um perdedor nessa luta. Todos os que ouviram *Thriller* foram influenciados, e todos os músicos pop passaram os anos seguintes tentando chegar perto dele – até mesmo o próprio Michael. O plano óbvio era que "Beat It" explodisse nas rádios de rock, mas elas já tinham tocado "Billie Jean". E então veio "Human Nature". E "P.Y.T. (Pretty Young Thing)" e "Somebody's Watching Me", e "State of Shock", e "Farewell My Summer Love". Cada estação no dial parecia se alimentar daquelas batidas, como se MJ tivesse ajustado o ritmo do mundo a seus próprios tiques insistentes, íntimos, marcados pela respiração.

Mesmo então, todo o mundo ouvia dizer o quanto ele estava estranho e ferido, embora houvesse alguma coisa heroica na maneira pela qual ele transformou suas agonias psicossexuais naquela música intensamente emocional e inconcebivelmente exuberante. Fosse você um jovem fã de metal, de disco ou de new wave, *Thriller* tinha o que você queria. Ele ficou em primeiro lugar por 22 semanas, em 1983, mas saiu-se ainda melhor em 1984. Ele também criou o som dos anos 1980, já que o ar ficou repleto de gravações brilhantes tentando copiar a força de "Billie Jean": "Like A Virgin", de Madonna, "Girls Just Want to Have Fun", de Cyndi Lauper, "Missing You", de John Waite, "Jump", de Van Halen, "Dancing in the Dark", de Bruce Springsteen. O momento de Michael foi um tempo em que a música mais ousada do mundo parecia estar exatamente entre as 40 mais executadas. Ele era o astro mais famoso e mimado do planeta, mas até mesmo você torceu por ele: porque ele chegou como um perdedor, uma criança doce e perturbada, oprimida por seus dons extraordinários, renunciando aos privilégios do machismo, um garoto tímido sonhando com a liberdade das ruas. Como ele disse memoravelmente no vídeo "Thriller": "Eu não sou como os outros caras." Ele dizia isso com doçura, e a gente conseguia ouvir isso na respiração pesada, nos soluços de sua voz. Cada aspecto de sua música parecia emanar de seus efervescentes movimentos de dança, como se os mesmos espíritos que guiavam seus pés para girar e saltar em sua coreografia estivessem guiando sua voz. A graça física de sua presença no palco e na tela parecia dar a ele um refúgio temporário contra a dor em suas canções, embora ele ainda parecesse frágil e atormentado como se estivesse flutuando longe dali.

Ele acabou não flutuando para longe – conforme foi ficando mais velho, sua música ficou pesada e comum, e sua voz perdeu o balanço e a elasticidade. Quando ele começou a se chamar Rei do Pop, em 1991, era um reino que não existia mais, e parecia que ele era o único que não tinha percebido. Sua vida, antes cheia de promessas, tornou-se uma triste parábola sobre o que acontece quando você consegue o que quer, e ele continuou dando a seus fãs motivos para se sentirem desolados e traídos. Mesmo assim, independentemente de quão depressivo tenha se tornado o espetáculo de sua fama, aquelas gravações continuaram cheias de vida. Entre as muitas coisas estranhas sobre MJ, a mais estranha será sempre a música – histórias trágicas sobre as recompensas e os desastres das celebridades são lugar-comum, mas nunca houve alguém que compusesse ou cantasse como esse homem. Dadas as circunstâncias de sua infância, não é de surpreender que Michael fosse atormentado; a surpresa é que ele foi capaz de transformar o tormento na música que fez o mundo dançar. —*Os Editores*



Revistas.PeruRadio.net.pe





Revistas.PeruRadio.net.pe

# AS CAPAS DA RO



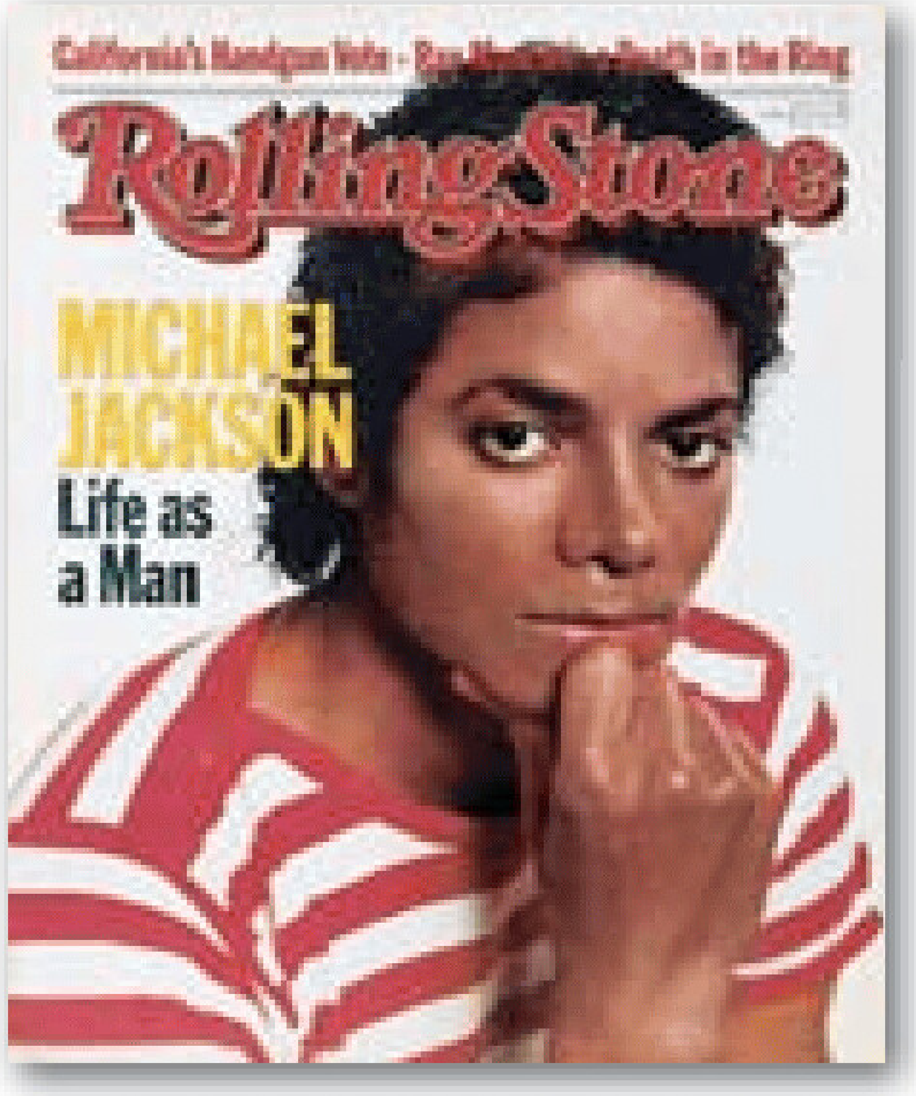

**RS 81 29 DE ABRIL DE 1971**

*A* Rolling Stone *caiu na estrada com o Jackson 5 e um Michael muito jovem: "Esta noite eu gostaria de falar a vocês sobre o blues... Ninguém sente o blues como eu", diz Michael ao público em Columbus, Ohio. "Eu posso ser jovem, mas sei do que se trata."*



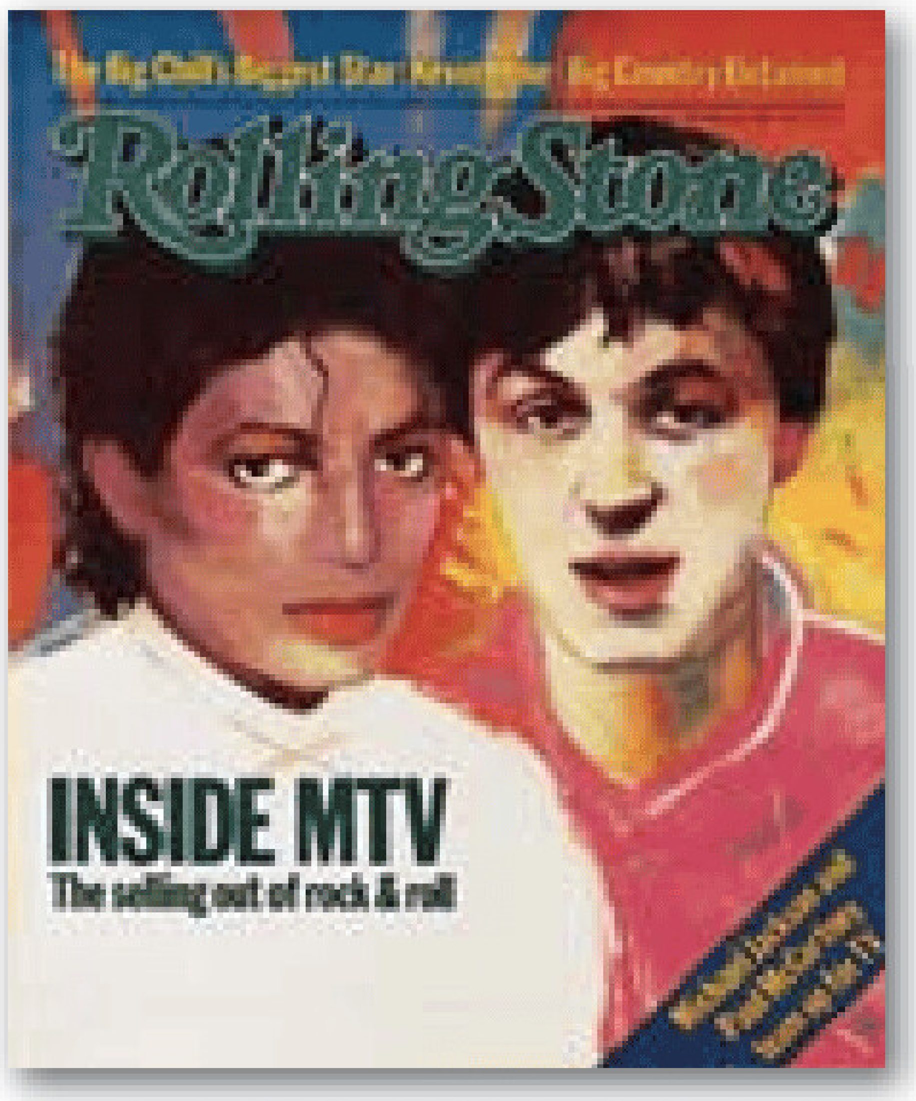
Revistas.PeruRadio.net.pe

# LLING STONE



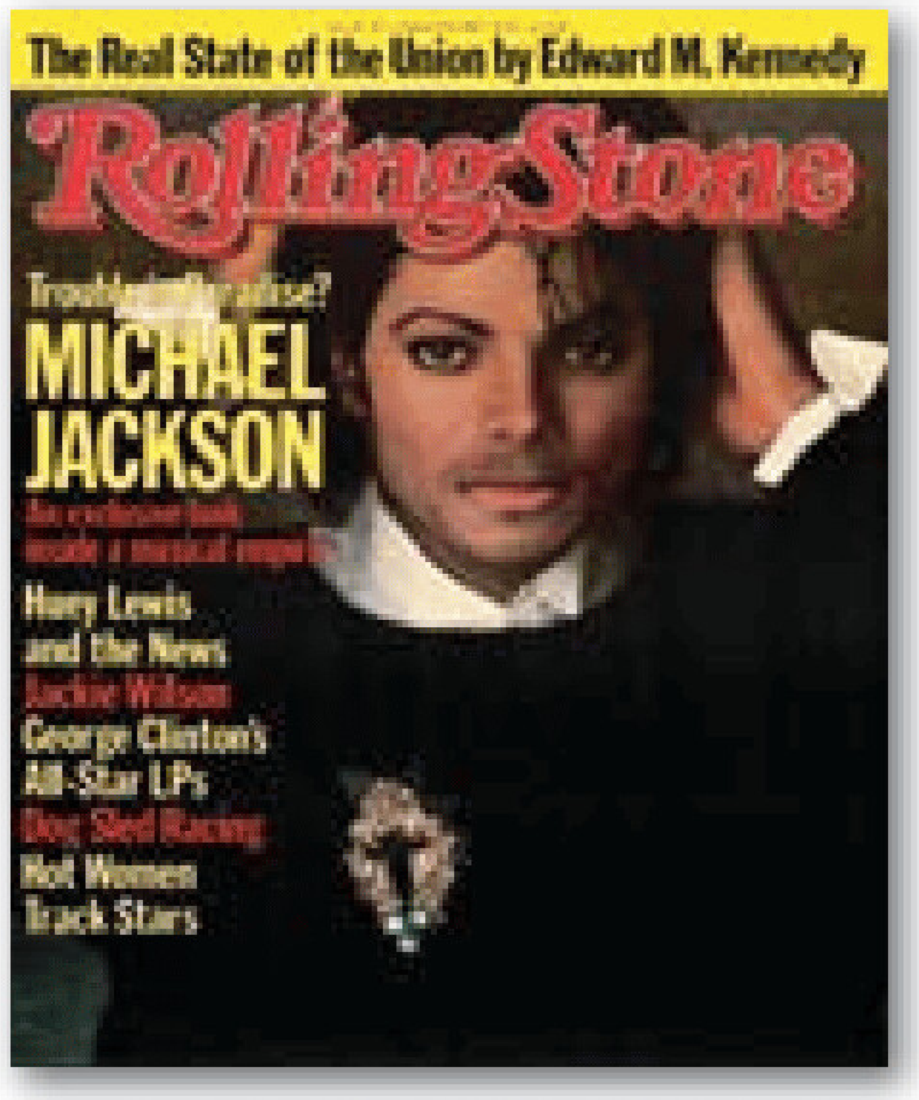

**RS 389** **17 DE FEVEREIRO DE 1983**

*Um tímido Michael concede a Gerri Hirshey a entrevista impressa mais reveladora de sua carreira e pede que ela segure sua serpente. "No palco, fico mais relaxado do que estou agora".*




**RS 410** **8 DE DEZEMBRO DE 1983**

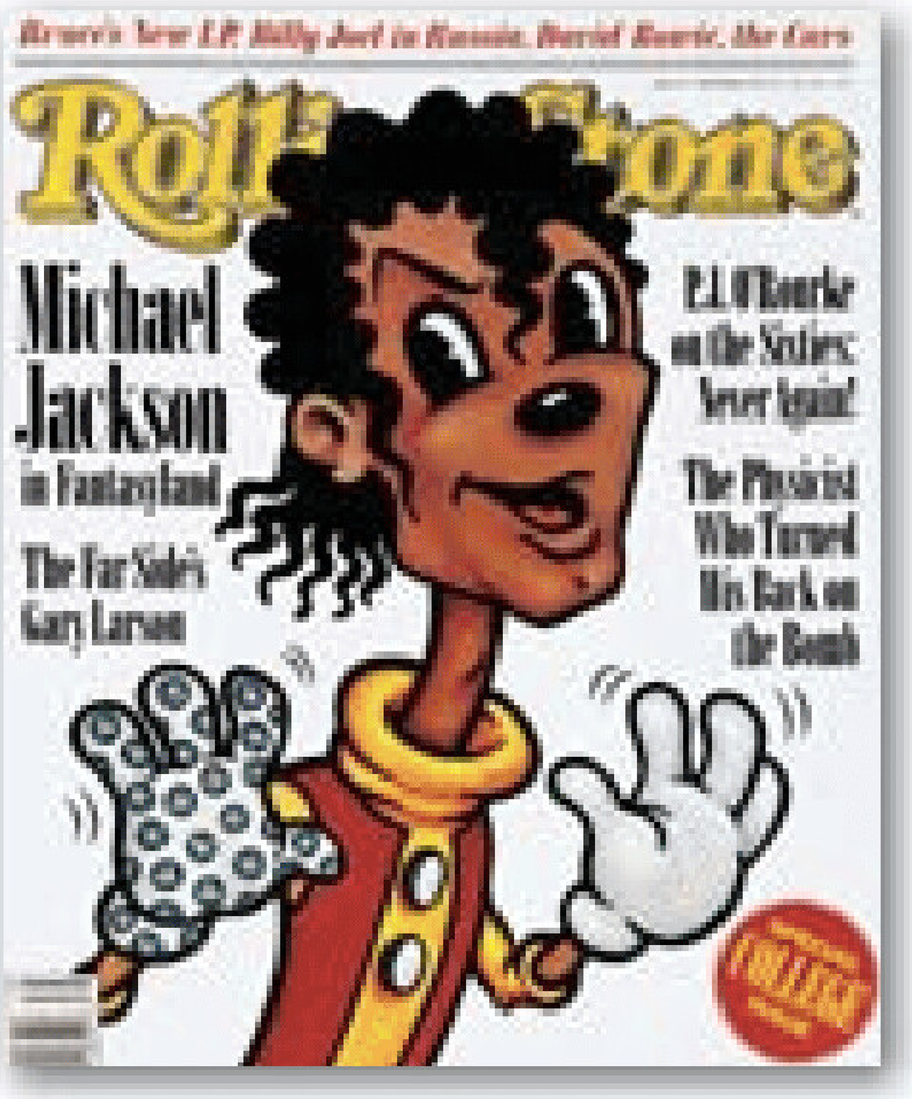
*A* RS *relata como Jackson ajudou a romper a barreira da cor na MTV: "Quando 'Billie Jean' entrou nas paradas, a MTV refletiu melhor sobre os negros que faziam música."*




**RS 417** **15 DE MARÇO DE 1984**

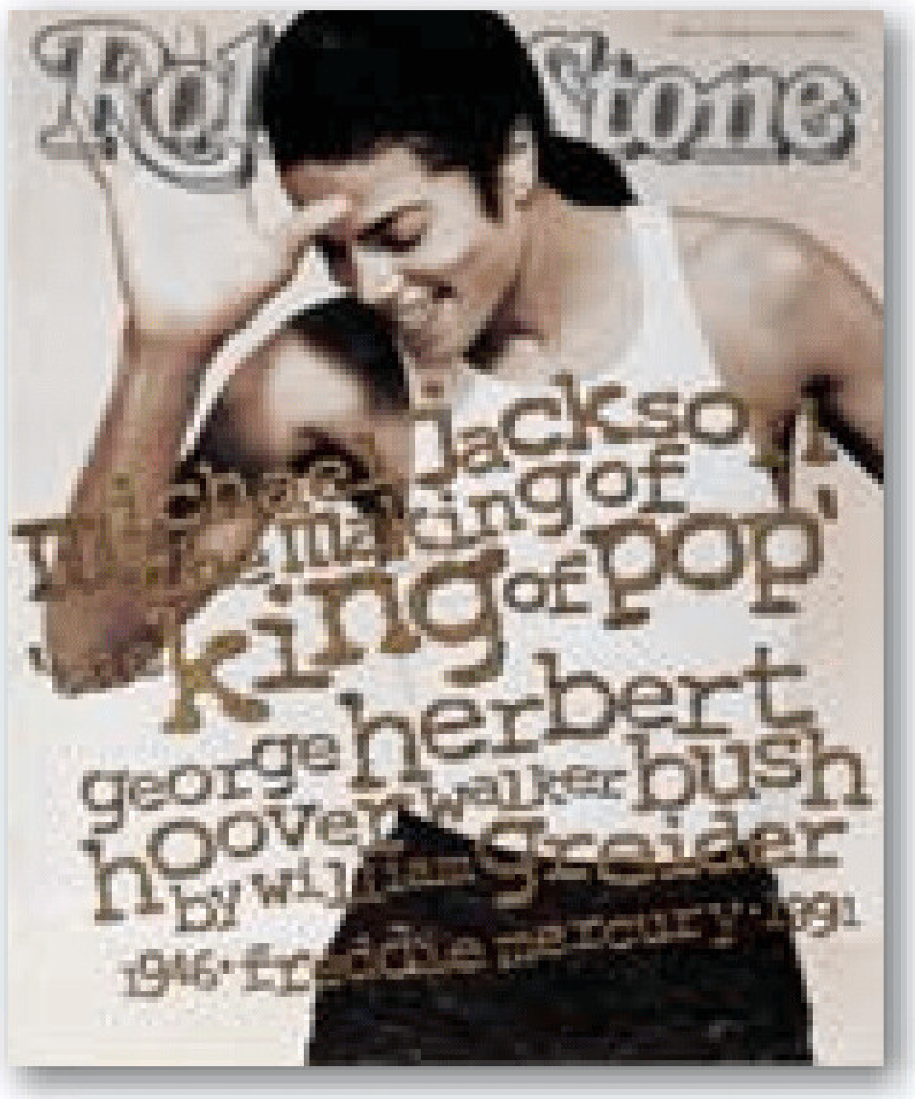
*No ano após o sucesso de* Thriller*, a* RS *faz uma previsão sobre a turnê* Victory *dos Jacksons: "Este será o último grito de vitória dos Jacksons, a última chama de dinheiro e glória."*

---



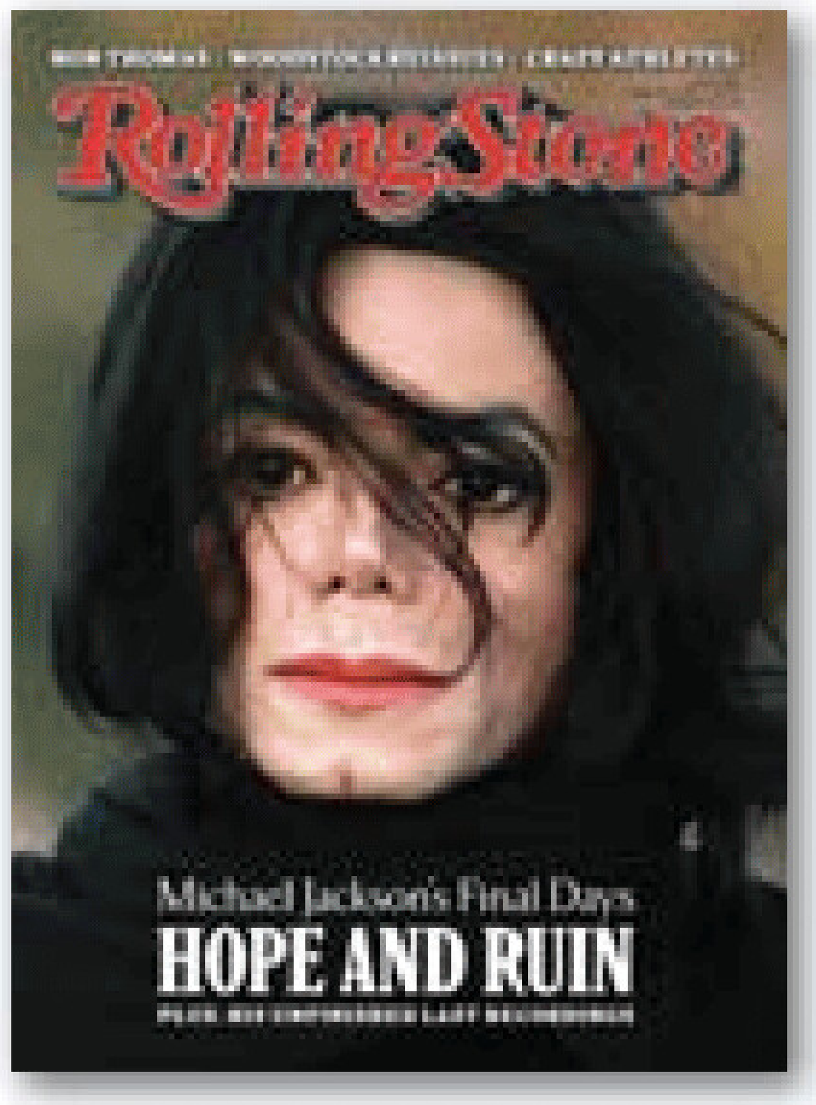

**RS 509** **24 DE SETEMBRO DE 1987**

*Enquanto Michael se prepara para lançar* Bad*, a* RS *faz uma viagem ao mundo estranho do cantor: "Seu próprio empresário o descreve como um misto de E.T. e Howard Hughes."*




**RS 621** **9 DE JANEIRO DE 1992**

*Após* Dangerous*, Michael abriu as portas de Neverland: "Uma escada leva à sala do trenzinho. 'As crianças fazem a festa do pijama aqui', diz um membro da equipe de Jackson."*




**RS 1084** **6 DE AGOSTO DE 2009**

*A* RS *investiga os últimos meses da vida de Michael: sua dependência de drogas e os ensaios intensos do que o artista esperava ser "o maior espetáculo da Terra"*



Revistas.PeruRadio.net.pe


Revistas.PeruRadio.net.pe



# TRIUNFO E TRAGÉDIA

A vida de Michael Jackson
Por Mikal Gilmore

Revistas.PeruRadio.net.pe

NÃO EXISTE NA MÚSICA POPULAR UMA HISTÓRIA TÃO AFORTUNADA E AO MESMO TEMPO tão trágica quanto a de Michael Jackson. Ambas as características permearam sua vida, mais ou menos desde o início: enquanto ele ainda era criança, tornou-se a principal fonte de renda de uma grande família e um patrimônio incalculável para uma das mais importantes gravadoras da história. Jackson aproveitou isso tudo – ganhou fama e dinheiro e desenvolveu uma autoimagem que o isolou de quase todo o mundo. Viveu muitas vidas dentro de si – foi aí que refletiu e transformou seus ressentimentos e desejos em uma arte ao mesmo tempo feliz e furiosa. E foi também aí que ele encontrou sua força e manteve suas fragilidades até que se tornaram letais. ★ Considerando a criação que recebeu, pode-se ver por que ele teve de criar essa vida interior. O pai, Joe Jackson, foi operador de guindaste durante os anos 1950, em Gary, Indiana – um lugar no qual havia cotas impostas para determinar quantos negros podiam progredir em ocupações qualificadas nas fábricas da cidade.

Os trabalhadores negros recebiam menos que os brancos e também estavam sujeitos a taxas muito maiores de doenças fatais relacionadas com o trabalho – mas Joe Jackson nutria esperanças de que a música o faria subir na vida. A mãe de Michael, Katherine Scruse, era do Alabama, mas morava em East Chicago, Indiana, quando conheceu Joe. Ela cresceu ouvindo música country-western e, embora alimentasse sonhos de cantar e tocar, a pólio deixou-a claudicante para sempre. Casados em 1949, Joe e Katherine eram um jovem casal, e começaram imediatamente uma grande família. Sua primeira filha, Maureen (Rebbie), nasceu em 1950, seguida por Sigmund (Jackie) em 1951, Toriano (Tito) em 1953, Jermaine em 1954, La Toya em 1956 e Marlon em 1957. Michael nasceu em 29 de agosto de 1958, e Randy nasceu em 1961. Janet, a caçula, só veio em 1966.



**CRIANÇAS DO SHOWBIZ**
*Michael (na frente) e seus irmãos em Chicago, 1968. Os Jacksons já vinham se apresentando em casas noturnas para negros havia dois anos.*

Michael e seus irmãos ouviam música o tempo todo. Joe tinha uma forte inclinação pelo blues urbano elétrico e ruidoso que tinha se desenvolvido perto de Chicago e também pela fase inicial do rock and roll. Com seus irmãos, Joe formou uma banda, Falcons, e ganhava uma modesta renda extra tocando em bares e em festas de colégio na região de Gary. "Eles cantavam algumas das grandes canções de blues e do início do rock and roll, de Chuck Berry, Little Richard... e o que mais você lembrar", escreveu Michael em sua autobiografia, *Moonwalk*, em 1988. "Todos aqueles estilos eram incríveis e cada um deles nos influenciou, embora fôssemos jovens demais para saber disso na época." Quando o Falcons acabou, Joe aposentou sua guitarra em um armário do quarto, e a guardava com ciúme, exatamente como fazia com tudo o que estava sob seu controle. Katherine, no entanto, às vezes dirigia seus filhos em coros de música country, durante os quais os ensinou a abrir vozes. Tito, como seu pai, tinha uma clara afinidade com instrumentos. Um dia, depois de pegar a guitarra de Joe para praticar com os irmãos, ele arrebentou uma corda. Como Michael lembrou depois, Joe bateu em Tito por causa do descuido – "Ele bateu pra valer" – e então desafiou o filho a mostrar o que sabia tocar. Pelo que se viu depois, Tito impressionou o pai. Talvez naqueles momentos Joe tenha visto florescer novamente a esperança no futuro. Ele comprou uma guitarra para Tito, ensinou-lhe algumas músicas de Ray Charles e então comprou um baixo para Jermaine. Em pouco tempo ele estava montando um grupo musical com todos os filhos homens. Embora Joe fosse no fundo um homem do blues, gostou que o R&B contemporâneo – Motown e soul – fosse a música que atraía seus filhos. Joe preparou Jermaine para ser o solista, mas um dia Katherine viu Michael, na época com apenas quatro anos, cantando uma música de James Brown, e Michael – tanto na voz quanto nos movimentos – já eclipsava seu irmão mais velho. Ela disse a Joe: "Acho que temos outro solista." Katherine diria mais tarde que às vezes a capacidade precoce de Michael a assustava – ela provavelmente viu que sua infância daria lugar ao estrelato –, mas ela também reconhecia que havia algo inegável em sua voz infantil: ela podia transmitir lembranças e experiências que nenhuma criança poderia conhecer. Michael era também o centro das atenções. Ele adorava cantar e dançar e, como era ainda tão novinho – um veículo inesperado para uma expressividade tão poderosa, direta



Revistas.PeruRadio.net.pe



**OS GAROTOS DE OURO**
*(A partir da esquerda) Jackie, Michael, Randy (em pé), Jermaine, Marlon e Tito Jackson em sua casa em Encino, em 1972. Na adolescência, Michael estava frustrado com a falta de controle artístico do grupo. Ele temia que o grupo se tornasse "uma coisa antigona".*

e comovente – , ele se tornou foco de atenção quando ele e seus irmãos se apresentavam. O pequeno Michael era engraçadinho, mas o pequeno Michael Jackson era também dinamite.

É evidente que Joe Jackson era bom no que fazia. "Ele sabia o que eu tinha de fazer para me tornar um profissional", disse Michael mais tarde. "Ele me ensinou a segurar direito um microfone, fazer gestos para a multidão e a lidar com o público." Mas, como o próprio Joe admitiu, ele também era implacável. "Quando descobri que meus filhos estavam interessados em ser artistas, comecei a trabalhar com eles", disse ele à revista *Time* em 1984. "Ensaiei com eles durante uns três anos antes de liberá-los. Era todos os dias, pelo menos duas ou três horas... No início, eles ficavam meio aborrecidos com aquilo tudo, porque as outras crianças estavam se divertindo lá fora... Então percebi que, conforme eles iam melhorando, gostavam cada vez mais." Pelo que Michael se lembrava, a coisa não foi bem assim. "Nós nos apresentávamos para ele, e ele nos criticava", escreveu em *Moonwalk*. "Se você errava, apanhava, às vezes com um cinto, às vezes com um chicote... Eu apanhava por coisas que aconteciam fora do ensaio. Meu pai me deixava tão zangado e machucado que eu tentava rebater e apanhava mais ainda. Eu pegava um sapato e jogava nele ou só reagia. É por isso que apanhei mais do que todos os meus irmãos juntos. Eu reagia, e meu pai queria me matar, me arrebentar." Aqueles momentos – e provavelmente muitos mais – criaram uma perda que Jackson nunca superou. Ele era essencial para o trabalho musical da família, mas não havia nenhum outro laço entre



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**FUNK AO VIVO**
*Tito, Marlon, Michael, Jackie e Jermaine Jackson (a partir da esquerda) em programa de TV, por volta de 1971*

Revistas.PeruRadio.net.pe





**NEGÓCIO DE FAMÍLIA**

*(Acima) Os Jacksons em 1971; (À direita, em cima) Joe Jackson, um ex-operário e guitarrista de blues, montou para seus filhos um conjunto de R&B em meados da década de 1960; (À direita) Michael em um ensaio, em 1971; (À direita, abaixo) O jovem Michael em ação*



pai e filho. Novamente, de *Moonwalk*: "Uma das coisas das quais mais me arrependo é de nunca ter sido capaz de ser próximo dele. Ele criou uma concha em volta de si e, quando parou de falar sobre os negócios da família, descobriu que era difícil se relacionar conosco. Estávamos todos juntos, e ele saiu de cena."

Por volta de 1964, Joe começou a inscrever os irmãos Jackson em concursos de talentos, muitos dos quais eles venceram sem dificuldade. Um single que eles gravaram para o selo local Steeltown, "Big Boy", fez sucesso no lugar. "No início eu disse a mim mesmo que eles eram apenas crianças", disse Joe em 1971. "Mas logo percebi que eles eram muito profissionais. Não havia motivo para esperar. Os garotos estavam prontos para se testarem no palco, e eu fiquei sem justificativa para protegê-los da dureza desse meio." Em 1966, ele agendou shows de seus filhos em casas noturnas para negros em Gary e também em algumas de Chicago. Muitas delas serviam álcool e várias apresentavam striptease. "Era uma vida e tanto para alguém com nove anos de idade...", Katherine alertaria seu marido, mas Joe estava determinado. "Eu costumava ficar nos bastidores de um desses locais em Chicago e observava uma moça chamada Mary Rose", lembrou Michael. "Essa garota tirava as roupas, inclusive as íntimas, e as jogava ao público. Os homens as apanhavam, cheiravam e gritavam. Meus irmãos e eu ficávamos observando tudo isso, compreendendo, e meu pai não se importava." Sam Moore, de Sam and Dave, lembrou-se de Joe trancando Michael – que talvez estivesse com 10 anos – em um camarim enquanto Joe saía para viver suas aventuras. Michael ficava sentado sozinho durante horas. Mais tarde ele também se lembrou de ter de subir ao palco mesmo que tivesse estado de cama durante o dia.

Michael e seus irmãos começaram a viajar pelo que ainda era chamado de "chitlin circuit" – uma rede de locais espalhados pelos Estados Unidos, frequentados por negros (Joe fazia com que seus filhos mantivessem seus estudos em dia e suas notas em nível aceitável). Nessas casas de espetáculos, os Jacksons abriram shows para vários artistas de R&B, entre eles The Temptations, Sam and Dave, Jackie Wilson, Jerry Butler, O'Jays e Etta James, embora ninguém fosse tão importante para Michael quanto James Brown. "Eu sabia cada passo, cada gemido, cada giro", lembrou ele. "Sua presença física era fenomenal. Seria impossível ensinar a uma pessoa o que eu aprendi apenas ficando lá e observando."

O lugar mais famoso dessas viagens foi o Apollo, em Nova York, onde o Jackson 5 ganhou um show da Noite dos Amadores em 1967. Joe havia investido tudo o que tinha nos filhos, embora qualquer lucro ou reconhecimento também fosse sucesso para ele, é



Revistas.PeruRadio.net.pe






Revistas.PeruRadio.net.pe




Revistas.PeruRadio.net.pe



**CURTINDO O SUCESSO**
*O Jackson 5 com Diana Ross, em 1970. Um ano antes, a Motown mudou a família Jackson para Los Angeles, instalou-a na casa de Diana Ross e na de Berry Gordy, dono da gravadora, e começou a preparar o grupo para o estrelato.*

Revistas.PeruRadio.net.pe

claro. Nesse circuito, Joe conheceu Gladys Knight, que desfrutava de uma série de sucessos com a Motown, um importante selo de música negra pop. Encorajado por Knight e por Bobby Taylor, astro de R&B da Motown, Joe levou seus filhos a Detroit para uma audição na gravadora. Em 1969, a Motown mudou a família Jackson para Los Angeles, instalou-a na casa de Diana Ross e na de Berry Gordy, dono da gravadora, e começou a preparar o grupo. Michael se lembra de Gordy dizendo: "Vou fazer de vocês a coisa mais importante do mundo. Seu primeiro disco será o primeiro nas paradas, o segundo vai ser o primeiro, e o terceiro também."

Em 1959, GORDY FUNDOU A TAMLA RECORDS – que logo se tornou conhecida como Motown – em Detroit. Na época em que firmou contrato com o Jackson 5, a Motown desfrutava havia muito tempo do status de mais importante gravadora pertencente a um negro na América do Norte, lançando os sucessos de Smokey Robinson e The Miracles, The Temptations, Mary Wells, The Four Tops e Diana Ross & The Supremes, entre outros. Ao contrário da Stax e da Atlantic, o soul da Motown não era particularmente blueseiro nem tosco, nem era uma música que abordasse explicitamente assuntos sociais ou a luta racial nos Estados Unidos. Por sua natureza, a gravadora exemplificava o sucesso negro, mas sua música era calibrada para ser assimilada pela corrente pop – que, naturalmente, abrangia o público branco tanto quanto o público negro (os primeiros discos da gravadora usavam o rótulo "O Som da América Jovem"). Na época, o rock estava se tornando cada vez mais um veículo para a gravação de álbuns. Por outro lado, a Motown manteve sua identidade como fábrica de sucessos, apesar dos álbuns inovadores de Stevie Wonder e Marvin Gaye. Gordy procurava um grupo voltado para singles que não só criasse sucessos para os jovens, mas que também desse a eles alguém a quem se agarrar, com quem se identificar e a quem adorar. O Jackson 5, disse Gordy, exemplificariam o "soul da geração chiclete".


Os três primeiros singles do Jackson 5 – "I Want You Back," "ABC" e "The Love You Save" – chegaram ao primeiro lugar nas paradas como Gordy havia prometido, o que também aconteceu com o quarto, "I'll Be There". O grupo foi a sensação de 1970. Fred Rice, que havia criado o produto Jackson 5 para a Motown, disse: "Eu os chamo de 'os Beatles negros'... É inacreditável." E ele estava certo. O Jackson 5 definiu a transição do soul dos anos 1960 para o pop dos anos 1970, tanto quanto a banda Sly and the Family Stone. Além disso, em uma época em que os americanos se sentiam desconfortáveis com as aspirações das minorias ao poder, o Jackson 5 transmitiu um ideal agradável de orgulho negro, que revelava afinidade e aspiração em vez de oposição. Eles simbolizaram uma realização que o movimento de direitos civis tornou possível, e aquilo não poderia ter acontecido cinco ou seis anos antes. Mais ainda, o Jackson 5 ganhou o respeito da crítica. Fazendo a crítica de "I Want You Back" na ROLLING STONE norte-americana, Jon Landau escreveu: "O arranjo, a energia e a levada simples do ritmo, tudo contribui para o impacto encantador da gravação." E, embora



**INTERVALO** *Michael no exterior da casa da família em Encino, Califórnia, por volta de 1973.*



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas PeruRadio.net.pe



**SUPERASTROS DA MOTOWN**
*Jackson no estúdio com Stevie Wonder, durante a gravação de "You Haven't Done Nothin'", em 1974. Os Jacksons fizeram os vocais*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

eles funcionassem como um grupo, não havia dúvida sobre quem era o verdadeiro astro do Jackson 5 e de quem eles dependiam. A voz de Michael também soava além das noções convencionais de vocais masculinos de soul – soava até mesmo além do gênero. O crítico cultural Jason King escreveu: "Não é exagero dizer que ele foi o cantor popular mais avançado de sua geração em toda a história da música gravada. Sua voz de tenor sem estudo formal era prodigiosa. Por todos os motivos, ele não deveria ter tanto poder vocal como tinha com tão pouca idade."

Pelo menos nos primeiros anos, Michael e seus irmãos pareciam onipresentes e desfrutaram de aceitação universal. Mas eles logo experimentaram sérias limitações. A música que eles estavam cantando não era realmente uma criação – eles não a compunham nem produziam – e depois que Michael foi relegado a gravar velhos sucessos como "Rockin' Robin," em 1972, ele ficou preocupado com a possibilidade de o Jackson 5 se tornar "uma coisa antigona" antes que ele saísse da adolescência. O Jackson 5 começou a se autoproduzir e a criar seu próprio som. Stevie Wonder e Marvin Gaye tinham demonstrado capacidade de crescer e mudar – e vender discos – quando tiveram liberdade para criar, e com "Dancing Machine", em 1974, os Jacksons provaram que poderiam ter sucesso se pegassem o caminho do funk. A Motown, no entanto, não levou isso em conta. "Eles não só se recusaram a aceitar nossos pedidos", disse Michael em *Moonwalk,* "mas nos proibiram até de mencionar que queríamos fazer nossas próprias músicas." Michael compreendeu o que isso significava: a Motown não só impediria o Jackson 5 de crescer, ela também impediria que ele crescesse. Michael aguardou o momento certo, estudando os produtores com os quais ele e seus irmãos haviam trabalhado. "Eu parecia um falcão caçando presas durante a noite", disse ele. "Eu observava tudo. Eles não escapariam impunes sem que eu visse. Eu queria realmente me envolver naquilo."

Em 1975, Joe Jackson negociou um novo contrato para seus filhos – desta vez com a Epic Records, com um aumento de 500% nos royalties. O contrato também estipulava álbuns solo dos Jacksons (embora o acordo não incluísse Jermaine, que havia se casado com a filha de Gordy, Hazel, e ficara na Motown, criando um racha na família que se estendeu por vários anos). A Motown tentou bloquear o negócio e, no final, impediu que os irmãos usassem o nome Jackson 5; o grupo passou a ser conhecido como The Jacksons. Inicialmente, a Epic colocou-os com os produtores Kenny Gamble e Leon Huff, da Filadélfia, mas foi só depois de *Destiny*, em 1978, que The Jacksons finalmente assumiram o controle de sua própria música e reformularam seu som – sensual e suave nos sucessos dançantes "Blame It on the Boogie" e "Shake Your Body (Down to the Ground)", e revelando uma nova profundidade e complexidade emocional em canções como "Push Me Away" e "Bless His Soul".

*Destiny,* no entanto, era apenas um prelúdio: quando o álbum foi concluído, Michael estava pronto para fazer mudanças cruciais que estabeleceriam sua supremacia como artista solo. Ele dispensou seu pai da função de empresário e, na verdade, descobriu uma nova figura paterna, o produtor Quincy Jones, a quem Michael se ligou durante as filmagens de *O Mágico Inesquecível* (uma versão de *O Mágico de Oz*). Jones era um respeitado músico de jazz, maestro, compositor e arranjador que havia trabalhado com Clifford Brown, Frank Sinatra, Lesley Gore, Count Basie, Aretha Franklin e Paul Simon, além de ter composto as trilhas sonoras de *O Homem do Prego, A Sangue Frio* e *No Calor da Noite.* Jackson gostou do ouvido do arranjador para combinar a complexidade dos tempos fortes com a suavidade dos complementos. "Foi a primeira vez em que eu escrevi e produzi totalmente minhas músicas", disse Jackson mais tarde, "e eu estava procurando alguém que me desse essa liberdade e que fosse musicalmente ilimitado." Especificamente, Jackson disse que seu álbum solo tinha de soar diferente dos Jacksons; ele queria um som mais limpo e mais funk. A união provou ser tão bem-sucedida quanto qualquer colaboração na história. Jones trouxe uma leveza etérea à febre erótica e suave de Jackson em músicas como "Rock With You" e "Don't Stop 'Til You Get Enough" e, em um momento emocionante como "She's Out of My Life", Jones teve o bom senso de não permitir que nada obscurecesse a impressionante tristeza na voz do cantor. O álbum resultante, *Off the Wall* – que firmou Jackson como força artística madura por seu próprio mérito –, tem a atmosfera mais consistente de todos os seus trabalhos. Foi também um sucesso colossal, que vendeu mais de cinco milhões só nos Estados Unidos em 1985.

Michael Jackson tornou-se na verdade um dos maiores artistas negros que a América já produziu, e ele esperava que *Off the Wall ganhasse* os principais prêmios durante a cerimônia do Grammy Awards de 1980. Em vez disso, recebeu apenas um prêmio, de melhor cantor de R&B. "What a Fool Believes", com The Doobie Brothers, ganhou o prêmio de música do ano e *52nd Street,* de Billy Joel, ganhou o prêmio de álbum do ano. Jackson ficou surpreso e ressentido. "Minha família achou que eu estava ficando maluco, porque eu chorei muito por causa daquilo", lembrou ele. "Eu me senti ignorado, e isso machuca. Eu disse a mim mesmo: 'Esperem até a próxima vez' – eles não conseguirão ignorar o próximo álbum... Aquela experiência acendeu uma chama em minha alma."

Jackson disse a Jones – e parece que a outras pessoas também – que seu próximo álbum não seria maior somente do que *Off the Wall,* seria o maior álbum de todos os tempos. Quando *Thriller* foi lançado, em novembro de 1982, não parecia ter nenhum tema dominante nem um estilo consistente. Em vez disso, parecia um apanhado de singles – como um álbum de maiores sucessos, só que antes de fazerem sucesso... Rapidamente, no entanto, ficou evidente que isso era exatamente o que Jackson pretendia que *Thriller* fosse: uma brilhante coleção de músicas concebidas para serem sucessos, cada uma planejada tendo em mente conquistar mais um tipo de público. Jackson criou "Billie Jean" para a multidão dançante, "Beat It" para os roqueiros brancos e então seguiu de estilo em estilo com vídeos ardilosos, planejados para realçar tanto seu charme quanto sua inacessibilidade. Mesmo depois de falarem que o lugar natural daquelas músicas era a rádio, era óbvio que elas eram algo mais do que sucessos excepcionais. Eram a união bem concebida de paixão, ritmo e estrutura que definia a sensibilidade – se não a vida interior – do artista por trás delas. Eram canções que cativavam imediatamente, sobre claustrofobia sexual e emocional, sobre maturidade adquirida a duras penas e sobre uma decisão que ele acabara de tomar e que funcionou como árbitro entre os medos do artista e a constatação inevitável de que ele ficara famoso. Em seus melhores versos, "Wanna Be Startin'



Revistas.PeruRadio.net.pe



**VOO SOLO**
*Jackson na Jamaica em 1975, ano em que lançou seu quarto álbum solo,* Forever, Michael. *Foi seu último LP pela Motown – os irmãos foram para a Epic pouco tempo depois.*

Somethin'" tinha o clima de um vigoroso pesadelo ("You're stuck in the middle/ And the pain is thunder... Still they hate you, you're a vegetable... They eat off you, you're a vegetable" [*Você está encurralado/ E a dor é imensa... Mesmo assim eles te odeiam, você é um vegetal... Eles te devoram, você é um vegetal"*]). "Billie Jean", por sua vez, expôs os caminhos pelos quais a interação entre a fama do artista e o mundo exterior poderia ser fatal para a reputação ("People always told me, be careful of what you do... 'Cause the lie becomes the truth" [*As pessoas sempre me disseram: 'Cuidado com o que faz... Porque a mentira se torna verdade*]), canta Jackson, possivelmente pensando em uma acusação de paternidade que sofrera recentemente). E "Beat It" era pura raiva – uma descrição inflamada da violência como postura masculina, como herança social a ser superada. Em suma, as faixas de *Thriller* resultaram na mais improvável espécie de arte – um trabalho de revelação pessoal que também foi uma obra-prima da cultura de massa. É um sucesso que provavelmente nunca será ultrapassado.

Só que, de certo modo, Jackson ultrapassou, e o fez nos meses após o lançamento de *Thriller*. Aconteceu em 16 de maio de 1983, em um especial de TV que comemorava o 25º aniversário da Motown. Jackson acabara de apresentar com seus irmãos um medley de seus maiores sucessos. Foi emocionante, mas não o suficiente para ele. Quando seus irmãos se despediram e saíram do palco, Michael ficou. Por um momento, ele pareceu encabulado, tentando encontrar as palavras. "É...", disse ele, quase sussurrando, "Bons tempos, aqueles... Eu gosto muito dessas músicas. Mas, particularmente..." e ele colocou o microfone no pedestal com um olhar imponente e disse: "... eu gosto das novas músicas." Ele se abaixou, pegou um chapéu Fedora, colocou-o confiantemente na cabeça e atacou "Billie Jean". Esse foi um dos primeiros atos de Michael Jackson como astro fora e além dos Jacksons, e estava claro que ele era não só um dos performers mais eletrizantes da música pop, mas talvez tivesse mais capacidade de estimular a imaginação do público do que qualquer artista pop desde Elvis Presley. Há ocasiões em que você sabe que está ouvindo ou vendo algo extraordinário, algo que captura as esperanças e os sonhos que a música popular procura capturar, e isso pode unir e inflamar um novo público. Essa ocasião aconteceu naquela noite, nas telas da TV de toda a nação – a visão de um rapaz assumindo seu território e começando a reivindicar seu merecido título de lenda do pop. "Quase 50 milhões de pessoas viram aquele show", escreveu Jackson em *Moonwalk*. "Depois daquilo, muita coisa mudou."



Revistas.PeruRadio.net.pe

Ele estava certo. Aquele foi o último momento realmente afortunado na vida de Michael Jackson. Depois daquilo, tudo se transformou em debate e recriminação. E, com o tempo, em declínio.

Antes de entrar nessa parte – em que a história se bifurca – provavelmente vale a pena perguntar: que tipo de pessoa era Michael Jackson nessa época? Quais eram suas esperanças e seus problemas? O que ele queria que sua música dissesse ou conseguisse? Como ele se relacionava com o público que o amava e como se relacionava consigo mesmo? Até então, essas questões não tinham emergido realmente; Michael Jackson era um jovem imensamente talentoso – parecia tímido, mas ambicioso, e certamente parecia enigmático. Ninguém sabia muito sobre suas crenças ou sua vida sexual. Ele raramente dava entrevistas, mas também não se envolvia em escândalos. No entanto, ele descreveu a si mesmo como uma pessoa solitária – principalmente na ocasião em que fez *Off the Wall*. O ex-crítico musical do *Los Angeles Times*, Robert Hilburn, escreveu sobre um encontro com Jackson em 1981, quando o cantor tinha 23 anos, em que Jackson o impressionou como "uma das pessoas mais frágeis e solitárias que jamais conheci... quase abandonado. Quando perguntei a ele porque não vivia sozinho como seus irmãos em vez de continuar na casa de seus pais, ele disse: 'Ah, não. Acho que sozinho eu morreria. Eu ficaria muito solitário. Mesmo em casa, sou solitário. Eu sento em meu quarto e às vezes choro. É difícil fazer amigos, e há certas coisas que você não pode falar para seus pais nem para sua família. Às vezes eu ando pela vizinhança à noite, esperando encontrar alguém para conversar. Mas acabo voltando para casa.'"

Provavelmente, o desconforto social de Jackson foi criado pelas marcas de sua história: as crianças foram isoladas de outras de sua idade, e a situação de Jackson, como um astro durante toda a vida, talvez o tenha levado a se sentir não somente afastado da maioria, mas também estranho a ela – como se sua experiência ou sua vocação tivessem feito dele um ser fora do normal. "Detesto admitir isso", ele disse uma vez, "mas me sinto estranho perto de pessoas comuns." Não é um sentimento raro em algumas celebridades enclausuradas, principalmente em ex-astros infantis. Ao mesmo tempo, é uma afirmação cheia de sinais: Jackson não usufruiu do tipo de companhia que poderia influenciá-lo positivamente. Provavelmente nunca usufruiu, durante toda a sua vida. Talvez a passagem mais preocupante em *Moonwalk* seja quando ele fala sobre crianças do mundo famosas que se tornam vítimas de drogas: "Eu consigo entender... considerando o enorme peso sobre seus ombros quando ainda são jovens. É uma vida difícil."

Em todo caso, Michael Jackson tinha boa reputação – famoso, mas não heróico, nem messiânico, e certamente não desprezível. *Thriller* colocou sete singles no Top 10 das paradas e também se tornou o álbum mais vendido da história (atualmente em torno de 50 milhões de cópias ou mais), e no Grammy de 1984 Jackson finalmente obteve o que lhe era devido, abocanhando oito prêmios, inclusive o Álbum do Ano e a Gravação do Ano. Então, meses mais tarde, foi anunciado que Michael iniciaria uma turnê nacional com The Jacksons. Ele não queria assumir o risco, mas sentiu-se obrigado ("Aqueles eram ombros estreitos para receber tanta carga", ele escreveu sobre as eternas pressões familiares). Claramente, seus talentos e suas aspirações foram além das limitações que as atitudes de sua família lhe impuseram. Pela lógica, ele deveria estar sozinho no palco àquela altura de sua carreira.

A aversão de Jackson à turnê *Victory* era evidente quando ele pareceu infeliz nas entrevistas coletivas ou quando tinha de censurar declarações feitas por seu pai e que ele interpretava como calúnia contra os empresários dos Jacksons, Ron Weisner e Freddy DeMann. "Houve um tempo", disse Joe, "em que eu sentia que precisava da ajuda de brancos para negociar com a estrutura de poder da CBS... E achei que [ *Weisner-DeMann*] poderiam ajudar." Michael reagiu furiosamente em um comentário publicado em uma revista: "Ouvi-lo falar assim revira meu estômago. Não sei de onde ele tirou isso. Acontece que não faço distinção de cores. Não contrato cor, mas competência... Sou o presidente da minha organização e tenho a palavra final em todas as decisões. Racismo não é o meu lema." Era o fim de qualquer relacionamento comercial que pudesse persistir entre Michael e o pai.

Foi nesse período que houve as primeiras contrariedades para Jackson, embora partissem mais da imprensa do que do público. Na verdade, tudo começou antes da turnê, quando se tornou claro que *Thriller* se encaminhava para vendas sem precedentes, em um nível impressionante. O meio dos anos 1980 foi um tempo em que grande parte da imprensa musical preocupava-se com a alta popularidade – principalmente se ela parecia representar uma cultura homogeneizada ou condescendente. Michael Jackson, afinal de contas, não era um artista com uma mensagem de revolução sociopolítica, nem suas letras refletiam aspirações literárias. Para alguns, então – e para alguns, hoje –, ele representava pouco mais do que uma ambição por fama pessoal. Ele não era, ao que parecia, um artista que representasse para seu público o que Elvis Presley e os Beatles representavam para o deles: o tipo de evento ou ruptura que mudou tanto o mundo quanto a cultura da juventude. A meu ver, Michael, Presley e os Beatles compartilharam uma virtude: eles reuniram milhões de pessoas, que em outros contextos eram desiguais, não só em um raro caso de gosto comum, mas também em um consenso sincero e vigoroso que atestava seus sonhos e valores comuns.

**UM HOMEM SOLITÁRIO**
*"Eu sento em meu quarto e às vezes choro", disse Jackson em 1981. "Às vezes eu ando pela vizinhança à noite, esperando encontrar alguém para conversar."*

Mas havia uma preocupação mais delicada em jogo. As dimensões raciais da imagem de Jackson mostraram ser complexas além de qualquer resposta fácil naquela época ou mesmo depois. Parte disso podia ser atribuída a acusações de que Jackson parecera disposto a trocar seu antigo público negro por outro branco – senão, como poderia ter conseguido aquela venda espantosa? Mas o que mais influenciou essas discussões raciais era a topografia do rosto de Jackson. Com exceção das acusações posteriores sobre seu comportamento sexual, nada causou mais discussões ou ridículo em relação a Michael do que aquele rosto.

Na infância, Jackson tinha uma fisionomia doce e com pele escura; muitos fãs de primeira hora do Jackson 5 olhavam para ele como o mais bonito dos irmãos. J. Randy Taraborrelli, autor de



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas PeruRadio.net.pe

*Michael Jackson: A Magia e a Loucura,* escreveu: "[*Michael*] acreditava que sua pele... 'bagunçou toda a minha personalidade'. Ele não olhava mais para as pessoas quando falava com elas. Ele se tornou mais quieto e mais sério. Ele se achava feio – sua pele era escura demais e seu nariz largo demais. Não ajudava em nada o fato de seu pai e irmãos o chamarem de 'Big Nose' (narigão). " Além disso, quando Jackson se tornou adolescente, tinha vergonha da acne. Hilburn lembrou que uma noite estava folheando uma pilha de fotos com Jackson e chegou a uma em que ele era adolescente: " 'Ah, essa é horrível', disse [*Jackson*], afastando-se da foto."

O rosto que Jackson exibiu na capa de *Thriller* tinha mudado; o tom da pele parecia mais claro e o nariz estava mais fino e mais reto. Em *Moonwalk,* Jackson alegou que muito da renovação aparente deveu-se a uma mudança em sua dieta; ele admitiu ter alterado o nariz e o queixo, mas negou que tivesse feito algo com a pele. No entanto, as mudanças não pararam por aí. Ao longo do tempo, a pele de Jackson foi ficando mais clara, seu nariz, cada vez mais afilado e os ossos de sua face, mais proeminentes. Para alguns, isso virou motivo de zombaria; para outros, parecia uma mutilação grotesca – não só porque podia ser uma atitude extravagante, para manter seu rosto eternamente infantil, mas, ainda mais perturbador, porque alguns acreditavam que Jackson queria se transformar em uma pessoa branca. Ou em um andrógino – alguém com características tanto masculinas quanto femininas.

EM 1985, JAMES BALDWIN ESCREVEU, EM UM ENSAIO para a revista *Playboy*: "A cacofonia de Michael Jackson é fascinante porque não tem nada a ver com ele. Espero que ele tenha o bom senso de perceber isso e a sorte de arrancar sua vida das garras desse sucesso carnívoro. Ele tão cedo não será perdoado por ter virado tantas mesas, por ter agarrado a oportunidade de ouro, e o homem que quebrou a banca em Monte Carlo não é melhor do que Michael em nada. Todo esse barulho tem a ver com a América, como guardiã desonesta dos bens e da vida dos negros; com os negros, especialmente os homens, na América; com a culpa arraigada e ardente dos americanos; com o sexo, os papéis sexuais e o medo de sexo; com dinheiro, sucesso e desespero..."

O parágrafo de Baldwin era solidário e determinado, mas era também premonitório. Michael Jackson certamente quis agarrar a oportunidade duas vezes: quis que o álbum seguinte fosse tão grande quanto *Thriller,* o que era, é claro, pedir demais. Um colega dele me disse em 1988: "Michael ainda quer que o mundo o reconheça." Talvez tão importante quanto isso, Jackson também queria reclamar. Ele se sentia injustiçado pela quantidade de críticas a ele após a turnê *Victory,* em 1984. Por muito tempo, seu pai e a Motown ensinaram a ele que a imprensa era uma força vingativa quando se tratava de artistas, que ela tinha prazer em criar a imagem de uma celebridade apenas para dar meia-volta e miná-la depois. No seu caso, Jackson não estava errado. Parte das análises que ele recebeu sobre sua "esquisitice" – a devoção a seus animais como se eles fossem seus amigos, sua contínua reconstrução facial, acusações desdenhosas de que ele dormia em uma câmara hiperbárica para manter a juventude – foi intolerante, até mesmo moralista. O pior é que a maioria dos comentários vinha de repórteres de fofocas e até mesmo de comentaristas políticos, que demonstravam nenhum apreço real pela música de Jackson e pouco respeito pela genialidade de seu trabalho.

Naquela época, a arte de Jackson ainda era a melhor maneira de ele se justificar. Em 1987, ele lançou *Bad,* sucessor de *Thriller.* Embora não fosse tão memorável e inventivo quanto *Off the Wall* e *Thriller, Bad* foi um álbum tão bom quanto qualquer outro que ele tenha feito. Era tenso e funkeado, tinha energia e agitação, irradiava fúria e autopiedade, mas também ambicionava ter graça e transcendência – principalmente em "Man in the Mirror", uma música sobre aceitar a responsabilidade política e social e sobre o artista negociar seu caminho de volta ao mundo. *Bad* vendeu milhões e lançou cinco singles que chegaram ao primeiro lugar, três a mais do que *Thriller,* mas, como não realizou as mesmas façanhas que *Thriller,* foi visto como um fracasso.

Jackson apresentou sua primeira turnê solo ainda naquele ano. Independentemente de suas excentricidades, Michael Jackson obtivera sua fama principalmente por causa de seu talento extraordinariamente intuitivo como cantor e dançarino – talento genuíno e incomparável e não o fruto de mera ambição ou de um golpe publicitário. Embora ele tivesse a estrutura flexível de Fred Astaire, a criatividade maluca de Gene Kelly, a maestria rítmica de James Brown, ninguém se movia como Michael Jackson. Com certeza, ninguém mais abriu à força seu próprio caminho como Jackson, com uma exibição física tão ousada. Ele não inventou o moonwalk – aquele movimento famoso e impossível, em que ele deslizava para trás – mas isso não importava. Ele se definiu naquele momento e desafiou qualquer pessoa a competir com ele. Ninguém nunca o fez. Durante a turnê de *Bad,* seus movimentos eram de tirar o fôlego, às vezes inesperados. Repentinamente, Jackson se tornava confiante e começava a dar golpes robóticos e surpreendentes com os quadris e o torso, além de movimentos em que parecia deslizar em câmera lenta e que deixavam o público ofegante. Assistindo àqueles estranhos movimentos, você percebia que tudo aquilo vinha de algum lugar dentro dele. Você percebia que o excepcional talento de Jackson não podia ser separado por completo de sua excentricidade.

**A DANÇA DA VITÓRIA**
*Jackson durante a turnê* Victory, *em 1984. Ele estava no auge da fama, mas ainda era atado aos irmãos.*

Em 1988, ele foi novamente indicado para os principais prêmios Grammy, inclusive Álbum do Ano, mas enfrentava uma forte concorrência. Artistas como U2 e Prince tinham emplacado as mais ambiciosas e visionárias músicas de suas carreiras – músicas que refletiam animadamente o estado do pop e do mundo. Indo direto ao ponto, em 1988 muitos observadores suspeitavam que a fase de Jackson como filho favorito do pop tinha passado. Ele não levaria nenhum Grammy naquele ano. Na pesquisa entre os leitores da ROLLING STONE norte-americana, Jackson figurou em primeiro lugar em seis das categorias de "pior do ano" (inclusive "pior cantor"); além disso, a pesquisa dos críticos do *Village Voice* deixou de mencionar *Bad*, de Jackson, em sua seleção dos 40 melhores álbuns de 1987. Era uma reviravolta assustadora em



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**RINDO SOZINHO**
*Jackson em um parque de diversões em Colônia, Alemanha, em 1987*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

relação a quatro anos antes, quando Jackson e seu trabalho encabeçaram as mesmas pesquisas em ambas as publicações.

Na verdade, Michael Jackson nunca mais recuperou o ímpeto nem a ambição após a reação negativa a *Bad*. Ele tinha finalmente deixado a casa da família em Encino e construiu sua própria fortaleza, conhecida como Neverland (referência à Terra do Nunca, de Peter Pan), cerca de 160 quilômetros ao norte de Los Angeles, com um parque de diversões e passeios de trem em alusão à Disneylândia. Ela se tornou o lugar para o qual ele trazia o mundo, ou pelo menos aquela parte do mundo com a qual ele parecia se preocupar, formada principalmente por crianças – as pessoas, segundo ele, com as quais ele se sentia mais em casa, já que parte dele queria experimentar e compartilhar a infância da qual ele tinha sido privado por causa de seu pai e da carreira no showbiz. Mas foi também o apetite de Michael por companhia infantil que lhe criou os mais lamentáveis problemas na vida. Em 1993, irrompeu a história de que Jackson fora acusado de molestar um garoto de 13 anos com quem ele tinha mantido frequente contato. Era uma grave acusação, que forçou Jackson a lançar um desmentido público em vídeo. Como havia muito tempo que as pessoas reparavam na estranheza de Jackson e em sua sexualidade indeterminada – ele tinha saído com Tatum O'Neal e Brooke Shields, mas não ficara claro se as tinha namorado – e como ele tinha essa predileção pela companhia de crianças, as acusações pareciam totalmente confiáveis para muitos observadores. A história fez furor não só nos tablóides, mas também em alguns importantes veículos. Não houve acusação formal e não apareceram testemunhas confiáveis, mas em 1994 Jackson fez um acordo fora dos tribunais (supostamente, algo em torno de US$ 20 milhões), o que para muitos repercutiu como admissão tácita das alegações. Jackson, entretanto, negou a culpa. Posteriormente, ele disse ao jornalista Martin Bashir que quis encerrar essa questão.

O episódio causou enorme dano à imagem de Jackson e, talvez, a seu equilíbrio psicológico. Foi nessa época, dizem, que ele desenvolveu uma dependência de medicamentos que o acompanhou pelo resto da vida (a necessidade de drogas também pode ter derivado das dores atribuídas a várias cirurgias). No mesmo ano, ele se casou inesperadamente com Lisa Marie Presley, filha de Elvis Presley. Algumas pessoas viram isso como um esforço para reabilitar sua imagem ao sustentar sua autenticidade heterossexual e vincular seu nome a uma fama ainda maior. O casamento durou 20 meses. Ela nunca falou mal de Jackson – só com afeição – e disse, dias após a morte do ex-marido, que só o tinha deixado porque sentiu que não conseguiria salvá-lo de si mesmo. Jackson casou-se de novo em 1996, dessa vez com Debbie Rowe, enfermeira do consultório de seu dermatologista. O casal teve dois filhos: Prince Michael Jackson e Paris Michael Katherine Jackson. Aparentemente, as crianças eram o real objetivo do casamento para Jackson. O casal se divorciou em 1999, e Rowe abriu mão da custódia dos filhos (ela certa vez admitiu que Jackson não era o pai biológico e que elas tinham sido concebidas por inseminação artificial).

O resultado de tudo isso é que o motivo pelo qual Michael Jackson se tornou famoso mudou, pelo resto de sua vida. Ele já tinha sido visto, desde o início da fama gerada por *Thriller*, como alguém que, em suas próprias palavras, era "tão estranho e bizarro". Isso não quer dizer que o público ainda enorme de Jackson o visse nesses termos; as reações apaixonadas a sua turnê *Dangerous* em 1992-1993 – cobrindo Europa, América Latina, Oriente Médio e Ásia – deixam claro que Jackson ainda representava, para seu público, um símbolo poderoso e muito amado de transcendência artística e racial. No entanto, aos olhos de boa parte da mídia norte-americana, ele era visto desde o escândalo de 1993 como algo pior do que uma simples anomalia: um possível violentador de crianças. A qualidade de sua música, para algumas pessoas, não importava mais, em função das acusações das quais ele foi alvo. Certamente, não ajudaram em nada as matérias nas quais Jackson reagia publicamente à sua recente imagem maligna da mesma forma que sempre usou para se promover: em termos grandiosos. A capa de seu álbum de 1995, *HIStory: Past, Present and Future*, retratava-o como uma estátua colossal, um ícone acima das máculas. Para o bem e para o mal, o principal símbolo que confirmava suas louváveis intenções – ao menos nos vídeos dessas e de outras músicas – era a inocência nas faces de crianças. Claramente, Jackson estava mostrando desprezo por aqueles que o tinham caluniado e para isso tentava superá-los em honradez, ou estava simplesmente arrogante e impulsivo. Afirmar-se como um semideus no início dos anos 1990 pareceu uma reação desproporcional ou fora de sintonia com a dura realidade com a qual ele era agora forçado a conviver.

**NO TOPO**
*Jackson em 1991, ano em que lançou* Dangerous, *que estreou em primeiro lugar na parada norte-americana.*

Mas o curioso é que essa foi também a fase em que Jackson fez algumas de suas obras mais interessantes: algumas das mais brilhantes, as mais sofridas, as mais iradas e, de longe, as mais explícitas ou preocupantes em termos políticos. Desde a ascensão de Jackson para a fama descomunal nos anos 1980, muitos críticos repreenderam o cantor por não tratar mais diretamente da realidade social da época, deleitando-se com seu próprio gigantismo em vez de dar voz às apreensões do mundo à sua volta. Ele tinha abordado essas recriminações de alguma forma, com o antirracismo de "Black or White" e o altruísmo genérico de "Heal the World". Em *HIStory*, "They Don't Care About Us" era mais contundente: "Am I invisible because you ignore me?/Your proclamation promised me free liberty, now/I'm tired of bein' the victim of shame/ They're throwing me in a class with a bad name/I can't believe this is the land from which I came/You know I really do hate to say it/The government don't wanna see" [*Será que eu sou invisível porque você me ignora?/Sua proclamação me prometia liberdade. Agora,/Estou cansado de ser a vítima dessa vergonha/ Eles estão me inserindo em uma classe mal vista/Eu não posso acreditar que é desta terra que eu venho/Você sabe, eu realmente detesto dizer isso/Mas o governo não quer ver*]. A versão inicial da música – com versos como "Jew me, sue me/Everybody do me/ Kick me, kike me" [*Me engana, me processa/Todos fazem algo comigo/Me chuta, judia de mim*] – também era problemática e causou mais dificuldades para Jackson. Em junho de 1995, ele disse ao *The New York Times*: "A ideia de que essa letra pode ser considerada censurável é equivocada e muito dolorosa para mim.



Revistas.PeruRadio.net.pe





Revistas.PeruRadio.net.pe


Revistas.PeruRadio.net.pe




**REINO TRÁGICO**
*Jackson em 1993, em seu rancho Neverland em Los Olivos, Califórnia, no qual havia um parque de diversões e um zoológico. "Estou trazendo para trás dos portões tudo o que não pude fazer quando era criança", disse ele*



Revistas.PeruRadio.net.pe



**PAI E FILHO**
*Jackson em 1997 com seu primeiro filho, Prince Michael Jackson, em Neverland*

Revistas.PeruRadio.net.pe

A música é sobre a dor do preconceito e do ódio, e é uma forma de chamar a atenção para problemas sociais e políticos. Eu sou a voz dos acusados e dos atacados. Eu sou a voz de todos. Sou o skinhead, sou o judeu, sou o negro, sou o branco. Não sou eu quem estava atacando. É sobre as injustiças com os jovens e como o sistema pode acusá-los erroneamente. Estou furioso e indignado por ter sido tão mal interpretado." Ele também disse a Diane Sawyer, da ABC News: "Eu não sou antissemita, porque não sou racista."

O melhor do novo material de *HIStory* representava Jackson como um homem e um artista transformado: alguém ao mesmo tempo maduro e na defensiva, alguém que está amando (os momentos de seu vídeo com Lisa Marie Presley são surpreendentemente ternos, sinceros e sensuais), mas também fortemente magoado e cheio de rancor. Canções como "D.S." e "Tabloid Junkie" equiparavam os acusadores de Jackson a contraventores e, apesar da falácia, mostraram-se ainda mais convincentes na forma de rock pesado. Em "Childhood", ele deixa clara sua posição sobre o fato de ser diferente: "No one understands me/They view it as such strange eccentricities... It's been my fate to compensate/For the childhood I've never known... Before you judge me, try hard to love me/Look within your heart, then ask/Have you seen my childhood?" [*Ninguém me entende/Eles veem o que faço como estranhas excentricidades... Meu destino tem sido compensar/A infância que nunca conheci./Antes de me julgar, tente de verdade me amar/Olhe dentro de seu coração e então pergunte/Você viu minha infância?*] Dois anos depois, entretanto, ainda consternado por ver como a mídia continuava a julgá-lo, Jackson partiu para o ataque em "Is It Scary", música de seu álbum de 1997, *Blood on the Dance Floor*: "Am I the beast you visualized/ And if you wanna see/Eccentric oddities/I'll be grotesque before your eyes... So tell me... am I scary for you?" [*Sou a besta que você visualizou/E se você quiser ver/Esquisitices excêntricas/Serei grotesco diante de seus olhos./Então me diga: sou assustador para você?*]

A DOR E A RAIVA DE MICHAEL JACKSON CONTINUARAM a se revelar em seu corpo ao longo dos anos. Às vezes, a expressão que víamos nele quando aparecia em público era de alguém apavorado, seus olhos espreitando acima de máscaras cirúrgicas ou atrás da proteção de uma burca. Noutras vezes, tanto nos vídeos quanto em suas performances no palco, ele se movia com uma fúria explosiva. Há sem dúvida muitas razões para Michael ter-se transformado. Segundo seu dermatologista, suas declarações sobre um problema de clareamento da pele eram reais e determinaram parte de sua transformação, embora sua obsessão crescente por renovação física tenha sido determinante na mesma proporção. Independentemente do que muitos de nós pensávamos dos problemas psicológicos que levaram a tudo isso, e independentemente do dano resultante, também é verdade que a pessoa em que Michael se transformou não era apenas patética nem criada por engano: ele era um trabalho de autocriação física diferente de tudo o que já tínhamos visto. Ele talvez nem tivesse escrito as músicas que compôs se não tivesse recriado a si mesmo. Havia em "Black or White" o rap "Where your blood/Comes from/Is where your space is/I've seen the bright/Get duller/I'm not going to spend/My life being a color" [*De onde o seu sangue/Vem/É onde fica seu espaço/Eu vi o cara brilhante/Se tornar um tolo/Não vou gastar/Minha vida sendo uma cor*].

Apesar de tudo isso, no entanto, a música de Michael nos anos 1990 teve menos presença no fluxo contínuo da cultura popular. Seu último álbum, *Invincible* (2001), rendeu mais trilhas ousadas – Jackson estava adotando as inovações estilísticas e culturais feitas pelo hip-hop e por outras formas de música urbana –, mas no geral isso não foi suficiente para atender as expectativas de seu título. Isso não quer dizer que Michael já não era um grande astro, mas que sua lenda tinha sofrido uma transformação: ele agora era conhecido por seus excessos e más escolhas. Vivia em um castelo, encomendou mais um filho, Prince Michael II (cuja mãe nunca foi identificada), e então arriscou a vida do menino ao segurá-lo fora de uma sacada, em Berlim. Às vezes, dá para pensar que Jackson não tinha a menor noção de como seus atos atingiam o mundo – o que talvez seja natural, a não ser que você queira que o mundo o ame incondicionalmente.

O MAIS GRITANTE ERRO DE JULGAMENTO DE Jackson ocorreu em uma notória entrevista que ele deu a Martin Bashir em 2003, na qual o cantor declarou que compartilhava a cama em Neverland com crianças que não eram as suas. Em um momento da transmissão, Jackson se sentou, segurando a mão de um garoto de 13 anos que tinha sobrevivido ao câncer, e explicou o que ele via como a natureza inocente e afetuosa desse comportamento. A resposta do público foi rápida e hipercrítica, muitos achando que, apesar das acusações que tinha enfrentado em 1993, Jackson ainda podia agir como quisesse, impunemente. A reação foi tão devastadora para Jackson que, segundo alguns rumores, ele tentou uma overdose de morfina naquele mesmo ano; alguns observadores diziam que ele, no mínimo, tinha cometido o suicídio de sua carreira. A controvérsia tornou-se o mais séria possível quando o garoto do vídeo acusou Jackson de afagá-lo. Dessa vez, o caso foi a julgamento. O drama em que Jackson mergulhou estava em harmonia com os temas dominantes de sua vida e sua arte: suas obsessões com o estrelato, o mistério, o excesso de confiança, o medo e a infância desolada. Se as acusações fossem verdadeiras, alguém iria se perguntar o que Jackson via quando olhava a infância dos outros. Ele seria capaz de desrespeitar a inocência deles, tal como a sua tinha sido arruinada? Se, porém, as acusações não fossem verdadeiras, alguém já teria de perguntar: que grau de satisfação há em causar sua ruína?

O julgamento em 2005 foi o espetáculo que todos achavam que ia ser – um drama sobre justiça e celebridade, sexo e ultraje, moralidade e raça. Mesmo o caso tendo se arrastado, estava claro que a promotoria não tinha um caso; o que tinha era ressentimento. O julgamento foi uma farsa – é consternador que o caso tenha sido levado aos tribunais – e Jackson foi absolvido das acusações. O dano, entretanto, parecia de muitos modos ser fatal. Naquele dia, o Jackson que saiu da sala de audiência era um homem abalado, apático. Suas finanças também estavam se desfazendo; ele vinha gastando quantias absurdas e tinha administrado mal seu dinheiro – o que levou algum tempo acontecendo, já que ele tinha



Revistas.PeruRadio.net.pe




**O BOBO DA CORTE**
*Jackson do lado de fora de um tribunal em Santa Maria, Califórnia, em janeiro de 2004, depois de ser acusado de molestar uma criança.*

reunido uma vasta fortuna. O maior astro do mundo caiu da mais alta das alturas. Ele deixou o país e mudou-se para Bahrein; só era visto ou citado ocasionalmente. Ninguém sabia se ele conseguiria resgatar seu nome ou mesmo preservar seu legado musical, até o início de 2009, quando ele anunciou uma série ambiciosa de shows – que ele descreveu como "a última cortina que se fecha" – que começaria na arena O2 em Londres, em 13 de julho de 2009.

É difícil acreditar que Jackson, que era tão orgulhoso de suas performances públicas e tão incomparável ao executá-las, se comprometeria com um projeto no qual pudesse falhar. Ao mesmo tempo, não era inconcebível que nos últimos anos ele tivesse se tornado um homem falido e desmotivado. O certo é que em 25 de junho de 2009, ele encontrou a única redenção segura que poderia conhecer, na mais noticiada e inesperada morte da história atual. Essa redenção não veio porque ele morreu, mas porque sua morte nos forçou a reconsiderar o significado de sua vida.

O que matou Michael? Sua busca, por toda a vida, de fama e absolvição? Em partes, sem dúvida. Ele forçou demais, quis demais; não conhecia limitações. Também está claro que todo o prejulgamento dirigido a ele por causa de suas peculiaridades e de seu hipotético comportamento sexual tinha debilitado seu espírito, senão seu corpo. Essa questão de molestar crianças será uma preocupação crucial quanto à sua vida, uma que para muitas pessoas supera sua arte. Nós nunca saberemos a verdade, o que é mais um terrível aspecto de todo esse pesadelo. O que então salvou Michael – isto é, depois de sua morte? Nada menos que sua arte e realizações. Quando alguém faz uma música tão notável quanto a dele, nosso prazer coletivo se enriquece e nossa história se torna mais intensa. As barreiras que ele quebrou ajudaram a tornar o mundo pop uma cena mais inclusiva do que era até então.

Eu nunca esquecerei aquela noite no início de 1983, no palco em Pasadena, Califórnia, no show do 25º aniversário da Motown, quando Michael Jackson fez sua primeira performance como um artista maduro assumindo seu lugar, mergulhando naquela versão graciosa e eletrizante de "Billie Jean". Dançando, lançando olhares ardentes e apaixonados para a platéia estupefata, Jackson conseguiu a façanha de despertar e transformar em mito sua própria combinação de mistério e sensualidade. Eu nunca tinha visto nada parecido com aquilo. Talvez nunca veja de novo. Michael Jackson não só agarrou a oportunidade de ouro: ele a elevou a um novo patamar e a colocou ainda mais alto, e ninguém ainda conseguiu pegá-la com o mesmo talento ou o mesmo resultado.



Revistas.PeruRadio.net.pe


**FECHA-SE A CORTINA**
*Ensaio no Staples Center de LosAngeles para o último show de Jackson, em 23 de junho de 2009, dois dias antes de sua morte. Jackson passou três meses ensaiando o show de seus 50 anos na arena O2 em Londres*

Revistas.PeruRadio.com.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



# A MÁQUINA DE SOUL

Como a fábrica de sucessos da Motown transformou cinco irmãos de Gary, Indiana, na maior sensação pop desde os Beatles. Por David Ritz

Revistas.PeruRadio.net.pe



**NO RITMO DO SUCESSO**
*Tito, Marlon, Jackie, Michael e Jermaine (a partir da esquerda), por volta de 1971*

Revistas.PeruRadio.net.pe

No terceiro trimestre de 1968, um Michael Jackson com nove anos, ladeado por seus irmãos mais velhos Jackie, Tito, Jermaine e Marlon, subiu ao palco do Regal Theater, em Chicago. O Jackson 5 fez a abertura do show da Motown, com Bobby Taylor and the Vancouvers, que estava fazendo sucesso com o single "Does Your Mama Know About Me". Taylor estava espiando dos bastidores. "Aquele pingo de gente interpretou James Brown melhor do que o próprio JB", ele lembra. "Ele começou com 'Cold Sweat'. Cantou 'I Got the Feelin' com sentimento verdadeiro. Ele dominou o palco como se fosse o filho perdido de JB – os giros, o movimento do microfone, o cair sobre os joelhos e rezar. A voz dele me agarrou pelo pescoço e disse: 'Me leva no seu coração. Me leva ao seu líder.' Então, no final do show, eu fiz exatamente isso. Levantei de repente e disse ao pai dele: 'Joe, vamos para Detroit.' "

Três anos antes, o grupo de Gary, Indiana, tinha começado vencendo concursos de talentos locais com covers da Motown como "My Girl", do Temptations. Joe transformou a pequena casa da família, no número 2.300 da Jackson Street, em um local de ensaios. "A simples matemática da nossa vida", disse a mãe Katherine. "Onze pessoas, uma casa com dois quartos, fez de nós uma curiosidade no bairro." Na ocasião do show no Regal, o Jackson 5 tinha feito um single para uma gravadora local, e Joe Jackson planejava levar os filhos para Nova York. "Mas Bobby Taylor era uma daquelas pessoas cabeça-dura que não aceitam 'não' como resposta", disse Joe. "Ele era metido, mas você tinha de respeitá-lo porque ele cantava muito. Ele também disse que conhecia [*o dono da Motown*] Berry Gordy pessoalmente e, se fosse preciso, ele o amarraria em uma cadeira para obrigá-lo a nos ouvir." Taylor levou o grupo para passar aquela noite com ele em Detroit. Gordy estava em Los Angeles, para onde pretendia mudar a Motown. "Nós filmamos Mike imitando James Brown e enviamos uma cópia para lá", diz Taylor. "No dia seguinte, Berry estava no telefone: 'Assina com eles. Assina com eles já!' Mais tarde, eu comecei a preparar faixas e a ensinar-lhes músicas."

Naquele trimestre, com Taylor produzindo, o Jackson 5 começou a gravar seu álbum de estreia, em Detroit. Na época, a máquina da Motown estava produzindo hits como a Ford produzia para-choques, com uma sequência de sucessos de The Miracles, The Supremes, The Temptations, The Four Tops e Stevie Wonder. No ano em que os irmãos assinaram com a Motown, a gravadora tinha nove músicas em primeiro lugar – entre elas "I Heard It Through the Grapevine", de Marvin Gaye, que se tornou o maior sucesso de vendas na história da Motown até até aquele momento. "Eu estava zanzando pelo estúdio em Detroit", lembrou Gaye em uma entrevista de 1983, "e ouvi aquele som vindo das salas. Alguém estava cantando 'Who's Lovin' You'. Olhei lá para dentro e vi cinco garotos fazendo a harmonia em um microfone. O menorzinho era tão pequeno que estava em cima de um caixote de leite. Ele era o solista. Não consegui acreditar. O maluco do Bobby Taylor estava lá produzindo. 'Ei, Marvin', disse Bobby, que adorava me irritar, 'venha conhecer o Michael Jackson. Ele vai ultrapassar você em uma semana.' "

"E vi o J5 como um verdadeiro grupo de soul", diz Taylor. "Mike ia para a cama com os discos de James Brown e Jackie Wilson embaixo do travesseiro. Os outros irmãos idolatravam Smokey e Marvin. Os irmãos Jackson, como seu pai, eram respeitadores da tradição. Estava em meu sangue – e no deles – cultivar aquela tradição e ao mesmo tempo levá-la ao próximo nível. Minha tarefa era alimentar a alma de Mike."

Clarence Paul, o falecido compositor-produtor da Motown, que era maestro e "pai substituto" de Stevie Wonder (então conhecido como Little Stevie Wonder), lembrou-se que Michael tinha um ávido interesse no processo de gravação da Motown. "Ele nos observava como um falcão e levou menos de um minuto para compreender como o estúdio funcionava", disse. "Um dia ele apareceu enquanto eu estava arranjando uma base do Andantes. Eu adorava trabalhar em harmonias densas. Ia para o piano e escolhia as notas para as meninas. Quando Mike viu o que eu estava fazendo, começou a cantar cada parte antes mesmo que eu fosse para o piano. Ele ouviu toda a harmonia na cabeça e começou a cantar cada uma das linhas em separado. Em vez de eu mostrar a ele, ele é que começou a me mostrar." David Ruffin, do Temptations, um dos maiores cantores de soul de todos os tempos, lembrou-se de encontrar Michael sentado no canto de um estúdio, em Detroit: "Alguém disse: 'Aquele é o garoto Jackson.' Perguntei a ele se queria cantar comigo. Ele disse: 'Claro, Sr. Ruffin.' Bem, ele se levantou e acompanhou cada improviso meu. Foi fantástico. Se eu fazia uma série vocal caprichada, ele vinha com outra mais caprichada ainda. Ele estava pegando as minhas notas, mas também estava acrescentando improvisos que eu nunca tinha imaginado. Brincando, eu disse: 'Nós podíamos fazer uma dupla como Sam and Dave.' Ele disse: 'Você precisa perguntar ao meu pai.' Eu me lembro de ter pensado que, para um garoto que queria aprender para ser o melhor, Deus o tinha colocado no lugar absolutamente perfeito."

A gravadora de Gordy era responsável por boa parte das maiores gravações de soul da época, e, no final dos anos 1960, a Motown estava perseguindo ainda mais agressivamente o mercado branco, mais amplo e mais rico, contratando artistas, como o J5, com grande apelo popular. O slogan da Motown dizia "O Som da América Jovem" – a palavra "negra" não era mencionada. "Quando promovíamos nossos artistas nos anos 1960", explicou Michael Roshkind, um ex-executivo da Motown, "nós claramente evitávamos a palavra 'soul'. Queríamos ser pop. Você vai perceber que, décadas mais tarde, quando Michael chegou ao topo do mundo, ele não se chamou de Rei do Soul. Ele coroou a si mesmo como Rei do Pop. Ele pegou do Berry essa fixação pelo pop." No final de 1968, Gordy con-



Revistas.PeruRadio.net.pe



**VOLTANDO A INDIANA**
*O Jackson 5 começou em shows de calouros em sua cidade natal, Gary: Jackie, Tito, Marlon, Jermaine e Michael (a partir da esquerda, por volta de 1966).*

vidou o Jackson 5 para tocar em sua mansão, em Detroit. "Havia alguns céticos", lembra Taylor. "Os jazzistas os estavam chamando de Jackson Jive [*tolice dos Jackson*]. Bem, quando eles terminaram a primeira música, aqueles que tinham vindo para zombar ficaram para agradecer. Berry disse: 'Leve os garotos para Hollywood. Leve-os já!'"


A jogada na Costa Oeste foi monumental – para a Motown e para o Jackson 5. O álbum de estreia do grupo, iniciado em Detroit, passou por uma transformação em Los Angeles – e o som que fez Michael decolar seria esculpido em Hollywood, mas não por Taylor. Hal Davis, o lendário produtor da Motown, foi contratado para montar um pequeno escritório na esquina da Sunset com a Vine. Em 1996, Davis descreveu o fim de Taylor: "Uma noite, Bobby estava com Michael no estúdio, e ele cantava 'Money Honey', de Clyde McPhatter, quando Berry entrou. Berry disse a Bobby que ele estava cometendo um erro ao restringir os garotos ao R&B. Berry queria músicas pop. Com seu jeito intempestivo, Bobby deu uma 'banana' para Berry. Então Berry deu um pé no traseiro de Bobby." Com Taylor fora do jogo, Gordy designou sua ótima assistente Suzanne de Passe para empresariar os garotos e, ao mesmo tempo, nomeou a si mesmo comandante de uma operação cuja única missão era transformar o Jackson 5 em sucesso absoluto. "No terceiro trimestre de 1969, Berry estava morando em Hollywood Hills", lembrou Davis, "e Diana Ross morava bem perto. A metade dos irmãos ficava com Berry, e os outros, inclusive Michael, ficavam com Diana." Em *To Be Loved*, autobiografia de Gordy, ele descreve aquele período: "De certa forma, o circo de três picadeiros que tomou conta de minha casa... me lembrou os velhos tempos de Hitsville. Música vibrando por toda a casa, sessões de composição no chão da sala de estar, conversas de encorajamento na cozinha durante as refeições, ensaios madrugada a dentro, jogos improvisados de beisebol no parque vizinho, natação, bilhar, basquete... Camaradagem, criatividade e, naturalmente, competição."



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**GAROTOS PRODÍGIO**
*Michael e seus irmãos em um estúdio de Hollywood, em 1974, ano em que "Dancing Machine" os levou de novo ao Top 10. Nesse ano, o Jackson 5 fez temporadas em Las Vegas e no Senegal.*

Revistas-Portugal.net.pk




Revistas.PeruRadio.net.pe




**FIGURA PATERNA**
*Berry Gordy prepara o Jackson 5 para o Especial de TV* Goin' Back to Indiana, *de setembro de 1971. Michael é o segundo à direita, em pé*



Revistas.PeruRadio.net.pe

Os irmãos passaram a ter uma professora particular para seus trabalhos escolares, Rose Fine. Eles logo passaram a se referir a ela como sua "mãe judia". Em sua autobiografia, *Moonwalk*, Michael escreveu: "Foi Rose que me incutiu o amor por livros e literatura." Ele também enfatizou o treinamento em relações públicas. "Nós tínhamos aulas de boas maneiras e gramática. Eles nos davam uma lista de perguntas e diziam que eram o tipo de pergunta que podíamos esperar que as pessoas nos fizessem." A preparação era intensa, mas nem de longe era tão árdua quanto as sessões de gravação. Os garotos eram arrastados para dentro e para fora de estúdios sete dias por semana. Em Los Angeles, Gordy chefiou um "comando de criação" de compositores e produtores que ele chamou de The Corporation. "Michael estava interessado em tudo o que dissesse respeito a cantar e a se apresentar no palco", disse Diana Ross. "Ele me perguntou como e por que eu escolhia as músicas. Conversamos sobre como as músicas contam histórias, e como ser cantor era semelhante a ser ator. Eu disse a ele que, se fôssemos atores, Berry Gordy seria nosso diretor e professor. Ele ansiava por aprender."

O Corporation – Berry, Deke Richards, Freddie Perren e Alphonso "Fonce" Mizell – entendeu que, assim como os anos 1960 abriram caminho para os anos 1970, isso podia se repetir: a principal figura na música pop agora era Sly Stone, e eles queriam capturar o funk psicodélico e frenético da jovialidade super-ritmada de Sly. (Taylor também sabia disso e, na verdade, tinha gravado o Jackson 5 cantando "Stand!", de Sly). "Os produtores da moda embarcaram nas bobagens de Sly", disse Etta James. "Os que não entraram nessa foram deixados de lado." Uma das primeiras músicas que o Corporation produziu para o J5 foi "I Wanna Be Free". De acordo com Deke Richards: "Nós tínhamos Gladys Knight em mente, mas Berry queria para o J5." Gordy tem outra lembrança. Em 1994, ele disse: "Eu fiquei com essa melodia e essa historinha rodando na minha cabeça durante semanas. Eu ficava cantando 'Oh, baby, give me one more chance' [*Oh, baby, me dê mais uma chance*]. O refrão não me deixava em paz, e eu sempre soube que aquilo era perfeito para os garotos. Deke, Freddie e Fonce concordaram e transformaram em algo muito maior." A música se transformou em "I Want You Back". Ela chegou às ondas de rádio e TV no último trimestre de 1969 e tornou-se o primeiro de quatro sucessos do Jackson 5 que foram ao número um das paradas. Nos meses anteriores, a base tinha sido criada: a máquina de relações públicas da Motown criou a história de que sua mais glamourosa estrela, Diana Ross, tinha descoberto o Jackson 5. Em agosto, o grupo abriu um show para The Supremes, no Forum; em outubro, fez sua estreia nacional em TV, ao lado de Ross e Sammy Davis Jr. Após o lançamento da música, de Passe agendou uma apresentação deles no programa de Ed Sullivan. No segundo semestre de 1970, os Estados Unidos estavam mergulhados na Jacksonmania.

**AMOR SUPREMO**
*Diana Ross levou o crédito de ter descoberto o J5, em 1969; Michael (sentado) morou na casa dela em Hollywood.*

"I Want You Back", "ABC" e "The Love You Save" foram os veículos perfeitos para o charme pré-adolescente de Michael. Sua voz penetrante se tornou um instrumento de uma clareza surpreendente – orgulhosa, suplicante, vulnerável. E as coreografias eram irresistíveis. Quarto single do Jackson 5, "I'll Be There", produzido por Hal Davis e lançado em setembro de 1970, elevou ainda mais as apostas no lado emocional. O garoto foi transformado em um rapazinho que prometia devoção romântica para toda a vida.

Se The Supremes era um grupo de garotas elegantes, o Jackson 5 era um grupo de garotos da era pós-direitos civis – legais, agradáveis e de boas maneiras. A Motown criou para eles uma imagem saudável, chamativa na medida certa – calças com bocas de sino tão grandes quanto seus cabelos estilo black power – para lhes dar uma identidade. "Para obter esses resultados", disse Hal Davis, "nós fizemos os garotos gravarem umas cem músicas. Berry era implacável quando se tratava de desenvolver um produto. Seu método era gerar uma competição feroz entre os membros da equipe de criação. Isso significava que todos os compositores e produtores estavam trabalhando no material do J5. O resultado é que os garotos não paravam de entrar e sair do estúdio. Se você combinar a ética de trabalho de Berry com a de Joe Jackson, entenderá a compulsão de Michael pelo trabalho." Michael entendeu o nível de cuidado com que a Motown o estava preparando. Em *Moonwalk*, ele escreveu sobre as entrevistas coletivas que se seguiram à sua primeira enorme onda de sucesso: "Os repórteres nos faziam todo tipo de perguntas, e o pessoal da Motown ficava por perto para nos ajudar ou monitorar as perguntas... Depois que nos deram aqueles cabelões, eles talvez estivessem com medo de ter criado pequenos Frankensteins. Uma vez um repórter fez uma pergunta sobre o movimento Black Power, e uma pessoa da Motown disse que não pensávamos naquilo, porque éramos um 'produto comercial'. Pareceu estranho, mas nós demos uma piscadela e, ao sair, fizemos a saudação 'power', o que pareceu empolgar o cara."

Em 1971, com 13 anos recém-completados, Michael Jackson gravou seu primeiro disco solo, colocando três sucessos de R&B no Top 5: "Got to Be There", "Rockin' Robin" e "I Wanna Be Where You Are". O segundo, *Ben*, lançado pouco antes de seu 14º aniversário, foi um imenso sucesso. Michael cantou a música-título – sobre um garoto que faz amizade com um rato paranormal – na entrega do Oscar, em 1973. O single foi catapultado para o primeiro lugar. Bob Crewe, famoso por seu trabalho com o Four Seasons, produziu dois singles solo de Michael – "If n' I Was God" e a triste "To Make My Father Proud" –, em 1973. "Quando eu o comparo a outros cantores maravilhosos que dirigi – Tina Turner, Patti Austin, Frankie Valli –, sou obrigado a dizer que Michael era, de longe, o mais fácil de dirigir", diz Crewe. "Antes que eu desse qualquer sugestão, ele lia meus pensamentos. Ele sabia o que eu estava pensando antes mesmo que eu pensasse. Ele era milagroso."

"Existe alguma gravação ruim que Michael tenha feito para nós?", Hal Davis perguntou a si mesmo. "Nos anos em que ele esteve com a Motown, produzi Michael mais do que a qualquer outro. Mas eu digo a você: não há nada além de brilhantismo puro naquelas trilhas vocais. Ele chegou cantando como um anjo – e foi embora cantando ainda melhor."

Poderíamos criar uma tese sobre a superioridade do trabalho de Michael na Motown (em relação a tudo o que veio depois). A discussão se concentraria na energia quase assustadora de sua voz pré-adolescente e na pureza de sua entrega emocional.



Revistas.PeruRadio.net.pe






Mesmo não sendo compositor ainda, era um intérprete que colocava o coração em cada história que cantava. Quando amadureceu como artista, sustentou-se na mais robusta das fundações. Michael Jackson era acima de tudo um artista da Motown, diplomado na mais rigorosa escola preparatória de música pop que já existiu. Décadas mais tarde, Marvin Gaye refletiu sobre a saga: "Michael jamais perderá a qualidade que separa o sentimental barato do honesto. Ele tem raízes no blues [*tristeza, depressão, melancolia*] e, não importa o gênero que Michael esteja cantando, ele fica triste."

"Ele é um cara antigo nos tempos modernos", observou Smokey Robinson. "Conheci Jackie Wilson, James Brown, todos os caras que Michael adorava. Eles levaram anos para desenvolver seu som. Michael me lembrava a Aretha. Quando ela tinha sete anos, já tocava piano gospel com toda a harmonia e soltando a voz. Michael era um milagre. Em seu coração, ele carregava outras vidas. Era mais do que ter alma, era uma alma que ia fundo na história de todo o seu povo."

Revistas.PeruRadio.net.pe





**O SOM JOVEM**

*Em cima, à esquerda: os estúdios da Motown, em Detroit, por volta de 1965. O Jackson 5 gravou várias faixas lá com Bobby Taylor (em cima, à esquerda), mas Berry Gordy não estava satisfeito com as músicas e colocou o grupo sob suas asas. Hal Davis (em cima, à direita) também produziu várias faixas do Jackson 5, inclusive "I'll Be There". À esquerda: Michael cumprimenta Ed Sullivan na estreia do Jackson 5 em seu programa de TV, em dezembro de 1969.*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**PULANDO DE ALEGRIA**
*Michael, Jermaine, Tito, Jackie e Marlon Jackson (a partir da esquerda) em sua casa no San Fernando Valley, em 1971. A casa "só" tinha seis quartos, então Michael tinha de compartilhar um deles com Marlon e Randy*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**LONDRES**
*Michael comanda seus irmãos no evento* Royal Variety Performance, *no Palladium, em Londres, em 1º de novembro de 1972*



Revistas PeruRadio.net.pe



**CRIANÇA PRODÍGIO**
*Michael com 12 anos, em 1971*

Revistas.PeruRadio.net.pe

# O PRÍNCIPE DO POP

Jams nos bastidores e guerra de travesseiros: em turnê com Michael e o Jackson 5, as crianças mais trabalhadoras do show business
Por Ben Fong-Torres

RS 81 · 29 DE ABRIL DE 1971

Quando Ben Fong-Torres, editor musical da ROLLING STONE, pegou a estrada com o Jackson 5 para esta matéria de capa de 1971, aquilo era uma tarefa incomum. "A ROLLING STONE não cobria muitos shows de crianças", lembra Fong-Torres. "Mas a música era tão extraordinária e estava estourando em todo o cenário musical." Fong-Torres passou quatro dias sendo a sombra do grupo enquanto os meninos faziam shows em Columbus (Ohio) e em sua cidade natal, Gary (Indiana). "Eles falavam sobre suas ambições", diz ele. "Qualquer um pensaria que crianças que tinham conseguido o que eles conseguiram estariam radiantes. Em vez disso, eles falavam sobre ir à escola para estudar administração, música, arte dramática ou artes." Olhando para trás, Fong-Torres tem um grande arrependimento: na capa – uma imagem do jovem Michael feita por Henry Diltz, fotógrafo da ROLLING STONE –, a revista perguntava em sua manchete: "Por que esse menino de 11 anos fica acordado após sua hora de dormir?". O problema? Michael tinha quase 13 anos na época – a Motown havia tirado dois anos de sua idade oficial.



Revistas.PeruRadio.net.pe

Em janeiro de 1971, o Jackson 5 está nos bastidores do Veterans Memorial Auditorium em Columbus, talvez 15 segundos antes da chamada para entrar em cena. Michael Jackson está fazendo um pedido a Tito, que dedilha na guitarra: "Toca a música da Brenda and the Tabulations", ele implora. Tito, com o rosto sério e desafiador de seus 17 nos, continua no riff de blues que encontrou, na parte baixa do braço da guitarra. Jermaine, no baixo, está tocando junto, cantando com seu novo falsete: "It's a sha-a-ame . . . the way you hurt me... " Michael parece inquieto, explorando o camarim com sua roupa de palco – uma camiseta laranja com tartarugas verdes e uma capa tipo toga sobre os ombros. Depois de posar com os irmãos para o jornal negro local – um ritual nessa turnê pelo Meio Oeste –, ele faz seus exercícios vocais, cantando as notas agudas com sons curtos e guturais enquanto Jermaine o acompanha no baixo. Perto das 21h30, Michael pede a Jack Nance, o produtor da turnê, alguma coisa para comer – de preferência, um cachorro-quente. Tarde demais... um segundo depois, um homem entra e chama: "Vamos." É hora de enfrentar quatro mil pessoas gritando e, é incrível, não há nenhuma tensão. Michael pega um par de baquetas e começa a tocar em uma cópia da Rolling Stone com James Taylor na capa, até que Marlon agarra a revista.

"Vamos embora." No momento em que a banda dos Jackson toca o refrão de "Stand" pela 12ª vez, os cinco irmãos sobem a rampa, passam pela série de cortinas, pela primeira onda de gritos e se colocam em linha – Jackie, o mais alto, no meio, Tito e Jermaine, com suas guitarras, um de cada lado, e Marlon e Michael nas pontas. Há uma contagem, e cada um deles põe a mão no quadril esquerdo, a outra mão levemente em concha atrás da orelha direita e pisa forte com a perna direita – todos, naturalmente, em uníssono, até que Michael sai da formação para pegar o microfone e projeta sua voz acima dos gritos.

Naquela noite, no hotel em Columbus, o Jackson 5 foi espalhado em suítes do mesmo andar (onde, perto do elevador, dois seguranças ficam de olho nas fãs mais persistentes). Dois deles jogavam cartas tendo ao lado copos de leite parcialmente vazios e um cesto com restos de frango frito. Há também bebida alcoólica, mas está sendo bebida com avidez pelos vários promoters que estão por ali. O pai Joe Jackson, observando o jogo de cartas, permanece em silêncio, exceto na hora de ajudar a juntar seus filhos para uma conversa.

Jackie, 19, fala em ir para uma escola de administração com o objetivo de "quem sabe algum dia cuidar da parte financeira do grupo". Por enquanto, "tudo o que eu quero é curtir o que faço no palco. É como um passatempo". Tito, 17, é talvez o músico mais sério do Jackson 5. Ele ouve discos de Hendrix e B.B. King. "Desde que comecei a tocar guitarra, mais ou menos há três anos", diz ele. Perguntado sobre os velhos tempos, sete anos atrás, quando Michael se juntou a eles, Tito balança a cabeça lentamente, como um velho blueseiro: "Era difícil. O dinheiro era curto." Jermaine, 16, tem um riso fácil e aberto. Após as apresentações, ele anda, olha para meu gravador e pergunta: "Quer conversar agora mesmo?" Ele se recosta na cabeceira de uma cama; descreve como ele e seus irmãos frequentam uma escola particular em Encino, Califórnia, com cinco salas de aula e 29 alunos; como um tutor, designado pela Secretaria de Educação, os acompanha nas turnês para mantê-los em dia com as lições.

Marlon, 13, é considerado o mais quieto do Jackson 5. Em casa, ele divide um quarto com Michael e o pequeno Randy, e eles jogam basquete e bilhar, e nadam. Marlon gosta de ver desenhos nas manhãs de sábado com Michael e, da mesma forma que Michael, está pensando em seguir a carreira de arte dramática.

Michael Jackson tem 11 anos, 34 quilos. E é o solista em quase todas as músicas do Jackson 5 – seis singles de sucesso em 1970; três discos de ouro (mais um LP de Natal que certamente será tocado para sempre). E dois singles de sucesso até agora, nos três primeiros meses do ano.

Michael senta em um sofá. Ergue os olhos, para indicar que está pronto para ser entrevistado. Ele fez suas duas apresentações e está relaxando – jogando cartas, fazendo truques com elas e aguardando a inevitável guerra de travesseiros. Seus olhos se movem de vez em quando, esperando o primeiro movimento. Ele juntou-se aos irmãos quando fez quatro anos, logo fez uma imitação perfeita de James Brown e fez disso uma rotina. "Era incrível", diz Suzanne de Passe, que planeja e coordena o show do J5. "Ele era perfeito – cada reviravolta, cada giro, cada tranco e cada impulso. E eu tive de trabalhar duro para não deixá-lo exagerar." As primeiras músicas que Michael se lembra de ter cantado foram "Under the Boardwalk", com The Drifters, e "Twist and Shout", com os Isley Brothers. Hoje em dia, no palco, Michael fala um pouco sobre como ele sente o blues. Não convence; os Jacksons ainda não são grandes atores. Mas, com a idade média de 15 anos, eles pagam pela inexperiência.

**CRESCENDO DEPRESSA** *Michael na casa dos Jackson em Encino, em 1972: "Eu queria ser ator, fazer aquelas coisas que o Sidney Poitier faz."*

A primeira apresentação, lembra Michael, "foi em um hospital. Eles tinham um Papai Noel enorme." Outro show da fase inicial foi no Big Top; era um shopping. "Nós estávamos fazendo de graça para as pessoas nos ouvirem. Antes da Motown", diz Michael, "costumávamos fazer cinco shows por noite em teatros" e em casas de espetáculos perto de Chicago e de Gary, fazendo o circuito com grupos como The Emotions e The Chi-Lites.



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

Agora, sete anos mais tarde, Michael toca bateria e estuda piano. E nos estúdios da Motown, com apoio vocal de seus irmãos e apoio instrumental de toda a multidão de músicos que frequentavam as gravações da Motown, ele sola. “Levo duas horas para gravar uma música”, diz. “E então eles fazem a parte deles.”

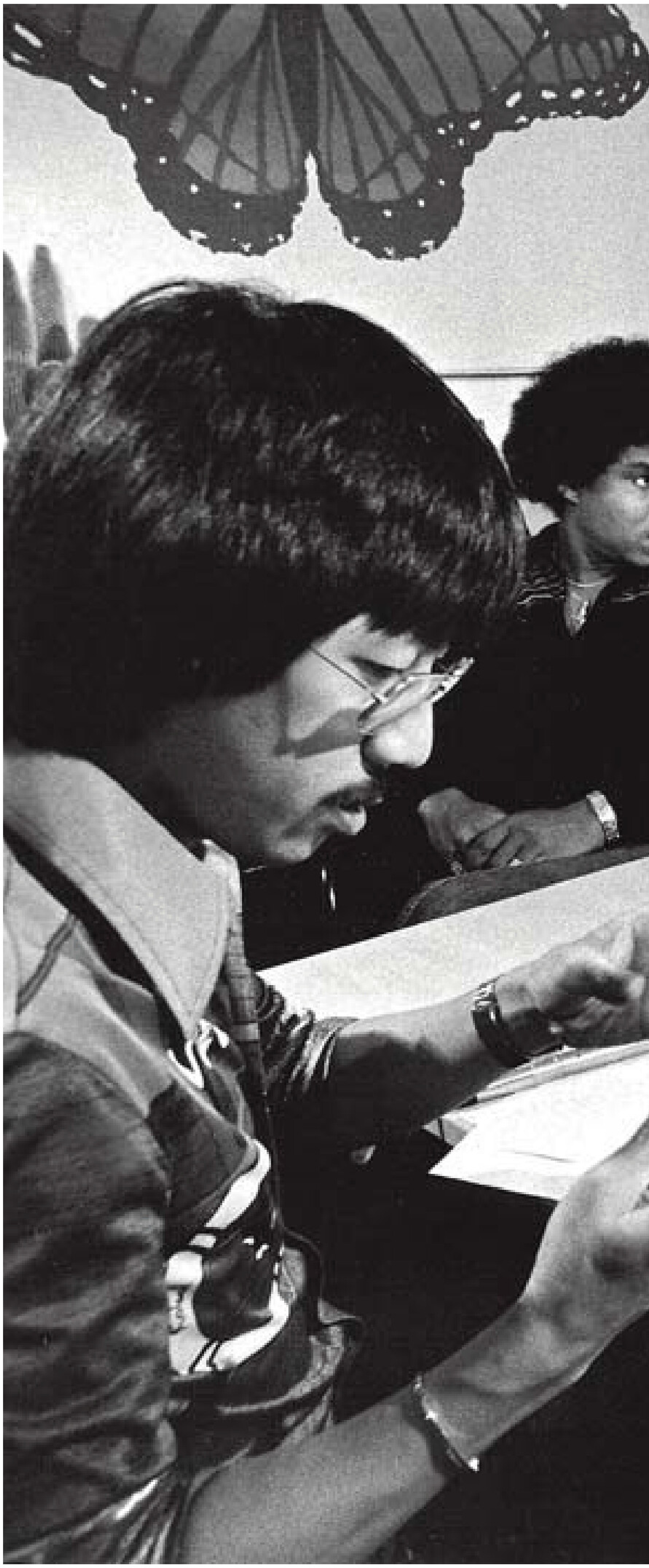
Mike é um hábil imitador. Ele vê desenhos animados na TV e consegue desenhar pessoas; agora ele quer aprender arte na faculdade. “Eu também queria ser ator, fazer aquelas coisas que o Sidney Poitier faz.” Quando digo a Michael que ele é um bom cantor de blues, ele ri. “Aprendi de ouvido.” E quanto aos gritos do público? “Se não fossem os gritos, não seria empolgante”, diz ele. “A garotada nos ajuda sendo desse jeito.”

Se há uma coisa que falta a um show do J5, é surpresa. Aconteça o que acontecer, você pode dizer que foi trabalhado em longas sessões de ensaio na casa deles em Hollywood Hills ou na Motown. Por todo lado, fãs ficam nas pontas dos pés, no limite de seu metro e vinte, metro e cinquenta, e gritam; garotas congratulam-se entre si para celebrar um contato visual com um dos 5; por toda parte, crianças estão se dando as mãos de entusiasmo. Mas não há movimento de massa, não há pulos em cima das cadeiras nem obstrução dos corredores.

Mais tarde, no aeroporto de Columbus, a TWA ofereceu à equipe do J5 uma sala de espera especial, poupando-os de algumas dúzias de autógrafos cada um – o que não quer dizer que eles se importassem de dar autógrafos. A TWA traz uma bandeja de hambúrgueres e Coca-Cola, e o J5 se dedica a mastigar e discutir sobre a guerra de travesseiros da noite anterior.

Depois de voar para Gary, o J5 passa pela Prefeitura, vai à escola secundária West Side para o primeiro show do dia, às 15h30, e então à casa do prefeito, para uma festa relativamente particular. Quando termina o segundo show, eles saem pelos fundos, amontoam-se nas limusines e vão a outra região de Gary – para uma festa da família na casa de uma prima de Joe Jackson. Ela trabalhou um dia e meio com amigos e parentes para preparar duas dúzias de tortas de batata-doce e montanhas de frios e frango frito, e agora ela está na porta quase chorando, de tão feliz por ver a sala cheia de gente.

Joe e os garotos estão todos aqui, com alguns dos Commodores e um batalhão de amigos de Jackson. Eles chegam em turnos, como se estivesse planejado, de modo que as tias, as primas e as irmãs, radiantes atrás das mesas de comida, passam a noite toda ocupadas, servindo. A prima mais velha de Joe, com os olhos úmidos, fica perguntando se alguém quer mais comida. Parentes e amigos os chamam para tirar uma foto; meninos e meninas pedem autógrafos e o Jackson 5 faz tudo, generosamente, dizendo “Obrigado” depois. Eles estão felizes por estarem aqui. Não existe lugar melhor que o lar.



**CONVERSA À MESA**
*Fong-Torres, Tito, Randy, Marlon e Michael Jackson (a partir da esquerda) em 1977, no apartamento de Fong-Torres, em São Francisco, durante uma entrevista à TV em que Michael revisitou sua matéria de capa de 1971 na RS. “Ele sorria enquanto contemplava sua figura angelical”, lembra Fong-Torres.*


Revistas.PeruRadio.net.pe





Revistas.PeruRadio.net.pe



# QUANDO MICHAEL SE TORNOU MICHAEL

No final dos anos 1970, o príncipe do pop era um ícone adolescente prestes a desaparecer. Mas foi aí que ele descobriu como fazer o mundo dançar. Por Rob Sheffield

Revistas.PeruRadio.net.pe



**REI DA DISCO**
*Jackson cercado por dançarinas no Studio 54, em 1977*

Revistas.PeruRadio.net.pe

O MAIOR SUCESSO DOS JACKSONS EM 1979, "SHAKE YOUR BODY (DOWN TO THE GROUND)", começa com um trêmulo nos pratos, um piano grave e o baixo deslizando de um alto-falante para o outro. Tito Jackson experimenta sequências em staccato na guitarra. E então, Michael Jackson solta os primeiros gritos e suspiros de sua voz adulta, nova em folha. Está vendo aquela garota ali? Michael não consegue dizer se ela repara nele, se ela o reconhece, se ela até mesmo se lembra de que ele fazia parte de um grupo infantil chamado Jackson 5. Tudo o que ele sabe é que precisa chegar perto, então ele desliza até ela na pista de dança com alguns dos melhores versos iniciais da música disco em todos os tempos: "I don't know what's gonna happen to you, baby, but I do! Know! That! I! Love ya!" [*Eu não sei o que vai acontecer com você, querida, mas eu sei/ que / eu / te amo!*] ★ Essa música chegou ao sétimo lugar das paradas no último trimestre de 1979, e foi mais do que o ponto de transição da carreira de MJ – sob muitos aspectos, ela é o ponto de transição da música pop nos últimos 40 anos. Se houve um momento em que Michael cresceu e se transformou em Michael Jackson, foi esse. Em "Shake Your Body", ele soa totalmente confiante – embora fosse um astro infantil muito assustado, emocionalmente devastado e abatido, cujo último grande sucesso ocorrera anos atrás – compondo e produzindo sua própria música pela primeira vez. Ele não sabia, mas estava a apenas um ano de *Off the Wall*, o disco solo que fez dele a criatura mais querida e desejada do universo pop.



**VESTIDO PARA O SUCESSO**
*Em 1977, Michael exibe um traje de chefe de banda que anunciaria seu aspecto de meados dos anos 1980. À direita: Tito, Jackie, Michael, Jermaine e Marlon (a partir da esquerda) na Jamaica, em 1975, ano em que saíram da Motown e ficaram por conta própria.*

Os anos disco foram o único período em que Michael Jackson teve relativa tranquilidade – pela última vez em sua vida, ele era apenas mais um famoso. Qualquer que fosse o critério, ele estava levando uma vida exuberante, em uma fantasia hollywoodiana: fazendo amizade com estrelas como Elizabeth Taylor e Liza Minnelli, representando o Espantalho em *O Mágico Inesquecível*, com Diana Ross, saindo com Tatum O'Neal, dançando no Studio 54. Era um menino estranhamente inocente na época da luxúria tipo *Boogie Nights - Prazer Sem Limites* [*filme de 1997*], intocado por sexo ou drogas apesar da complacência maníaca em torno dele, uma testemunha de Jeová perdida no templo do prazer. Seu zoológico particular cresceu da mesma forma que sua coleção de amigos famosos; ele provavelmente era o único virgem na agenda de Freddie Mercury. Todos gostavam de ter aquele garoto por perto – mas ninguém tinha como saber que aquela fase era só o aquecimento.

Os dois discos dos Jacksons que surgiram nesse período, *Destiny*, em 1978, e *Triumph*, em 1980, são clássicos que ofereceram um vislumbre fascinante de MJ experimentando suas ideias em um ambiente familiar, inventando o som que explodiria em *Off the Wall* e *Thriller*. Mas eles são também um documento de sua identidade inquieta como um dos irmãos Jackson aprisionado na armadilha dos negócios familiares, um mega-astro forçado a continuar fingindo que é apenas mais um membro da banda, ainda morando na casa cercada de grades, no condomínio de seu pai.

Perto de 1973, os sucessos secaram para o Jackson 5, e os garotos foram dados como acabados. Quem quer o chiclete da véspera? O sucesso no retorno, "Dancing Machine" – que chegou ao segundo lugar em 1974 –, deve ter parecido pura sorte para a velha guarda da Motown, mas provou ser profético. O som disco era novo em 1974, e "Dancing Machine" apresentou ao mundo o Robô, que os Jacksons levaram ao circuito de talk-shows da TV, dançando-o com Cher e no *The Merv Griffin Show*.

Os Jacksons trocaram a Motown pela CBS Records em 1975, deixando para trás o "5", pois Berry Gordy afirmou que o nome era propriedade dele. Os recém-renomeados Jacksons também deixaram para trás Jermaine, que tinha se casado com a filha de Gordy e continuara na Motown para começar sua carreira solo. Com "Dancing Machine" como estratégia de fuga, parecia que os Jacksons estavam se preparando para se tornar um fenômeno familiar pop bem fofinho, como The Sylvers, DeFranco Family ou Captain and Tennille. Eles foram ao *The Carol Burnett Show* para apresentar seu novo – mas já qualificado – integrante: Randy, o caçula dos irmãos Jackson e um talento musical florescente.



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

Eles também tiveram um par de fracassos com Gamble e Huff, produtores de soul da Filadélfia , que escreveram canções para os rapazes e só permitiram que Michael compusesse duas músicas por álbum. O álbum *The Jacksons* tem alguns bons momentos – o sucesso "Enjoy Yourself", que chegou ao Top 10; o funk-rock "Think Happy", com sua guitarra pré-"Beat It"; e a estreia de Michael na composição, "Blues Away". Mas até a letra S na capa poderia ser confundida com um 5, dando aos fãs uma dica de quem eram aqueles caras. A pressão para salvar o império da família estava esmagando Michael, agora um adolescente alto, desajeitado e mudando de voz. Alguém que fosse à mansão dos Jackson pela primeira vez perguntaria a ele próprio se sabia onde estava o "pequeno e adorável Michael". Os irmãos Jackson tiveram um programa de variedades na rede de TV CBS, mas ele durou pouco. No início de 1977, Michael conversou com Andy Warhol para a revista *Interview*. "Ele está bem alto agora, mas tem uma voz realmente aguda", escreveu Warhol em seu diário. "Ele não sabia nada a meu respeito – achou que eu fosse um poeta ou coisa parecida."

Os Jacksons finalmente assumiram o controle artístico em *Destiny*, compondo e produzindo o álbum todo, com exceção do primeiro single, "Blame It on the Boogie", composto por um obscuro cantor inglês de disco chamado (por incrível que pareça) Mick Jackson. "Boogie" teve um sucesso razoável, mas o álbum realmente pegou fogo alguns meses depois, quando "Shake Your Body", de Michael e Randy, começou a sacudir milhões de corpos. *Destiny* foi um trabalho fantástico, combinando o implacável avanço da música disco com o calor romântico da voz de Michael. Mesmo antes de começar a trabalhar com colaboradores importantes como Quincy Jones ou Rod Temperton, Michael tinha descoberto o som de Michael Jackson. E as baladas – alguém reparou que elas eram um grito de socorro? Em "That's What You Get (For Being Polite)" e "Bless His Soul", ele continua cantando sobre bons rapazes que são explorados por todos à volta deles. Na música-título, ele anseia por fugir ("I've tasted the city life, and it's not for me / Now I do dream of distant places" [*Eu experimentei a vida na cidade, mas não é para mim / Agora sonho com lugares distantes*]). Comovente, vindo de um rapaz de 20 anos.

O astral do álbum é ingenuamente alto. A contracapa tem a pintura de um pavão, com um poema escrito por Michael e Jackie: "Of all the bird family, the peacock is the only bird that integrates all colors into one, and displays this radio of fire only when in love. We, like the peacock, try to integrate all races into one through the love of music" [*De toda a família das aves, o pavão é o único pássaro que combina todas as cores em uma, e só exibe esse raio de fogo quando ama. Nós, como o pavão, tentamos unir todas as raças em uma por meio do amor à música*]. Ainda codirigidos pelo pai, os irmãos dedicam a gravação à mãe e, na imagem da capa interna, posam na mesa de edição do estúdio. Todos sorriem confiantemente, exceto Michael, que parece relutante. Menos de um ano depois, *Off the Wall* fez de Michael o maior astro da música pop, mas ele ainda estava preso a um grupo que não podia abandonar – eles tinham o mesmo sangue, e não só isso. Assim, imediatamente após *Off the Wall*, ele voltou ao estúdio para gravar *Triumph*, fazendo de conta que era apenas mais um dos irmãos. Dá para perceber a confiança dele surgir em *Triumph* – é o mesmo que notar como Al Pacino está diferente nos dois primeiros filmes *O Poderoso Chefão*, sabendo-se que ele teve um sucesso solo no intervalo, com *Serpico*.

Os Jacksons voltaram à música disco nesse trabalho – os singles tiveram enorme sucesso nas paradas de R&B, mas nunca chegaram aos 20 primeiros lugares do pop, como se fosse uma retribuição ao dedicadíssimo público negro que continuara a ouvi-los quando a massa pop tinha desistido. "Can You Feel It" sugere que eles ouviram muito rock progressivo, como se tivessem jogado alguns álbuns da banda Electric Light Orchestra em um liquidificador, com pitadas de Earth, Wind and Fire. "Heartbreak Hotel" (uma canção original, não uma cover de Elvis, mais tarde renomeada para "This Place Hotel") é um aperitivo do frenesi paranoico das tietes que Michael em breve exploraria como uma das marcas registradas de suas composições.

Depois de *Thriller*, a família, naturalmente, voltou a entrar em contato. Em 1984, qualquer pedaço de plástico com um pouco da magia de Michael Jackson era sucesso garantido: Jermaine levou Michael para cantar em "Tell Me I'm Not Dreamin", a irmã Rebbie emplacou um sucesso chamado "Centipede", e Kennedy William Gordy, velho amigo da família, mais conhecido como Rockwell, contou com a estrela de Michael na brincadeira "Somebody's Watching Me". Mas os fãs se indignaram com a turnê e com o álbum *Victory* assim que eles foram anunciados – parecia que Michael estava sendo forçado a participar de um projeto familiar e que os irmãos estavam atrapalhando a atuação dele. Dava para ver a insolência deles no onipresente comercial da Pepsi: os outros Jacksons achavam que eram tão bons quanto Michael. *Victory* acabou sendo uma enorme bagunça, motivo de chacota desde o dia do lançamento. Além do alegre dueto com Mick Jagger, "State of Shock", Michael mal aparecia no disco. Ele também cantou com Jermaine em "Torture", de Jackie, e contribuiu com a descartável "Be Not Always". Michael chegou a trabalhar com Freddie Mercury, do Queen, em faixas para *Victory* e há uma versão demo em que eles cantam "State of Shock" juntos.

Os Jacksons não tocaram músicas de *Victory* em sua badaladíssima turnê, mas viraram manchete pelos preços estratosféricos dos ingressos (US$ 30!), e todo o projeto virou um símbolo da arrogância dos famosos. O pior é que a única celebridade do grupo não era arrogante o bastante para dizer não. *Victory* representou o fim de linha para os Jacksons. O único outro álbum que fizeram foi o ignorado *2300 Jackson Street*, de 1989. *Destiny* e *Triumph* foram ofuscados pelo rolo compressor solo, e enterraram tesouros que a maioria dos fãs de Michael nunca ouviu. Sob vários aspectos, eram o som de Michael lutando para se libertar do passado. Podia-se ouvir em sua voz que ele sabia o que era se sentir rejeitado e abandonado pelo mundo da música. Podia-se ouvir, também, que ele estava determinado a que aquilo nunca mais acontecesse.




**PRAZER SEM LIMITES**
*Em sentido horário: Com Steve Rubell, Steven Tyler e Cherie Currie, cantora do Runaways; com o Village People, Valerie Perrine e Jane Fonda (embaixo, à direita), em 1979; com Andy Warhol (embaixo, à esquerda), em1981; e com Diana Ross na pré-estreia de* O Mágico Inesquecível *em outubro de 1978.*



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



# MICHAEL REINVENTA O POP

Gravado antes de Michael completar 21 anos, *Off the Wall* fez dele o mais importante artista jovem de R&B dos Estados Unidos. Por Anthony DeCurtis

Revistas.PeruRadio.net.pe



**MICHAEL MANIA**
*Na turnê* Triumph *dos Jacksons, em 1981, Michael e seus irmãos tocaram sucessos de* Off the Wall*, lançado dois anos antes*

Revistas.PeruRadio.net.pe

"DE CERTO MODO, *OFF THE WALL* É MEU ÁLBUM FAVORITO, MAIS DO QUE *THRILLER*", DIZ Quincy Jones, que produziu ambos os álbuns de Michael Jackson. "Tenho a impressão de que ele tinha uma amplitude maior. Nós estávamos nos arriscando à beça. Nós nos sentíamos livres." ⋆ *Off the Wall* mandou quatro singles à lista Top 10 e consagrou Jackson como o mais importante jovem artista musical negro dos Estados Unidos. O álbum depois foi soterrado pela avalanche que foi *Thriller*, mas *Off the Wall* vendeu 20 milhões de cópias em todo o mundo e dinamitou o piso sobre o qual *Thriller* seria construído. ⋆ *Off the Wall* é um álbum dançante lançado no pico da febre disco, mas não faz concessão alguma aos clichês do gênero.



Seus ritmos são suaves, mas estimulantes; carregados, mas sincopados com graça; as melodias são leves como o ar, mas diretas e inesquecíveis. Boa parte do crédito por essa sofisticação vai para Jones, que reuniu uma equipe maravilhosa de músicos e trouxe para o projeto um profundo conhecimento de jazz, música orquestral e outros estilos. Mas os demos contagiantes de Jackson para "Don't Stop 'Til You Get Enough" e "Working Day and Night" demonstraram que aquelas músicas já estavam conceitualmente realizadas quando ele as apresentou a Jones. Por sinal, os demos podem ser ouvidos na edição especial do álbum, de 2001, e ambos foram realizados com seu irmão Randy e sua irmã Janet – que estava com 12 anos na época – colaborando na percussão, que incluía garrafas de vidro. Desapontado por algumas de suas ideias terem ficado fora de *Destiny*, álbum dos Jacksons de 1978, Michael estava decidido a fazer seu próximo disco solo sem a tutela da família. "Eu não queria que *Off the Wall* parecesse o aproveitamento das sobras de *Destiny*", escreveu ele mais tarde. Seus irmãos queriam desesperadamente trabalhar com ele, mas Michael resistiu (embora Randy tenha acabado fazendo percussão em "Don't Stop 'Til You Get Enough"). O pai controlador deu uma bênção desdenhosa ao projeto, achando que Michael só precisava fazer algo fora de seu sistema e que logo voltaria à família. "Vá em frente, faça o que quiser", disse Joe Jackson a Michael, "desde que não interfira nos negócios do grupo."

Michael Jackson e Quincy Jones tinham se encontrado no início dos anos 1970, em uma festa na casa de Sammy Davis Jr., em Los Angeles. Jackson e Jones trabalharam juntos pela primeira vez em *O Mágico Inesquecível* (1978), interpretação negra de *O Mágico de Oz*, na qual Jackson apareceu como o Espantalho. Jones, que foi o supervisor musical do filme, encontrou em Jackson abrigo contra o que ele encarava como a banalidade de grande parte das músicas do filme. "Ao observá-lo quando fizemos *O Mágico...*, vi nele muita profundidade", lembrou Jones em 2008. "Ele sabia as falas de todo mundo, as músicas e os movimentos de cada um. Eu nunca tinha visto alguém que pudesse absorver tanto em tão pouco tempo."

A ligação deles ficou mais sólida quando Jones lhe corrigiu gentilmente a pronúncia de um nome em uma de suas falas. "Era 'Sócrates'", diz Bruce Swedien, engenheiro de áudio de Jackson por muito tempo. "Michael pronunciava 'So-*crêi*-tis', e Quincy lhe disse como era." Jackson havia perguntado antes a Jones se ele podia ajudá-lo a encontrar um produtor para o álbum solo no qual estava prestes a trabalhar. Jones, ao ver como Jackson tinha sido cordial ao responder à sua sugestão, disse: "Eu gostaria de tentar produzir seu novo álbum." Não era uma união provável. Antes de mais nada, Michael Jackson mal tinha saído da adolescência, e Quincy Jones estava no meio dos 40. Jones tinha trabalhado como arranjador e produtor para artistas como Dizzy Gillespie, Frank Sinatra e Miles Davis, e a gravadora de Jackson, Epic, achava que ele era "jazzístico demais". Somente a insistência de Jackson fez o nome de Jones – que tinha passado a maior parte dos anos 1970 trabalhando em trilhas de filmes e de TV – ficar no projeto.

As gravações de *Off the Wall* começaram em Los Angeles, em dezembro de 1978, e se prolongaram até o semestre seguinte. Os ensaios ocorriam na casa de Jones. "Ele era tão tímido que se sentava e cantava atrás do sofá, de costas para mim, enquanto eu ficava sentado com as mãos sobre os olhos e as luzes apagadas", Jones escreveu sobre Jackson em sua autobiografia de 2001, *Q*. Patti Austin, que cantou com Jackson em "It's the Falling in Love", descreve seu primeiro encontro com Jackson: "Era como encontrar um filhote – você estende o dorso da mão a ele e deixa que venha até você."

"Tentamos todo tipo de coisas que eu aprendi ao longo dos anos para ajudá-lo no crescimento artístico, como baixar os tons apenas uma terça menor para lhe dar flexibilidade e um intervalo mais maduro nos registros mais agudos e mais graves, e algumas alterações de tempo", disse Jones em sua autobiografia. "Eu também tentei direcioná-lo para músicas com mais profundidade, algumas delas sobre relacionamentos." Jones também pediu a ajuda de seu esquadrão de músicos classe A, seu "comando Q de matadores", entre eles os guitarristas Larry Carlton e Wah Wah Watson, da Motown, o ás do jazz-fusion George Duke, o futuro produtor de celebridades David Foster, Steve Porcaro (da banda Toto) e Greg Phillinganes, que estava na banda de Stevie Wonder e se tornaria o diretor musical da banda de turnês de Jackson.



Revistas.PeruRadio.net.pe



**O MENTOR DE MICHAEL** *Jackson e Jones em Los Angeles em 1979, ano em que* Off the Wall *fez de Jackson um superastro*

Revistas.PeruRadio.net.pe

Jones tinha produzido alguns sucessos recentes do grupo funk Brothers Johnson e trouxe "Get on the Floor", uma das faixas inacabadas da banda, que Jackson terminou para o álbum.

As duas músicas de Jackson que incendiaram as pistas de dança – "Don't Stop 'Til You Get Enough" e "Working Day and Night" – foram cercadas por faixas que chegaram de todos os lugares. Embora o Wings já tivesse gravado a música em seu álbum *London Town*, de 1978, a balada "Girlfriend", de Paul McCartney, tinha sido composta com Jackson em mente, e Stevie Wonder contribuiu com a antiquada "I Can't Help It". Jones recorreu a Rod Temperton, que tinha composto "Boogie Nights", um sucesso da banda Heatwave que chegou ao segundo lugar das paradas em 1977, para produzir algum material. Temperton compôs três músicas, esperando que Jackson e Jones selecionassem uma. Eles pegaram todas: "Off the Wall," "Rock With You" e "Burn This Disco Out". Assim como Jones, Temperton fez o que pôde para salientar os pontos fortes de Jackson. "Ouvindo as melodias que Michael cantava nas músicas mais aceleradas, dá para dizer que ele é muito ligado no ritmo", disse Temperton. "Então eu tentei escrever melodias com muitas notas curtas, para dar a ele alguns pontos em que ele pudesse marcar o ritmo com seus staccatos. A música-título 'Off the Wall' é o melhor exemplo *[disso]*."

"O que eu achava mais impressionante no Michael era sua disposição", diz Swedien. "Michael ficava acordado a noite toda até aprender a letra para não precisar ler quando gravasse."

"Don't Stop 'Til You Get Enough" abre o álbum com uma explosão rápida e sensual, além de uma declaração ousada das ambições de Jackson. A sensualidade da música ("I'm melting/ Like hot candle wax" [*Estou derretendo/Como a cera quente de uma vela*]) era ela própria uma despedida para Jackson, uma mensagem inegável de que o garotinho que tinha encantado milhões de pessoas com o Jackson 5 tinha crescido e se tornado um homem. Quando Michael mostrou a música para sua mãe, Katherine, ela ficou se perguntando se o título tinha conotação sexual. "Bem, se você acha que ela significa alguma coisa suja, é isso que ela vai significar", ele lhe disse, "mas não foi isso que eu pensei." Mas os Jacksons já tinham tido sua porção de sucessos dançantes e, como Jones, Jackson sentiu que *Off the Wall* precisava de algo mais. "Foram as baladas que fizeram de *Off the Wall* um álbum Michael Jackson", disse o próprio mais tarde. "Eu já fiz baladas com meus irmãos, mas eles nunca se empolgaram muito com isso e faziam mais como concessão a mim do que qualquer outra coisa." Jones vinha guardando "She's Out of My Life" para Sinatra, mas acabou oferecendo-a a Jackson (A música, de Tom Bahler, supostamente falava de seu rompimento com Karen Carpenter, da dupla soft-pop The Carpenters) "É sobre uma experiência da vida real, uma música muito sentimental. E, se você bem se lembra, quando eu vi Michael pela primeira vez no Oscar, ele estava cantando uma canção de amor para um rato!", disse Jones, lembrando-se de "Ben", sucesso de Jackson em 1972. Jackson caía no choro todas as vezes que cantava "She's Out of My Life" no estúdio. Por fim, Jones decidiu incluir no álbum as partes em que

**CRESCENDO**
Off the Wall *foi lançado no mesmo mês (agosto de 1979) em que Michael completou 21 anos.*





Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

a voz de Jackson fraquejava. "Eu sabia que era uma experiência sobre a qual ele nunca tinha pensado... É uma emoção muito madura", disse Jones sobre a angústia da música e a profundidade surpreendente da interpretação. "Eu não sabia como ele estava se entendendo com aquilo. Ele nunca tinha tido aquele tipo de relacionamento maduro com ninguém, eu acho."

Algumas semanas após o lançamento de *Off the Wall*, Michael Jackson comemorou seu 21º aniversário no Studio 54. Ele parecia totalmente sintonizado com sua época, atingindo a maioridade no epicentro da vida noturna, vasculhando a cultura e criando para ela uma trilha sonora sensual e inteligente. Até a capa de *Off the Wall* tinha um significado inquestionável. Em vez de ostentar um colorido traje de palco, Jackson está vestindo um elegante smoking , em um estilo adulto que poderia ser de uma foto tirada em uma formatura, em um casamento ou em qualquer outro rito de passagem (Para neutralizar a seriedade do smoking, Jackson usou meias decoradas com lantejoulas).

De modo mais significativo, Jackson ainda está usando um estilo black power modificado nos cabelos – ele é identificável como negro e parece perfeitamente à vontade com isso. Jackson passou a acreditar que sua negritude limitou o reconhecimento que *Off the Wall* obteve. Devido à popularidade do álbum e à aprovação da crítica, Jackson esperou, logicamente, que receberia várias indicações ao Grammy, inclusive uma para Álbum do Ano. Mas o álbum não foi indicado em nenhuma categorias principais e recebeu apenas um Grammy: Melhor Cantor de R&B, por "Don't Stop 'Til You Get Enough". Jackson sentiu que a indústria musical estava tentando mantê-lo em seu lugar como artista de nicho: um cantor negro de música para dançar. "Você precisa se lembrar do que aconteceu a Michael durante o Grammy de 1980...", disse à Rolling Stone, em 1998, um membro do grupo de Jackson. "Aquela experiência feriu Michael e também ensinou-lhe uma lição. Você podia ser o maior artista da história e, ainda assim, para muitos da indústria musical e da mídia, você seria invisível." Jackson considerou o desprezo "totalmente injusto" e insistiu em que aquilo "não poderia acontecer nunca mais".

**NO ALTO**
*Jackson nos Alpes suíços, em 1979, durante um intervalo nas gravações de* Off the Wall.

E não aconteceria. Jackson e Jones se impuseram uma missão, e a guinada de *Thriller* foi executada com precisão militar. O surgimento da MTV, onde Jackson teve outras barricadas a derrubar, tornou os aspectos visuais e performáticos de seu encanto mais imediatos. Sua genialidade não podia mais ser negada. No entanto, ao conquistar aqueles Grammys perdidos e um incalculável sucesso comercial, Jackson talvez tenha perdido algo ainda maior. *Off the Wall* expressa uma segurança calma e descontraída que se encontra cada vez menos em suas músicas posteriores, embora muitas delas sejam ótimas e tenham sua importância. A urgência jovial de "Don't Stop 'Til You Get Enough" poderia dar margem à suspeita de que, para Jackson, nenhum aplauso, reconhecimento ou sucesso seria, algum dia, suficiente.





Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

# MÁQUINA DE DANÇAR

## Os movimentos de Michael mudaram o pop e impressionaram até as lendas. Por Douglas Wolk

QUALQUER LISTA DE CANDIDATOS AO TÍTULO DE MAIORES E MAIS INFLUENTES DANçarinos do século 20 – Fred Astaire, Mikhail Baryshnikov, Bill "Bojangles" Robinson – teria obrigatoriamente que incluir Michael Jackson. "Ele era um esplêndido dançarino – sabia o que era realmente adequado a ele", diz Baryshnikov. "Sua dança era graciosa e hipnótica. Ele tinha talvez dez movimentos, só que os aplicava para objetivos diferentes – ser sensual, chocar." "O que Michael trouxe ao mundo da dança foi capturar um vocabulário que era uma síntese do movimento clássico de Fred Astaire, algo de Jackie Wilson, algo de James Brown e algo das ruas, e juntar tudo isso em um novo estilo que nunca se tinha visto antes", diz Vincent Paterson, coreógrafo da Broadway, que trabalhou com Jackson por 17 anos. Jackson nunca recebeu treinamento formal de dançarino, mas foi um estudante de dança a vida toda, captando ideias onde quer que as encontrasse. Ele absorveu movimentos do [*programa de TV*] *Soul Train*, das imitações, da dança das ruas, de Bob Fosse.

Desde a mais tenra infância, Jackson se lembrava de ver James Brown na TV. "Eu ficava zangado com o câmera, porque, sempre que o Brown ia começar a dançar, a câmera dava um close e eu não via os pés dele", disse Michael em 1993. "Eu gritava 'Mostra ele!', que assim eu podia olhar e aprender."

Na adolescência, Jackson já era um dançarino muito influente. Ele não inventou o "robô", mas, poucos dias após sua apresentação de "Dancing Machine", de 1973, no *Soul Train*, "parecia que todas as crianças dos Estados Unidos estavam fazendo o 'Robô'", escreveu Jackson em sua autobiografia. Michael tinha uma obsessão permanente pela idade de ouro de Hollywood e idolatrava Fred Astaire. "Quando estávamos fazendo o vídeo de 'Smooth Criminal', ele nos fez assistir a *The Band Wagon* [*filme de Astaire, de 1953*], e nós nos baseamos naquilo", diz Eddie Garcia, que dançou com Jackson nas turnês *Bad* e *Dangerous*. "Cada um de nós tinha um gângster para observar: 'Você é *aquele* cara, você é *aquele outro*.' "

Na época em que a carreira solo de Jackson começou para valer, com *Off the Wall*, ele se tornou um dançarino de nível internacional. "O que você quer na dança é qualidade rítmica", diz Joan Acocella, crítica de dança do *The New Yorker*, "mas precisa também ser objetivo. Ele tinha uma enorme objetividade. Se você examinar 'Don't Stop 'Til You Get Enough', ele não tem a lâmina afiada que você percebe mais tarde em 'Billie Jean', mas já vê a tranquilidade, o charme, o compromisso com a dança."

**MOVIMENTOS SUAVES**
*Jackson no* MTV Video Music Awards, *em 1995. Seu vídeo "Scream" ganhou o prêmio de melhor coreografia.*

"Ele era verdadeiramente inocente a respeito de outras formas de dança", diz Baryshnikov. "Ele e Liz Taylor vieram me ver dançar em L.A. com o White Oak e no Shrine Auditorium. Ele era um homem curioso – sabia muito pouco sobre balé ou dança moderna, mas perguntou como eu trabalhava com coreógrafos. Expliquei a ele como Mark Morris ou Twyla Tharp eram os criadores do trabalho e eu era o instrumento deles. Ele ficou surpreso que eu tivesse tão pouco a dizer sobre meu trabalho. Liz Taylor disse que provavelmente era a primeira vez que ele via balé."



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**OS REIS DA DANÇA**
*Jackson e James Brown (acima) no* BET Awards *de 2003. Quando criança, Jackson aprendeu movimentos observando Brown na TV. (Ao lado) O Jackson 5 no* The Ed Sullivan Show, *em 1970.*

A glória suprema de Jackson como dançarino veio durante sua performance em "Billie Jean" no especial de TV do 25º aniversário da Motown, em 1983 – quando ele surpreendeu a enorme audiência da TV com a caminhada para trás que desafiava a física e que ele apelidou de moonwalk. Fred Astaire telefonou para Jackson no dia seguinte e disse: "Você é um tremendo bailarino." "Foi o maior elogio que já recebi, e o único no qual eu fiz questão de acreditar", disse Jackson mais tarde. Naturalmente, muita gente gostaria de se apropriar da invenção do moonwalk – ou pelo menos de tê-lo ensinado a Jackson.

Uma genealogia provável envolve Jeffrey Daniel, um membro do Shalamar que teria conseguido um moonwalk notável na TV britânica em 1982 e trabalhara com Jackson em alguns vídeos da época de *Bad*. O próprio Jackson disse que aprendeu o moonwalk observando "crianças dançando na rua": "Eu tirei um retrato mental daquilo, fiz um filme mental. Subi para o meu quarto e comecei a fazer a dança, criá-la e aperfeiçoá-la." Diz Paterson: "Ele convidava crianças da rua para entrar e trabalhar com ele, para ensinar-lhe o que estava acontecendo nas ruas."

Jackson criou um estilo quase universal de dançar na música pop. "Foi por meio de seus vídeos que dançarinos se tornaram parte essencial dos videoclipes", diz Garcia. "Entre 'Beat It' e 'Thriller', ele definiu o padrão que o mundo tenta colocar em prática." Paterson acrescenta: "E antes dele, havia um estigma em relação a homens que dançavam. Michael destruiu isso."

Em seus últimos anos, Jackson continuava capaz de chamar atenção ao dançar sem música nenhuma. No início de cada show da turnê *Dangerous*, em 1992/93, ele surgia subitamente no palco e ficava imóvel por alguns minutos, com o público urrando a uma simples manifestação de seu corpo. "Parar de se mover, para um dançarino, é sinal de habilidade", diz o crítico de dança Apollinaire Scherr. "Ele sempre fazia aquilo – mesmo quando era um garoto, ele fazia alguma coisa em que movia apenas o calcanhar ou os dedos do pé, e todo o resto ficava imóvel."

No entanto, Jackson tendia a repetir um punhado de seus truques – o abrupto erguer de ombros, as piruetas, a abertura da perna esquerda, os toques na genitália e o vaivém da pélvis que, quanto mais ele repetia, mais inocentes pareciam. Esse foi o problema de sua dança em seus últimos anos, Scherr argumenta: "Em certo momento, ele virou uma marca", sendo forçado a reprisar seus gestos até ficarem banais. Acocella concorda: "Às vezes ele era perdulário com seus poderes de dançarino."

Mas sua influência na dança continuou por muito depois, quando ele tinha quase parado de se apresentar. Como Antonio "LA" Reid disse, "Você pode ver a influência dele em sua irmã Janet, em Justin Timberlake e Britney Spears, na coreografia sincopada que vários artistas usam." Kenny Ortega, o diretor do que teriam sido os shows *This Is It*, lembra que "mais de 5.600 dançarinos se inscreveram para o teste. Todos estavam lá porque Michael era sua única inspiração. Perguntaram a um dos dançarinos: 'Agora que você está dançando com Michael, o que vem depois?' E ele disse: 'Não sei! Não consigo imaginar, porque isto é tudo com o que eu sempre sonhei. O objetivo da minha vida era ser capaz de dançar com Michael Jackson!'"



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**DANÇAR COM VOCÊ**
*(Nesta página) Jackson gravando um especial em 2002 para o 50º aniversário do* American Bandstand. *(Ao lado) Em Tóquio, na turnê* Dangerous, *em 1992*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**INOVANDO SEMPRE**
*Jackson estreou sua inclinação que desafiava a gravidade no vídeo "Smooth Criminal", de 1988*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**HOMEM NO ESPELHO**
*Jackson em um estúdio no rancho Neverland, em 1991*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



OS ÁLBUNS
THRILLER

# NO TOPO DO MUNDO

Como Michael Jackson e Quincy Jones criaram o álbum mais vendido de todos os tempos. Por Alan Light

Revistas.PeruRadio.net.pe



**APÓS A MEIA-NOITE**
*Jackson e um elenco de zumbis no cenário do clipe de "Thriller"*

Revistas.PeruRadio.Net.pe

Talvez tenha sido um aviso quando os alto-falantes do estúdio entraram em combustão. Era final de outubro de 1982, e um completo batalhão de músicos e técnicos estava trabalhando 24 horas por dia nos Westlake Recording Studios, em Los Angeles, dando os últimos toques no novo álbum de Michael Jackson. O disco era a esperadíssima sequência de *Off the Wall*, de 1979, que tinha consagrado Michael como superastro. Na verdade, o primeiro single do novo disco já tinha sido lançado – "The Girl Is Mine", um encantador dueto com Paul McCartney – o que aumentava a pressão para andar rápido com as coisas. E a música que Jackson e o grupo estavam completando provaria ser a realização mais ambiciosa e radical do álbum, a edição que acabaria escancarando o projeto.

"Quando a gente estava terminando 'Beat It', ocupávamos três estúdios", lembra Quincy Jones, que estava produzindo as gravações. "Tínhamos Eddie Van Halen em um; Michael em outro, cantando uma parte através de um tubo de papelão, e nós estávamos mixando no terceiro. Vínhamos trabalhando por cinco noites e cinco dias, sem dormir. Em certo momento, os alto-falantes tiveram uma sobrecarga e pegaram fogo!"

Um mês depois, *Thriller* foi lançado, e a música pop nunca mais seria a mesma. O álbum chegou ao primeiro lugar em fevereiro de 1983, continuou no topo das paradas pelo tempo recorde de 37 semanas e vendeu mais de 50 milhões de cópias em todo o mundo, segundo as estimativas. No mundo atual de vendas em declínio e públicos segmentados, é quase impossível imaginar em que grau este álbum, sozinho, dominou e uniu as culturas.




Hoje, quando lhe perguntam sobre *Thriller*, Jones destaca – insistindo que não está menosprezando o papel de Jackson – que fazer um álbum clássico exige uma equipe altamente qualificada. "Michael não criou *Thriller*", diz ele. "É preciso um grupo para fazer um álbum. Ele criou quatro músicas e cantou magnificamente, mas não o concebeu – não é assim que um álbum funciona." Jones dá um crédito especial às contribuições do engenheiro Bruce Swedien e do compositor Rod Temperton, que tinha composto os sucessos "Always and Forever" e "Boogie Nights" quando fazia parte do Heatwave, grupo multirracial de R&B. Ele se tornou um colaborador confiável de Jones, contribuindo com três músicas para *Off the Wall*, inclusive "Rock With You" e a faixa-título.

Michael tinha começado a trabalhar em *Thriller* no estúdio de gravação da casa dos Jackson em Encino, Califórnia, dias após o revolucionário *Off the Wall*, que o consagrou firmemente como o maior ícone pop. Ele estava determinado, inabalavelmente concentrado na ideia de criar não apenas algo que igualasse ou suplantasse *Off the Wall*, mas um álbum do qual cada uma das músicas seria um single de sucesso.





Revistas.PeruRadio.net.pe




**HARMONIA PERFEITA**
*Quando a turnê* Victory *passou por Dallas, em julho de 1984, Eddie Van Halen apareceu de surpresa e recriou seu solo em "Beat It"*

Revista PeruRadio.net.pe




**ELE TINHA DE ESTAR LÁ**
*Michael e os Jacksons no palco do Madison Square Garden, em Nova York, agosto de 1984*



Revistas.PeruRadio.net.pe

Até *Off the Wall*, Jackson fazia muito esforço para compor. Agora, ele sentia que estava ficando mais fácil, como disse a Gerri Hirshey, da Rolling Stone. "Eu acordo de um sonho e penso: 'Uau, vou colocar isso aqui no papel!'", disse ele em 1982. A composição que abriu a gravação de *Thriller* foi "The Girl Is Mine", em que ele compartilhou os vocais com Paul McCartney. Segundo as notas da "Special Edition", reedição do álbum em 2001, a gravação de *Thriller* começou em 14 de abril de 1982, ao meio-dia.

Primeiro, Jackson e Jones visitaram McCartney em seu rancho de Tucson (Arizona) e passaram alguns dias ensaiando e também cedendo à obsessão, que compartilhavam, por desenhos animados. "Quando eu me aproximei do Paul", escreveu Jackson em seu livro *Moonwalk*, de 1988, "eu queria retribuir o favor que ele me tinha feito ao ceder 'Girlfriend' para *Off the Wall*."

McCartney, entretanto, revelou apreensão com o jeito adolescente da música. Ele estava preocupado com o uso exagerado da palavra "doggone" (maldito). "Eu diria que é superficial", admitiu. "Quando falei disso com Michael, ele explicou que não estava atrás de profundidade; estava atrás de ritmo, atrás de sentimento."

Steve Lukather, da banda Toto, que tinha recebido um telefonema de Jackson em pessoa, pedindo para ele tocar em várias faixas de *Thriller*, xingou o cantor e desligou o telefone em sua cara várias vezes, convencido de que era um trote, mas acabou tocando em "The Girl Is Mine". "O dueto com McCartney foi insano", diz ele. "Você pode imaginar a loucura que foi, com Michael, Quincy e McCartney, e todo o pessoal, e a equipe, e os seguranças... A gente nem entrou na sala de controle – o George Martin [*produtor dos Beatles*] e o Geoff Emerick [*engenheiro de som dos Beatles*] estavam lá, com o Dick Clark. Foi muito poderoso."

Apesar de estar longe de ser o melhor momento de *Thriller*, "The Girl Is Mine" tem um charme jovial, e Jackson fez seus planos para a música imediatamente, chamando-a de "o óbvio primeiro single". Em *Moonwalk*, ele escreveu que "realmente não tínhamos muita escolha. Quando você junta dois nomes fortes como esses em uma canção, ela tem de aparecer logo, ou toca até enjoar e fica superexposta. A gente tinha de tirá-la do caminho."

Para a gravadora de Jackson, a música representava uma chance de começar a pensar em uma estratégia global para *Thriller* que se tornasse histórica. "Nós tentamos dar uma projeção mundial ao Michael", disse em 1984 Don Dempsey, então vice-presidente sênior da Epic Records. "Estávamos percebendo algum interesse inicial pelo Michael fora dos Estados Unidos e sentimos que uma das formas de impulsionar isso era o dueto com o Paul McCartney" (além disso, Quincy Jones observa que havia alguma resistência ao romance inter-racial sugerido no dueto. "As rádios não gostaram da ideia de Paul e Michael disputando a mesma garota, e algumas estações não iam tocar a música", diz).

Os instintos de Jackson mostraram estar corretos – a canção chegou ao segundo lugar nas paradas pop e ao primeiro lugar na parada de R&B. Não só foi a primeira vez que um Beatle chegou ao topo da lista de R&B, mas a música que foi destronada era "Sexual Healing", o grande sucesso da volta de Marvin Gaye, velho colega de Jackson na Motown.

Enquanto "The Girl is Mine" entrava no mercado, Jackson continuava a gravar o álbum. Ele e Jones ouviram centenas de canções, tentando encontrar a amplitude e o equilíbrio que iria criar o álbum com o qual ele estava sonhando. Ele gravou "Wanna Be Startin' Somethin'", música que, ao que consta, começara a compor no período de *Off the Wall*. Sua levada tagarela e o arranjo vertiginoso são o que há, em *Thriller*, de mais parecido com o álbum anterior, talvez o motivo para ter sido escolhida como faixa de abertura. Mas havia uma nova atmosfera na letra de Jackson, uma ponta de medo e paranoia ("You're a vegetable/Still they hate you... You're just a buffet... they eat off of you" [*Você é um vegetal/Mesmo assim eles te odeiam. Você é só um bufê... Eles te devoram*]).

Outro aspecto memorável da canção foi o canto africano no trecho final, uma pequena variação do sucesso pré-disco do saxofonista camaronês Manu Dibango em 1972, "Soul Makossa". "Michael ouviu aquilo e gostou", diz Jones. "Eu disse: 'Michael, é uma gravação do Manu Dibango' – e ele disse: "Mas eu preciso disso!'" (Dibango não recebeu crédito como autor, mas depois houve um acordo financeiro).

Entre outras músicas registradas na fase inicial das gravações de *Thriller*, havia uma canção alegre e ritmada de Rod Temperton – "Baby Be Mine" (cuja melodia, segundo Jones, parece um trabalho de jazz progressivo no estilo do John Coltrane) – e outra música de Temperton que veio à vida com um título sem graça: "Starlight". Em algum momento, ele percebeu a paixão de Jackson por filmes de terror e deu à letra uma atmosfera mais sinistra. "Starlight" [*luz das estrelas*] se transformou em "Thriller" [*suspense*] e recebeu um arranjo teatral, dramático. A música encontrou o equilíbrio entre uma narrativa no estilo Broadway e uma levada dançante, pesada e irresistível. "Eu sempre imaginei uma parte falada no final", disse Temperton em uma entrevista incluída na reedição de *Thriller* em CD, "mas na verdade eu nunca soube o que fazer com isso."

**VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ** *Jackson cumprimenta fãs em Londres, após a inauguração de sua estátua de cera no museu Madame Tussauds.*

Alguém revelou que Peggy Lipton, então esposa de Jones, conhecia Vincent Price, o lendário ator de terror. "A ideia era ele dizer algumas falas macabras, como fazia com seus personagens famosos", disse Temperton. "Na noite anterior à gravação, Quincy me ligou e disse: 'Estou apavorado. Talvez seja melhor você escrever alguma coisa para ele.' Temperton escreveu uma estrofe – o excelente rap mórbido que fecha a canção – enquanto esperava um táxi para o estúdio e escreveu mais duas estrofes no caminho. "Rod escreveu uma fala genial, digna de Edgar Allan Poe", disse Jones. E Vincent entendeu bem: gravou tudo em dois takes."

Lukather recorda a intensidade de Jackson durante a criação do álbum. "Jackson era muito objetivo, sabia o que queria", diz ele. "Quando começava a dançar junto, aí é que a gente sabia se estava tocando a coisa direito. Não é que ele estivesse fazendo moonwalk pela sala, mas as mãos e os pés dele estavam. Ele e Quincy estavam improvisando. Aquilo criava uma vibração nova, e a gente queria ir até o fim. Era um ambiente de trabalho muito legal."

A música mais discutida na primeira metade das gravações de *Thriller* se tornaria a faixa central do álbum. Como revela o demo incluído na reedição de 2001, Jackson tinha uma noção muito



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**A VITÓRIA É MINHA**
*Michael no Dodge Stadium, no encerramento da turnê* Victory, *em dezembro de 1984. "Eu não queria entrar na turnê e lutei contra", Michael escreveu em* Moonwalk, *"mas os meus irmãos queriam fazer, e eu fiz por eles. Foi muito agradável trabalhar com meus irmãos de novo."*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe




Revistas.PeruRadio.net.pe

clara do som e da levada de "Billie Jean" – uma das quatro músicas que ele criou para o álbum. Mas Jones argumentou que a introdução estava longa demais. "Daria tempo de fazer a barba durante a introdução", falou. "Ele então disse: 'É aí que está, é isso que me faz querer dançar.' E quando Michael diz que é aquilo que o faz querer dançar, bem, nós temos mais é de calar a boca."

O baterista N'dugu Chancler foi trazido para dar uma propulsão extra à batida já forte. "Michael sempre soube como queria que aquilo soasse", disse Chancler certa vez. "No início, a música só tinha uma bateria eletrônica. Eu cheguei e gravei uma parte de bateria ao vivo, em cima do overdub." Para acrescentar outra camada de "festa para os ouvidos", o jazzista Tom Scott toca um solo (sem crédito) em cima de um instrumento chamado "lyricon", que aparece intercaladamente na música. E aí vem a letra. "Billie Jean" contava uma arrepiante história sobre ser falsamente acusado e viver aterrorizado. Era um aviso: "Be careful of what you do, 'cause the lie becomes the true" [*Cuidado com o que faz, porque a mentira se torna verdade*]. Essas eram emoções que ninguém antes tinha ouvido na voz do ex-garoto-maravilha. "Eu deduzi que ele estava fazendo um esforço consciente... para mudar sua imagem", escreveu a mãe de Michael, Katherine, no livro *My Family, The Jacksons*. "Acho que ele sentiu que tinha ficado com uma imagem de 'bonzinho' demais."

**NA PONTA DOS PÉS**
*Na turnê* Victory, *em que ele geralmente abria a noite com "Wanna Be Startin' Somethin'".*

De qualquer forma, a história da música era mesmo baseada em fatos – embora Jackson nunca tenha revelado isso a seus colaboradores mais próximos, nem mesmo a Quincy Jones. Quando a repórter Gerri Hirshey percebeu uma foto emoldurada na sala de jantar de Jackson, este reconheceu que aquela era a verdadeira Billie Jean; Hirshey a descreveu como "uma adolescente negra de aparência normal, posando, mais provavelmente, para o livro anual do colégio". Jackson explicou que ela lhe escrevera alegando que ele era pai de seu filho e tinha enviado uma arma com instruções sobre quando e como ele deveria se suicidar. "Eu quero memorizar o rosto dela", explicou, "para o caso de ela aparecer alguma vez em algum lugar."

Em *Moonwalk*, Jackson mudou sua explicação, presumivelmente para desencorajar futuras psicopatas. "Nunca houve uma Billie Jean real", escreveu. "A garota da música é uma combinação de pessoas que têm nos importunado por muitos anos." Mais tarde, em 2001, Jones disse que o tema da canção era "uma garota que tinha pulado o muro... e invadido o lugar. Ela o acusou de ser o pai de um de seus gêmeos!" A barreira final foi convencer Jones a aceitar o título de Jackson para a música. Ela quase foi lançada como "Not My Lover", porque o produtor temia passar a ideia de que a música era sobre a tenista Billie Jean King.

Com "Billie Jean" definida, Jackson e Jones tinham agora nove canções prontas. "Quando chegamos a nove", diz Jones, "nós as testamos para ver se ficavam em pé. Tentei ser tão objetivo quanto pude, tirar as quatro mais fracas e substituí-las. Elas não eram fracas, o material era bom, mas eu tenho de ser realista."

"Houve um ponto em que pensamos que não tinha dado certo, que estava tudo acabado", lembra Greg Phillinganes, o tecladista de *Thriller*. Tinha havido longas horas de trabalho duro, e Quincy dizendo: 'Ainda não chegamos lá' – e Michael, confuso, dizendo: 'O que é que a gente vai fazer agora?'" Uma das músicas que foram eliminadas era uma faixa sentimental chamada "Carousel", que acabou vendo a luz do dia no relançamento de *Thriller* em 2001. Mas apareceu outra música que tinha o mesmo astral.

"Toto [*alguns de seus membros apareceram em boa parte de* Thriller] enviou dois demos", disse Jones. "Eram legais, mas nós deixamos a fita rodando e, no final, havia um longo silêncio e então apareceu uma música esquemática, lírica, levinha... mas com um sabor maravilhoso." Jones enviou o demo a um letrista chamado John Bettis, que respondeu com uma letra intitulada "Human Nature". No desenvolvimento da canção, Lukather acrescentou "todas essas partes metrificadas, estranhas, mas cativantes" que lhe valeram um crédito como arranjador. Jackson fez uma performance mais leve que o ar, resultando no momento mais memorável de puro pop em *Thriller*. "Human Nature" também se tornaria uma referência de performance ao vivo do gigante do jazz Miles Davis nos últimos anos do trumpetista.

Os toques finais na formação de *Thriller* revelaram o raciocínio tático de Jackson e Jones. O cantor estava se preparando para fazer o maior álbum da história. Como Jones diria, "para entrar nessa, você tem de ir direto na jugular em quatro, cinco, seis áreas diferentes: rock, AC, R&B, soul..."

"The Lady in My Life", de Temperton, uma balada clássica em estilo Sinatra, fechava o álbum, fornecendo o toque final. "P.Y.T. (Pretty Young Thing)" – batizada com o nome de uma marca de lingerie da qual a mulher de Jones gostava – foi a única faixa de *Thriller* em que o produtor recebeu crédito como compositor, em parceria com o baladeiro soul James Ingram. No álbum, essa música era o que havia de mais parecido com o verdadeiro R&B contemporâneo, com um vocal romântico sobre alguns sintetizadores estridentes e uma gíria levemente embaraçosa dos anos 1980 – será que Michael Jackson alguma vez na vida disse "to the max" [*ao extremo*] ou chamou uma garota de "tenderoni" [*brotinho*]? "Era só mais um suíngue", diz Jones. "Eu tenho tocado esse tipo de suíngue desde que estava com o Ray Charles."

Mas ainda havia uma cartada final. "Eu queria criar o tipo de rock que eu sairia de casa para comprar", escreveu Jackson. Já em 1984, Jones disse que "temos plena consciência de que queremos uma levada de rock para brancos. E quando Smelly [*seu apelido para Jackson, em referência à palavra que o cantor usava quando estava embaraçado demais para descrever uma canção como "fedorenta"*] criou 'Beat It', sabia que estava trazendo nitroglicerina pura." Mais tarde, o produtor diria que sentiu que o álbum precisava de uma versão negra para um rock and roll vigoroso."

"Beat It" era, como sua companheira "Billie Jean", evidência da evolução das composições de Jackson. Seus versos eram a condenação da violência sem serem simplistas nem moralistas. E a levada era matadora, com uma atmosfera convincente e espontânea de rock. Para guiar a seção rítmica, Jackson ficava batucando em caixas no estúdio – ele está relacionado nos créditos como



Revistas.PeruRadio.net.pe

"drum-case beater" [*batedor de estojo de bateria*]. Mas foi de Jones a inspirada ideia de trazer o então deus da guitarra Eddie Van Halen. Isso também foi facilitado pelo fato de Jackson ser amigo da atriz Valerie Bertinelli, esposa de Van Halen na época. Mais ou menos como Lukather, no entanto, Van Halen também desligou o telefone várias vezes na cara de Jones antes de se convencer de que era mesmo o lendário produtor que estava pedindo ajuda. O guitarrista subiu a bordo rapidamente e até recusou pagamento pela gravação: "Eu fiz isso pelo prazer", disse ele.

Quando Van Halen veio gravar o solo, Jones lhe disse: "Eu não vou sentar aqui e tentar te dizer o que tocar – você está aqui exatamente por causa do que toca." Quando Lukather ouviu que Van Halen ia tocar o solo, resolveu soltar a franga. "Quando me disseram que o Eddie viria, e como eles estavam tentando fazer um disco revolucionário, eu peguei uns amplificadores Marshall e fiz uma puta parede de som", diz. "Quincy reagiu e disse: 'As guitarras estão pesadas demais; nunca vão tocar isso nas rádios de R&B.' Então parti para os Fender, menores, e fiz tudo de novo."

Mesmo assim, o som de "Beat It" era simplesmente um ultraje, tanto para os ouvintes de rock quanto para os de R&B. L. A. Reid, presidente da Island Def Jam, lembra que estava perplexo. "Hoje nós fazemos coisas chamadas 'mashups', certo?", diz ele. "Pega a banda Linkin Park e o Jay-Z e junta. Com certeza é uma coisa única, só que não é incomum. Mas, naquela época, o Eddie Van Halen estava no topo e se encaixou como uma luva em 'Beat It'. Não parecia um solo de guitarra colocado sobre uma trilha de R&B. Era muito orgânico. A ideia era realmente incomum, mas o resultado não era forçado, de jeito nenhum."

**A DANÇA DA VITÓRIA** *Depois de ganhar oito Grammys por* Thriller, *Jackson caiu na estrada com seus irmãos.*

Os overdubs em "Beat It" foram as últimas partes gravadas para *Thriller*. A equipe trabalhou até as 9 horas da manhã. Bruce Swedien levou as fitas para masterizar, e Jones levou Michael de volta pra casa. "Eu o botei na cama e puxei um cobertor sobre ele", diz, "e então tivemos de voltar ao meio-dia para ouvir o master."

Lamentavelmente, quase no final de tudo, o álbum não tinha a força que eles esperavam. Era longo demais para caber em um LP normal, até porque exigiria sulcos bem finos que produziriam um som metálico. Decidiram cortar uma estrofe de "The Lady in My Life" e reduzir aquela introdução polêmica de "Billie Jean". Então, com o tempo correndo, eles resolveram remixar o álbum inteiro (exceto "The Girl Is Mine", que já estava em todas as rádios), uma faixa por dia durante oito dias. O último dia de mixagem foi 8 de novembro de 1982. Vinte e dois dias mais tarde, *Thriller* estava nas lojas. Michael Jackson tinha 24 anos.

O incrível, afirmou Gerri Hirshey em 1985, era que "Michael tinha previsto tudo quando eu o vi pela primeira vez – o carnaval da mídia, as espantosas cifras de vendas, a ordem dos singles, o fato de que 'Billie Jean' seria a música que ia arrebentar."

"Não dá para explicar uma coisa dessas", diz Jones. "Era por isso que eu tinha um aviso no estúdio que dizia 'Sempre deixe espaço para Deus entrar na sala'". Mas de uma coisa ele está seguro: "Quando um disco chega ao primeiro lugar", diz Jones, "começa a acontecer de tudo com as canções."





Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe


**NO TOPO DO MUNDO**
*Michael em Nova York, em 7 de fevereiro de 1984. Naquela semana, "Thriller" se tornou a sétima música do mesmo álbum a entrar no Top 40*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe




WE ARE
THE WORLD

# MICHAEL DÁ A RESPOSTA

Jackson e seus amigos cantaram pela África e, no caminho, fizeram história

Revistas.PeruRadio.net.pe



**SOZINHO**
*Michael gravou uma voz guia no estúdio, antes que os astros chegassem para gravar*

Revistas.PeruRadio.net.pe




**O PODER DOS ASTROS**

*Primeira fila, a partir da esquerda: Paul Simon, Kim Carnes, Michael Jackson, Diana Ross, Stevie Wonder, Quincy Jones. Segunda fila, a partir da esquerda: Billy Joel, Cyndi Lauper, Bruce Springsteen, Willie Nelson, James Ingram, Bob Dylan. Terceira fila, a partir da esquerda: Daryl Hall, Dionne Warwick, Al Jarreau, Kenny Rogers, Huey Lewis, John Oates, Johnny Colla. Última fila, a partir da esquerda: Lionel Richie, Steve Perry, Kenny Loggins, Jeffrey Osborne, Lindsey Buckingham, Dan Aykroyd, Harry Belafonte, Bob Geldof*

Revistas.PeruRadio.net.pe

Quando Michael Jackson e Lionel Richie compuseram "We Are the World", no início de 1985, eles eram as maiores personalidades musicais do mundo. Eram amigos desde que o Commodores abriu um show para o Jackson 5, em 1971, mas nunca tinham trabalhado juntos antes. "Passamos um dia inteiro na casa dele ouvindo tudo desde 'The Star-Spangled Banner' até 'God Save the Queen' para entender a grandiosidade", diz Richie. "A partir dali nós rabiscamos e murmuramos a música, e Michael pegou aqueles rabiscos, descolou um tecladista e cantou a melodia com alguém tocando com ele. E ali estava a música."

A ideia de criar um single beneficente com vários astros surgiu com Bob Geldof, que alguns meses antes liderara "Do They Know It's Christmas?", com o Band Aid, no Reino Unido, para angariar fundos para uma Etiópia devastada pela seca. Semanas depois de a música estourar nas paradas inglesas, Richie e Jackson começaram a trabalhar na resposta norte-americana. Recrutar músicos foi fácil, principalmente depois que Bruce Springsteen – cuja fama estava no auge – engajou-se no projeto. As horas de gravação foram agendadas no A&M Studios, em Hollywood, no dia 28 de janeiro de 1985 – a noite do *American Music Awards*, o que garantia que a maioria dos artistas estaria na cidade. Jackson não compareceu à premiação para poder gravar, com o produtor Quincy Jones, uma voz guia para os artistas. Por volta das 22h, uma frota de limusines começou a estacionar no estúdio, e chegaram Bob Dylan, Paul Simon, Diana Ross, Tina Turner, Cyndi Lauper, Billy Joel, Ray Charles, Stevie Wonder e mais 36 astros. Jones colocou um cartaz na entrada que dizia: "Deixem seus egos na porta".

Um artista que foi convidado e não apareceu foi Prince (um ponto no chão, perto de Michael, estava marcado com um pedaço de fita em que se lia "Prince"). Embora ele tivesse ligado mais tarde, durante a gravação, oferecendo-se para contribuir com uma parte de guitarra, o que se queria era o vocal, de modo que Prince nunca o fez. "Ele não veio – por que não?", zangou-se Geldof. "Esse é que é o problema. Ele tinha coisas para fazer mais importantes do que tentar salvar vidas? Ir a uma discoteca?" Fora isso, as dez horas de gravação foram incrivelmente tranquilas. Com Jones regendo os cantores e Richie e Jackson dando forma à música, o coro passou as primeiras horas cantando o refrão com a voz guia pré-gravada e sobrepondo harmonias. Depois disso, os cantores receberam individualmente um pedacinho da letra. Houve também alguns duetos curtos: Jackson e Ross, Lauper e Huey Lewis, Joel e Turner. ("Foram só quatro palavras", disse Joel, exultante,"mas até onde entendo, eu fiz um dueto com Tina Turner!")

Em um momento da gravação, Wonder adotou a fala anasalada característica de Dylan para mostrar a ele como cantar determinada parte; em outro momento, Geldof e Dan Aykroyd fizeram um dueto com antigos sucessos de R&B, inclusive "Barefootin'" e "Walking the Dog". Os amigos e empresários estavam isolados em um ambiente próximo, tendo à disposição um bufê e bebidas, além de enormes telas de vídeo para monitorar a gravação no estúdio, onde só era permitida a presença dos artistas. No estúdio, Smokey Robinson atacou uma versão improvisada de "Banana Boat (Day-O)", sucesso de Harry Belafonte nos anos 1950, e em pouco tempo o grupo todo estava aderindo a uma longa versão da música – levando os amigos e empresários a exclamar: "Esse devia ser o lado B!" Por algum tempo, Wonder esteve determinado a inserir alguns versos etíopes nos refrãos – "Vai ficar autêntico!", disse – e despachou vários assistentes para descobrir as palavras corretas. No entanto, Charles observou que eles já estavam com problemas suficientes cantando a música em inglês e, no final, o plano de Wonder não funcionou. Alguns astros pareciam estar intimidados com aqueles talentos todos: Dylan e Springsteen estavam estranhamente calados (embora Springsteen tenha "entrado no clima", de acordo com um observador), e o sempre tímido Jackson não fez contato visual direto com ninguém a noite toda. Quincy Jones chamou a gravação de o ponto alto de seus 35 anos de carreira. "Nada vai ultrapassar isso", disse ele. "Reger aquele coro – fiquei todo arrepiado. E os arrepios duraram a noite inteira. Foi inacreditável. Uma energia poderosíssima."

Os intervalos ocasionais da noite foram quase tão animados quanto os longos períodos de gravação. Bette Midler aproveitou a oportunidade para encerrar um prolongado desentendimento com Paul Simon ("Nós estivemos brigados durante anos, mas essa foi uma ocasião tão calorosa que nós mais ou menos fizemos as pazes") e se soltou em uma conversa alegre e barulhenta com Ruth Pointer sobre vários namorados que tiveram em comum. Ross quebrou o gelo pedindo a todos que autografassem sua partitura, e logo todos estavam fazendo o mesmo. Springsteen pediu o autógrafo de Steve Perry para a filha de um amigo, e Perry pediu a mesma coisa a Jackson. Dylan, cujo primeiro trabalho em uma gravação tinha sido tocar gaita em uma versão de Harry Belafonte para "Midnight Special", em 1961, uma experiência tediosa, segundo ele, deve ter suavizado a lembrança: ao autografar a partitura de Belafonte, ele escreveu: "Obrigado por me proporcionar o meu começo."

Depois que o single "We Are the World" foi lançado, em 7 de março de 1985, ele chegou ao primeiro lugar. Em meados de maio, o USA for Africa tinha angariado US$ 6,5 milhões. "Foi como se Magic Johnson, Michael Jordan e Kobe Bryant resolvessem bater uma bola", diz Richie agora. "Estávamos todos tão em forma naquela época que podíamos tossir e mesmo assim a coisa dar certo." No Grammy de 1986, "We Are the World" ganhou quatro prêmios – inclusive o de Gravação do Ano e Música do Ano. "Eu vou ser presunçoso o bastante para falar em nome desse excelente grupo", disse Jones naquela noite. "Eu gostaria de agradecer a eles e de lamentar que a frase 'deixem seus egos na porta' tenha surgido, porque nunca foi necessária... Esta geração mudou de 'eu', 'mim', 'meu' para 'nós', 'nos', 'você' ". Jackson compartilhou o sentimento. "Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus", disse ele. "E gostaria de dizer obrigado por escolherem a mim e ao Lionel para compor 'We Are the World'. Gostaria de agradecer ao Quincy Jones, que, para mim, é o maior produtor do mundo... Quando saírem daqui, lembrem-se das crianças."

---

*Compilado das reportagens originais da* Rolling Stone, *realizadas por Kurt Loder e Michael Goldberg na RS 443 (14 de março de 1985) e na RS 444 (28 de março de 1985), com informações complementares de Andy Greene.*



Revistas.PeruRadio.net.pe


Revistas.PeruRadio.net.pe



# NO REINO DA MAGIA

Em 1982, Michael Jackson recebeu-nos em casa – sem seguranças e sem máscara – para uma longa entrevista e um encontro com sua serpente

Por Gerri Hirshey

RS389 · 17 DE FEVEREIRO DE 1983

No terceiro trimestre de 1982, quando Michael Jackson estava lançando *Thriller*, ele convidou Gerri Hirshey, correspondente da ROLLING STONE, para ir à casa que alugara em San Fernando Valley, para o que seria sua última entrevista longa a ser impressa. Nessa ocasião, Jackson estava profundamente reservado e isolado, temeroso de como seria apresentado pela mídia. No entanto, quando Hirshey apareceu, o próprio Jackson atendeu a porta, vestido com calças de veludo sujas e sapatos gastos. Não havia empresários nem membros da família com ele, e Hirshey diz que ele era um anfitrião "comoventemente inábil": quando terminou a limonada que ela estava bebendo, ele encheu seu copo com ponche havaiano sem gelo. Durante vários dias, Hirshey entrevistou Jackson em casa, acompanhou-o ao estúdio e foi com ele até mesmo a um show do Queen. Ela saiu com uma visão muito pessoal do isolamento e da excentricidade de Jackson. Em dado momento, Jackson pediu a Hirshey que segurasse sua jiboia de quase 2,5 metros, Muscles. "Ele explicou que era um exercício de confiança e foi muito convincente", diz ela. "Enquanto eu tinha pavor de cobras, ele tinha um terror mortal de repórteres."



Revistas.PeruRadio.net.pe

É MEIO-DIA E, EM ALGUM LUGAR DE SAN Fernando Valley, as persianas frontais de uma fila de casas de condomínio estão abaixadas por causa da claridade que atravessa a neblina. Ao longo dos bem cuidados caminhos do pátio, poodles com coleiras e guias cor-de-rosa saltitam ao redor das mulheres que os acompanham, com seus cabelos também cortados à poodle.

"Não é o que você esperava, não é?" Por trás de uma máscara de dedos esqueléticos, Michael Jackson dá uma risadinha. Depois de acomodar a visitante no piso intermediário da casa de três andares, ele explica que a residência é provisória, enquanto sua casa em Encino, Califórnia, é demolida e reconstruída. Ele admite que este não é um lugar razoável para um jovem príncipe do pop.

Também é surpreendente ver que Michael decidiu enfrentar esta entrevista sozinho. Ele diz que não fez nada parecido em mais de dois anos. E, mesmo quando o fez, sempre o fez cercado de empresários, dos outros irmãos Jackson e, em um dos casos, com sua irmã mais nova Janet imitando as perguntas de um repórter antes mesmo que Michael as respondesse. Algumas publicações o pintam como aflitivamente tímido. Ele se esquiva, se esconde, conversa com a ponta dos sapatos. Ou simplesmente não aparece. Sabe-se que ele conduz sua vida privada com cuidado quase obsessivo, "exatamente como um hemofílico que não pode se permitir sequer um arranhão". A analogia é dele.

Associe isso às estatísticas, aos sucessos, e não faz sentido. Ele tem sido o protagonista do Jackson Five desde o início do primeiro grau. Em 1980, saiu do grupo para lançar seu próprio LP, *Off the Wall,* que recebeu o disco de platina no final do ano. *Thriller,* seu novo álbum, está em quinto lugar nas paradas. E a lista de artistas que estão trabalhando com ele atualmente — ou querendo trabalhar — inclui Paul McCartney, Quincy Jones, Steven Spielberg, Diana Ross, Queen e Jane Fonda. No estúdio, no palco, na TV e no cinema, Michael Jackson não tem problemas em se expor. Nada o assusta, diz ele. Exceto isso aqui...

"Você *gosta* de fazer isso?", Michael pergunta. Há um traço de incredulidade em sua voz, como se estivesse fazendo a pergunta a um médico-legista. Ele está largado em uma cadeira, olhando para o nível da sala de estar. Ela está cheia de estátuas. Há alguns elegantes bronzes no estilo greco-romano, bem como algumas peças no estilo das banheiras de pássaros suburbanas. As figuras estão imóveis como em uma fantasmagórica reunião social.

Michael não consegue ficar quieto na cadeira. Está tão nervoso que está devorando um pacote de batatas chips. Esse comportamento é estranho. Nenhum de seus irmãos se lembra de ter visto alguma coisa parecida com um salgadinho passar por seus lábios desde que se tornou um rígido vegetariano e entusiasta da alimentação saudável, há seis anos. Na verdade, Katherine Jackson, sua mãe, preocupa-se com o fato de que Michael parece sobreviver com pouco mais do que ar. Até onde ela sabe, ele simplesmente não se interessa por comida. Ele diz que, se não precisasse comer para se manter vivo, não comeria.



**FAZENDO HISTÓRIA**
*Jackson no palco, em uma festa no Museu Norte-Americano de História Natural de Nova York, em 1984.*



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe





“Eu realmente detesto isso”, diz ele. Depois de acabar com as batatinhas, ele começou a dobrar e redobrar um recorte de jornal. “No palco eu fico muito mais relaxado do que estou agora. Mas vamos lá.” Ele sorri. Mais tarde, ele explicará que “vamos lá” é o que seu segurança sempre diz quando eles estão prestes a passar por alguma agitação popular. É também uma frase que Michael ouve desde que já tinha idade para amarrar os sapatos.

Aos 24 anos, Michael Jackson tem um pé fincado em cada um dos lados dos anos 1980. Ele tinha apenas 10 anos quando se mudou para a casa de Diana Ross em Hollywood. Agora ele é produtor dela. Ele tinha cinco anos quando os Beatles deslancharam; agora ele e McCartney disputam a mesma garota em “The Girl Is Mine”, single de Michael. Seus amigos do showbiz também atravessam gerações. Ele faz fofocas interurbanas com Adam Ant e Liza Minnelli e bate papos íntimos com o octogenário Fred Astaire. Quando ele visitou o set do filme *Num Lago Dourado,* Henry Fonda o ajudou a pescar. Jane Fonda o está ensinando a representar. Katharine Hepburn, sua amiga por correspondência, rompeu um hábito de toda a vida e compareceu a um show dos Jacksons no Madison Square Garden, em 1981.

Até o E.T se sentiria atraído por um espírito tão gentil, de acordo com Steven Spielberg, que diz ter dito a Michael: “Se o E.T. não tivesse ido a Elliott, ele teria ido à sua casa.” Spielberg diz que nunca pensou em mais ninguém para narrar a saga de seu alienígena. “Michael é um dos últimos inocentes vivos que têm total controle sobre sua vida. Eu nunca vi ninguém como Michael. É um astro infantil cheio de emoção.”

**CÍRCULO DE AMIGOS**
*No início dos anos 1980, os ídolos de infância de Jackson transformaram-se em seus colegas (no sentido horário, a partir da esquerda superior): com Liza Minnelli em 1983 – “Eu a considero uma grande amiga no show business”, disse ele; com Paul McCartney em 1983; com Chuck Berry – cujas músicas ele cresceu ouvindo – no Grammy de 1978; com a atriz Tatum O’Neal, em 1978.*

Desenhos brilham silenciosamente na tela gigante posicionada na sala íntima. Michael diz que adora desenhos. Na verdade, ele adora todas as coisas “mágicas”. Essa definição é abrangente o bastante para incluir tudo desde Bambi até James Brown. “Ele é *tão* mágico”, diz Michael sobre Brown, admitindo que baseou sua coreografia nos movimentos de palco de seu padrinho. “Quando tinha seis ou sete anos, ficava nos bastidores. Eu sentava e o observava.”

O jardim de infância de Michael foi o subsolo do Apollo Theater, no Harlem. Ele era tímido demais para se aproximar dos artistas cujos shows eram abertos pelo Jackson 5 — de Jackie Wilson a Gladys Knight, The Temptations e Etta James. Mas ele diz que tinha de saber tudo o que eles faziam — como James Brown conseguia deslizar, dar uma volta e um split (spaccatti) e voltar antes que o microfone tocasse o chão. Como o próprio microfone desaparecia no chão do palco do Apollo. Ele rastejava escadas abaixo, ao longo de corredores e paredes, e escondia-se lá, espiando enquanto os músicos afinavam seus instrumentos, fumavam e jogavam cartas. Subindo novamente aos bastidores, ele ficava nas dobras protetoras da embolorada cortina marrom, observando e imitando suas atuações favoritas, para adicionar a



Revistas.PeruRadio.net.pe




Revistas.PeruRadio.net.pe

seu repertório de movimentos cada "double-dip" e cada "bump", "snap", e a "chicotada" com o microfone. Recentemente, para se atualizar, Michael foi ver uma apresentação de James Brown em Los Angeles. "Ele é muito empolgante. Pode levar o público a qualquer lugar que quiser. A platéia simplesmente enlouqueceu. Ele pôs pra quebrar – e na idade dele! Ele sai totalmente de si."

Sair de si é um tema recorrente na vida de Michael, seja dançando, cantando ou atuando. Como Testemunha de Jeová, Michael acredita em um holocausto iminente, que será seguido pela segunda vinda de Cristo. A religião é parte importante de sua vida, exigindo intenso estudo da Bíblia e encontros três vezes por semana em um templo. Ele nunca experimentou drogas e raramente chega perto de álcool. Apesar disso, seu espírito não é severo a ponto de impedir que ele embarque na fantasia.

"Sou um colecionador de desenhos", diz ele. "Tudo de Disney, Pernalonga, os antigos da MGM. Eu só encontrei uma pessoa que tem uma coleção maior do que a minha e fiquei surpreso — Paul McCartney. Ele é fanático. Sempre que vou a sua casa, vemos alguns. Quando viemos para cá trabalhar em meu disco, alugamos todos esses desenhos do estúdio – *Dumbo* e alguns outros. É puro escapismo. É como se estivesse tudo bem. Como se o mundo estivesse acontecendo em uma cidade distante. Está tudo ótimo."

"Na primeira vez em que assisti a *E.T.*, eu me desmanchei", diz ele. "Na segunda, chorei como um louco. E então, ao fazer a narração, senti como se estivesse lá, atrás de uma árvore, vendo tudo."

O envolvimento emocional de Michael foi tão grande que Spielberg encontrou seu narrador chorando no estúdio quando chegou à parte em que o E.T. está morrendo. Por fim, Spielberg e o produtor Quincy Jones decidiram deixar a voz de Michael ficar embargada. Lutar contra aquele sentimento seria contraproducente — algo que Jones já aprendera ao produzir *Off the Wall*.

"Eu tinha uma canção guardada para Michael, chamada "She's Out of My Life", recorda ele. "Michael ouviu, e houve uma sintonia. Mas, quando ele a cantava, chorava. Cada vez que a executávamos e chegava o final, eu olhava para o Michael e ele estava chorando. Eu disse: 'Voltaremos em duas semanas e vamos gravar de novo; talvez ela não faça você chorar tanto.' Voltamos, e ele começou a ficar lacrimejante. Então deixamos como estava."

Duas das faixas compostas por Jackson em *Thriller* reforçam essa postura defensiva. "They eat off you, you're a vegetable" [*Eles te devoram, você é um vegetal*], ele grita em "Wanna Be Startin' Somethin'". "Beat It", uma faixa de dança tensa e vigorosa, flerta com a paranoia: "You have to show them that you're really not scared/You're playin' with your life, this ain't no truth or dare/They'll kick you, then they beat you/Then they'll tell you it's fair" [*Você tem de mostrar a eles que não está mesmo assustado/Que está cuidando de sua vida, que isso não é um jogo,/Mas eles vão te chutar, depois te bater/E ainda vão dizer que é justo*].

Sim, ele diz que se sente usado e, sem detalhar, afirma apenas que, em sua profissão, "eles mandam você fazer isso e aquilo... Acham que são seus donos, eles acham que criaram você. Se você não tiver fé, enlouquece. Por exemplo, mandam não dar entrevistas. Se falo, digo o que penso, e isso pode parecer estranho aos ouvidos dos outros. Sou o tipo de pessoa que diz tudo, mesmo que seja segredo. E sei que há coisas que devem continuar secretas."

Para se proteger, Michael construiu uma série de comportas emocionais e cria situações em que pode realmente ficar à vontade. "Algumas circunstâncias exigem que eu fique quieto", diz ele. "Mas eu danço *todos* os domingos." Nesse dia ele também jejua.

Esse, sua mãe confirma, é um ritual semanal que deixa seu filho acabado, suando, rindo e chorando. Aliás, um ritual muito parecido com as apresentações de Michael. De fato, a carga das apresentações dos Jacksons recai pesadamente sobre seus estreitos ombros cobertos de lantejoulas. Não há nada de improviso em seus movimentos solo. Ele pode contrair seu longo e esbelto corpo na interpretação de um patinador sem precisar de gelo nem de patins. Ajudado pelo impacto das roupas justas e prateadas, ele parece alterar sua estrutura molecular e, em um segundo, passa de um movimento robotizado para outro cheio de ondulações.

Seu corpo é tão seguro que seus olhos frequentemente ficam fechados, o rosto voltado para cima, na direção de uma musa invisível. O peito sobe e desce. Ele ofega, arqueia e solta gritos agudos.

Em casa, no quarto, ele dança até cair. Michael diz que as sessões de dança aos domingos também são um modo eficiente de acalmar seu vício em palco quando não está em turnê. Às vezes, nesses períodos de "folga", algum outro artista o chama na platéia. E, no longo trajeto de sua cadeira até o palco, os dois Michaels se desentendem. "Fico lá sentado e digo: 'Por favor, não me chame, eu sou tímido demais'", diz Jackson. "Mas quando chego lá, assumo o controle. Estar no palco é mágico. Não tem nada igual. A gente sente a energia de todo o mundo. Sente no corpo todo. Quando as luzes iluminam você, não existe mais nada, eu *garanto*."

**REALEZA EM HOLLYWOOD**
*Com a atriz Brooke Shields e o ator Emmanuel Lewis após a festa do Grammy de 1984, em Los Angeles.*

Ele agora está sorrindo, sentado ereto, tentando explicar a falta de importância do mundo material.

"Quando chega a hora de ir embora, eu não quero ir. Eu poderia ficar no palco para sempre. É a mesma coisa quando faço um filme. O que é maravilhoso em um filme é que você pode se transformar em outra pessoa. Eu adoro esquecer. E às vezes a gente esquece completamente. É como ligar o piloto automático."

Durante as filmagens de *O Mágico Inesquecível,* ele se apegou tanto a seu personagem Espantalho que a equipe tinha de arrancá-lo literalmente do cenário e da fantasia. Ele estava em Oz e não tinha a menor vontade de sair de lá e ir para um quarto de hotel.

"Foi por isso que adorei fazer *E.T.* Eu estava lá de verdade. No dia seguinte, senti muita falta dele. Queria voltar para aquele lugar na floresta em que estava ontem. Eu queria estar *lá*."

Infelizmente, ele ainda está à mesa na sala de sua casa. Mas, apesar da visível tensão, ele consegue se segurar. E se ilumina com uma pergunta sobre seus animais. Ele diz que conversa todos os dias com seu zoológico. "Tenho dois cervos. Mr. Tibbs parece um carneiro: tem chifres. Tenho um lhama lindo. O nome dele é Louie." Ele também tem aves, como araras, cacatuas e uma ema.

"Fica aí", diz ele, "que eu vou lhe mostrar uma coisa." Ele sobe a escada de dois em dois degraus até o quarto. Embora eu saiba que somos as únicas pessoas em casa, eu o ouço falando com alguém.

"Ah, você estava dormindo? Desculpe..."



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

Em segundos, uma jiboia de 2,5 metros é colocada em cima da mesa. O réptil se aproxima numa velocidade assustadora.

“Este é o Muscles. Eu o treinei para devorar entrevistadores.”

Muscles, tendo chegado ao gravador e mostrado a língua com desdém, continua em direção à fonte de sangue quente mais próxima. Michael o pega quando seu focinho toca meu pulso.

“Sério”, ele insiste, “Muscles é muito amável. É tudo bobagem, essa história de cobras devorando pessoas. Além disso, Muscles nem está com fome; ele saboreou sua porção semanal de ratos vivos há poucos dias. Se a presença de um desconhecido causa algum efeito em Muscles, é um pouco de nervoso.”

Ele se enrola no torso do dono. Sua força transforma o antebraço de Michael em um nítido baixo-relevo de vasos sanguíneos tensionados. Para demonstrar a noção de equilíbrio do animal, Michael o coloca em um corrimão de sete centímetros e meio de largura, onde ele ficará, imóvel, por mais ou menos uma hora.

“As cobras são mal compreendidas”, diz ele. Eu comento que elas talvez sejam as vítimas mais antigas da crítica. Michael bate na mesa e ri. “A crítica... Não é mesmo, Muscles?”

A cobra levanta a cabeça por um instante e se acomoda novamente no corrimão. Nós três estamos um pouco mais relaxados.

“Sabe o que também adoro?”, Michael pergunta. “Manequins.”

É, ele está falando do tipo que a gente vê nas vitrines de Beverly Hills. Ele diz que, quando sua casa estiver pronta, terá um quarto sem mobília, só com uma mesa e um bando de manequins.

“Acho que eu quero é trazê-los à vida. Gosto de me imaginar conversando com eles. Sabe o que penso disso? Bom, acho que vou dizer. Sinto que estou acompanhado pelos amigos que nunca tive. Eu provavelmente tenho dois amigos. E são recentes. Um artista nunca sabe quem é seu amigo. As pessoas olham para você de um jeito diferente. Como uma estrela, não como um vizinho.”

Ele faz uma pausa e olha fixamente para as estátuas da sala.

“É isso. Eu me cerco de quem quero que seja meu amigos. E posso fazer isso com manequins. Vou conversar com eles.”

Isso não quer dizer que Michael não tenha amigos. Pelo contrário, as pessoas estão ávidas por ser suas amigas. Esse é o problema: com uma multidão espantosa batendo à sua porta, é necessário separar e classificar. Michael nunca teve um amigo de colégio. Nem um companheiro de brincadeiras. Nem uma namorada firme. Os dois amigos misteriosos que ele mencionou são seus primeiros amigos que são pessoas comuns. Quanto ao resto...

“Conheço gente no show business.”

Em primeiro lugar está Diana Ross, com quem ele compartilha seus problemas e seus “segredos mais profundos e obscuros”. No entanto, mesmo quando estão só os dois, o mundo deles é restrito. E tem o Quincy Jones, “que eu acho maravilhoso. Mas, sair do mundo do show business e ficar igual a todo o mundo...”

Para esquecer. Sair do papel de artista.

“Eu e Liza [*Minelli*], por exemplo. Agora, eu a consideraria uma grande amiga, mas uma amiga do show business. Ficamos lá conversando sobre um filme, e ela me conta tudo sobre Judy Garland. E aí ela diz: ‘Me mostra o que você fez no ensaio.’ ” Ele simula um passo de dança. “E eu digo: ‘Mostre o seu.’ Nós somos totalmente fãs das *performances* um do outro.”

Isso Michael não acha estranho nem inaceitável. Quando o fato de ser uma celebridade transforma qualquer gesto seu em performance é que ele tenta se proteger. Alguns astros simplesmente decidem seguir em frente, a qualquer preço. Diana Ross entrou bravamente com suas três filhas em uma loja de sapatos de Manhattan para que elas experimentassem tênis, apesar da multidão de 200 pessoas que se reuniu na calçada. Michael, que tem estado em uma bolha desde a idade da razão, consideraria isso intolerável. Ele vai a um único restaurante em Los Angeles, um local que serve comida saudável e cujos donos o conhecem. Para fazer compras, Michael tem uma secretária ou assistente que escolhe suas roupas. “A gente não tem paz em uma loja. Se não sabem seu nome, conhecem sua voz. Não dá para se esconder.”

Ele não diria que o amor é desagradável. Mas às vezes fere.

“Estar no meio da multidão *dói*. Você se sente como um espaguete passando por mil mãos. Eles rasgam suas roupas e puxam seus cabelos. E você acha que vai simplesmente se despedaçar.”

Por isso, Michael tem de viajar com uma discrição digna da filha de um paxá. Qualquer tentativa de turismo é feita atrás de óculos escuros, dos vidros fumê de uma limusine e do terno sombrio de um guarda-costas. Até mesmo nos hotéis, ele escuta mulheres berrando e correndo como um bando de ratos na parede.

“Mulheres no saguão, subindo as escadas. Você ouve o pessoal da segurança tirando-as dos elevadores. Mas fica no quarto e faz uma música. Quando se cansa de compor, fica falando sozinho. Então extravasa tudo no palco. É assim que funciona.”

Sem discussão — isso não é natural. Mas... e aqueles manequins? Será que não é assustador acordar no meio da noite e dar de cara com todos aqueles sorrisos de plástico?

“Ah, vou dar nomes a eles. Como as estátuas que você está vendo lá embaixo.” Ele faz sinal para o grupo na sala. “Elas têm nomes. É como se eu as conhecesse. Vou lá embaixo e converso com elas.”

Um ritmo nervoso sacode seu pé, e o recorte de jornal já foi destruído há muito tempo. Michael pede desculpas, explicando que não consegue ficar parado tanto tempo assim. Em um impulso, ele decide nos levar à casa em construção. Embora seus pais o tenham forçado a aprender a dirigir há dois anos, Michael raramente dirige. Quando o faz, recusa-se a trafegar por vias expressas, dando voltas de uma hora para evitá-las. Ele só aprendeu o caminho para algumas zonas “seguras” — as casas dos irmãos, o restaurante de comida saudável e o templo.

Antes de mais nada, Muscles precisa ser guardado. “Ele é amável mesmo”, diz Michael enquanto desenrosca a cobra do corrimão. “Eu gostaria de enrolá-la em você antes de você ir embora.”

Isso não é piada, e Michael não vai pressionar. Mas o medo de entrevistas pode ter raízes tão profundas quanto o medo de cobras e, ao consentir em falar, Michael ouviu a mesma coisa que está me dizendo agora: “Confie em mim. Isso não vai ferir você”.

Chegamos a um acordo. Muscles se enrola em meu tornozelo. A língua dele é seca. Faz cócegas. Se eu bloqueasse meu medo primitivo, poderia até achar que é o bigode de um gatinho. “Você acredita mesmo”, diz Michael, “que este animal não vai lhe fazer mal, não é? Mas existe esse medo, incutido pelo mundo e pelo que as pessoas dizem, que faz você se esquivar assim.”

Tendo defendido seu ponto de vista polidamente, Michael e Muscles desaparecem escada acima.



Revistas.PeruRadio.net.pe

"Oi, Michael."

Algumas mensagens como esta estão rabiscadas na pintura de uma placa no portão de aço da entrada da casa. Há cachorros, uma cerca e seguranças, mas mesmo assim as mocinhas continuam à espreita, em carros e nos arbustos.

Enquanto Michael me guia pela mansão de dois andares em estilo Tudor, fica bem claro que ele vai dormir em um quarto quase monástico em comparação com os que mandou projetar para seus prazeres e os que reservou para suas irmãs Janet e LaToya, que pensaram em cada detalhe de suas suítes revestidas de papel de parede. "As meninas são detalhistas", ele explica, passando por cima de uma serra elétrica em seu quarto. "Eu não me importo. Eu só queria espaço para dançar e colocar meus livros."

Os lugares que Michael examina com mais cuidado são os reservados à recreação. "Vou colocar tudo aqui dentro", diz ele, "para nunca ter de sair e ir lá fora." Nesse "tudo" estão uma sala de cinema com dois projetores profissionais e um alto-falante gigante. E tem uma sala de ginástica, uma para videogames e outra com um sistema de vídeo com uma tela gigante. Além disso, há uma enorme sala perto do quintal nos fundos da casa que foi criada para ser a Sala dos Piratas. Ela não será muito decorada, mas povoada. Mais manequins. Mas esse grupo vai responder. Michael tem consultado um técnico da Disney, exatamente a pessoa que projetou as figuras de audio-animatronics para a atração Piratas do Caribe, da Disneylândia. Se tudo correr bem, ele instalará aqui vários piratas brandindo seus fuzis com cara de maus e velhos lobos do mar. "Não vai ser como um parque de diversões", diz Michael. "Mas vai haver canhões e tiroteio entre piratas. Eles vão ficar gritando uns com os outros e vai ter luzes, sons e tudo."

Piratas é uma de suas atrações favoritas na Disney. E o local é um dos poucos dos quais nem Michael consegue ficar longe. Às vezes ele para em um estande de mágica e compra uma daquelas máscaras de Groucho Marx — óculos falsos com um nariz acoplado. Mas o melhor é quando a equipe o leva pelos túneis e portas dos fundos. Atravessar de dia o pátio do castelo da Bela Adormecida é de matar. "Ontem mesmo, à noite, eu tentei ir lá, mas estava fechado", diz ele com certa incredulidade.

Quando voltamos ao condomínio, Michael percebe que uma cópia de teste de "The Girl Is Mine" foi entregue. Isso é trabalho. Ele explica que precisa examinar o material antes do lançamento e vai ao escritório para ouvir no aparelho de som. Antes que a gravação termine, ele já aperta as teclas do telefone. Entre telefonemas para contadores e empresários, ele me diz que toma todas as decisões, até a colocação da última lantejoula em suas roupas de palco — as únicas com as quais se importa. Michael diz que sabe ser implacável na hora de escolher empresários, músicos e promotores de shows. Ele avalia o desempenho de cada um com o rigor de um repórter investigativo, pedindo opiniões a seus irmãos, aos colegas do meio artístico e até mesmo a jornalistas. Embora acredite que seu talento vem de Deus, ele tem plena consciência de seu valor no mercado. Nunca é impositivo nem autoritário, mas gosta de ser respeitado. Não lhe pergunte, por exemplo, há quanto tempo ele está com determinada empresa do show business. "Pergunte-me", ele corrige, "há quanto tempo eles estão comigo."

Quem já trabalhou com ele não tem dúvidas sobre sua capacidade – mesmo aqueles para quem ele é apenas um astro infantil. "Ele tem controle total", diz Spielberg. "Às vezes ele parece um tanto indeciso diante de coisas que não estão claras, mas existe um grande e consciente planejamento em tudo o que decide fazer. Ele é sagaz em relação a sua carreira e às escolhas que faz. Acho que ele é claramente um homem com duas personalidades."

Quando Michael estava procurando um produtor para seu álbum solo, Quincy Jones ficou feliz por receber uma mensagem dele, porque sabia que Michael era de uma classe especial. Como o próprio Jones diz, algumas coisas lhe deram a pista. Primeiro, houve a cerimônia do Oscar na qual ele viu Michael, com 14 anos de idade, apresentar uma canção de amor por um roedor fascista ("Ben") com uma segurança impressionante. Anos mais tarde, ao trabalhar com ele na trilha sonora de *O Mágico Inesquecível*, Jones diz: "Eu enxerguei outro lado. Observando-o no contexto de ator, percebi muitas coisas dele como cantor, e essas coisas me abriram os olhos. Vi uma profundidade que nunca esteve aparente. E vi um comprometimento. Vi que Michael estava crescendo."

No estúdio, Jones percebeu que seu profissionalismo tinha amadurecido. Na verdade, o faro de Michael para coisas que cheiram mal é tão poderoso que Jones começou a chamá-lo de Smelly [*fedorento*]. Felizmente, quando rumores no mercado sugeriam que aquela parceria provavelmente não daria certo, Smelly continuou determinado e se concentrou ainda mais em seus ritmos. Aliás, as cenas de dança mais memoráveis de *Off the Wall* são as das músicas escritas por Jackson. "Working Day and Night", com sua hábil pontuação e o uso da respiração como elemento rítmico, só podia ter sido escrita por um dançarino. "Don't Stop 'Til You Get Enough", o single mais vendido do álbum, se equilibra entre o comedimento e o abandono com a mesma levada contagiante. A música começa com Michael murmurando enquanto um baixo firme, ao fundo, repete sempre as mesmas notas:

"You know, I was wonderin'... you know the force, it's got a lot of power, make me feel like a... make me feel like..." [*Sabe, eu estava pensando... você conhece a força, ela traz muito poder, faz com que me sinta um.. me faz sentir como um...*]

*Ooooooh*. O menino medroso se transforma em um "disco monster", com as cordas fluindo agitadas e um grito agudo catártico, sensual. A introdução tem dez segundos de uma tensão pop perfeita. A energia da dança é o cartão de boas-vindas. O arranjo — alto, cordas ágeis e vocais sobre um ritmo bem marcado que ele domina — é a assinatura de Michael. Smelly, o duende medroso.

Funciona. Alguém como Michael é o perfeito híbrido pop dos anos 1980. *Thriller* é eclético o bastante para incluir cânticos africanos e o excelente toque másculo da guitarra de Eddie Van Halen. Isso tem sido chamado de pop-soul pelo pessoal de marketing. Michael diz que não se importa com o nome que as pessoas dão ao que ele faz. Como foi que as coisas aconteceram ainda é um mistério para ele – bem como o próprio processo criativo.

"Eu acordo de um sonho e penso: 'Uau, vou colocar isso aqui no papel' ", diz ele. "A coisa toda é estranha. Você escuta as palavras, tudo está exatamente ali, na sua cara. E você diz para si mesmo: 'Lamento, mas não fui eu quem escreveu isso. Já estava aí.' É por isso que eu detesto receber o crédito pelas músicas que fiz. Eu sinto



Revistas.PeruRadio.net.pe

que elas foram feitas em algum lugar, não sei onde, e eu sou só o mensageiro que as entrega ao mundo. Eu realmente acredito nisso. Amo o que faço. Sou feliz com o que faço. É puro escapismo."

Novamente, aquela palavra. Michael tem razão. Não existe melhor definição para um bom pop norte-americano bem-intencionado. Poucos compreendem isso melhor do que Diana Ross, aquela adolescente da gravadora Tamla que se tornou a diva atual do pop. A proximidade entre ela e Michael começou quando Diana foi apresentada aos Jackson.

"Não, eu não os descobri", diz ela, contradizendo o mito. O dono da Motown, Berry Gordy, já os tinha encontrado. Ela só os apresentou em seu especial de 1971 na TV. "Não havia empatia entre Michael e mim", diz ela. "Eu era mais velha, ele mais ou menos me idolatrava e queria cantar como eu."

Ela gosta de ver que Michael está se tornando ele mesmo. Além disso, ela gostaria que ele saísse ainda mais. Ele queria que eles fizessem tudo juntos. Ela insistiu para que ele seguisse sozinho.

"Ele passa muito tempo, tempo demais, sozinho. Eu tento fazê-lo sair. Aluguei um barco e levei meus filhos e Michael em um cruzeiro. Michael tem muitas pessoas à sua volta, mas tem muito medo. Não sei por quê. Acho que isso vem de muito tempo."

As amigas de Michael no show-business, muitas das quais não são vistas como maternais, cobrem grandes distâncias para produzi-lo, empurrá-lo para o mundo e deixá-lo confortável. Quando ele está em Manhattan, Ross o encoraja a ir ao teatro e às casas de espetáculos e, como recompensa, lhe oferece fins de semana tranquilos em sua casa, em Connecticut. Em bilhetes e telefonemas, Katharine Hepburn tem estimulado as atuações dele.

Michael gravou muitos desses conselhos em notebooks e em fita. A visita a Jane Fonda — que ele conhece desde que a encontrou em uma festa em Hollywood há alguns anos — na filmagem de *Num Lago Dourado*, acabou se tornando um curso intensivo. Em uma versão invertida de suas cenas com o "neto emprestado" no filme, Henry Fonda levou o amigo roqueiro de sua filha ao lago e ensinou-o a pescar. Eles ficaram sentados no píer por horas, falando de trutas e de teatro. Quando Henry morreu, Michael passou a noite com a viúva, Shirlee, e os filhos dele, Jane e Peter. Ele conta que eles apenas ficaram lá, rindo e chorando, e assistindo ao noticiário. A facilidade com que Michael foi aceito pela família não surpreendeu Jane Fonda. Michael e o pai dela se deram naturalmente bem, diz ela, porque eram muito parecidos.

"Papai também era penosamente autoconsciente e tímido", diz ela, "e no fundo só se sentia confortável quando se escondia atrás de um personagem. Ele podia se soltar quando estava na pele de outra pessoa. Muito parecido com o Michael."

"De certa forma", ela continua, "Michael me lembra um caminhante ferido. Ele é extremamente frágil. Eu acho que tocar a vida, fazer contato com as pessoas, já é difícil, mas é muito menos do que se preocupar com o rumo que o mundo está tomando."

"Lembro que um dia eu estava dirigindo com ele ao lado e disse: 'Meu Deus, Michael, eu adoraria achar um filme que eu pudesse produzir para você.' E de repente eu descobri. Eu disse: 'Eu sei o que você tem de fazer. É *Peter Pan*. Lágrimas brotaram de seus olhos e ele disse, com certa ferocidade: 'Por que você disse isso?' Eu disse: 'Eu percebi que você é o Peter Pan.' Ele começou a chorar e disse: 'Eu sei, eu tenho imagens do Peter Pan em todas as paredes do meu quarto. Eu li tudo o que o [*autor J. M.*] Barrie escreveu. Eu me identifico totalmente com o Peter Pan, o garoto perdido da Terra do Nunca.' "

Ao ouvir que Francis Ford Coppola talvez estivesse fazendo uma versão filmada, Fonda mandou-lhe um recado, dizendo que ele devia falar com Michael. "É, eu consigo vê-lo", diz ela, "liderando as crianças perdidas em um mundo de mágica e fantasia."

No livro, esse mundo de fantasia fica "na segunda estrela à direita, seguindo direto até o amanhecer" — não é um caminho menos estranho, observa Jane Fonda, que a própria jornada de Michael Jackson desde Indiana.

"De Gary", ela diz, "direto para Barrie."

"TODAS AS CRIANÇAS CRESCEM, EXCETO UMA." Esta é a primeira linha do livro favorito de Michael — e se você perguntar a Katherine Jackson se ela acha isso parecido com o que aconteceu com sua própria "ninhada" de nove filhos, ela rirá e dirá que sim, que esse é seu quinto filho.

**SOB O REFLETOR**
*Jackson se apresenta em 1981. "Estar no palco é mágico", disse ele à* ROLLING STONE. *"Quando chega a hora de ir embora, eu não quero ir. Eu poderia ficar no palco para sempre."*

Cinco filhos — Maureen, Tito, Jackie, Jermaine e Marlon — casaram-se e têm famílias. LaToya é uma jovem independente. Aos 13 anos, Janet estava estrelando a sitcom *Good Times*. Agora, ela tem seu próprio single de sucesso, "Young Love", e aparece na sitcom *Minha Família é uma Bagunça*. Aos 20 anos, o caçula Randy já mora sozinho. Michael garante que morreria se tentasse isso.

"Uma vez, LaToya me disse que acha que eu superprotegi todos eles", disse a Sra. Jackson. "Mas, naquelas circunstâncias, eu realmente acho que não."

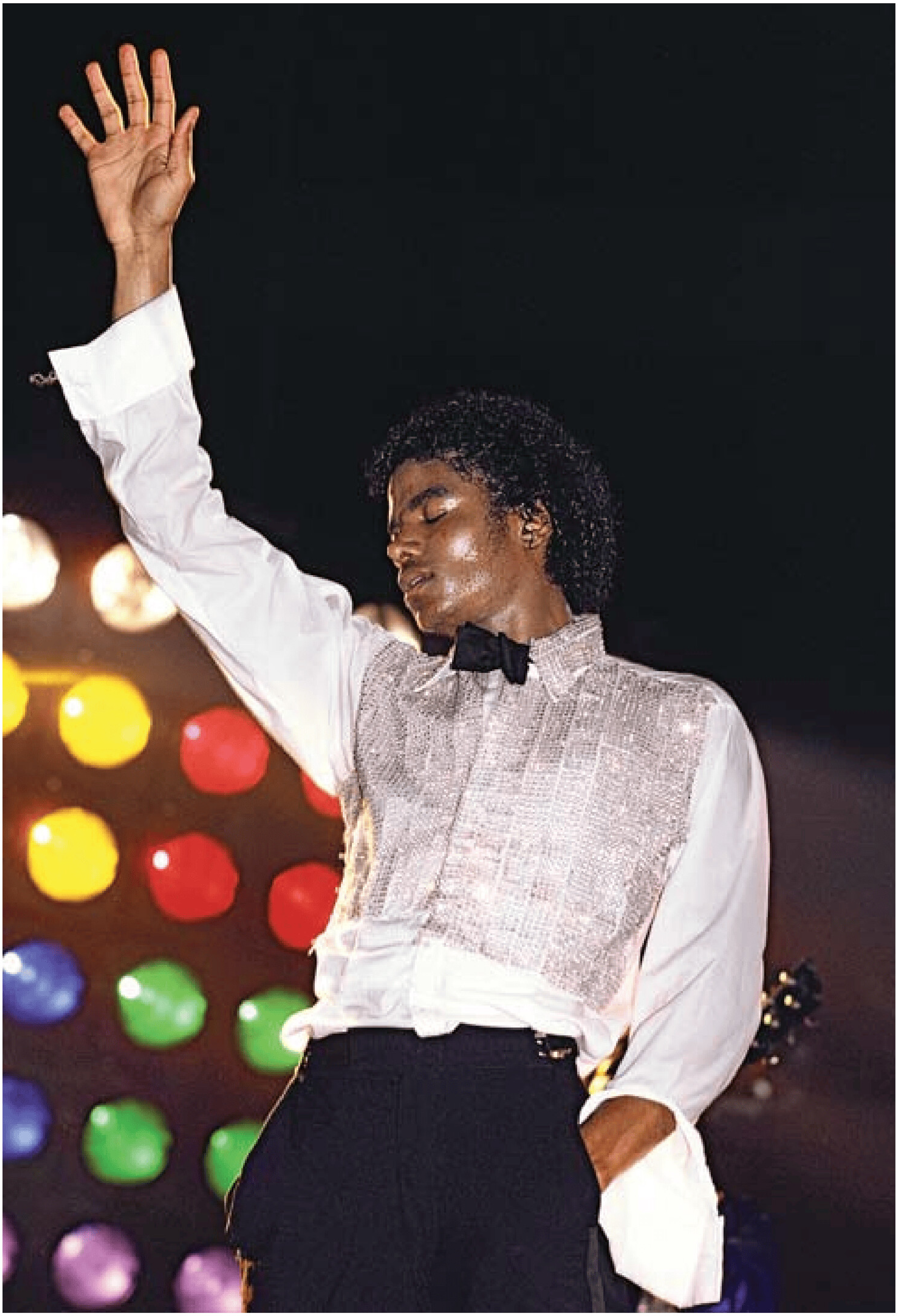
Quando se casou, ela foi morar na fria cidade industrial de Gary, em Indiana, bem perto de Chicago. A família que crescia forçou Joe Jackson a dissolver o Falcons, um grupo de R&B que ele tinha formado com seus dois irmãos. O máximo que eles tinham conseguido era fazer covers de Chuck Berry e Fats Domino em casas locais. A guitarra foi para o armário, e Jackson foi trabalhar em fundições de aço como operador de guindaste. O orçamento da família não tinha muita sobra para brinquedos, mas havia um velho saxofone, um tamborim, alguns bongôs e uma coleção caseira de canções da infância de Katherine. Ela ensinou às crianças tudo o que conseguiu lembrar. "Eram só coisas simples", diz ela, "como 'Cotton Fields' e 'You Are My Sunshine'."

A harmonia foi crescendo junto com a família. Jackie, Jermaine e Tito começaram a cantar, com Tito na guitarra e Jermaine no baixo. Marlon então subiu a bordo. Um dia, o pequeno Michael, que gostava de batucar, surpreendeu sua mãe ao cantar imitando os vocais de Jermaine, em seu falsete infantil. "Acho que temos outro solista", disse ela ao marido. Os irmãos concordaram.

"Ele tinha tanta energia que, aos cinco anos, já era uma espécie de líder", diz Jackie, o irmão mais velho, aos 31 anos.



Revistas.PeruRadio.net.pe





Revistas.PeruRadio.net.pe

"Nós percebemos isso. Então dissemos: 'Ei, Michael, você vai ser a voz principal.' O público aceitou numa boa. Na época, ele estava curtindo aquelas coisas do James Brown, sabe? O macete era a velocidade. Ele via alguém fazer alguma coisa e fazia igual, na mesma hora."

"Era meio assustador", diz sua mãe. "Ele era tão novinho... Não saía muito para brincar. Então, pra dizer a verdade, eu não sei onde ele aprendeu. Ele simplesmente sabia."

Ali pelos sete anos de idade, Michael era um monstro na dança, criando a coreografia para o grupo inteiro. Os pequenos palcos locais estavam perdendo espaço para salas maiores, em cidades distantes. Joe Jackson passava os fins de semana e noites como motorista, produtor, empresário e diretor musical. Ele ensinou Michael a explorar o palco e manusear um microfone. Michael não se lembra de seu pai ter tornado isso divertido; os garotos sempre souberam que aquilo era trabalho. As regras eram severas. As notas no colégio tinham de ser mantidas, mesmo com cinco shows por noite, senão o faltoso seria tirado da estrada. Quando a Motown chamou, Joe levou os garotos para Detroit e Katherine ficou em Gary com as outras crianças. Ela diz que nunca realmente se preocupou com os filhos até que foi a um show e ouviu os gritos da plateia. "Toda vez que eu ia a um show, ficava preocupada, porque às vezes as meninas queriam entrar no palco e eu as via chorando por Michael", diz Katherine. "Ele era tão pequeno, e elas eram tão grandes..."

Além disso, houve alguns incidentes sérios, um deles tão assustador e bizarro que fez uma jovem ser internada em uma instituição mental. Por isso Katherine Jackson tomou para si o trabalho de conversar com algumas dessas garotas selvagens e importunas. O que é mais esquisito, segundo Katherine, é que elas fazem isso em nome do amor. "São tantas!", diz ela. "Eu não tenho ideia do que passa por suas cabeças. É por isso que fica difícil para meu filho arranjar uma esposa."

Michael está ciente da impossibilidade dessa tarefa, talvez resignado com isso. Ele gostaria de ter filhos no futuro, mas diz que provavelmente os adotaria. Por enquanto, ele só tem de ir à casa de um de seus irmãos e é imediatamente soterrado pelos sobrinhos. De qualquer modo, ele diz que se entende melhor com as crianças do que com os adultos. "Elas não usam máscaras."

As crianças e os animais podem meter o nariz nos espaços mais íntimos de Michael. É o show de horrores do showbiz que torna seu próprio amadurecimento tão público e tão difícil. Com paciência e bom humor, ele viu nascerem boatos corriqueiros, como o de troca de sexo, e acusações de paternidade vindas de mulheres que ele nunca tinha visto. Mas isso o afetou claramente. "Billie Jean", em *Thriller*, é uma negação veemente de paternidade: "the kid is not my son" [*o garoto não é meu filho*]. Na verdade não houve ninguém especial. Michael diz que não tem pressa de entrar em uma relação romântica.

"É como o que eu te falei sobre encontrar amigos", diz. "Com isso, é mais difícil ainda. Com tantas garotas em volta, como é que eu posso saber?"

"Só estou aqui para ver um amigo."

Michael está tentando polidamente se livrar de uma jovem inquisidora, montada na última palavra em equipamento de vídeo. Ela está bloqueando o corredor que dá para um labirinto de camarins no subsolo do L. A. Forum.

"Eu posso dizer aos meus espectadores que Michael Jackson é fã do Queen?"

"Eu sou fã do Freddie Mercury", diz ele, desviando dela para chegar a uma grande sala cheia de esposas, técnicos, amigos e membros da banda Queen. Um grandalhão, com jeito de jogador de futebol americano, está comandando o cantor Freddie Mercury em exercícios de alongamento, para fazer seus músculos cansados suportarem o último show da turnê do grupo pelos Estados Unidos. A banda está alegre. Michael fica à porta, calado, tímido, até que Freddie o vê e se levanta de um salto para lhe dar um abraço.

Freddie convidou Michael. Ele ficou ligando a semana inteira, para falar da possibilidade de trabalharem juntos. Decidiram tentar no próximo álbum dos Jacksons. Embora eles sejam bem diferentes — recentemente, Freddie comemorou o aniversário pendurando-se pelado em um lustre —, os dois têm um clima de cordialidade desde que Michael ouviu o material que o Queen gravou para *The Game* e insistem que o single tinha de ser "Another One Bites the Dust".

"Agora ele me ouve, não é, Freddie?"

"É isso aí, irmãozinho."

O grandalhão acena. Com um cigarro na mão, Freddie aponta para umas bandejas de frutas, carne branca e doces. "Você e seus amigos podem ficar à vontade."

Nossa escolta, um guarda-costas desajeitado, mas de rosto agradável, está consultando a segurança sobre lugares para sentar. Havia umas garotas de tocaia do lado de fora do condomínio quando Michael correu para a limusine e garotas tentando ver através do vidro fumê quando a porta foi trancada. Isso tudo era muito enigmático para o convidado de Michael, que estava esperando no carro.

Ele é um amigo de verdade, uma das "pessoas comuns", tão normal que passa despercebido pelos olhos habituados dos caçadores de celebridades. Ele nunca foi a um show de rock e nunca viu Michael se apresentar. Ele diz que espera ver, mas o principal é que eles passam um tempo juntos. Às vezes, seu irmão caçula os acompanha. Na maior parte do tempo, eles só falam das "coisas normais de sempre", diz o amigo. Para Michael, é outro tipo de mágica.

No momento, entretanto, o assunto é o show business, como sempre. Boatos, para ser mais claro. Michael está perguntando a um dançarino sobre a recente crise de um superastro decadente. Ele quer saber qual foi o problema. Em resposta, o dançarino leva um dedo a uma das narinas. Michael faz que sim com a cabeça e traduz para seu amigo: "Drogas. Cocaína."

Michael admite que ele próprio vem lidando com esse boato e a toda hora ouve que os famosos revelam que precisam



Revistas.PeruRadio.net.pe



**PRÊMIOS**
*Michael e Quincy Jones no Prêmio Grammy, em 28 de fevereiro de 1984, na noite em que ele ganhou oito prêmios — um recorde —, inclusive o Álbum do Ano, por* Thriller.

fugir. "Escapismo", diz. "Eu entendo. Realmente."

Mas os vícios são outra coisa. "Eu sempre quero saber o que faz artistas se esfacelarem", diz ele. "Eu sempre tento descobrir. Porque eu simplesmente não acredito que as mesmas coisas os atingem o tempo todo." Até agora, seus próprios vícios — o palco, a dança, os desenhos — são livres de toxinas.

Alguma coisa está influenciando Michael agora, mas não é nada químico. Ele está zunindo como uma abelha presa em um pote de geléia. "É a sala em que estamos", ele explica. Neste exato lugar, e por tantas vezes, ele forçou e levou ao limite suas cordas vocais, e ficou fora de si, inquieto, tremendo como um cavalo de corrida enquanto deslizava para dentro de sua roupa de lantejoulas.

"Eu não consigo aguentar isso", grita levemente. "Não consigo nem ficar parado."

Ele está a ponto de precisar ser contido, para seu próprio bem. Randy Jackson entra a toda na sala, refreia o irmão com um abraço de urso e o ajuda a dissipar um pouco da energia com um pequeno golpe de luta livre. Esta não é a mesma criatura que tentou se esconder atrás uma batatinha chip. Agora, Michael está boxeando com o guarda-costas e perguntando a todo instante pelas horas, até que o homem, misericordiosamente, lhe dá um tapinha no ombro e diz: "Vamos embora."

Freddie Mercury e sua turma já começaram a descer o estreito corredor e, antes que alguém possa alcançá-lo, Michael vai em seu encalço, avançando na direção do rugido da multidão lá fora e saltando para conseguir vislumbrar Freddie, que está com o punho em riste, prestes a subir a escada para o palco.

"Ooooh, Freddie está a toda", diz Michael. "Eu estou com inveja dele agora. Você não sabe quanto."

O último integrante da banda toma a escada e a cortina negra do palco se fecha. Michael volta e se deixa levar para a escuridão da arena.



Revistas.PeruRadio.net.pe



OS ÁLBUNS
BAD

# MAIOR, MAIS PESADO, MAIS ARRISCA

Michael levou dois anos para fazer seu álbum seguinte, com um objetivo: superar *Thriller*. Por Jon Dolan

Revistas.PeruRadio.net.pe



# DO

**MAIS RESISTENTE QUE O COURO**
*Michael durante a turnê* Bad, *que atraiu 4,5 milhões de fãs entre setembro de 1987 e janeiro de 1989*

Revistas.PeruRadio.net.pe

MICHAEL JACKSON NUNCA FOI TÍMIDO EM RELAÇÃO AO GRANDE OBJETIVO DE SUA carreira pós-Thriller: vender mais que *Thriller*. O produtor Quincy Jones, que voltou para conduzir *Bad*, não estava tão seguro. "Descobrir como vender mais do que 38 milhões de discos?", disse ele em 1987. "Eu não sei como fazer isso. Está nas mãos de Deus." ★ Se *Bad* não tivesse sido ofuscado por suas expectativas, sua badalação, seu orçamento – se tivesse sido recebido apenas como 11 músicas de um grande artista –, talvez tivesse sido considerado uma obra-prima. Foi o último disco verdadeiramente grande de Jackson, que equilibra brilhantemente seu lado de modelo do pop-soul com seu lado alienado e raivoso. ★ "Michael queria fazer um disco durão", lembrou Jones. Era uma boa hora para reformulação.




A turnê *Victory* dos Jacksons em 1984, apesar da receita bruta de US$ 75 milhões, tinha sido um ponto baixo na carreira. Os ingressos foram tão caros que Jackson pediu desculpas em uma entrevista coletiva antes da turnê, e o show foi prejudicado por uma encenação embaraçosa e efeitos especiais bobos (como Michael sendo caçado por uma aranha gigante). As matérias sobre ele estavam começando a parecer mais importantes do que sua música: o lhama como animal de estimação, seu velho amigo chimpanzé Bubbles, a câmara hiperbárica, a tentativa de comprar os ossos do Homem Elefante. O empresário de Jackson, Frank DiLeo, admitiu que Michael se tornara "um misto de E.T. e Howard Hughes".

O Jackson de *Bad* era mais duro, menos "fofinho", ampliando a intensidade da música. As batidas eram de uma intensa pegada pop, as guitarras eram tórridas e as texturas sintetizadas eram indistintas e insinuantes. Parecia *Thriller* com esteroides: o dueto com Stevie Wonder, "Just Good Friends", era uma visita à fórmula do dueto de Jackson com Paul McCartney, "The Girl Is Mine". "Liberian Girl" tinha alguma coisa de "Billie Jean". "Leave Me Alone" foi o primeiro ensaio antimídia de Jackson (no vídeo, ele canta de dentro de páginas de jornais sensacionalistas); "Smooth Criminal" tinha imagens de gângsteres e insinuações de violência. Até mesmo o alegre refrão do pop-soul "The Way You Make Me Feel" – "It ain't nobody's business" [*Ninguém tem nada com isso*] – tinha uma dureza recém-encontrada.

Isso também se traduzia em mais rock and roll. "Ele ficou me perguntando sobre bandas: 'Você conhece Mötley Crüe?' ", lembra o guitarrista Steve Stevens, que tocou em "Dirty Diana". "Semanas depois, vi Eddie Van Halen, e disse a ele que tinha trabalhado com Michael. Eddie disse: 'Ele gostou das notas agudas?' E Michael tinha curtido – ele gostou daquela pegada roqueira. Quando nos conhecemos, eu vestia couro brilhante, e ele estava de mocassins. Eu indiquei a ele o cara que fazia minhas roupas."

Comparado com *Thriller*, que levou três meses, *Bad* demorou dois anos para ser feito e custou US$ 2 milhões. Jackson tinha 62 músicas e queria lançar 33 delas como álbum triplo, até que Jones o demoveu. O mundo carnavalesco que o astro habitava insinuou-se durante as gravações. Bubbles cavalgou o cão dinamarquês do engenheiro de som, e Crusher – a jiboia de Jackson, com 136 kg e 6 metros – provocou um "pequeno ataque cardíaco" no tecladista Greg Phillinganes, segundo Jones. Amigos como Oprah Winfrey e Robert De Niro deram apoio moral, enquanto Jackson e Jones se debruçavam sobre cada trecho, buscando a perfeição. "Era muito estresse", disse o guitarrista David Williams. "Eu tocava a mesma parte cinco vezes em cada música."

As tentativas de arrebanhar colaborações de superastros também foram problemáticas. Jones tinha concebido "Bad" (cujo título de trabalho era "Pee") como um dueto com Prince, imaginando um vídeo arrasador no qual ambos colocavam-se em posição de defesa, "como lutadores". Jones arranjou uma reunião entre os dois, mas Prince, depois de ouvir a música, declinou. "Ela será um sucesso mesmo que eu não esteja nela", disse ele, enquanto saía da reunião. Barbra Streisand não quis fazer o dueto na balada "I Just Can't Stop Loving You".

Um dos acréscimos finais ao álbum foi "Man in the Mirror". O compositor Glen Ballard agarrou Jones pela roupa em uma festa e perguntou se ele ainda precisava de músicas novas para Michael. "Claro", exclamou Jones. "Eu preciso de um sucesso!"

"Eles estavam encerrando as gravações, e Quincy disse: 'Você não tem nada para nós?' ", diz Ballard. "Então Siedah Garrett compôs 'Man in the Mirror' em um sábado à noite, na minha casa. Não deu tempo de apresentar melhor a música, então achei que não tinha chance, mas Quincy a tocou para Michael, e ele disse: 'Crie uma faixa'. Foi um momento mágico, e tinha tudo a ver com a interpretação vocal de Michael. Nos dois últimos minutos, Jackson começou a fazer aquelas invocações mágicas: todos os 'shamons' e 'oohs'. Ele colocou essa parte por conta própria. Nós não conseguiríamos escrever aquilo."

Siedah Garrett teve uma surpresa extra quando acabou cantando com Jackson em "I Just Can't Stop Loving You". Ela achou que estava indo ao estúdio para ouvir a mixagem final de "Man in the Mirror" e estava sentada lá, tricotando, quando Jones lhe pediu para entrar na cabine de som. Lá ela viu estantes de música com a melodia marcada com o nome dela e o de Jackson, e ele entrou na cabine ao lado dela.



Revistas.PeruRadio.net.pe



**ESQUADRÃO... DE SUCESSOS**
*Jackson, Jones e o engenheiro Bruce Swedien (a partir da esquerda) nos Westlake Studios, em 1986*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Para se aquecer e pegar o embalo, Jackson dançou na cabine de voz antes de cantar a letra da música. "Eu estava olhando por uma janela [*para a cabine de voz*], e estava tudo escuro," diz o engenheiro Bruce Swedien, descrevendo a sessão de gravação de "The Way You Make Me Feel". "Eu só conseguia ver o microfone. Ele cantava a parte dele e desaparecia na escuridão. Mas quando chegava a hora de cantar a sua parte, ele voltava imediatamente para a frente do microfone no momento exato."

Quando finalmente o álbum foi concluído, a CBS Records fez todo o possível para promovê-lo. A faixa-título foi licenciada para a Pepsi usar em um comercial – um clipe de quatro minutos que dizia aos consumidores de refrigerantes: "I'm bad, I'm bad, I'm bad . . . and Pepsi's cool!" [*Sou mau, sou mau, sou mau... e a Pepsi é ótima!*]. A CBS Records promoveu o álbum com um especial de meia hora na TV, calculadamente intitulado *Michael Jackson... A Volta da Magia*. A CBS levou a Los Angeles 50 grandes especialistas das rádios e do varejo, que ouviram o álbum no Crystal Ballroom do Beverly Hills Hotel e foram depois conduzidos a um jantar na casa nova em folha de Jackson, Neverland.

A capa de *Bad* era para garantir que os consumidores recebessem a mensagem sobre a nova identidade, máscula, de Jackson: uma foto aerografada do rosto maquiado de Michael emoldurado por uma renda floral negra foi substituída no último minuto por uma foto dele como um homem viril e atraente em roupas de couro contra um fundo branco. O novo Michael teve sua estreia na MTV com o vídeo de "Bad", que tentava conquistar as ruas. Jackson esperava conseguir George Lucas ou Steven Spielberg para dirigir o clipe, mas DiLeo o convenceu a fazê-lo com Martin Scorsese. Filmado no Harlem e em uma plataforma de metrô no Brooklyn, coestrelado por um jovem Wesley Snipes, "Bad" retrata Jackson como um garoto de escola particular enfrentando a gangue na qual crescera. O coreógrafo que criou as cenas de luta em *Touro Indomável* foi trazido. Jackson insistiu em incontáveis tomadas – a cena em que ele enfrenta Snipes foi filmada 40 vezes.

**FOLGA EM ROMA**
*Michael em Roma com a polícia local, em maio de 1988. Consta que ele passou uma noite na cidade passeando pelas ruas com uma peruca e um bigode.*


"Nós estouramos o cronograma; foram duas semanas e meia só na sequência de dança", Scorsese lembra a respeito da dança das gangues que compõe a parte principal do vídeo. A versão completa não-editada chegou a 18 minutos e permaneceu por duas décadas como o videoclipe mais longo de todos os tempos.

"Não estava nele fazer as coisas pela metade – ele queria fazer algo eterno", diz Ballard. "Ele estava sempre pensando no legado que iria deixar." No ano de lançamento, *Bad* vendeu seis milhões de cópias e colocou cinco singles no primeiro lugar.

Antes de Jackson começar a se chamar Rei do Pop, ele descreveu a si mesmo com um epíteto menos triunfal: "o homem mais solitário do mundo". A genialidade de *Bad* foi sua capacidade de retratar honestamente esse isolamento e, ao mesmo tempo, criar uma música provocante e dramática. O álbum vendeu 30 milhões de cópias no mundo todo e, se os 38,5 milhões de *Thriller* não foram alcançados, Michael provou uma coisa: ele podia falhar com mais grandeza do que qualquer pessoa do planeta.



Revistas.PeruRadio.net.pe



OS ÁLBUNS
DANGEROUS

# NO LIMITE

No início dos anos 1990, Jackson reapareceu com um novo produtor e uma nova sonoridade para realizar seu passo mais ousado. Por Jon Dolan

Revistas.PeruRadio.net.pe



**SUPER JAM**
*Michael no palco,no Super Bowl, acompanhado pela guitarrista Jennifer Batten, em 1993*

Revistas PeruRadio.net.pe

Em 1989, a indústria da música se reuniu no "Soul Train" Music Awards para dar algo em troca ao homem que ajudou a salvá-la na década da MTV. Em pé no palco, em frente a uma sala cheia de celebridades de smoking, Elizabeth Taylor, presente para entregar a seu grande amigo Michael Jackson um Heritage Award, coroou-o com o título de "o verdadeiro Rei do Pop, do Rock e do Soul". ★ Mas, no momento em que Jackson aceitava o prêmio, o mundo da música mudava à sua volta: se os anos 1980 trataram de realezas com um só nome (Michael, Bruce, Madonna, Prince), o despontar dos anos 1990 tratava de estilos fragmentados (hip-hop, grunge, industrial, techno). Michael Jackson era o superastro que tinha mais a perder, e sua resposta, *Dangerous*, de 1991, era seu movimento mais ousado até então. Reconhecendo a imensa mudança que a música negra havia experimentado na era hip-hop, Jackson descartou Quincy Jones, o homem com quem tinha feito gravações desde a época da música "disco". "Michael estava crescendo", lembra Bill Bottrell, que trabalhou com Jackson por muito tempo, inclusive em *Dangerous*. "Ele não precisava mais ter um relacionamento com uma figura paterna como a que ele tivera com Quincy. Ele precisava renovar seu senso de controle e, ao mesmo tempo, procurar coisas novas."




Durante um período, Jackson vinha tentando encontrar um som mais tenso (versões de "Black or White" estavam rolando por aí desde os dias de *Bad*), mas nada que ele ou sua equipe tinha produzido parecia apropriado. Jones afirmou que havia incentivado Jackson a incorporar o hip-hop em *Bad*, de *1987*, mas o cantor não achou que o rap continuaria forte. "Acho que ele provavelmente pensou que eu não estava por dentro do mercado", lembrou Jones em uma entrevista recente.

Iniciou-se uma busca para encontrar "o" novo produtor. Jackson convidou os compositores de R&B L.A. Reid e Kenneth "Babyface" Edmonds, para uma reunião em Neverland. "Ele fez turismo conosco pelo lugar", lembra Reid. "Fomos a cada ambiente da casa e falamos sobre arte, esculturas. E ele fazia perguntas realmente interessantes: 'Qual a sua música favorita? De quais artistas você gosta? De quais músicas você gosta? E o que você pretende fazer com sua carreira?'" Mesmo assim, após três semanas de criação constante, nada parecia acontecer. O chamado seguinte foi para o produtor Teddy Riley, que assumiu imediatamente. "Cheguei com dez faixas", disse ele. "Ele gostou de todas."

Jackson estava assumindo riscos em sua carreira tanto quanto em sua música. Quincy Jones não foi o único membro do círculo íntimo de Jackson a sair depois de *Bad*. Jackson substituiu o empresário Frank DiLeo e rompeu com seu advogado de longo tempo, John Branca. Seu senso de isolamento estava se aprofundando; seu vício em analgésicos iria forçá-lo a abreviar a turnê *Dangerous*. Tudo isso e a onipresente pressão para atingir sua impossível meta de vendas ("Vamos superar *Bad*, vamos superar *Thriller*", ele repetia para os companheiros) exacerbaram a tensão.

*Dangerous* foi feito em dois anos e em sete estúdios diferentes. Jackson ia e vinha, trabalhando 18 horas por dia na gravação e nas filmagens de vídeos épicos, deixando locações cheias de atores e de equipes de vídeo sem ter o que fazer. Os músicos e engenheiros não tinham tanto tempo ocioso. "Sempre havia trabalho a fazer", lembra o engenheiro Bruce Swedien, que trabalhou com Jackson desde *Off the Wall*. "Não havia prazo; nós podíamos trabalhar nas mixagens semanas a fio. Ele só tinha uma exigência: tinha de ficar o melhor possível. No caso de *Dangerous*, tenho uma fita que diz "MIX EDIT 5", "TEST EDIT 2". Ainda tenho centenas de fitas como essas."

Não eram permitidos visitantes no estúdio – com algumas exceções. "Um dia, eu cheguei ao estúdio, e ele estava apinhado de seguranças", lembra Swedien. "Ronald e Nancy Reagan estavam lá. Eles estavam construindo a Biblioteca Reagan ali perto e Michael disse: 'Apareçam.' E quando Michael diz 'Apareçam', você aparece. Ron estava extremamente quieto, e Nancy era quem falava. Ela adorava Michael. Um dia, eu entrei e Jane Fonda estava sentada no canto. Eu tive de ficar tão calmo quanto possível."

Sem uma agenda definida e com todo o mundo à disposição, os custos explodiram. O total final foi de US$ 10 milhões, quando a maioria dos megassucessos custava um quinto disso. Um insider da indústria chamou-o de "além da compreensão".

"Ele cantava as músicas do início ao fim 20, 25 vezes, tentando conseguir a melhor performance", diz Reid, referindo-se a músicas que nunca chegaram a fazer parte do álbum. Slash, o guitarrista do Guns N' Roses, foi chamado a fazer um solo em "Give In to Me" e cantarolou ideias para a partitura ao telefone.

"Nós nos conhecemos no Record Plant, em Hollywood", lembra Slash. "Ele estava lá com a Brooke Shields, e eu era só um um guitarrista de rock. Aquilo era meio fora da minha praia. Mas, você sabe, ele era muito doce, educado, e disse 'Oi', falou que ele e a Brooke estavam indo jantar, e então nos apertamos as mãos, ele foi embora e me deixou com as minhas coisas. Foi assim."

A delicadeza peculiar de Jackson, embora cativasse seus colegas de trabalho, podia levar a alguns impasses. Ávido leitor de livros de autoajuda, ele relutava em criticar e dava aos compositores todo o tempo de que precisavam para elaborar as ideias. Qualquer crítica dura era dirigida a si mesmo. Durante a gravação de "Keep the Faith", um hino de exaltação no estilo de "Man



Revistas.PeruRadio.net.pe



**SEM DESCANSO**
*Michael passou dois anos em sete estúdios diferentes criando* Dangerous

Revistas.PeruRadas.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



in the Mirror", Jackson refugiou-se no escritório porque não conseguia cantar a música no tom certo. Swedien o encontrou de pé em um canto, chorando. "Ele estava totalmente desolado", lembra Swedien. "Ele era muito rígido consigo mesmo."

A contribuição mais recente de Riley tinha sido "Remember the Time", uma canção de amor nostálgica que contrastava as batidas new jack com lembranças de um passado mais inocente ("We'd stay on the phone/At night till dawn" [*"Podíamos ficar ao telefone/Até a noite ir embora"*]) e fazia alusão a uma privacidade e uma liberdade que Michael não podia mais aproveitar. "Can't Let Her Get Away" confrontava uma letra que indicava um anseio desesperado, até mesmo assustado, com um ritmo vibrante e febril e golpes enfurecidos no sintetizador.

As faixas de Quincy Jones eram sempre exuberantes e ricamente orquestradas, refletindo seu histórico hollywoodiano. Riley, com seus 24 anos, buscava algo mais simples. "Nós não acrescentávamos música nem instrumentos só por acrescentar", lembrou Riley.

Isso estava evidente na faixa-título. Por um instante, parecia que estava pronta, mas a pulsação não funcionou. "A música não empolgou Michael", disse Riley. "Eu disse a ele: 'Este é o seu álbum, Michael. Se esse é o som certo, eu mudo tudo e faço uma nova base.' Ele disse: 'Tenta. Acho que a gente tem de usar o que gosta.' " O som resultante foi uma abordagem clássica do Michael a uma garota provocante, misturando cordas brilhantes (uma preferência de Jackson) com uma das batidas mais pesadas e vigorosas que ele já cantou.

**GRITO**
*Michael dá início à última etapa da turnê* Dangerous *em Bangkok, em agosto de 1993.*

Durante a gravação, Riley forçou Jackson a navegar em um estica-e-puxa rítmico agitado e tenso. As batidas na mixagem são quase tão altas quanto os vocais de Jackson, cada vez mais anasalados e angustiados, sugerindo um clima comovente de desamparo. "Eu estava trabalhando no estúdio e Michael e Teddy puseram a faixa 'In the Closet', e foi simplesmente incrível", lembra o tecladista e arranjador Brad Buxer. "A música era quase atonal. Eu pensava: 'Isso é supermoderno.'"

Bottrell também tentou tirar Michael de sua zona de segurança, especialmente na roqueira e antirracista "Black or White", que se tornou o primeiro single. "Eu senti que, até então, o lado roqueiro dele tinha sido meio caricato", lembra Bottrell. "Ele entrou no estúdio um dia e me sussurrou uma sequência de notas. Não acho que ele pretendesse que servisse para a guitarra, mas aquele acabou sendo o riff de guitarra predominante da música. Eu a transformei em um verdadeiro rockão, bem pesado. Os vocais que estão na música são os provisórios, mas Michael estava tão embalado que eu não quis mudar."

*Dangerous* talvez seja lembrado pelos historiadores do pop como o disco que *Nevermind*, do Nirvana, tirou do topo das paradas, anunciando o início da era do rock alternativo. Mas o temor, a depressão e a noção de bem e mal de uma criança ferida – sentimentos que marcaram o Rei do Pop – tinham mais em comum com Kurt Cobain do que as pessoas se deram ao trabalho de observar.

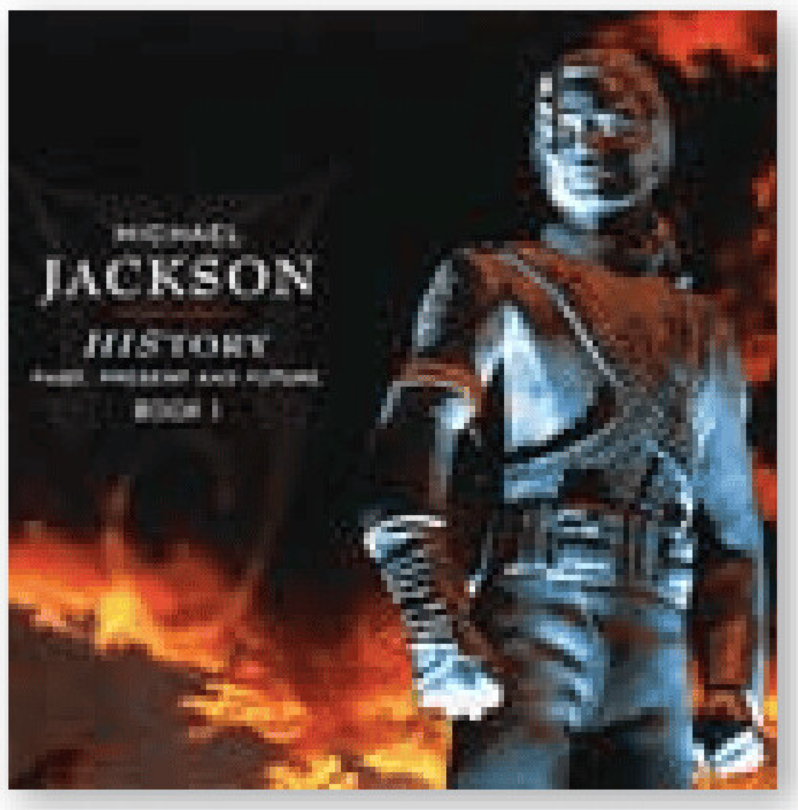


Revistas.PeruRadio.net.pe

# A EMOÇÃO ACABOU

## Esse ambicioso álbum duplo acabou sendo pouco mais do que um monumento ao próprio Michael. Por Jon Dolan

No início dos anos 1990, Jackson estava passando por um dos períodos mais sombrios de sua vida. Em certo momento, seu processo por abuso sexual contra menores, em 1993, implicou em que ele tivesse a genitália examinada e fotografada pela polícia (o processo foi acertado fora do tribunal, supostamente por algo em torno de US$ 20 milhões, no início de 1994). Seus problemas com drogas estavam se aprofundando, e seu casamento com Lisa Marie Presley, em maio de 1994, que durou 20 meses, havia sido ridicularizado como golpe publicitário. Zangado e humilhado, Jackson decidiu acrescentar a *HIStory* um disco extra, com novas músicas. *HIStory* tinha sido planejado originalmente como uma coletânea de sucessos. O novo trabalho evoluiu para um álbum conceitual sobre as agruras da fama e os processos que ele vinha sofrendo. O trabalho para *HIStory* começou no final de 1993. As gravações rapidamente se tornaram um assunto bombástico, mesmo para os padrões de Jackson: os créditos do álbum englobam mais de 150 pessoas, entre elas 30 músicos diferentes trabalhando nos teclados e sintetizadores. "Quando ele me pediu para que eu fosse ao estúdio pela primeira vez, foi assustador", lembra o produtor Dallas Austin, parceiro em duas músicas do disco. "Ele me instalou em um estúdio, e havia outros produtores, um em cada sala, talvez R. Kelly em uma, Teddy Riley em outra."




Michael Jackson trouxe também mais convidados famosos, inclusive dois rappers enormes com níveis variados de habilidade – Notorious B.I.G., que fez um freestyle em "This Time Around", e Shaquille O'Neal, que fez um rap em "2 Bad". Jackson pediu ao Boyz II Men que fizesse os vocais de apoio em "HIStory". E cantou "Come Together", dos Beatles, e "Smile", de Charlie Chaplin.

O que surgiu foi o disco mais estranho da carreira de Jackson. As músicas anteriores de Jackson faziam alusão às controvérsias de sua vida, mas *HIStory* atacou frontalmente sua imagem monstruosa na mídia. "Scream", um dueto com a irmã Janet, é puro ódio à fama; os dois parecem estar fora de suas vidas, em puro horror. Em "Stranger in Moscow", ele reflete sobre o túmulo de Stalin, contemplando sua "rápida e repentina perda de prestígio" e comparando-se a um dos déspotas mais cruéis da história. "Tabloid Junkie" ataca seus perseguidores na mídia: "With your pen you torture men / You'd crucify the Lord" [*Com sua caneta você tortura homens / Você crucificaria o Senhor*]. "Michael estava menos interessado em diversão do que tinha estado em *Thriller*", lembra Bruce Swedien, engenheiro de som do disco. "Ele não queria que as pessoas olhassem para ele. Estava preocupado com a cirurgia plástica; as pessoas iam encará-lo."

Às vezes, os pedidos de Jackson beiravam o impossível: "Ele me disse, 'Eu quero que você fabrique sons que o ouvido humano nunca tenha escutado' ", diz o designer de som Chuck Wild. "Eu paguei a alguns caras para irem aos trilhos do trem e ficarem um mês gravando o ruído de trens passando." Wild ainda tem dúvidas sobre onde foram parar algumas das centenas de



Revistas.PeruRadio.net.pe



**SEM OS REFLETORES**
*O camarim de Jackson em Bremen, Alemanha, em 1997*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**HOMEM DE AÇO**
*Nove estátuas gigantescas de Jackson – como esta, de quase dez metros, no rio Tâmisa, em Londres – foram espalhadas pela Europa.*

sons que gravou. "Recebi um crédito em *Blood on the Dance Floor* e não tenho a menor ideia do motivo."

A busca obsessiva por exagerar nos sons levou a uma música mais densa, principalmente em termos de percussão. Músicas como "Tabloid Junkie" e "They Don't Care About Us" têm batidas realçadas mecanicamente, complexas e pesadas. Os sons "sujos" se encaixam nas músicas confrontadoras. "They Don't Care About Us" se tornaria uma das músicas mais polêmicas de sua carreira; Jackson canta: "Jew me, sue me/Everybody do me/Kick me, kike me/Don't you black or white me" [*Me engana, me processa/Todos fazem algo comigo/Me chuta, judia de mim/Não diz que sou negro ou branco*], adotando uma postura de intolerância, uma mudança de perspectiva que passa quase totalmente despercebida para o ouvinte. "Antes de começar a trabalhar em *HIStory,* ele levou todo o mundo ao Museu da Tolerância (Museu do Holocausto)", diz Austin. "Quando ele cantava 'Kick me, kike me', estava fazendo como eles fazem no museu, em que você tenta imaginar como as pessoas de outras culturas se sentem." Em cópias posteriores do CD, esses versos foram retirados digitalmente da música.

Outros momentos de *HIStory* tentaram nos dar uma versão mais franca (e dura) da alma ferida de Jackson. Em "Earth Song," Jackson literalmente brada a Deus, apoiado por um coro liderado por Andraé Crouch, artista gospel vencedor do Grammy. Durante uma das gravações, os cantores rodearam Jackson e se curvaram para rezar.

Jackson mostrou *HIStory* aos mandachuvas da Sony no início de 1995. Os executivos ouviram o álbum até o fim e saíram da reunião em silêncio, levando Sandy Gallin, empresário de Jackson, à fúria – "Vocês todos são burros?", ele gritou enquanto os executivos saíam da sala. Apesar das dúvidas a respeito do álbum, *HIStory* foi lançado com uma campanha de marketing de US$ 30 milhões que incluía um spot promocional de US$ 4 milhões, filmado em Budapeste, no qual Jackson está vestido com uniforme militar e passa em revista centenas de soldados. Jackson pediu à Sony que construísse nove enormes estátuas dele, de aço e fibra de vidro, que foram colocadas em cidades europeias em junho de 1995. A capa de *HIStory* usa a mesma imagem – o Michael Jackson metálico em pé à frente de um céu em fogo, surgindo sobre as ruínas e o caos à sua volta. O álbum, que venderia 20 milhões de cópias no mundo todo, continua sendo um exemplo espantoso do narcisismo de um superastro. Quando penso na capa daquele álbum, ela não faz o menor sentido", diz Wild. "Aquele não era o cara com quem trabalhei durante três anos."



Revistas.PeruRadio.net.pe

# PERDIDO NA PISTA

## Jackson combate seus demônios com uma dose pesada de funk industrial neste revelador pacote de remixagens. Por Jon Dolan

QUANDO *NEVERMIND*, DO NIRVANA, EXPULSOU *DANGEROUS*, DE MICHAEL JACKSON, do primeiro lugar da lista dos 200 melhores da *Billboard*, em 1992, era difícil não notar o simbolismo: a força bruta dos primeiros astros do grunge fez imediatamente o Rei do Pop se sentir obsoleto. Mas quando *Blood on the Dance Floor* apareceu, cinco anos depois, os ouvintes atentos captaram algo surpreendente: Michael tinha claramente encontrado inspiração na música alternativa. O disco, oito remixagens dançantes de músicas de *HIStory* e cinco faixas novas, é a gravação mais estranha, mais abrasiva e – possivelmente – mais reveladora do cantor. As novas melodias são lamentos funk-industriais intensos, que mostram um retrato vívido de sua mente contorcida na época (Rob Hoffman, engenheiro que trabalhou na gravação, lembra que *The Downward Spiral*, do Nine Inch Nails, foi uma influência importante) Na rangente e sibilante "Morphine", escrita por Michael, ele assume o ponto de vista da droga, de um médico fornecedor e dos defensores da campanha "Just Say No" (Diga não), cantando "Demerol/ Oh, God, he's taking Demerol" [*Demerol/Oh, Deus, ele está tomando Demerol*], em alusão a um opiáceo em que ele era assumidamente viciado. No operístico soul gótico de "Is It Scary", ele canta: "I'll be grotesque before your eyes" [*Eu parecerei grotesco a seus olhos*]. É o som de um homem lutando contra vozes em sua cabeça.




Apesar da quantidade limitada de material novo no disco, ele foi produzido com o mesmo excesso que marcou todos os álbuns de Jackson desde *Thriller*. Quando Slash chegou para gravar algumas partes de guitarra, ficou espantado com o que encontrou. "Eu não o vi durante aquelas gravações", lembra o ex-guitarrista do Guns N' Roses. "Ele tinha mais de dois estúdios com gente trabalhando. Por fim, encontrei um produtor e ele disse algo como: 'Porra, não sei o que está rolando, eu nem sabia que você estava no projeto.' Foi aí que eu comecei a perceber como estava bagunçado o império de Michael Jackson."

Quando ligaram do quartel general de Jackson para dizer que as remixagens tinham sido aceitas, os produtores reagiram como se tivessem ganhado na loteria. Lauryn Hill disse que "gritou como uma histérica" quando Jackson entrou em contato com o Fugees. "Eu toquei algumas coisas para ele", diz Wyclef Jean, que acrescentou um sample de "Beat It" em "2 Bad". "Ele fez todas as batidas com a boca e os pés, e esses acabaram sendo os ritmos que se ouvem na gravação. Ele estava falando sobre a Jamaica, sobre como, quando ele era jovem, foi à Jamaica, e disse que eu lhe lembrava alguém de lá que tinha os cabelos compridos. Eu disse: 'Ah, você está falando de Bob Marley?' E ele: 'Claro!' " *Blood* foi o disco de remix mais vendido de todos os tempos, chegando aos seis milhões de cópias. Nesse ponto, MJ estava quebrando recordes que não importavam a ninguém.Exceto Wyclef. "Michael está me devendo uma grana", disse ele uma década após o lançamento do álbum. "Mike, me liga!"



Revistas.PeruRadio.net.pe



OS ÁLBUNS

INVINCIBLE

# DE VOLTA À ROTINA

Em seu último álbum , Michael voltou a empolgar, concebendo um conjunto suntuoso e exuberante de R&B funkeado e apostando em um leque de convidados que vai de B.I.G. a Rod Serling. Por Jon Dolan

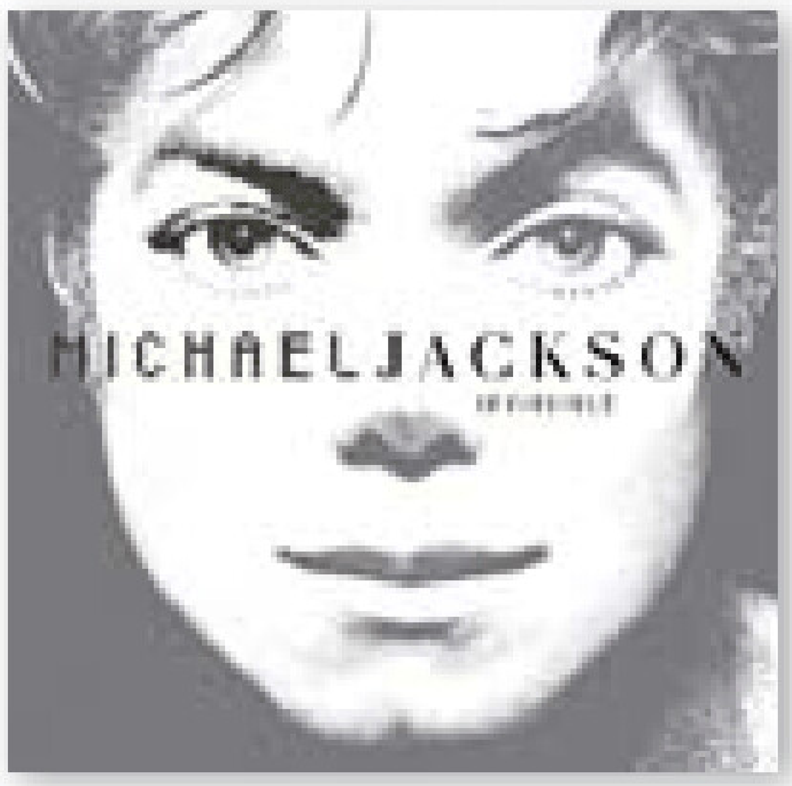
Revistas.PeruRadio.net.pe



**JACKSON SEDUTOR**
*Lançado em 2001,* Invincible *foi seu primeiro álbum de faixas novas em uma década*

Revistas.PeruRadio.net.pe

ERA UMA LINDA MANHÃ EM NOVA YORK, E MICHAEL JACKSON PRECISAVA DE AR PURO. Rodney Jerkins, que tinha trabalhado por muitas horas com Jackson em seu futuro álbum, chamou o cantor em seu quarto de hotel e disse-lhe para se vestir. "Você vai entrar em contato com a segurança?", perguntou Michael. "Não", respondeu Jerkins. "Você vai no meu carro." ★ Eles rodaram pela cidade o dia todo. "Fomos ao Harlem, passando por Manhattan. As pessoas pareciam pensar... – O quê?!?!", lembra Jerkins. "Eu o levei à Virgin Megastore para comprar CDs e DVDs. O povo ficou maluco! Eu queria que ele visse que a vida não é apenas ir ao estúdio. Eu queria que ele visse que a criatividade vem da diversão." ★ *Invincible*, o último disco de Jackson, foi uma tentativa de colocar Peter Pan embaixo da cama e voltar à sonoridade exuberante do R&B de sua juventude, atualizada para o século 21. Jackson falou em um "retorno ao amor" e em querer músicas "funkeadas" e "estimulantes". "O objetivo era sempre colocá-lo para dançar", diz Brad Buxer, arranjador e tecladista. "Assim era melhor. Se ele dançasse, você sabia que estava na direção certa."




Para as pessoas de fora, Jackson parecia totalmente fechado, mas colegas e colaboradores insistem que ele estava sempre atento ao que acontecia no mundo da música. "Eu mencionava uma música, e ele a conhecia e cantava o refrão", lembra LA Reid. "Ele estava muito sintonizado com o panorama contemporâneo." Os colaboradores mais jovens também ficavam muito impressionados com o entusiasmo dele. "Quando cheguei lá, estava pensando comigo mesmo: 'Onde está Bubbles, o chimpanzé? Onde está a câmara hiperbárica?'", lembra Teron Beal, que foi parceiro em "Heaven Can Wait", uma das baladas do álbum. "Eu não vi nada disso. Ele se apresentava ao pessoal que vinha fazer uma entrega, a qualquer um que aparecesse. Um dia, ele estava ouvindo uma faixa e eu vi sua cabeça sacudindo; então ele começou a mexer o pescoço. E eu pensava: 'Pô, esse cara tem 40 anos, veio de Gary, Indiana... Esse cara é do cacete!' "

Jackson esperava que Dr. Dre produzisse o álbum, mas a lenda do hip-hop se recusou. "Eu gosto de trabalhar com novos artistas ou com gente com quem trabalhei no passado", disse Dre. "Tudo o que tenho de fazer é entrar no estúdio, e eles é que vão ter de ralar." Então, Jackson entrou em contato com velhos amigos como Teddy Riley, que vinha trabalhando com ele desde *Dangerous,* e R. Kelly, que compôs "You Are Not Alone", de *HIStory*. Jerkins era o mais novo e, naquele momento, o mais "em alta" da turma. Suas inconfundíveis melodias delicadas e suas batidas agitadas moldaram sucessos como "Say My Name", com as garotas do Destiny's Child, e "The Boy Is Mine", com Brandy e Monica. "Quando começamos a fazer os demos, nós nos falávamos ao telefone todas as noites, às 3 ou 4 horas da madrugada", lembra Jerkins. "Ele estava na Alemanha ou em Nova York, e eu tocava alguma coisa para ele, e ele dava sugestões. Conforme a gente ia retocando o material, ele foi ficando mais envolvido."

O primeiro lote de demos de Jerkins consistia em 60 músicas, preparadas em um mês. "Ele queria algo novo", diz Jerkins. "Eu disse: 'A gente pode fazer, mas vamos precisar de uns elementos antigos.' Eu queria trazer o som de *Off the Wall*." Aquele som ficou evidente em "You Rock My World", que seria o primeiro single do álbum e seu único sucesso. Jackson canta com um requinte funk que não mostrava havia muito tempo, entendendo-se perfeitamente com as cordas disco, as harmonias exuberantes e o ritmo suntuoso.

"Privacy", uma tensa jam session de R&B, trazia uma lenga-lenga antipaparazzi e um som de percussão criado quando um dos engenheiros de Jerkins quebrou uma lâmpada com uma vareta. Jackson teve outras ideias conceituais interessantes. "Unbreakable" inclui um freestyle em homenagem póstuma a Notorious B.I.G., tirado de uma apresentação de 1996. Para "Threatened", uma jam arrepiante cujo tema era um homem intimidador, Jackson teve uma ideia ainda mais ousada. "Ele disse: 'Precisamos de uma voz como a daquele cara de *Além da Imaginação, o* Rod Serling,'", diz Jerkins. "'Traz ele.'" Serling tinha morrido em 1975, então Jerkins passou dezenas de horas assistindo a DVDs de *Além da Imaginação*, procurando trechos que servissem para montar as frases, e então usou o Pro Tools para construir um monólogo de Serling. "Foi a coisa mais difícil e cansativa que eu fiz em toda a minha vida", diz ele. "Mas conseguir fazer direito foi maravilhoso."

Os próprios vocais de Jackson seguiram um caminho tortuoso. Devido ao esforço exigido por alguns versos de uma estrofe, ele fez uma teleconferência com seu orientador vocal, Seth Riggs, e treinou escalas por duas horas. Para entrar no clima e cantar suas partes, ele dançou com uma pré-gravação da música durante sete minutos. Uma das músicas em que o regime de treinamento quase atlético de Jackson valeu a pena foi "Butterflies", uma declaração de amor em que sua voz se esforça para atingir notas agudas que ele provavelmente não tentava desde a puberdade. "Originalmente, fizemos um demo com uma mulher cantando", diz Vidal Davis, que ajudou a produzir a música. "Mas foi difícil para ele." Fizemos toneladas de takes. Nós sampleamos o estalar de dedos dele marcando o tempo. Ele tem o estalar de dedos mais alto do mundo."



Revistas.PeruRadio.net.pe



**NAS RUAS**
*Jackson promove* Invincible *no lado de fora da Virgin Megastore da Times Square, em Nova York, em sua primeiríssima aparição em uma loja, em novembro de 2001.*

Quando *Invincible* tomou forma, os elementos clássicos de Michael Jackson ficaram claros. Carlos Santana fez um solo em "Whatever Happens", que tinha um sabor latino. R. Kelly apresentou "Cry", um lamento com um quê de gospel e pretensão de mudar o mundo, no qual Jackson pede à humanidade que se junte a ele em um pranto universal. E, naturalmente, havia criações escancaradamente ambiciosas do próprio Jackson. "The Lost Children" era ainda mais grandiosa, com Jackson como único compositor com crédito na faixa, que apresenta um coro infantil regido por Tom Bahler, que fez os arranjos vocais para "We Are the World".

Quando *Invincible* chegou perto da conclusão, Jackson se recusou a entregá-lo à gravadora; as músicas foram mixadas 17 vezes, ele colocou a voz sete vezes, mesmo que todo o mundo concordasse em que ele tinha acertado o alvo na primeira. No final, os custos chegaram perto de US$ 30 milhões. A paciência de Tommy Mottola, presidente da Sony, estava se acabando. "Nós estávamos na mira", lembra o engenheiro Bruce Swedien. "Tommy começou a gritar com todos: 'Terminem essa maldita gravação!'" A tensão se agravou quando *Invincible* foi concluído. Para promover o álbum, a Sony organizou um show, em setembro, no Madison Square Garden. Nele, Michael apareceu no palco com seus irmãos pela primeira vez desde a turnê *Victory*, em 1984. Mas estava claro, no início de 2002, que *Invincible* não seria a reinvenção de carreira que Jackson esperava. Ele culpou a Sony, chegando a chamar Mottola de racista. "Ele é muito, muito diabólico", disse Jackson. A fantasia persecutória deu a Jackson uma desculpa para o inconcebível: em vez de vender 100 milhões, *Invincible* mal chegou a dois milhões. Mas Jackson disse a Jerkins para não se preocupar, pois a genialidade do que eles tinham feito seria reconhecida. "No futuro", disse ele, "ela verá a luz do dia."



Revistas.PeruRadio.net.pe

# SUPER HERÓI NEGRO

## Intelectuais e artistas afro-americanos, de Jay-Z a Henry Louis Gates, avaliam o legado de Jackson. Por Touré

QUANDO MICHAEL JACKSON ERA GAROTO, NÃO ERA PRECISO DIZER "BLACK IS BEAUTIFUL" [*negro é lindo*]. Bastava olhar para ele e você saberia. Em 1969, no momento em que os negros estavam se sentindo confortáveis com a ideia de que as feições africanas eram muito bonitas, ele chegou como afirmação perfeita dessa ideia. Ele era angelical com sua pele marrom vivo, um nariz largo e uma grande auréola de cachos sobre a cabeça, na época em que o Afro era um símbolo poderoso do orgulho negro. "As pessoas responderam visceralmente à beleza de Michael Jackson", diz Henry Louis Gates Jr., professor de Harvard. 1969 foi o ano do assassinato do Dr. Martin Luther King Jr., um tempo em que o black power e os movimentos dos direitos civis pareciam estar se desintegrando, mas então apareceu Michael, um prodígio da música soul, incontrolavelmente otimista e transbordando de entusiasmo juvenil. "Ele foi uma criança que claramente compreendeu o idioma R&B", diz Gary Harris, veterano da indústria musical. "É como se ele fosse criado em um tubo de ensaio, no laboratório de um médico maluco por soul. Se Diana Ross e Stevie Wonder tivessem um filho, seria o Michael Jackson."

Revistas.PeruRadio.net.pe



**NEGRO É LINDO**
*Michael com afro total, em 1978*

Revistas.PeruRadio.net.pe

"Havia pessoas na França, na América do Sul e
imitarem uma criança negra de Gary, Indiana", diz
dessas pessoas de Iowa cresceram, sentiram-se
porque tinham se sentido à vontade ao imitar uma

Ele se tornou rapidamente o astro infantil negro número um de sua época – e de todos os tempos. Cada um dos quatro primeiros singles do Jackson 5 chegou ao topo da lista dos 100 melhores da *Billboard*, um começo inacreditável. As pessoas negras se apaixonaram de tal modo que ele se tornou mais do que um artista – passou a ser um membro da família. Queriam tanto que nada acontecesse a ele que tinham vontade de protegê-lo como se ele fosse um irmão mais novo. "Ele era nosso", diz o rapper Q-Tip. "Ele significava tudo para a cultura negra."

Não se tratava apenas de Michael. Alguns anos depois de o governo [*Lyndon*] Johnson ter declarado que a família negra rompera com o Relatório Moynihan, a família Jackson estava grande, intacta, vibrante, fazendo sucesso e aparentemente feliz, dando à América uma imagem idealizada de felicidade doméstica. Jay-Z me disse que havia crescido fingindo ser Michael, cantando junto com suas duas irmãs mais velhas e seu irmão. "Aqui você tinha Michael e quatro irmãos", diz o Rev. Al Sharpton, "todos talentosos e todos simpáticos, e o pai forte e a mãe, que era matriarcal, e Janet, e isso fazia pensar: 'Uau, todo esse talento nessa família, mostrando que podemos fazer alguma coisa.' Tínhamos orgulho daquilo."

Michael tinha uma segunda família: a Motown era uma marca profundamente confiável em milhões de domicílios negros. Se Berry Gordy dissesse que era bom o bastante para lançar, você podia apostar que era ótimo. O Jackson 5 foi o último grande fenômeno a surgir na gravadora de Detroit, prova adicional da teoria de Malcolm Gladwell em *Outliers: The Story of Success,* segundo a qual o senso de oportunidade é crítico para obter sucesso, e as forças históricas que se agitam no momento em que você emerge podem fazer toda a diferença. "A família Jackson foi a primeira da fila a se beneficiar verdadeiramente da era pós-direitos civis com a nova política norte-americana de braços abertos para o entretenimento negro", diz ?uestlove, do The Roots. "1969 foi o ano em que se abriram as comportas sociais, e um garoto de 11 anos liderou o avanço negro na América pós-Malcolm/Martin/Motown. Os historiadores sempre se esquecem de que o terceiro mais importante 'M' que ajudou a América negra a ter acesso à terra prometida foi a Motown."

*Thriller* surgiu no final de 1982, quando a geração das ações afirmativas estava começando a se mexer. Jesse Jackson tentava chegar à presidência, Eddie Murphy tomava de assalto as camadas mais altas de Hollywood, Oprah Winfrey estreava seu lendário talk-show e Bill Cosby criava a mais bem avaliada série de TV da década. Mesmo antes de tudo isso ter começado, a atmosfera da ascensão negra estava no ar, e Michael não via motivos para que a raça o mantivesse atrás da mais alta elite de sua profissão. Ele decidiu levar sua excelência ao topo. A atual presidente da Motown, Sylvia Rhone, diz: "Ao longo de toda a sua carreira, seu sucesso afetou dramaticamente minha visão sobre o que era possível e permitido para afro-americanos".

Muitos negros agora comparam Michael a Barack Obama – talvez o maior elogio possível na América negra. Não só ambos são integracionistas e conciliadores raciais, mas ambos estavam decididos a chegar ao topo, recusando-se a permitir que a raça os detivesse. "Muitos componentes levaram Barack Obama à presidência", diz Sean "Diddy" Combs, "e Michael Jackson é um deles. Ele começou uma mudança na percepção do homem afro-americano em nível mundial: sua força, sempre se colocando em uma posição de poder, sendo visto como herói." Sharpton faz eco à afirmação. "Algum tempo antes de Tiger Woods ou Barack Obama, Michael fez com que os negros tivessem expressão na cultura popular global", diz ele. "Havia pessoas na França, na América do Sul e no Iowa tranquilas com o fato de seus filhos imitarem uma criança negra de Gary, Indiana. "E quando algumas dessas pessoas de Iowa cresceram, sentiram-se à vontade para votar em Barack Obama porque tinham se sentido à vontade ao imitar uma criança negra chamada Michael Jackson quando eram jovens." Obama é um fenômeno, mas é o resultado de um processo que Michael ajudou a América a formar."

Michael também jogava pesado. Nas décadas anteriores a ele, os cantores negros que gravavam, como James Brown observou, estavam nos shows, mas não estavam no show business. Muitos acabaram perdendo os direitos autorais de suas próprias músicas e faturando apenas uma fração do dinheiro trazido por elas. Jackson sabia tudo sobre essa história. "Ele sabia que Berry Gordy ganhara dinheiro com direitos autorais", diz Nelson George, crítico cultural. "Ele sabia o valor das músicas. Isso foi uma coisa



Revistas.PeruRadio.net.pe

no Iowa tranquilas com o fato de seus filhos o Reverendo Al Sharpton. "E quando algumas à vontade para votar em Barack Obama criança negra chamada Michael Jackson."

que ele entendeu." Em 1984, quando o catálogo editorial musical da ATV foi colocado à venda, Jackson correu atrás. Esse catálogo continha 251 músicas dos Beatles, inclusive "Yesterday", "Let It Be" e "Hey Jude", bem como trabalhos de Bob Dylan. Após 10 meses de negociações, Jackson comprou o catálogo por US$ 47,5 milhões. Seu investimento tem agora um valor dez vezes maior do que isso, e o movimento foi, sem dúvida, sua conquista mais sagaz em termos de negócios – e o patrimônio que o manteve à tona durante seus últimos anos financeiramente problemáticos. Isso provou sua habilidade, separando-o de todos aqueles artistas negros anteriores a quem faltava a capacidade de controlar o negócio da música. Mas, mais do que isso, o poder simbólico de Jackson possuir as músicas dos Beatles não pode ser suplantado. Ele não só se tornou tão grande quanto os Beatles, como também os comprou. Um século depois de os brancos norte-americanos possuírem negros, um artista negro possuiu o produto do maior grupo da elite branca no mundo. Foi uma enorme mudança de direção, e uma da qual os negros tiveram um orgulho especial.

Nos anos 1990, Jackson não parecia mais uma pessoa negra – após uma série de cirurgias, seus traços fisionômicos e a cor de sua pele se tornaram cada vez mais caucasianos. "Eu acho que não havia nenhuma dúvida: havia inquietação na comunidade negra com essa coisa da cor", diz George. "Isso era um problema. As pessoas não queriam sair dizendo 'Ele está ficando branco, porra', mas pensavam: 'Qual é?!' "Como Jackson estava literalmente assumindo as características dos brancos, nós brigamos com sua escolha, mas nunca o expulsamos simbolicamente da raça, embora parecesse que ele estava tentando se livrar dela cirurgicamente. "A razão pela qual o povo negro nunca virou as costas para ele", diz Michael Eric Dyson, professor em Georgetown, "é que percebemos que ele estava meramente externando em seu rosto o que nós tínhamos coletivamente tentado fazer em nossas almas: branquear a memória e os traços de nossa negritude ofensiva." Ainda assim, nós nos esforçávamos para entender o motivo. Alguém disse que ele não queria mais ver seu pai no espelho, mas parece que havia forças mais profundas em questão.

"Acho que ele queria ser um símbolo da universalidade", diz Gates, "e, erroneamente, achou que a cor de sua pele, a textura de seu cabelo, o comprimento de seu nariz e a forma de seu queixo inibiriam isso. Pode-se dizer que ele estava apelando para o universal, mas não há como negar, mesmo dando a ele o benefício da dúvida, que isso é fruto da autodepreciação dos negros, que – por sua vez– é fruto da escravidão, das barreiras, da segregação e do racismo, o que fez com que os negros odiassem as próprias coisas que os tornavam belos.

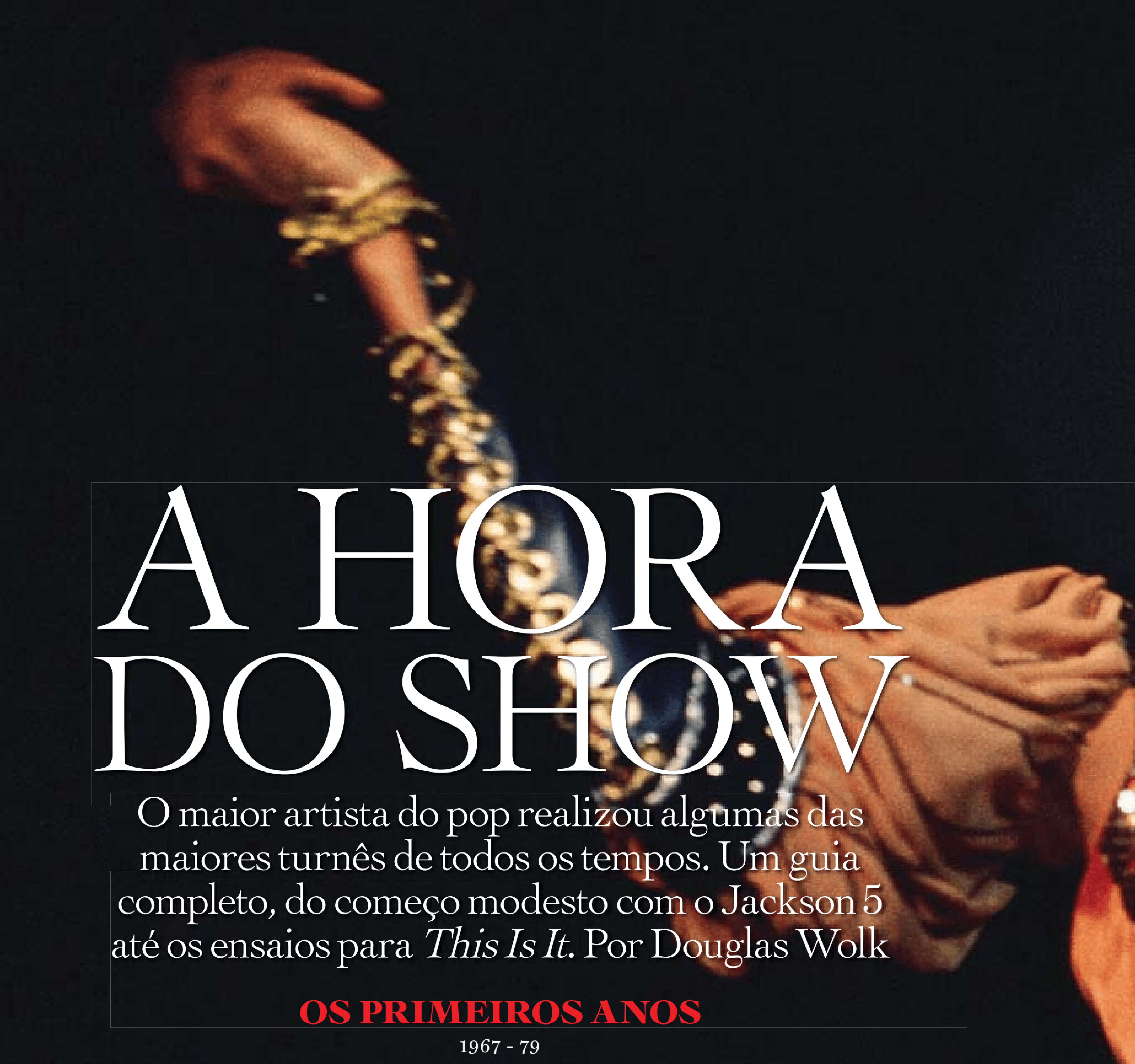
Quem conhecia Jackson diz que ele não estava tentando se livrar cirurgicamente da raça. O produtor Teddy Riley, que trabalhou em *Dangerous*, conta: "É claro que ele gostava de ser negro. Nas gravações, ele vibrava e dizia: 'Somos negros e o povo mais talentoso na face da Terra.' Sei que ele amava sua cultura, sua raça e seu povo." E mesmo que seu rosto tenha ficado mais branco, sua música permaneceu negra e entranhada na tradição de R&B que ele dominava quando criança.

No dia em que ele morreu, parece que algo em seu reino mudou. "Quando eu soube da notícia", diz o rapper Nas, "o tempo à minha volta mudou drasticamente, na mesma hora. De repente, choveu muito forte. O vento soprou como louco. As nuvens fizeram algo diferente. Era como se você o sentisse deixando o mundo." As pessoas se esforçavam para organizar a cabeça a respeito da magnitude da morte dele. "Essa é a maior perda desde, ouso dizer, Martin Luther King", diz Q-Tip. "Ele mudou a cultura a esse ponto. Ele mudou os parâmetros a esse ponto."

Agora que ele se foi, todas as notícias que Wacko Jacko justificadamente abafava, e tudo o que fez dele o Rei do Pop, apoderaram-se do espaço mental que ele ocupa. "Quando você tem uma obra dessa grandeza, não se trata de você pessoalmente", diz Andre Harrell, antigo CEO da Motown. "Trata-se de sua obra. Nós não vamos nos concentrar no negativo, nós vamos lidar com a música. Foi preciso que ele morresse para tirar todas as coisas pessoais do caminho e realmente voltar aos motivos pelos quais nós estávamos interessados em amá-lo." Na morte, suas músicas foram liberadas de suas excentricidades como fantasmas do bem libertos de uma casa assombrada, novamente livres para voar e espalhar alegria. E, como o panorama musical não pode mais criar um astro tão grande quanto ele, parece provável que ele seja para sempre o Rei do Pop.



Revistas.PeruRadio.net.pe



# A HORA DO SHOW

O maior artista do pop realizou algumas das maiores turnês de todos os tempos. Um guia completo, do começo modesto com o Jackson 5 até os ensaios para *This Is It*. Por Douglas Wolk

## OS PRIMEIROS ANOS

1967 - 79

Mesmo antes de Michael, Marlon, Jermaine, Tito e Jackie Jackson se chamarem Jackson 5, eles vinham ganhando concursos de talentos em sua terra natal Gary, em Indiana. Em 1967, o grupo caiu na estrada, percorrendo o chamado "chitlin circuit" negro e abrindo shows de Temptations e Sam and Dave. Em agosto daquele ano, os Jackson venceram o concurso amador do famoso Apollo Theater, no Harlem.

**O CHEFE** "Nós vamos ganhar muito dinheiro, garotos", disse o pai Joe Jackson a seus jovens filhos, a quem ele ensaiava sem pensar muito: consta que ele batia em Michael quando ele esquecia os passos de dança e, rotineiramente, segurava um chicote enquanto eles ensaiavam.

**UM NÍVEL MAIS ALTO** Depois de assinar com a Motown, o Jackson 5 ficou famoso quase imediatamente, enfrentando níveis de histeria semelhantes aos da Beatlemania em seus shows – que chegaram às arenas e estádios já em 1970. Um show em agosto de 1971, em Nova York, precisou ser interrompido logo após o início, quando fãs invadiram o palco.

**VOLTA AO MUNDO** A fama do Jackson 5 espalhou-se rapidamente pelo mundo – o grupo fez uma turnê pelo Reino Unido e pela Europa, em 1972, começando com uma apresentação para a rainha da Inglaterra, o que Michael chamaria mais tarde de "uma das grandes honras da minha vida". Em 1973, foram ao Japão. Eles viajaram pelo mundo ao longo dos anos 1970, chegando até mesmo ao Senegal, em 1974.

Revistas.PeruRadio.net.pe



**A FEBRE DA DISCO**
*Jackson no Forum, em Los Angeles, 1974*

Revistas.PeruRadio.net.pe

# TRIUMPH

JULHO A SETEMBRO DE 1981

Oficialmente, *Triumph* foi uma turnê dos Jacksons, mas, pela primeira vez, Michael era claramente a estrela do show em vez de ser apenas o solista – o show tinha cinco músicas de *Off the Wall*, bem como seu sucesso solo de 1972, "Ben". Como um aviso das façanhas por vir, Jackson usou um truque de mágica projetado por Doug Henning para desaparecer em uma nuvem de fumaça.

**MUDANDO DE TAMANHO** Apenas alguns anos antes, os Jacksons – esforçando-se para atrair um público que os percebia como coisa do passado – faziam turnês a bordo de vans; agora eles encerraram a turnê *Triumph* com quatro noites de lotação esgotada no Forum, em Los Angeles, "O palco ficou maior, o show mais comprido, os movimentos de dança ficaram mais elaborados", lembra o baterista da turnê, Jonathan Moffett. "Tudo tinha crescido, e eu ficava a três metros de altura em uma plataforma, pela primeira vez em minha vida."

**ALARME FALSO** Michael afirmou que era a última vez que faria uma turnê – não seria a última vez que ele repetiria essa ameaça específica. "Nós rodamos o mundo duas vezes, nos apresentamos para reis e embaixadores", disse ele. "É hora de ir em frente."

**PUXANDO APLAUSOS** "She's Out of My Life" mostrava Michael chorando no palco na maioria das noites, um truque que ele repetiria em algumas das turnês seguintes.



**BALANCE O CORPO**
*Michael e seus irmãos na turnê* Triumph, *em 1981*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

# VICTORY

## JULHO A DEZEMBRO DE 1984

Ele tentou sair, mas eles continuaram forçando-o a ficar: Michael tinha acabado de virar um superastro com *Thriller*, mas sua família o pressionou a acompanhar mais uma turnê do grupo. Mesmo assim, Michael assumiu o controle artístico, desenhando storyboards para um espetáculo que começava com monstros lutando com um cavaleiro que arrancava uma espada de uma pedra.

**REPERTÓRIO** Embora o show tenha tirado seu nome do álbum de 1984 dos Jacksons, o repertório ignorou completamente suas músicas, concentrando-se, em vez disso, no trabalho solo de Michael – "Beat It" e "Billie Jean" foram os destaques.

**CONTROVÉRSIA** Promovida por Don King, a turnê *Victory* foi criticada pelos altos preços dos ingressos (US$ 30 por lugar) – e por um processo de compra que exigia vales postais. Michael reagiu à controvérsia doando sua parte nos lucros a instituições de caridade. A turnê teve uma renda bruta de US$ 81 milhões, um número excedido na época apenas pela turnê *Born in the U.S.A.*, de Bruce Springsteen.

**FINAL SURPREENDENTE** Na última parada da turnê, Jackson chocou seus irmãos ao anunciar: "Este é o nosso último e derradeiro show". Ele não se apresentou novamente com eles até 2001.



**LUZES PISCANTES** *Michael e seus irmãos abrem um show da turnê* Victory*, em 1984, com "Wanna Be Startin' Somethin'"*

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

# BAD

SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1987
FEVEREIRO DE 1988 A JANEIRO DE 1989

A primeira turnê solo de Jackson apresentou números de mágica criados por Siegfried & Roy (Michael desaparecia de um lado do palco e reaparecia no outro) e um grupo de dançarinos que imitava a coreografia de seus vídeos. Em seu traje de palco, com pinos prateados e cheio de fivelas, Jackson projetava uma sensualidade mais adulta, pontuando sua dança com toques na genitália. Com US$ 125 milhões de venda de ingressos, *Bad* foi a turnê com maior renda bruta até aquele momento.

**DIÁRIO DA PRINCESA** Em um show no Wembley Stadium, em Londres, o príncipe Charles enviou uma mensagem pedindo a Michael para suprimir a música "Dirty Diana" [*"dirty" quer dizer suja*]. Mas, dez minutos depois, a própria princesa Diana chegou, dizendo a Jackson: "Quero que você cante aquela música como nunca cantou antes".

**COMEÇANDO DE NOVO** O perfeccionismo de Jackson estava em marcha acelerada: um dia, nos ensaios, ele ouviu uma nota errada, lembra Kevin Dorsey, diretor musical assistente. "Ele disse: 'Vamos do começo.' Eu pensei que ele estava falando do começo da música – ele quis dizer do início do show!"

**PUXANDO APLAUSOS** "I Just Can't Stop Loving You" foi apresentada em dueto com a então desconhecida Sheryl Crow, que fazia parte do grupo de apoio vocal do show.



**MAIOR E MELHOR**
*Jackson em Kansas City, em fevereiro de 1988, na turnê* Bad

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



# DANGEROUS

JUNHO A OUTUBRO
E DEZEMBRO DE 1992

AGOSTO A NOVEMBRO DE 1993

Em sinal de declínio da carreira, a turnê evitou os Estados Unidos, visitando a Europa, a Ásia, a América do Sul e o México. Jackson, que enfrentou suas primeiras acusações de assédio infantil durante a turnê, acabou encurtando-a e se internando em Londres em uma clínica de reabilitação devido a seu vício em analgésicos.

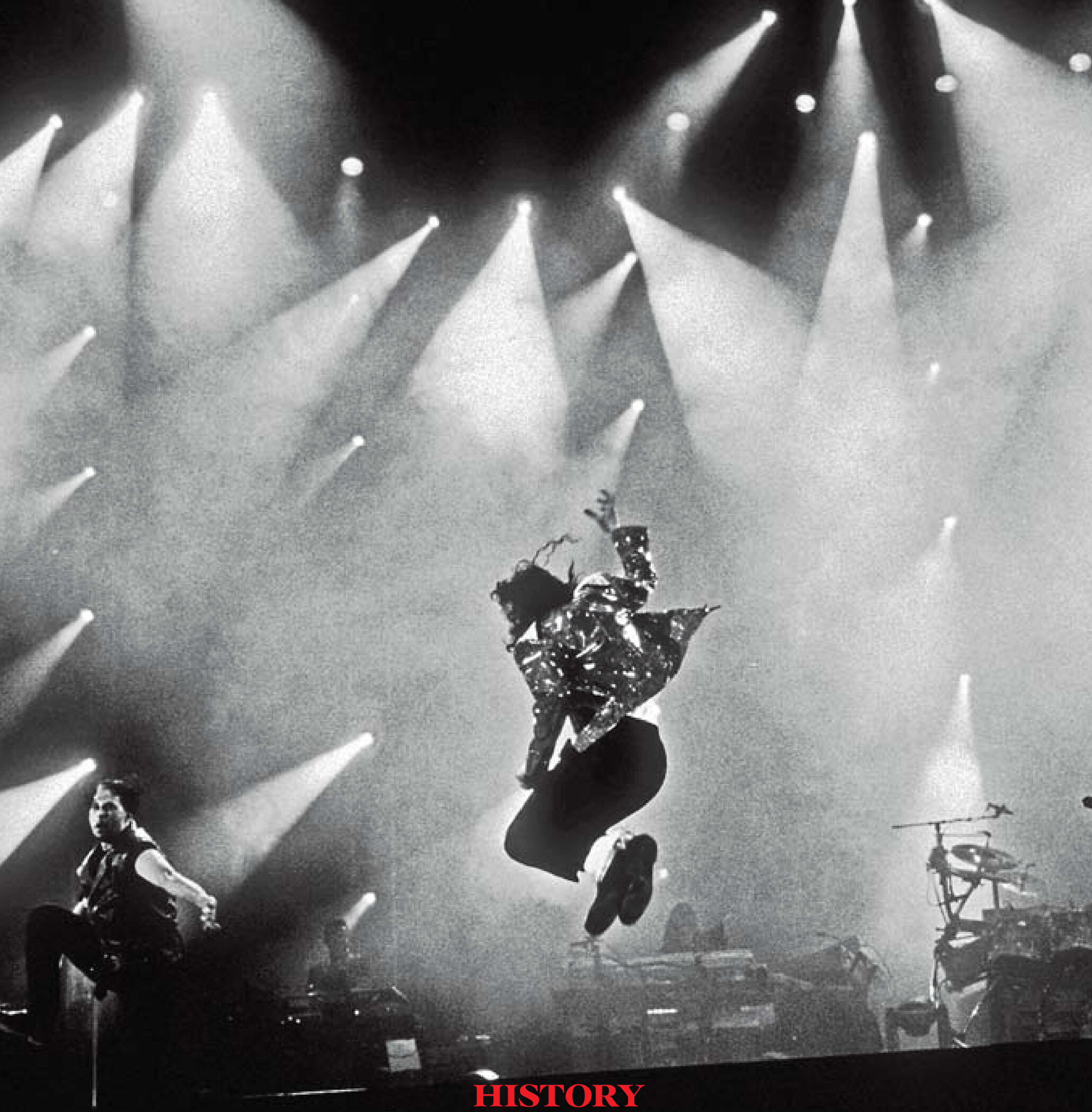
**SANGUE NA PISTA DE DANÇA** Mesmo no início, Jackson mostrava sinais de que a turnê estava exigindo demais dele. “Duas vezes por semana eram um bom nível de esforço para Michael”, diz Kevin Dorsey, diretor musical assistente. “E, em *Dangerous*, eles começaram a esticar aquilo para três ou quatro. Não havia como gastar aquele tipo de energia em um show de duas horas e meia, sucessivamente, dez vezes. É impossível.”

**GUNS N’ JACKO** Slash (guitarrista do grupo Guns N’ Roses) apareceu para tocar guitarra em “Black or White” em alguns shows.

**FESTEJANDO O MUNDO** Jackson era acompanhado todas as noites por um coral infantil em “Heal the World”, que também exibia um gigantesco globo inflável.

**DECOLAGEM** Em “Man in the Mirror”, Jackson vestia um traje espacial e um capacete. Então, ele – ou um dublê que tomava seu lugar no meio da música – era amarrado em um jet pack e voava para fora do estádio. “Ele tinha de voar”, diz o tecladista Greg Phillinganes. “Eu me lembro de ver os rostos na multidão, e eles estavam hipnotizados. Foi uma coisa linda.”

Revistas.PeruRadio.net.pe



# HISTORY

SETEMBRO DE 1996 A JANEIRO DE 1997; MAIO A OUTUBRO DE 1997

Neste ponto, Jackson tinha mergulhado em sua fase decadente, desde seu traje Versace de ouro até os tecidos dos cenários e figurinos e as estátuas que representavam o "Temple of History". Em Praga, uma estátua de Jackson com aproximadamente dez metros apareceu em uma plataforma que havia sido usada para o monumento da cidade em homenagem a Stalin. "O que se dizia em toda a Europa era que Stalin tinha caído e Michael tinha subido", lembra o baterista Jonathan Moffett. A guitarrista Jennifer Batten chama *HIStory* de a menos favorita de suas três turnês, "porque eu já tinha tocado a maioria das músicas antes e tinha de usar uma máscara medonha, tipo sadomasoquista."

**EXCENTRICIDADE ESPACIAL** O show começava com uma nave espacial que caía no palco. Uma figura robótica emergia e tirava o capacete, revelando o rosto de Michael Jackson.

**DEMOCRACIA CHINESA** Jackson invocava o confronto da Praça da Paz Celestial em "Earth Song", enfrentando um tanque.

Revistas.PeruRadio.net.pe

# THIS IS IT

PROGRAMADO PARA JULHO DE 2009 A MARÇO DE 2010

Ele estava determinado a realizar o maior show da Terra, com bonecos de seis metros de altura e uma parte de "Thriller" apresentada em 3D. Havia um tema ecológico, que o diretor Kenny Ortega chama de "uma declaração profundamente ecológica – [*Michael*] queria não só entreter, mas explicar as mensagens."

**PAI DE FAMÍLIA** Além de pôr o tão necessário dinheiro em caixa, Jackson estava ansioso para que seus filhos pequenos o vissem atuar pela primeira vez. "Eles agora tinham idade suficiente para apreciar o que ele fazia", diz Ortega.

**ESTRADA SEM FIM** Um músico que assinou contrato para os 50 shows de Londres ouviu que aquilo poderia se estender por três anos ou mais, com compromissos estendidos por todo o mundo.

**MICHAEL VIVE** A Sony Pictures pagou US$ 60 milhões para lançar o filme com as cenas dos ensaios, em alta definição.




Revistas.PeruRadio.net.pe



**ÚLTIMO ATO**
*Dois dias antes de sua morte, Jackson ensaia no Staples Center, em Los Angeles, para uma série de 50 shows no Reino Unido*

Revistas.PeruRadio.net.pe

# UM NOVO TIPO DE MUSICAL

## Com "Billie Jean", Jackson aperfeiçoou o vídeo, mas nunca desistiu de ir ainda mais longe. Por Rob Sheffield

TUDO O QUE FEZ DE MICHAEL JACKSON O MAIOR ASTRO DO VÍDEO ESTÁ LÁ em "Billie Jean". É uma produção simples: nenhum outro dançarino, nenhum coro, apenas MJ sozinho com sua música, debatendo-se como se todos os demônios da canção estivessem lutando para escapar de seu corpo franzino. Ele saltita nas pontas dos dedos, chuta, ergue sua lapela de couro. Ele é um mestre em graça física, mas percebe-se também que é um menino assustado, um pouco aturdido com seu próprio brilho, atormentado pela urgência da música que emerge de dentro dele quando ele preferia estar sentado sob uma árvore com um bom livro, em algum lugar tranquilo. Em algum lugar seguro. Algum lugar ao qual ele não chegará, não importa o quanto dê de cara com ele na noite.

"Billie Jean" definiu Jackson como um performer de vídeo, mas ele criou todos os tipos de vídeo ao longo dos anos: clipes dançantes, números no estilo da Hollywood dos velhos tempos, monstruosidades caríssimas. Tendo aperfeiçoado o formato, ele continuou experimentando, transformando seus vídeos em eventos do showbiz cheios de astros convidados e efeitos especiais, deixando às vezes a música completamente abandonada. Ele não conseguia controlar a vontade de se expor à câmera, para revelar suas características mais atrativas, bem como cada uma de suas extravagâncias. Devia haver alguém na equipe que pudesse lhe dizer: "Ei, Mike, talvez essa música não precise de 20 minutos de efeitos épicos em que você percorre a floresta em chamas para salvar órfãos." Será que havia? Provavelmente não. Mas tudo o que Jackson tinha a dizer estava em sua fascinante linguagem corporal.

Ele não foi o primeiro astro pop a dançar, mas foi quem definiu o astro pop como dançarino. Depois de "Billie Jean", dançar se tornou parte da "lista de atribuições do cargo", e qualquer um que tivesse um sucesso se sentia obrigado a arriscar uns passos em público, porque era assim que Michael fazia.

Michael adorava a fábrica de sonhos da Velha Hollywood, os chapéus de film noir e as danças em grupo no estilo *Amor, Sublime Amor*. Em seus vídeos, há tanto de Montgomery Clift quanto de James Brown ou Mick Jagger, quando ele foge para uma fantasia dos anos 1950/1980 em que os anos 1960 nunca existiram, e ninguém nunca ouviu falar dos Beatles – nem do Jackson 5, aliás.

Michael Jackson definiu o videoclipe como forma de arte; definiu-o também como símbolo da megalomania extrema. E, às vezes, as duas coisas ao mesmo tempo.



Revistas.PeruRadio.net.pe



**DANÇA NA PISTA**
*O vídeo de Jackson para "Billie Jean" explodiu na MTV e apresentou-o a um público totalmente novo*

Revistas.PeruRadio.net.pe

## "Don't Stop 'Til You Get Enough"

1979

**Antes do surgimento da MTV, Michael vestiu um smoking e dançou sua solidão**

Esse clipe captura Michael do jeito que o mundo se apaixonou por ele: o filho do vizinho viajando por seus sonhos mais glamourosos, vestindo um smoking e se exibindo. Você não consegue deixar de se sentir arrebatado por sua alegria e exuberância. Também não consegue deixar de notar que ele está sozinho – a garota para quem ele canta não está visível. Suas melhores apresentações de dança foram em voo solo; era como se seus desejos (e sua beleza) fossem intensos demais para serem compartilhados com seres humanos, e ele precisasse nos proteger porque poderíamos pegar fogo se chegássemos muito perto.

## "Billie Jean"

1983

**Depois que o vídeo reinventou a MTV, Michael tomou o mundo com sua performance ao vivo no especial *Motown 25***

Sempre se ouve dizer que MJ quebrou a barreira da cor na MTV, e o fato de isso estar tremendamente incorreto talvez seja irrelevante. Em 1981 e 1982, a MTV tocava vários artistas negros, desde que se encaixassem nas ideias da mitologia do rock convencional: Joan Armatrading, Tina Turner, até mesmo Prince. O que a MTV originalmente não queria tocar – e que MJ se recusava a desconsiderar – era a música disco. Acontece que seu estilo disco era tão esfuziante que não havia como resistir. E, no que dizia respeito ao público da MTV, Michael chegara na hora para governar um reino que ele havia ajudado a criar. A enigmática vibração boêmia do clipe era o pano de fundo perfeito, já que Jackson representou toda a tensão sexual que havia na música, com sua coleção profana de chutes, giros e movimentos repentinos.

Ele mudou o rumo da música em sua mais famosa performance ao vivo na TV, no especial *Motown 25*. Após um medley de sucessos do Jackson 5, ele despachou seus irmãos para fora do palco, do jeito que talvez provavelmente sempre desejou. "Eu gosto muito dessas músicas", disse ele. "Mas, particularmente, eu gosto das novas músicas." E durante os cinco minutos seguintes, ele mostrou até que ponto uma música podia ser nova.

MJ sabia dominar o palco – mas como profissional de TV de longa data, também sabia o que funcionava na tela. Naquela noite, ele fez tudo o que funcionava, com movimentos que mereceriam o Prêmio Nobel de Física: jogando longe seu chapéu, extraindo o máximo de suas coxas longas e elásticas, inclinando-se sobre os joelhos para criar uma sensação de expectativa. Ele parecia parar e reiniciar o tempo à vontade, exibindo sua velocidade e força atlética, embora acolhedora e gentil, até mesmo deslizando a mão para dentro do bolso para parecer casual. Então, decolou em um moonwalk de três segundos. Nós nunca tínhamos visto ele fazer aquilo, e era um triunfo emocional atípico para o mais solitário dos artistas. Muitos já tinham feito o moonwalk antes. Mas não enquanto cantavam uma música como "Billie Jean". Era como ver Michael Jordan fazendo uma cesta de três pontos e, ao mesmo tempo, interpretando Hamlet.





Revistas.PeruRadio.net.pe



**O MOMENTO DE MICHAEL**
*No especial de TV* Motown *25, Jackson cantou "Billie Jean" e apresentou ao mundo seu moonwalk*

Revistas.PeruRadio.net.pe

**FORTE O BASTANTE**
*Para corresponder ao toque roqueiro de "Beat It", Jackson e o diretor Bob Giraldi criaram um vídeo que combinava uma trama corajosa com uma elaborada coreografia em grupo no estilo do filme* Amor, Sublime Amor.



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

## "Beat It"

1983

**Os poderes de Michael eram fortes o bastante para transformar delinquentes durões em dançarinos da Broadway**

O garoto solitário deixa corajosamente seu quarto também solitário para entrar no grande e mau mundo exterior, sem nada para protegê-lo exceto o fato de que seus passos de dança têm o poder de interromper as guerras de gangues. O vídeo celebra sua androginia, misturando disco gay e metal hetero em uma fantasia de sexo casual nas baladas noturnas. Michael tinha orgulho de contar com garotos durões reais no vídeo, embora não tão durões quanto pareciam: "Nós dávamos comida a eles nos intervalos", escreveu ele, "e todos eles limpavam e até recolhiam as bandejas." Talvez seja por isso que, quando Michael aparece no meio do conflito e faz alguns movimentos, antes que você perceba todos os gângsteres ficam hipnotizados pelo poder da mente de Jedi em seus quadris. A dança continua descomprometida até o fim, quando os caras das gangs tentam pegar seus movimentos e Michael flutua entre eles. O vocalista Morrissey, mesmo sendo vegetariano, comeria seus gatos para fazer esse vídeo.



## "Thriller"

1983

**Não era realmente um vídeo musical, mas um curta-metragem sobre zumbis dançantes**

Para as pessoas que encaravam com desprezo os vídeos de música, esse foi um projeto refinado que resgatou o gênero. Para as pessoas que gostavam apenas de observar os movimentos de Michael Jackson, foi um filme hollywoodiano sobre zumbis – conduzido por um real diretor de Hollywood, John Landis, do famoso *Clube dos Cafajestes* – com alguns minutos de música. Landis sugeriu que eles fizessem simultaneamente um documentário, *Making Michael Jackson's "Thriller"*, para ajudar a custear o vídeo, que foi orçado em US$ 500 mil. O vídeo do making-of tornou-se o clipe musical mais vendido de todos os tempos, e festas do pijama em todo o mundo recriaram a dança dos zumbis. A MTV apresentou o vídeo pela primeira vez em um fim de semana em que foi exibido de hora em hora – e ele tem 14 minutos de duração.



## "Say Say Say"

1983

**Vendedores de uma poção mágica, Paul McCartney e Michael tentam ser adoráveis crápulas**

Depois de conduzir o magnífico "Beat It", o diretor Bob Giraldi declarou: "Só existe uma estrela em meus sets, e sou eu." Então ele fez "Say Say Say" e provou que para fazer um vídeo decente é preciso mais do que um diretor talentoso e um grande orçamento. O concurso de beleza e graça entre McCartney e Michael Jackson foi suficiente para colocar essa música sem maiores atrativos no primeiro lugar por seis semanas. Mas todos os trajes bem feitos, as piadas ingênuas e os caros cenários parecem incrivelmente tolos, como um ensaio geral para *Give My Regards to Broad Street* [*filme e álbum que McCartney faria no ano seguinte*]. O único grande momento acontece quando Michael tenta um romance com uma jovem que se parece muito com ele – todas as cantinas escolares da América cochichavam o boato de que a garota era Michael travestido em segredo. Na verdade, era apenas LaToya.

## "Bad"

1987

**Continuando a tentar superar a si mesmo, Jackson trouxe Martin Scorsese para esse vídeo de 18 minutos**

Fazia algum tempo que Michael tinha aparecido na tela – dois anos desde "We Are the World". Agora ele estava difícil de reconhecer, com quase 30 anos em uma roupa sexy de couro e um rosto radicalmente reesculpido. Dançando em uma estação de metrô e gritando "Who's bad?", embora não fazendo ainda nada de errado exceto pichar uma parede, acompanhado por um grupo de dançarinos de boates femininas – foi um resultado diferente, para dizer o mínimo. Com direção de Martin Scorsese, esse foi um vídeo ambicioso que realmente funcionou, graças à performance de Michael como um estudante e às agressões de Wesley Snipes como seu inimigo. Mas, de certo modo, foi o fim. Dali em diante, MJ não se contentaria mais em fazer clipes – ele continuou tentando transcender o formato com minifilmes, chegando a produções grandes demais para a tela da TV, mas pequenas para qualquer outra opção.



Revistas.PeruRadio.net.pe



**QUEM É MAU?**
*Jackson e Scorsese filmaram o vídeo de "Bad" em uma estação de metrô em Nova York*



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**MICHAEL, VOCÊ ESTÁ BEM?**
*O vídeo "Smooth Criminal" foi um segmento de aproximadamente dez minutos extraído do filme* Moonwalker *de Jackson, em 1989*

Revistas.PeruRadio.net.pe

## "Smooth Criminal"

1988

**Michael cerca-se de gângsteres, que tentam, em vão, se inclinar como ele**

A grande diferença entre os vídeos "Thriller" e "Bad": Michael agora estava recorrendo a coreografia em grupo; então, em vez de imaginar como afinal ele conseguia ficar tão absurdamente inclinado, as pessoas imaginavam se todos aqueles adolescentes latinos de "Smooth Criminal", com aqueles ternos retrô, estavam realmente na diagonal. Eles não estavam – havia fios e suportes, embora Michael calçasse sapatos especiais antigravidade para apresentações ao vivo (Michael patenteou os sapatos em 1993, mas a patente expirou em 2005, quando ele deixou de pagar a taxa obrigatória de manutenção). E ele estava fervilhando de hostilidade sexual adulta, o que o tornou menos atrativo: em "The Way You Make Me Feel", bem como em "Thriller", ele seguia uma garota na rua tentando fazê-la olhar para ele, mas agora ele parecia um dos valentões do vídeo "Beat It". "Smooth Criminal" expressa a mesma petulância, mas de uma forma mais estilizada e ostentosa, já que Michael atira no salão com uma submetralhadora. A versão comumente vista na TV era apenas uma pequena parte do show; o filme *Moonwalker* tinha uma versão consideravelmente maior, na qual Joe Pesci era Mr. Big.



## "Man in the Mirror"

1988

**Buscando inspiração, Michael inexplicavelmente fez um vídeo quase sem Michael**

Vendo esse clipe você nunca saberia, mas Michael fez uma de suas apresentações mais incríveis cantando essa música no Grammy de 1988, com um coro gospel. Esse vídeo? Uma montagem desarticulada de clipes jornalísticos melodramáticos, aparentemente reunidos aleatoriamente. Martin Luther King Jr., Gandhi, Hitler, John F. Kennedy, Robert F. Kennedy, crianças com aparência doentia vestindo camisetas "USA for Africa". Quando Madre Teresa aparece, o vídeo já destruiu a música – nenhum calor humano, apenas um superastro arrogante censurando o público por não levá-lo a sério o bastante.



## "Liberian Girl"

1989

**Sobrecarregado com subcelebridades, de Corey Feldman a Paula Abdul antes do reality show American Idol**

Algumas pessoas elogiam clipes como "Leave Me Alone" por supostamente mostrarem a agudeza, a autoconsciência e o senso de humor de Michael, mas, como declaração de estrelato esgotado, "Liberian Girl" é mais ridículo e, consequentemente, melhor. Michael incha esse épico com um imenso elenco de subcelebridades, pessoas pouco famosas e Corey Feldman, mostrando quanto dinheiro ele está gastando, porque isso é tudo o que tem a dizer. Aquela não é a Paula Abdul? Lou Ferrigno? Deus, é a Olivia Newton-John! O clipe nunca foi um sucesso e nunca foi ao ar na época, mas permanece como um monumento à egomania de Michael no que ela tem de mais inocente.

## "Black or White"

1991

**Um apelo sincero pela harmonia racial, seguido de toques na genitália e destruição de carros**

Esse clássico teve todos os sinais de uma produção espetacular de Michael Jackson, uma típica badalação, com os fãs de toda parte sintonizando para ver a estreia em um domingo à noite. Era mais leve e mais divertido que qualquer vídeo de *Bad*, talvez porque Michael estivesse de volta à dança solo, fazendo um apelo pela harmonia racial e passeando por uma série hilária de lugares internacionais.

Dirigido por John Landis, "Black or White" começa com Macaulin Culkin usando sua guitarra para fazer George Wendt voar pelos ares. Mas a grande controvérsia diz respeito ao final bizarro: Michael vagueia pelas ruas, quebrando carros, tocando a genitália e clamando por vingança. Após seu sensível apelo por fraternidade e amor universal, foi um choque vê-lo se tornar um guerreiro urbano. O desfecho violento nunca mais foi ao ar. A versão mais curta termina com uma galeria de rostos em transmutação, mas o rosto do qual você acaba se lembrando é o de Michael. Seu charme, carisma e o vigoroso estalar de seus dedos tinham voltado com força total, e seu futuro, talvez pela última vez, parecia virtualmente ilimitado.



Revistas.PeruRadio.net.pe



**ALÉM DA COR**
*O vídeo "Black or White", de 11 minutos, atraiu críticas por sua sequência final violenta e sexualmente sugestiva.*



Revistas.PeruRadio.net.pe



## "Remember the Time"

1992

**Eddie Murphy e Magic Johnson são astros convidados, mas o beijo de Michael rouba a cena**

Um épico do antigo Egito com Eddie Murphy como faraó, a modelo Iman como sua rainha e Magic Johnson como o eunuco que bate o gongo, dirigido pelo mesmo sujeito que colocou Janet Jackson em um filme chamado *Sem Medo no Coração,* em que ela representa uma garota chamada Justice que gosta de poesia. É um dos clipes favoritos de *Dangerous*, exagerado mas sentimental, e tem a ver com "In the Closet", dirigido por Herb Ritts, em que Michael vagueia por uma fazenda vestindo uma camiseta sem manga e paquerando Naomi Campbell. Essas músicas apontavam o caminho para o Michael crescido e romântico – aí incluído um amasso desajeitado em Iman –, mas, como muitos de seus hipotéticos futuros, esse nunca aconteceu.

## "You Are Not Alone"

1995

**A então esposa Lisa Marie Presley faz topless, em vão**

É uma pena que John e Yoko já tenham reivindicado o título *Two Virgins* [*Dois Virgens*]. Michael ficou nu com Lisa Marie, com um foco de luz tão suave que deve ter exigido vaselina nas lentes. Foi ainda mais doloroso do que o beijo insosso deles no *MTV Video Music Awards* de 1994, em que Michael brincou: "E disseram que não ia durar." O casamento durou 20 meses; esse vídeo pareceu durar um pouco mais.

## "Scream"

1995

**Michael e Janet se unem em seu ódio pela mídia**

Com um custo de US$ 7 milhões, esse foi o vídeo mais caro já realizado, embora seja difícil enxergar onde foi todo esse dinheiro. É um tributo elaborado a *2001: Uma Odisséia no Espaço* e talvez também à empoeirada "Bass Odyssey", de Jermaine. Michael e Janet estão presos em sua nave espacial particular prateada, onde passam juntos alguns momentos agradáveis: eles se abraçam, jogam videogame no sofá, parecem uma dupla de adolescentes entediados, de castigo no fim de semana. A sensação geral de linguagem bombástica e hostilidade impediram que esse vídeo fizesse muito sucesso – quantas vezes você precisa ouvir esse cara reclamando que você não gosta dele?! Mas há uma sensação de movimento de dois superastros solitários ansiando por um pouco de contato humano e estendendo a mão um ao outro porque ninguém mais poderia compreendê-los.

Cantar parecia agora fisicamente doloroso para Michael, já que ele tinha travado seu rosto naquela careta fixa que tinha se tornado sua única expressão. Não havia diversão nesse vídeo, e aí estava o problema; ele não podia estar mais distante da ideia de que uma performance musical poderia ser assustadora e sensual, como "Billie Jean" tinha sido.

O astro do vídeo tinha perdido toda a sua percepção sobre a dinâmica da TV. Seus sonhos de ser um astro do cinema o tornaram incapaz de perceber o que funcionava ou não na telinha. Então ele ficou menor e os efeitos especiais ficaram maiores. Ele parecia perdido e desesperado em épicos superdimensionados como "Earth Song" – mas sua química com Janet faz de "Scream" a última de suas manifestações marcantes em vídeo.



## "You Rock My World"

2001

**Nem mesmo a participação de Marlon Brando pôde salvar esse vídeo de naufragar sem deixar vestígios**

Marlon Brando? Chris Tucker? Michael Madsen? Essa tentativa de um retorno atapetado de astros, com um alto orçamento e destaque nas manchetes, falhou – ou teria falhado, se as pessoas tivessem a chance de ver que coisa mais deprimente foi aquilo. O motivo do filme de gângsteres estava para "Smooth Criminal" como *Casino* estava para *Os Bons Companheiros,* mas dificilmente alguém percebeu, embora a música tenha chegado ao décimo lugar. Ele fez mais um vídeo, para "Cry", mas ele consistia simplesmente em uma corrente humana, sem sinal de Michael. Foi o fim de uma era para Jackson – mas também para toda a ideia de vídeos musicais. Quando ele lançou "You Rock My World", a MTV quase não estava tocando músicas. Primeiro, ele aperfeiçoou os vídeos musicais, e então tentou transcendê-los; no final, Michael também tinha sobrevivido a eles.



Revistas.PeruRadio.net.pe




**A GRANDE REJEIÇÃO**
*O vídeo de US$ 7 milhões para "Scream" é o mais caro já realizado*

Revistas.PeruRadio.net.pe

# O QUE DEU ERRADO

Ele deixou de ser o maior astro do mundo para se tornar um homem recluso e alquebrado — e então sua aposta em um retorno espetacular foi tragicamente interrompida. A história íntima da queda de Jackson e seus últimos dias. Por Claire Hoffman e Brian Hiatt

O CORPO DE MICHAEL JACKSON ESTAVA ESTIRADO EM UMA MACA de metal no necrotério municipal, no centro de Los Angeles. Ele estava de calça preta brilhante, uma fina bata hospitalar e nada mais. Seus pés estavam descalços, seu braço esquerdo cheio de marcas de agulhas. Seu tórax pálido, estreito, estava coberto de manchas – evidência dos esforços médicos, poucas horas antes, de salvar sua vida. Médicos e seguranças entravam e saíam da pequena sala onde estava a maca, ansiosos para dar uma olhada no corpo de Jackson. ★ Eu tinha começado tarde naquela manhã de quinta-feira, 25 de junho de 2009, quando o próprio médico particular de Jackson tentou freneticamente revivê-lo. Na hora em que os paramédicos chegaram, atendendo a uma chamada desesperada ao 911 à 0h21, eles queriam declará-lo morto imediatamente, mas Michael Jackson não podia estar morto.





Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**O ADEUS FINAL**
*(A partir da esquerda) Jackie, o cantor de R&B Usher, Jermaine, Randy e Marlon (curvado) no funeral de Jackson, em 7 de julho de 2009, no Staples Center, em Los Angeles*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**O COMEÇO DO FIM**
*O vício de Jackson em analgésicos vinha desde o incidente em que seus cabelos pegaram fogo (acima) durante a filmagem de um comercial para a Pepsi, em 1984; (à direita) com Macaulay Culkin (no centro) e amigos em Bermuda, em 1991; com seu chimpanzé de estimação Bubbles no Dodger Stadium, em 1984; em uma câmara hiperbárica em 1986.*

Seu corpo foi posto na traseira de uma ambulância , que disparou para o UCLA Medical Center, onde uma equipe de médicos trabalhou por mais uma hora, aplicando o desfibrilador no peito de Jackson, todos com a esperança de evitar que um dos maiores nomes do entretenimento acabasse naquele necrotério.

O rosto de Jackson, que ele tinha refeito tão penosamente e ocultado do público por décadas, agora estava exposto abertamente, sem disfarce sob as luzes implacáveis do necrotério. A prótese que ele normalmente usava em seu nariz lesionado não estava lá, revelando pedaços de cartilagem que circundavam um pequeno orifício escuro. Mas, para quem passava pela sala, o rosto de Jackson parecia de porcelana, impecável. Após anos de tormento, Michael estava finalmente descansando. "Vendo-o deitado", recorda uma testemunha, "ele parecia em paz."

Os médicos ainda fariam duas autópsias para tentar entender por que um cinquentão magro que tinha dançado por horas a fio na noite anterior tinha morrido tão repentinamente. A causa da morte foi declarada como homicídio por overdose do anestésico cirúrgico propofol, vendido sob a marca Diprivan. Mesmo com Jackson ainda deitado no necrotério na tarde de 25 de junho, os detetives já estavam dentro do castelo alugado pelo cantor em Bel-Air, reunindo o grande filão de drogas controladas que ele mantinha à mão. Os dois grandes sacos de medicamentos que os investigadores removeram continham frascos de Diprivan, que o médico de Jackson, Dr. Conrad Murray, admitiu ter dado a seu cliente na madrugada de 25 de junho.

Consta que, poucas horas após a morte de Michael, LaToya Jackson e outros familiares tomaram de assalto a casa do irmão, procurando freneticamente os sacos de dinheiro que ele guardava lá, removendo a mobília – até mesmo as peças que tinham sido alugadas – e retirando discos rígidos de computador que continham cerca de 100 músicas inéditas. Sua mãe, Katherine, entrou na justiça para lutar pela custódia dos três netos. As crianças tinham ido ao hospital atrás de Jackson, em um automóvel Escalade azul, e a tarefa de lhes dizer que seu pai tinha morrido coube ao empresário de Michael, Frank DiLeo, que tinha quase desmaiado quando uma enfermeira veio lhe trazer a notícia. Esse era o Michael que o mundo conhecia e ridicularizava: a família maluca, as plásticas malsucedidas, os dois divórcios, as acusações de abuso sexual de crianças, os problemas financeiros que o deixaram com uma dívida estimada em US$ 500 milhões.

Mas Michael tinha outra visão. Em seus últimos dias, ele não apenas sonhou com um retorno: ele trabalhou tão duro quanto podia para conseguir, talvez mais duro do que nunca na vida. Ele criou novas músicas, ensaiou hora após hora, para aperfeiçoar os shows que pagariam seus débitos e marcariam seu retorno à grandiosidade, e planejou cada detalhe de seu retorno – um espetáculo gigantesco que já estaria custando pelo menos US$ 25 milhões, só com pré-produção. Jackson criou o título do show, e o nome já dizia tudo: *This Is It*. Jackson sabia o que as pessoas pensavam dele — e agora ia mudar essa percepção, como já fizera tantas vezes antes. Um vídeo em alta definição apareceu de surpresa com os ensaios finais de Michael, para demonstrar que o show seria tudo o que Jackson prometera. A Columbia pagou aos promotores do concerto US$ 60 milhões pelo direito de criar um longa-metragem a partir das filmagens da temporada.

Nos últimos meses de sua vida, Jackson não pensou em nada que não fosse a turnê. E as pessoas que ele amava e nas quais



Revistas.PeruRadio.net.pe





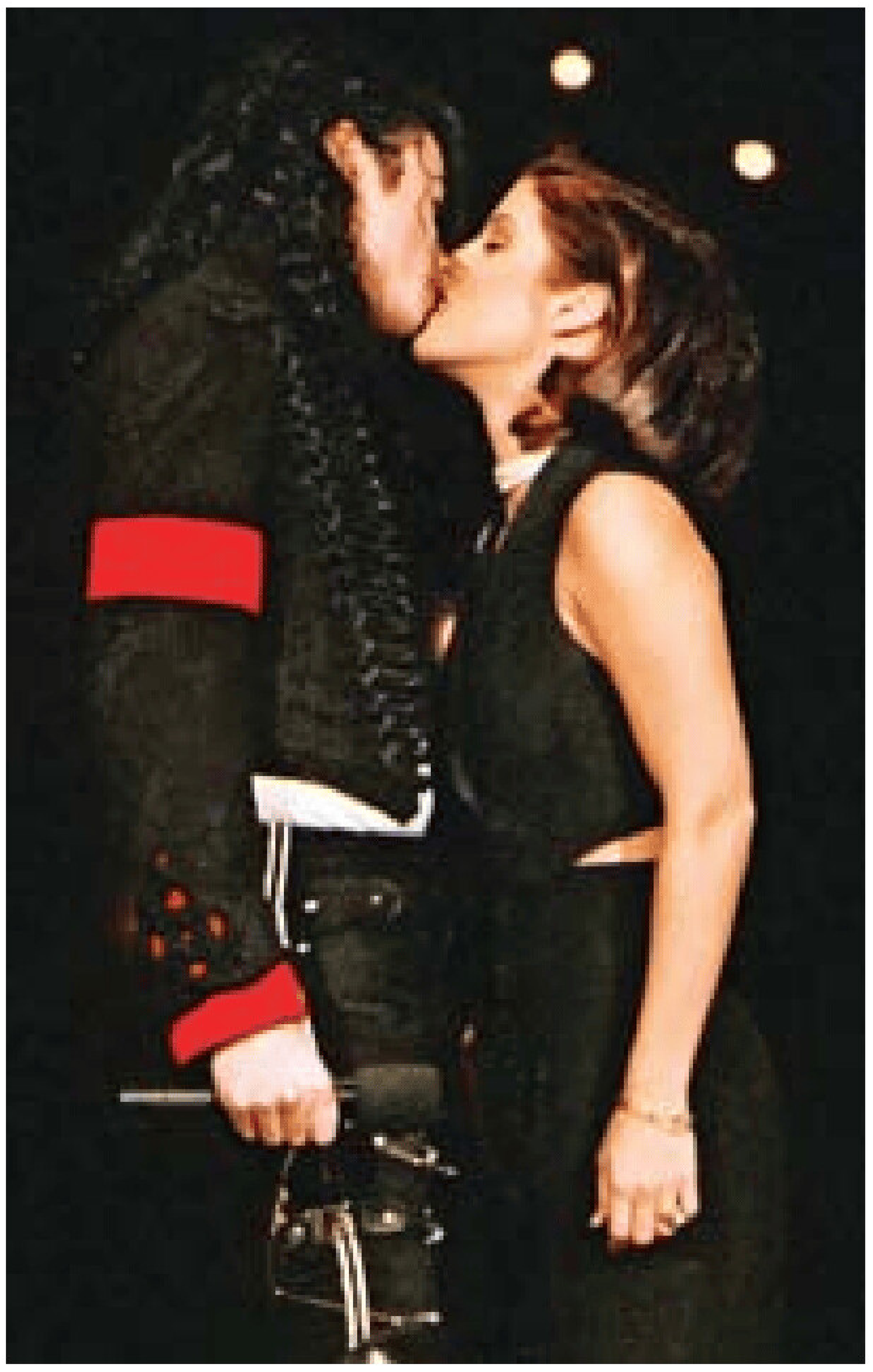
Revistas.PeruRadio.net.pe

mais acreditava estavam certas de que esse era o momento pelo qual ele estava esperando. "É verdade?", perguntou seu amigo Deepak Chopra, que falou com Jackson frequentemente nas semanas anteriores à sua morte. "Você está voltando para valer?"

"Para valer", disse Michael, rindo.

Ao longo dos últimos 20 anos de sua vida, Michael Jackson perdeu lentamente o controle – financeira, artística e emocionalmente. Seria reconfortante dizer que ele apenas desperdiçou seus dons naturais, mas, olhando em retrospectiva sua deterioração, parecia o maior ato de autodestruição da música pop.

A infância de Jackson foi marcada tanto por uma enorme fama quanto por um tormento sem limites. Ele costumava contar histórias terríveis de abuso físico e mental que seu pai, Joe Jackson, lhe infligia. "Ele nos ensaiava com um cinto na mão", lembrava Michael ("Eles todos foram surrados, mas não foram espancados, entende?", disse Joe Jackson em sua defesa). Durante anos, houve insinuações de que Michael fora vítima de abuso sexual infantil praticado por um parente desconhecido, embora ele nunca tenha falado no assunto. Jackson desenvolveu muito cedo uma aversão à sexualidade adulta, depois de ficar horrorizado com os encontros de seus irmãos com tietes (algumas vezes enquanto ele estava no quarto) e com o adultério ocasional de seu pai. Além dos meninos que acusam Jackson de abuso, a única pessoa que declarou ter tido relacionamento sexual com ele foi sua primeira esposa, Lisa Marie Presley, que ficou com ele por menos de dois anos. Jackson decidiu que podia, literalmente, ser Peter Pan – e continuaria criança mesmo quando chegou à meia idade.



**DUPLA PODEROSA**
*Jackson com sua então esposa Lisa Marie Presley, no* MTV Music Video Awards *em 1994. O par ficou casado menos de dois anos.*

No início dos anos 1990, Jackson estava se tornando mais conhecido por suas excentricidades do que por sua música. E em nada ajudou ele ter cultivado essa imagem por um tempo antes do lançamento de *Bad*, em 1987. Ao que dizem, ele próprio plantou histórias falsas sobre comprar os ossos do Homem Elefante e dormir em uma câmara hiperbárica. Em 1993, no entanto, seu mundo explodiu quando um garoto de 13 anos, que tinha passado muitas noites no rancho Neverland, acusou-o de abuso sexual. Enquanto o público ficava sabendo que Jackson tinha o hábito de se deitar com os garotos que hospedava, o cantor ia fundo na dependência de analgésicos, interrompendo uma turnê e se internando para reabilitação em Londres. Quando voltou aos Estados Unidos, foi forçado a se submeter a uma revista física – as autoridades queriam comparar sua genitália com a descrição de seu acusador. Segundo um relato, Jackson mal conseguiu suportar o procedimento, chegando ao ponto de bater em seu próprio médico. No máximo um mês depois, Jackson pagou mais de US$ 20 milhões para chegar a um acordo com a família do acusador. A alegada vítima se recusou a testemunhar contra Jackson, e os promotores não chegaram a abrir um processo criminal.

Verdadeiras ou não, as acusações desviaram o curso do resto da vida de Jackson. "Algumas pessoas conseguem manipular as coisas que dizem sobre elas, outras não", diz Stevie Wonder, que conhecia Michael desde quando os dois estavam na Motown. "Às vezes as pessoas dizem ou fazem coisas só por bravata, puro autoengrandecimento. Se o Michael sentia alguma dor, elas eram parte dela." Por volta de 1995, Jackson estava literalmente se desintegrando. Naquele ano, sob as luzes quentes e brilhantes do cenário de "Scream", ele estava praticando passos de dança quando sua mão esbarrou em seu nariz supermodificado. A ponta dele – na verdade uma prótese – voou para o chão, e Jackson começou a gritar histericamente. Pessoas da equipe correram para pegar a prótese. "Tinha um buraco, cara, um buraquinho exatamente onde devia estar o nariz; a abertura era um círculo perfeito", diz uma fonte que estava lá naquele dia. "Era meio repugnante. Eu me senti mal por ele."

Outra fonte diz que Jackson às vezes largava a prótese e aparecia nos lugares com uma bandagem sobre o buraco. Apesar de suas negativas, sua pele também tinha sido branqueada, embora os amigos digam que ele o fez como um meio de lidar com o vitiligo, uma dermatose que causa perda de pigmentação e que teria deixado sua pele manchada.

"Quando Michael me mostrou, orgulhosamente, o resultado de seus primeiros experimentos com o embranquecimento da pele (seu peito parecia estar vestido com uma camiseta em tom branco pálido), eu fiquei horrorizado e disse a ele que o médico que fez aquilo era um criminoso e que ele não devia prosseguir", recorda John Landis, que dirigiu o vídeo de "Thriller". "Depois disso, ele ficou sem falar comigo por quase dois anos. E quando eu o vi de novo, suas plásticas tinham chegado ao grotesco."

Embora Jackson dissesse que se orgulhava de ser negro, fez esforços para fazer sua pele parecer o mais pálida possível. Stevie Nicks se lembra de que, em um concerto inaugural para Bill Clinton em 1993, uma assistente de Jackson lhe pediu um pou-



Revistas.PeruRadio.net.pe

co de maquiagem emprestada, para ele usar. "Eu estava usando uma base Chanel clara", diz ela. "Michael me mandou um bilhete agradecendo, mas que a sombra era clara demais para ele."

Jackson não se dava conta do que tinha acontecido com sua aparência. Em 1991, quando ele surgiu com a pele fantasmagoricamente pálida no vídeo de "Black or White", ele não tinha a menor ideia de que os espectadores poderiam aplicar o título à própria vida dele. "Eu olho o rosto do cara e penso nisso com tristeza", diz uma fonte da indústria que trabalhou com Jackson. "Se ele não via isso, por que veria a ironia naquele título?"

Em 2001, em um dos últimos vídeos de Jackson, "You Rock My World", o diretor Paul Hunter escondeu o mais que pôde os traços do rosto devastado do astro – existe até mesmo uma extensa sequência de dança que Jackson executa inteiramente em silhueta. "Um dos truques que usamos foi dizer: 'Nós estamos no mundo dos gângsteres; então, vamos entrar com certa arrogância e você abaixa a aba do chapéu'", diz Hunter. "O que eu tentei foi não chamar muita atenção para isso."

Em maio de 1994, Jackson casou-se com Lisa Marie Presley, que, cerca de uma década depois, reconheceu para a Rolling Stone que tinha dúvidas sobre as relações dele com crianças. "Se eu cheguei a me preocupar?", diz ela. "É claro, eu fiquei preocupada pra cacete. É. Fiquei. Mas eu só podia contar com o que ele me falava. As únicas pessoas no quarto eram ele e aquele garoto, então como diabos eu ia saber? Eu só podia aceitar o que ele dizia."

Lisa, embora sustente que seu relacionamento com Jackson era genuíno e sexual, disse à revista que não estava segura de que ele a amava: "Provavelmente, tanto quanto ele consegue. Não sei até que ponto ele pode acessar o amor, realmente. Acho que, tanto quanto ele é capaz de amar alguém, ele deve ter me amado. Ele era uma mente que trabalhava o tempo todo. Era assustador – alguém que estava continuamente trabalhando, calculando, manipulando. E ele assim me assustava."

Lisa não foi a primeira escolha de Jackson para esposa – ele tinha proposto casamento a sua amiga Brooke Shields, sugerindo que eles poderiam adotar crianças. Docemente, ela declinou. Embora ele frequentemente descrevesse seu relacionamento com Brooke nos anos 1980 como romântico, a relação foi sempre platônica – a atriz tinha simplesmente dado a ele permissão para citá-la como namorada. "Eu disse a ele: 'Se você precisa de mim para isso, eu vou ser essa pessoa' ", diz Shields. "'Eu vou receber esse título, mas ninguém vai compreender o que isso significa para nós.'"



**ESTRANHOS PARCEIROS**
*Jackson com a segunda esposa, Debbie Rowe, com quem se casou em 1996. O casal teve dois filhos.*

Brooke parece insegura sobre a natureza da sexualidade de Jackson. Nos anos 1980, ao que ela diz, ele era ao mesmo tempo apavorado e curioso a respeito de sexo – ela era adolescente e, segundo ela própria, ambos eram virgens. "Mas, conforme ele ficou mais velho, se tornou mais assexuado", diz ela.

Fora do mundo do show business – no qual ele era hábil o bastante para se tornar o maior cantor do mundo e fazer um negócio tão brilhante como comprar o catálogo das músicas dos Beatles – a autoimagem de Jackson era patologicamente distorcida. "Ele se via como uma criança; ele se via mesmo, de verdade", diz a fonte da indústria que trabalhou com ele. "Isso era perigoso. Eu não acho que ele tivesse os limites convenientes que um adulto teria com uma criança, porque ele não se via como adulto. Ele tinha aquelas noites do pijama? Só tinha. Ele não negava; e até disse que não há nada errado em ele dormir com garotos. Nesses momentos, poderia ter havido carícias? Provavelmente, não sei, eu não estava lá. Mas o problema é que seu temperamento era mesmo o de uma criança. Ele era um igual para aqueles meninos. Eu sei que isso desgosta muita gente, e não estou dizendo que isso é certo ou errado. Só estou dizendo que isso é um fato, que esse era o seu temperamento."

"Ele era um cara profundamente perturbado, que tinha tido uma infância miserável com pais violentos e que estava tentando continuar criança", diz Landis. "Sua vida de fantasia e seu superestrelato combinaram-se para isolá-lo da realidade, e isso acabou em tragédia. Ele era um bom garoto enlouquecido pelas circunstâncias. Eu vou sempre gostar dele e me entristecer por ele."

Mas a verdadeira personalidade de Jackson podia ser tão difícil de determinar quanto sua fisionomia – até mesmo sua fala aguda era aparentemente uma simulação que ia e vinha. "Eu sempre dizia [*ao Michael*]: 'As pessoas não achariam que eu sou tão doida se vissem quem você é de verdade: que você fica aí à toa e bebe, e pragueja, e é divertido pra cacete' ", disse Lisa. "'E que você é boca suja, e não tem aquela voz aguda o tempo todo. Eu não sei por que você acha que isso funciona para você, porque o fato é que não funciona mais.'"

Em um post angustiado no blog, após a morte de Jackson, Lisa recordou uma conversa com ele sobre o pai dela, que morreu isolado e viciado em drogas. "Em algum ponto [*Michael*] fez uma pausa", ela escreveu. "Ele me deixou muito assustada. Ele disse, com uma segurança quase calma: 'Eu tenho medo de morrer como ele, do jeito que ele morreu.'"

No rastro das acusações de 1993, a música de Jackson se tornou claustrofóbica e paranoica, como sua vida. Ele se refugiou



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

em Neverland. "Ele não queria sair para o mundo exterior, que era tão cruel e obrigava a lidar com coisas demais", diz Brooke Shields. Os executivos de sua gravadora, Epic, tentaram fazê-lo gravar e acabaram lançando em 1997 *Blood on the Dance Floor*, coalhado de remixagens, como uma concessão, já que não conseguiram que ele produzisse um álbum inteiro.

"Havia uma mudança perceptível em seu comportamento", diz a fonte da indústria, acrescentando que a maioria das pessoas atribuía a mudança ao vício. "Ele deixava recados totalmente fora de hora, cheios de paranoia, às vezes ininteligíveis. Ele começou a passar tempos em outras partes do mundo onde era reverenciado e era sempre visto como convidado no palácio de algum xeque saudita, porque ele era um gigante nessas partes do mundo, onde ainda podia lotar estádios." Ele anunciou muitas vezes planos para criar parques temáticos e outros empreendimentos em vários países – nenhum deles aconteceu. Ele assinou um contrato para fazer dois concertos na virada do milênio – da mesma forma, nunca aconteceram.

Por volta de 2000, Jackson estava mergulhado em dívidas, enfrentando vários processos e, ao que consta, participando de rituais de vodu contra seus pretensos inimigos – uma lista enorme. E se ainda houvesse alguma dúvida de que o juízo de Jackson estava seriamente prejudicado, ele o provou com uma bizarra cruzada contra sua gravadora, que ele culpava pelas vendas decepcionantes de seu álbum de 2001, *Invincible* (cuja gravação deve ter custado algo em torno de US$ 30 milhões). Ele chegou a fazer uma passeata em Nova York com cartazes declarando que Tommy Mottola, então presidente da Sony Records, era um demônio racista. O ataque foi tão extremado que o Reverendo Al Sharpton – que no início tinha apoiado a cruzada de Jackson – terminou condenando-a.

**BEM-ESTAR DA CRIANÇA** *Jackson em 2002, segurando seu filho Prince Michael II, apelidado "Blanket" [*cobertor*], fora da sacada de um hotel, em Berlim.*

Com a carreira se esvaindo, viciado em analgésicos controlados e vendo o dinheiro acabar, Jackson concordou em cooperar com um documentário em que o jornalista britânico Martin Bashir teria acesso a tudo. O programa foi ao ar em 2003. Michael foi convencido de que um olhar franco sobre sua vida – que incluiria citações como "Se não houvesse crianças na Terra, eu pularia da sacada imediatamente" – faria o mundo finalmente entendê-lo e o ajudaria a voltar à cena com a grandiosidade de *Thriller*. Pouco antes de o documentário ir ao ar, um dos colaboradores de Jackson na época, Marc Schaffel, soube de seu conteúdo e teve a desagradável tarefa de dizer a Jackson que o filme de Bashir era um desastre total. Jackson – que na época estava misturando OxyContin, Demerol e Xanax – estava aos pedaços. "Ele pirou", conta Schaffel. Foi a primeira de uma série de explosões de raiva que culminariam com ele destruindo um quarto em Las Vegas.

Perto dessa época, Jackson sumiu. O ex-astro infantil Donny Osmond, um velho amigo, se lembra de receber uma ligação de Jackson. "Eu disse a ele: 'Mike, onde é que você está?'", recorda Osmond. "Ele disse: 'Por favor, não diga a ninguém. Eu aluguei um ônibus de turismo, peguei meus filhos e nós estamos em algum ponto no Arizona.' Eu disse: 'O que você está fazendo?' Ele disse: 'Eu não quero que ninguém me veja. Não quero que ninguém saiba onde estou.'

"Eu disse: 'Mike, me faça um favor. Venha para Utah. Sem seguranças. Venha para minha casa. Sem guardas, sem nada. As pessoas nem vão saber que você está aqui. A gente vai pro quintal e fica nadando e conversando.' Eu não disse com grosseria. Eu só queria que ele visse como era uma família normal, como era um ambiente normal. E ele desligou. Ele não aceitou meu convite. E essa foi a última vez que falei com ele."

Mas Jackson não podia se esconder para sempre. Pouco depois, o garoto que tinha sido visto segurando a mão de Jackson e recostado em seu ombro no documentário – um paciente recuperado do câncer – disse aos investigadores que Jackson o havia molestado. A polícia fez uma batida em Neverland, em 18 de novembro de 2003, confiscando pornografia e outras evidências, e, quando Jackson descobriu, ficou totalmente fora de si, segundo Shaffel. Quando foi solto sob fiança, Jackson deu outra entrevista, dessa vez para o programa *60 Minutes*, na qual ele novamente defendeu seu relacionamento com meninos. Na noite em que foi ao ar, 28 de dezembro de 2003, consta que Jackson tomou uma dose quase fatal de morfina.

No final, Jackson foi inocentado em um julgamento criminal tragicômico com Jay Leno testemunhando e os jurados zombando do testemunho confuso da mãe de uma das alegadas vítimas, que tinha conseguido uma depilação total com cera às custas de Jackson. Mas a acusação foi bem-sucedida em manchar o que restava da imagem de Jackson, com o testemunho terrível, mas inconclusivo, de que o astro teria embebedado um garoto antes de abusar dele em seu quarto.

Quando ele foi levado para casa em um comboio de automóveis em 13 de junho de 2005, logo após a absolvição, o clima era de derrota. Chegando a Neverland, Jackson subiu as escadas e virou-se para Dick Gregory, comediante e amigo que conhecia Michael desde que ele estrelou *O Mágico Inesquecível*. Jackson agarrou Gregory e apertou-o com força. "Não me deixe", ele implorou. "Eles estão tentando me matar."

Gregory teve a impressão de que Jackson estava se referindo ao mundo inteiro. Michael parecia paranoico e desidratado. "Você já comeu?", Gregory lhe perguntou, sabendo que era comum Jackson ficar sem se alimentar por dias.

"Eu não posso comer", respondeu Jackson. "Eles estão tentando me envenenar."

"Me faz um favor", Gregory lhe disse. "Saia daqui. Todas estas pessoas têm enganado você."

Jackson tinha vivido por muito tempo em um mundo alternativo de puxa-sacos que pareciam ir e vir, muitos deles ludibriando o cantor ou acusando-o de ludibriá-los. Havia Schaffel, ex-produtor de pornografia gay que assessorou Jackson por anos, e Al Malnik, advogado que dizem ter representado uma vez o gângster Meyer Lansky. Havia dois "empresários" alemães que deram um jeito de fazer Jackson endossar um refrigerante, conhecido como "Mystery Drink", que foi vendido por um tempo durante a turnê *HIStory*. E havia



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe








**SOB SUSPEITA**
*(À esquerda) Michael entra no tribunal vestindo calças de pijama para seu julgamento em 2005, acusado de abuso sexual, com seu pai, Joe (à direita); (Nesta página, no sentido horário) No banco de testemunhas, em 2002, depois de ser processado por ter cancelado dois shows; sua foto para a polícia em 2003; na Corte Suprema do Condado de Santa Bárbara.*

o detalhe de seu segurança do movimento religioso Nação do Islã, que, segundo rumores, chegou a lutar com alguns dos irmãos Jackson que tinham demonstrado preocupação com a influência crescente da Nação na vida de Michael.

Jackson sabia que tinha de sair dessa – mas o salvador que ele escolheu só tornou as coisas ainda mais estranhas. Naquele junho, para ajudá-lo a aprumar suas finanças e sair do foco dos refletores da mídia, Jackson voltou-se para um homem que nunca tinha encontrado: o xeque Abdullah bin Hamad bin Isa Al-Khalifa, um príncipe de Bahrein. O xeque tinha feito amizade com um dos irmãos de Michael, Jermaine, que tinha se convertido ao islamismo e passado quatro meses em Bahrein. Abdullah ajudou Michael a pagar perto de US$ 2,2 milhões em taxas judiciais, e perto do fim do mês, Jackson – com seus três filhos e a equipe – foi viver com o príncipe. Houve rumores de shows particulares para o xeque. Abdullah, que tinha suas próprias aspirações musicais, disse mais tarde que ele e Michael estavam trabalhando juntos em uma gravação.

Mesmo naquela época, Jackson sonhava com um retorno. "Sempre havia uma turnê em andamento", diz Miko Brando, filho de Marlon e velho amigo e guarda-costas de Michael. "Bastava ele se sentir preparado para voltar ao trabalho e ser produtivo. Michael é perfeccionista demais para ficar sem fazer nada. Ele estava sempre fazendo música, criando. Ele sabia o que funcionava, o que o público estava procurando."

Como sempre, porém, as coisas pareciam piorar rapidamente. Depois que Jackson saiu de Bahrein em 2006, Abdullah abriu um processo contra ele, alegando que ele tinha gastado enormes somas com Jackson – desde alugar uma casa até comprar para ele cremes corporais e uma Ferrari – na expectativa de que Michael gravaria um álbum com as canções que ele tinha composto. Jackson voou para a Irlanda, onde continuou a trabalhar em música, mas nunca lançou canção nenhuma.

Depois de voltar do exterior em 2006, Jackson mudou-se para Las Vegas, fixando residência com seus filhos em uma mansão de dez quartos. Jack Wishna, um esperto negociante da indústria de jogos de azar, estava tentando ajudar Michael a apresentar uma série de shows em Las Vegas, com os quais este poderia pagar sua dívida crescente, mas o negócio não estava indo bem. Wishna diria posteriormente à CNN que o cantor parecia "muito drogado" e "incoerente", e geralmente estava tão fraco que precisava de cadeira de rodas para se locomover. Jackson e seus filhos raramente saíam da mansão. Quando chegavam a sair, as crianças usavam máscaras de plumas e seu pai ia ao lado, com seus estranhos uniformes de algum exército imaginário. Os fotógrafos o flagraram sendo empurrado em uma cadeira de rodas sob o sol abrasador de Las Vegas e usando máscara cirúrgica e pijamas.

No final das contas, segundo Wishna, os shows em Vegas foram cancelados por causa do estado em que Jackson estava. Mais ou menos na mesma fase, a irmã, Janet, tentou interditar Michael para impedir que ele usasse drogas, mas não conseguiu. No segundo semestre de 2007, Jackson foi procurado pela AEG, uma das maiores promotoras de concertos do mundo. A empresa estava prestes a abrir a O2, uma arena com 18 mil lugares às margens do rio Tâmisa, na zona leste de Londres, e precisava da força de um astro para ocupá-la. Randy Phillips, presidente da AEG Live, tinha feito amizade com Jackson nos anos 1980, quando trabalharam juntos para a fabricante de tênis LA Gear. Phillips voou até Las Vegas para



Revistas.PeruRadio.net.pe



**DESMORONANDO**
*Depois de várias cirurgias no nariz, o rosto de Jackson estava devastado. Durante a filmagem do vídeo "Scream", em 1995, ele arrancou acidentalmente a prótese da ponta do nariz.*

se encontrar com Jackson e seus assessores, e eles jantaram na adega particular de um condomínio de alto luxo.

Jackson chegou de óculos escuros e chapéu e parecia desligado quando Phillips discorreu sobre a série de shows na arena O2. "Ele estava ouvindo", recorda Phillips, "mas não estava animado." Jackson disse que tinha gostado da longa temporada que Celine Dion tinha feito em Las Vegas e que estava interessado em fazer algo parecido. No entanto, pouco tempo depois do encontro, Phillips recebeu um telefonema de Raymone Bain, um dos assessores de Jackson na época, dizendo que o astro não estava pronto para se apresentar de novo, muito menos para se comprometer com uma série de shows.

Então, em outubro de 2007, os credores entraram na justiça para embargar a querida Neverland de Jackson. "Ele não pensava em dinheiro – não era essa a motivação dele", diz Phillips. "E deve ser por isso que ele gastou tanto."

Em 2008, com os concertos em Las Vegas descartados, Jackson voltou-se para Wall Street para sair do impasse. Devido a suas despesas habituais, que algumas pessoas diziam chegar a US$ 35 milhões por ano, Jackson tinha sustentado seu estilo de vida perdulário com empréstimos estimados em US$ 270 milhões no Bank of America, grande parte deles garantida por seu rancho Neverland e seu investimento no catálogo editorial da Sony/ATV, que inclui músicas dos Beatles e dos Jonas Brothers. Acontece que o Bank of America vendeu o pacote de empréstimos à Fortress Investments, uma firma de Nova York especializada em dívidas vencidas e não pagas. Em março de 2008, Jackson anunciou que tinha feito um acordo com a Fortress – pelo qual, dizem, ele pagaria juros de 20% sobre seus velhos empréstimos – para suspender os processos que a firma movia para embargar Neverland, seu rancho de 2.700 acres que tinha zoológico, cinema, duas ferrovias e um parque de diversões com roda-gigante, karts de corrida, carrinhos bate-bate elétricos e estandes de algodão-doce. Ele comprou o lugar em 1988 e admitiu que era um jeito de resgatar a infância que nunca teve. "Estou trazendo para trás dos portões tudo o que não pude fazer quando era criança", disse ele. No entanto, logo depois do julgamento por abuso sexual de menor, em 2005, Jackson sairia de Neverland para sempre.

O acordo para protelar o embargo nunca se materializou. Em vez disso, Michael seguiu o conselho de uma pessoa que acabara de conhecer: Tohme Tohme, um financista libanês que atuava em Los Angeles. Segundo Tohme, ele foi procurado em 2008 por Jermaine, irmão de Michael, que perguntou se ele podia ajudar a salvar Neverland. Os dois voaram até Las Vegas e se encontraram com Michael, que confiou em Tohme. O financista persuadiu seu amigo Tom Barrack, o presidente bilionário da Colony Capital, a se encontrar com Jackson. Barrack, cujo fundo de investimentos é proprietário do Las Vegas Hilton e de dezenas de outros resorts



Revistas.PeruRadio.net.pe

e cassinos, se vangloria de "ser cuidadosamente do contra", o que ele define como "investir em setores ou mercados menos atrativos para explorar os desajustes do capital ou do produto". Se havia um setor que estava desajustado e pouco atrativo, esse era Jackson – e Barrack tinha os recursos para salvá-lo da Fortress.

Em maio de 2008, a Colony e Jackson formaram uma holding para serem donos da propriedade em parceria, cancelando o embargo. Voltaram a usar o nome que o rancho tinha antes de Jackson (Sycamore Valley Ranch) e começaram imediatamente uma reforma, bem provavelmente interessados em vendê-lo. Três anos depois de Jackson sair de Neverland, o rancho estava vazio, silencioso e "em ruínas", conforme declaração apresentada ao tribunal por Darren Julien, fundador da empresa Julien's Auctions, que tinha sido contratado para vender barato partes da propriedade. "Edificações, atrações, equipamento industrial, os automóveis e o zoológico particular de Jackson, e até a aldeia indígena estavam desmoronando", disse ele.

Julien passou meses trabalhando na propriedade de Jackson, catalogando cuidadosamente o imenso conteúdo do rancho. "Era como se a Disneylândia colidisse com o Louvre", diz Julien. "Só mesmo em Neverland você podia ver uma estátua do século 18 perto de um castelo monumental que, por sua vez, ficava ao lado de uma estátua de mordomos e criadas. No segundo trimestre de 2009, entretanto, o processo de venda pública foi abruptamente interrompido quando uma das empresas do próprio Jackson moveu um processo contra a empresa de Julien, declarando que ela não tinha permissão para a venda. A reviravolta repentina pôs em evidência o que muitas pessoas do mundo de Jackson já sabiam havia muito tempo: que Jackson estava cercado de assessores que competiam entre si e que o que determinava quem estava em alta ou em baixa era um mero capricho.

Então, se Jackson não ia vender barato as coisas de Neverland, precisava encontrar outro meio de levantar dinheiro. Nos últimos meses de 2008, Barrack sentou-se com Phillips e descreveu os planos da Colony para reestruturar a bagunça que eram as finanças de Jackson. Em novembro, Jackson saiu de casa em Vegas, voou até Los Angeles e se encontrou com Phillips no Bel-Air Hotel. Eles falaram novamente da possibilidade de um retorno – mas dessa vez Michael pareceu vivamente interessado.

Ele e Phillips conversaram por horas, e Jackson falou de tudo o que queria. Falou em fazer filmes que protagonizaria e dirigiria. Ele já tinha gastado milhões em um: *Ghosts*, um curta-metragem de horror estrelado por ele e baseado em um roteiro que ele encomendara a Stephen King. Ele queria fazer outro álbum. E uma turnê. Porém, mais do que tudo, Phillips se lembra de que Jackson queria poder mostrar a seus filhos o que fazia as pessoas na rua se aglomerarem à sua volta quando ele saía de casa.

"Ele queria que as pessoas vissem o seu trabalho, não apenas que falassem de seu estilo de vida", diz Phillips. "Michael era um marqueteiro muito esperto. As pessoas dizem que ele era fraco e manipulado, mas era poderoso e manipulador. Ele estava pronto. Ele queria pôr suas finanças em ordem." Jackson disse ao promotor de eventos que queria saldar suas dívidas para poder comprar uma casa que tinha adorado em Las Vegas, uma que pertencera ao sultão de Brunei. Seria sua nova Neverland. "Ele estava preparado para deixar de viver como um vagabundo, se estabilizar e ganhar dinheiro novamente", diz Phillips. "Ele não era estúpido – sabia que não havia nenhuma fada madrinha chegando. A casa e a ideia de fazer filmes eram importantíssimas para ele."

Em seguida, Phillips relatou o encontro ao dono da AEG, Phil Anschutz. "Acho que o Michael precisa fazer isso por necessidade financeira", disse Phillips a seu patrão. "E ele está emocionalmente pronto para fazer isso." Jackson concordou em dar a partida em uma turnê mundial de retorno com 31 shows na arena O2, a partir de 8 de julho de 2009. Segundo Phillips, o número de shows não era arbitrário – Jackson o escolheu de modo a ter dez shows a mais do que Prince, que tinha inaugurado a arena com uma série de concertos espetaculares em 2007. Michael, parece, estava empenhado em uma competição particular com Prince desde 1987, quando este se recusou a fazer um dueto com ele em "Bad". Duas décadas depois, Jackson ainda estava ansioso para eclipsar seu rival e lembrar ao mundo quem era o Rei.

Certo dia, no final de fevereiro, Kenny Ortega atendeu o telefone em seu escritório e ouviu uma voz familiar, suave e em falsete do outro lado da linha. "Kenny", disse a voz, "é o Michael." De imediato, Ortega percebeu na voz de Jackson uma coisa que tinha sumido por muito tempo: entusiasmo. Os dois tinham se tornado amigos no início dos anos 1990, quando Ortega coreografou a turnê *Dangerous* de Michael, e trabalharam juntos de novo na turnê *HIStory*. Após seu julgamento por abuso sexual infantil em 2005, Jackson tinha se colocado fora do alcance de seus amigos da área musical. Mas agora, à medida que Jackson descrevia a turnê de retorno que estava preparando, Ortega notou no astro um foco que esteve ausente por vários anos. Michael soou alto e claro quando disse a Ortega que queria que esse fosse o show mais espetacular na história. "É isso aí", disse Jackson, ecoando o que se tornaria o título do show [This Is It].

Jackson faria uma série de ligações para velhos amigos e colaboradores que tinha descartado ou demitido. "Era a velha turma", diz Ortega. Frank DiLeo, que tinha sido excluído do círculo de Jackson duas décadas antes, voltou como empresário, junto com o coreógrafo Travis Payne e o advogado de longa data John Branca, que tinha ajudado Jackson a comprar a participação no catálogo da Sony/ATV e os direitos sobre todos os masters. "Ele compreendeu que iria trabalhar para reconquistar a liberdade financeira e estava muito entusiasmado com isso", diz DiLeo. "Eu o incentivei – ele sabia que estava trabalhando com um objetivo."

Para a AEG, marcar uma série de concertos para Michael na arena O2 era uma aposta arriscadíssima. Os custos do seguro eram por si sós monumentais, e todo o mundo sabia que Jackson não fazia nada barato. Como parte do negócio, a AEG formou um fundo de desenvolvimento multimilionário (em dólares) para criar uma versão de "Thriller" para o cinema, que Michael ansiava produzir. Apesar dos custos, contudo, o lucro potencial era gigantesco. E se a AEG pudesse fazer o impossível e trouxesse Michael Jackson de volta ao mundo? "As pessoas me diziam que eu estava louco, que ele ia me decepcionar", diz Phillips. "Mas eu acreditava nele. Quantas vezes na



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe



**JACKSON EVITA A AMÉRICA**
*Em Dubai com o campeão de automobilismo Mohammed bin Sulayem (à direita) e com o xeque Abdullah bin Hamad bin Isa Al-Khalifa, filho do rei de Bahrein; (À esquerda) Em 2006, com uma criança não identificada em Bahrein.*

sua carreira você sente que tocou algo importante? Eu achei que o risco valia a pena."

Em março, horas depois de Jackson dizer a uma enorme massa de fãs em Londres que estava se preparando para o que chamou de "a última cortina que se fecha", mais de um milhão e 600 mil pessoas reservaram entradas. Com esses números, Phillips chamou Tohme e perguntou se o astro aceitaria pensar em incluir mais shows na agenda. Como eles poderiam se limitar a 31 se havia tanto dinheiro esperando para ser embolsado?

Jackson ligou de volta 20 minutos depois e disse a Phillips que faria 50 shows – desde que a AEG fizesse duas coisas por ele. Primeiro, ele queria que providenciassem uma propriedade rural na Inglaterra com colinas, vegetação e cavalos para as crianças. Segundo, ele queria uma cerimônia para comemorar alguma façanha de Jackson (a ser definida) que entrasse no *Livro Guinness de Recordes*. Eram duas coisas contraditórias às quais ele aspirou por toda a vida: viver em reclusão, cercado por crianças e animais, e ser reconhecido como o maior performer da história. Os 50 shows na arena O2 foram vendidos em apenas três dias. Jackson estava contentíssimo: talvez o retorno com que sempre sonhou estivesse finalmente a seu alcance.

Por essa época, Jackson mudou a família para Los Angeles, alugando um castelo de sete quartos pertencente ao magnata da indústria têxtil mexicana Hubert Guez, que acabara de se tornar CEO da Ed Hardy, fabricante de camisas de luxo. Depois de alugar a casa por US$ 100 mil mensais (ela tinha sido posta à venda por US$ 38 milhões), Jackson entrou em uma rotina medíocre, saindo principalmente à noite. Mas não demorou muito para os fãs e os paparazzi ficarem em vigília fora de sua nova casa. Todos os dias, cerca de uma dúzia de pessoas esperava do lado de fora somente para vislumbrar Jackson, mesmo que fosse apenas a mão acenando por trás da janela de um de seus dois Escalades azuis. Alguns deles seguiam Jackson até Beverly Hills, onde ele visitava regularmente seu dermatologista de longa data, o Dr. Arnold Klein.

Foi no consultório de Klein que Jackson, em meados dos anos 1980, conheceu Debbie Rowe, sua segunda esposa e mãe de seus dois filhos mais velhos, Prince e Paris. Klein, que se recusou a dar declarações a esta matéria, dizia estar tratando Jackson de vitiligo e trabalhando para ajudar a reconstruir seu nariz lesionado. Klein insistiu em dizer que não medicava Jackson excessivamente, dizendo que sedava o cantor somente durante procedimentos médicos dolorosos.

Algumas vezes, ao sair do consultório de Klein, Jackson parecia sonolento e desorientado. "Ele está cansado", diziam seus guarda-costas às pessoas que o esperavam. Mas os fãs não engoliam. "Às vezes, os seguranças diziam que ele estava medicado", diz um fã incondicional, que afirmou que Jackson visitou Klein na segunda-feira anterior à sua morte, quando uma equipe de segurança de Michael o trouxe ao consultório do dermatologista às 9 horas – bem cedo, em missão agendada para evitar que os fãs e paparazzi percebessem.

Segundo uma fonte, Jackson também estava viciado no



Revistas.PeruRadio.net.pe



**DIAS ESTRANHOS**
*Saindo de um hotel em Beverly Hills com os filhos Prince e Paris, em 2003. Era comum Michael pôr máscaras em seus filhos, quando apareciam em público, para evitar que seus rostos fossem fotografados.*

eBay, ficando acordado até tarde para fazer compras em uma das inúmeras contas que mantinha. Ele também saía para compras secretas levando os filhos à loja da Ed Hardy, ou ia a um antiquário que adorava, chamado Off the Wall. Às vezes, ele só levava as crianças para passear, com seguranças. Apesar de se declarar entusiasta da comida saudável, ele às vezes parava no Kentucky Fried Chicken que ficava no caminho.

Pela primeira vez em anos, porém, Jackson tinha um show no qual se concentrar. Em março, começaram os testes de palco para a turnê. Desde o início, Michael teve participação ativa na formatação do show, estimulando as pessoas à sua volta a buscar uma espécie de talento intergaláctico. "Pense nos grandes artistas e dançarinos do mundo", disse ele a Ortega. "Vamos achá-los."

Mais de 5 mil dançarinos se inscreveram, e Ortega e sua equipe reduziram o número para 700. Nas audições finais, Jackson estava sentado ao lado de Ortega, totalmente concentrado. "Vamos chegar mais perto", disse ele ao coreógrafo. "Quero ver os olhos deles." Quando percebia alguém promissor, ele dizia: "Aquela ali, a menina lá no fim – ela é muito bonita".

No final de março, três meses antes do concerto de abertura que estava agendado, uma trupe com dezenas de músicos e dançarinos começou a ir ao CenterStaging para ensaios diários – trabalhando por longas horas, sete dias por semana. No início, Jackson só aparecia algumas vezes por semana, sentava-se com Ortega por várias horas e vasculhava seu imenso material de arquivo – velhas fotos, vídeos e gravações. Eles esperavam capturar a essência, aquele quê especial que o tinha tornado o Rei do Pop.

Jackson estava determinado a dar aos fãs tudo o que queriam. Mandou fazer um site para que eles pudessem votar em quais músicas ele cantaria, e ele e Ortega usaram os votos para começar a compilar uma lista de 30 músicas para o show. Jackson parecia ansioso para explodir a mente das pessoas.

"Quando o show começar, eu não quero deixar nada por fazer", disse ele a Ortega. "Quero que este seja o show de abertura mais espetacular que o público já viu. Eles têm de perguntar a si mesmos: 'Como é que eles vão fazer algo melhor do que isto?' Eu quero deixá-los de queixo caído. Quero que eles não consigam dormir, porque vão ficar completamente ligados no que viram."

Para ficar em forma para essa exigente turnê, Jackson começou a trabalhar algumas vezes por semana com Lou Ferrigno, que estrelava a série *O Incrível Hulk*. Os dois tinham se encontrado anos antes em uma festa, quando Ferrigno percebeu que Jackson o estava olhando do outro lado da sala, reconhecendo-o como Hulk. "Ele era como uma criança", diz Ferrigno, que, ao chegar de manhã, era recebido pelos filhos de Jackson.

Jackson era aflitivamente magro – embora tivesse 1 metro e 80, pesava menos de 58 quilos – e já tinha sofrido muito. Ele e Ferrigno iam para um quarto nos fundos, equipado com uma esteira ergométrica. Jackson não queria criar musculatura; então, eles trabalhavam cuidadosamente, fazendo alongamento com uma faixa- elástica e uma bola suíça. Jackson usava calças pretas de smoking, uma camiseta preta, meias e sapatos pretos enquan-



Revistas.PeruRadio.net.pe

to fazia ginástica, e assim não precisava trocar de roupa quando ia ensaiar depois. "Ele era divertidíssimo", diz Ferrigno. Muitos anos atrás ele tinha me dito que era muito solitário, mas, quando estávamos juntos, ele parecia muito satisfeito e feliz. Ele era como o Michel Keaton naquele filme *Dona de Casa por Acaso*."

Era evidente que Michael gostava de ficar em casa com os filhos, e era muito comum ele se comportar como criança. "Era um piadista", diz Ferrigno. "Ele me ligava e às vezes ficava uns 10 minutos disfarçando a voz. Eu pensava que eu era um fã obsessivo. Ele dizia que se chamava Omar e que estava de olho em mim."

Mas "Omar" fez mais do que pregar peças em seus amigos. Segundo o TMZ, Jackson também usava esse nome em receitas de uma infinidade de analgésicos e sedativos que tomava. Em 2007, uma farmácia de Beverly Hills registrou uma reclamação contra Jackson por não pagamento de sua conta de remédios – um total de US$ 101.926,66, acumulados desde 2005. Entre os documentos da investigação sobre as acusações de assédio sexual infantil contra Jackson, havia entrevistas com dois ex-funcionários de Neverland, que relataram que geralmente Jackson tomava, para dormir, cerca de 40 Xanax por noite.

EMBORA JACKSON TIVESSE UM PAPEL CENTRAL NA formatação da turnê de retorno, ele ir ao palco para trabalhar era outra conversa. Enquanto a equipe cumpria longas jornadas, Jackson preferia trabalhar em casa na maioria dos dias. O pessoal à sua volta estava ficando nervoso. Segundo Phillips, o orçamento inicial da AEG, de US$ 12 milhões para pré-produção, tinha mais do que dobrado. Entretanto, quando o promotor o pressionou por causa dos US$ 150 mil que ele tinha concordado em pagar ao médico Conrad Murray, Michael o esnobou duramente. "Olha", disse ele, "o meu corpo é o mecanismo que alimenta este negócio todo. Assim como o presidente Obama, eu preciso que o meu médico pessoal me atenda 24 horas por dia, sete dias por semana."

Outras pessoas começaram a pressionar Jackson para ensaiar mais. "Eu tinha minhas preocupações quanto a ele estar preparado ou não, e o questionava", diz Ortega. "Em alguns dias, eu dizia algo como: 'Você vai dar as caras? Vai mesmo vir? Você precisa vir.'" Mencionando a necessidade de mais tempo de preparação em Londres, Ortega pediu que o show de abertura fosse adiado cinco dias, para 13 de julho. Muitas pessoas próximas a Jackson estão convencidas de que ele nunca poderia reunir todo o vigor físico e mental necessário para realizar os 50 shows. "Acho que ele ia fazer o primeiro show, e teria sido bom – um dos incentivos que ele tinha era que seus filhos nunca tinha visto de fato uma exibição dele", diz Schaffel. "Talvez ele fizesse outro show duas semanas depois, mas aquele teria sido o grande momento."

No início de junho, Dr. Murray mediou um encontro na casa de Michael entre Jackson e Ortega, que sentia que o astro precisava ir aos ensaios com mais frequência. Jackson ouviu o diretor da turnê em silêncio, mas não parecia alarmado. "Eu conheço a minha programação", disse ele calmamente. "Confie em mim."

Depois disso, no entanto, Jackson começou a ir aos ensaios o dia inteiro, todos os dias. Para os mais próximos, ele parecia concentrado e atento a cada detalhe. "Eu gosto de me referir ao Michael como um jogador", diz DiLeo. "Ele é um quarterback. É a estrela do time de futebol americano, e na prática os quarterbacks são acomodados. Mas no dia do jogo ele se liga."

"No início, ele estava enferrujado, é claro, e perdia algumas notas", diz o diretor musical do show, Michael Bearden. "Mas ele dizia: 'É por isso que a gente ensaia.' E nos três últimos ensaios ele estava pronto. Ele sabia disso, ele tinha aquele brilho, aquela autoconfiança insolente. MJ é daqueles que conseguem o que ninguém mais conseguiu. Sua memória muscular é incrível. Quando ele fica em frente aos fãs no palco, é pura mágica."

Nos ensaios, Jackson logo assumiu o controle. A guitarrista Orianthi Panagaris se lembra de ir lá para uma audição e lhe dizerem para tocar "Beat It". Jackson sentou-se em uma poltrona em frente a ela. "Eu estava tão nervosa…", diz ela. "Da poltrona, ele me disse para incrementar meu solo. No final, ele estava batendo palmas, estava alegre. Ele chegou, agarrou meu braço e começou a andar comigo para lá e para cá na frente do palco. Ele disse: 'Quando tocar o solo, eu quero que você me persiga!' "

Algumas pessoas próximas de Jackson estavam preocupadas com sua pesada dependência de drogas controladas. "Eu fiquei sabendo disso em 2005", diz Deepak Chopra. "Abordei o assunto com ele muitas vezes. Um assistente dele me ligava frequentemente a respeito, dizendo que ele estava conseguindo medicamentos com vários médicos. Ele percorria grandes distâncias para pegá-los – se um médico não lhe fornecia, ele tentava outro. Esse vício foi criado e perpetuado por médicos."

Na maior parte das vezes, as noites pareciam ser o maior problema de Jackson – ele reclamou de insônia durante anos. Mas era também a hora em que ele sentia que um grande poder estava canalizando criatividade para ele. "Não consegui dormir muito", disse a Ortega. "Eu estava desperto, trabalhando em música. É quando as ideias vêm, e quando elas vêm você tem de trabalhar."

"Michael", Ortega disse, "por que não faz um pacto com esse poder maior e guarda essas ideias para depois de 13 de julho?"

"Não", Jackson respondeu. "Aí ele daria as ideias ao Prince."

Apesar do treinamento com Ferrigno, Jackson continuou magro. "Eu estava preocupado com o peso dele", diz Phillips. "Quando eu comecei a lidar com ele, ele era um pouco mais pesado – pesado, para ele, pode ser uns 59 quilos. Ele parecia um professor distraído – ficava tão concentrado na criação do show que se esquecia de comer. A ponto de Kenny Ortega cortar para ele um peito de frango e alimentá-lo com brócolis, como a uma criança, enquanto eles trabalhavam. Eu até trouxe um de meus colaboradores só para lembrar a ele de comer, coisas assim."

Parte da inspiração de Michael era sua preocupação com o aquecimento global. Três semanas antes de sua morte, ele enviou ao amigo Deepak Chopra um CD com uma faixa gravada. "A música era muito leve, melodiosa", diz Chopra. "Chama-se 'Breathe'. Ele queria fazer uma canção sobre o meio ambiente e queria que eu o ajudasse na letra. Havia grandes ideias por trás – como dizer que as árvores são nossos pulmões, que a Terra é nosso corpo."

De fato, a visão de Jackson sobre o mundo parecia ter sido incubada e ter crescido durante sua fase fora dos palcos. Nos ensaios, ele falava sempre sobre o que estava acontecendo no mundo. "Ele criou um grande arsenal de coisas que queria dizer",



Revistas.PeruRadio.net.pe

diz Ortega, que descobriu que Jackson era surpreendentemente engajado em política e meio ambiente. "Ele sentia que o tempo estava acabando e queria pôr a mão na massa e participar."

Às vezes essas ideias saíam caro. As pessoas que trabalhavam com ele no show dizem que nunca viram nenhum sinal de que Jackson estava sob pressão financeira. Na verdade, ele parecia se divertir gastando como sempre. Ortega lembra que era comum ter de frear os sonhos de Jackson. "Você quer que a gente vá a Victoria Falls e filme a queda-d'água de um helicóptero?", disse ele a Jackson, que queria o vídeo para o encerramento. "Sabe quanto isso custa?" Mas Jackson não parecia ligar para isso. "Dinheiro não era um fator que o motivava", diz Phillips. "A questão para ele era fazer algo maior do que qualquer outra pessoa jamais tinha feito. Era isso que o motivava."

Na última noite de sua vida, Jackson chegou ao Staples Center para seis horas de trabalho. Primeiro ele teve uma reunião com Randy Phillips, o presidente da AEG Tim Leiweke, seu empresário DiLeo e Ken Ehrlich, produtor do Grammy. Eles examinaram ideias para um especial do Dia das Bruxas que estavam planejando: a estreia, em rede, de *Ghosts*, o curta-metragem de Jackson, que incorporaria clipes de uma exibição ao vivo de "Thriller" em Londres. Em seguida, Jackson foi a outra sala e ficou cerca de uma hora examinando efeitos 3D para o show. Jantou peito de frango e brócolis. Foi então ao camarim e voltou para três horas de performance.

**UM REI NO EXÍLIO** *Michael em seu rancho Neverland em 1993. Pouco depois de seu julgamento, ele deixou para sempre a propriedade e foi viver em Bahrein e na Irlanda.*

Os que testemunharam a performance – profissionais experientes que tinham trabalhado com o que há de melhor no show business – estavam boquiabertos. Em pé diante deles estava o Michael do qual todos eles se lembravam, o artista que tinha brotado do cantor mirim para forjar todo um novo estilo de pop. Quando Jackson saiu do palco, abraçou DiLeo. "Esta é a nossa vez de novo", disse a seu empresário. "É a hora de pegar de volta."

O ensaio terminou, mas ninguém queria sair e romper o encanto. "Ele estava exalando luz", recorda Ortega. "Quando ele terminou, nós todos ficamos lá, enrolando." Michael estava pronto. Dali a apenas 19 dias, ele ia subir ao palco em Londres, e o mundo iria saber, mais uma vez, que o Rei do Pop estava de volta.

Ehrlich, que tinha produzido o prêmio Grammy por três décadas, sentou-se na plateia, estupefato: "Eu virei para alguém e disse: 'Isso é fantástico!' Por muitos anos, eu tinha visto Chris Brown e Justin Timberlake, e Usher, e os Backstreet Boys, e En Vogue, todos imitarem Michael Jackson – e agora nós estávamos aqui, muitos anos depois, e ele estava fazendo tudo de novo. Eu senti calafrios. Literalmente. Os cabelos da minha nuca estavam eriçados. Esses são os momentos pelos quais a gente sempre espera."

No fim, quando os artistas começaram a ir embora, Phillips caminhou com Jackson até seu carro. Michael pôs o braço em volta do promotor. "Obrigado por me trazer tão longe", disse ele com aquele fio de voz. "Eu posso seguir daqui. Eu sei que posso."

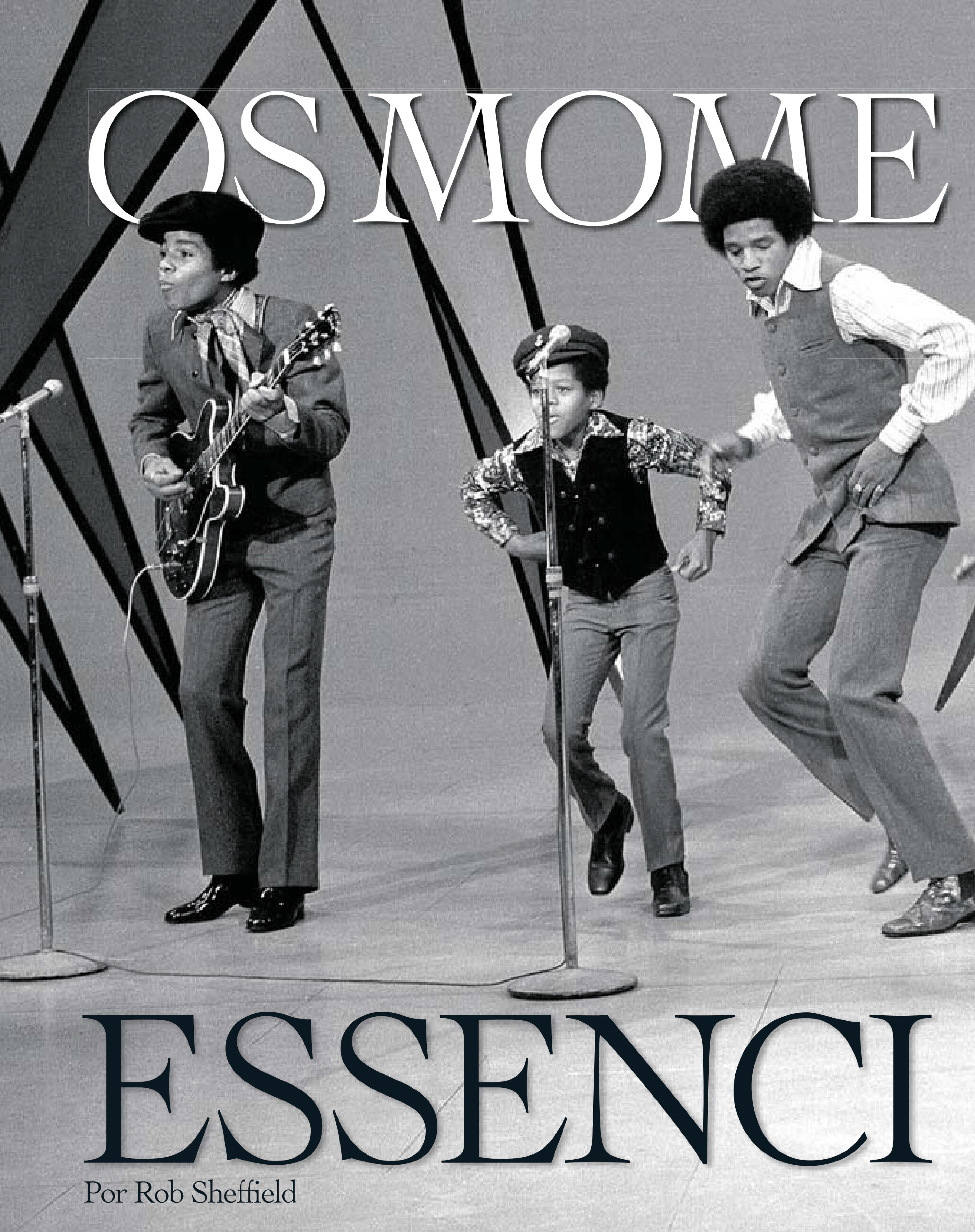




Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe


# OS MOME
# ESSENCI

Por Rob Sheffield

Revistas.PeruRadio.net.pe

NTOS



AIS

## “I Want You Back”

*1969*

AQUELES PASSOS DE DANÇA SUPERLEVES! AQUELE RITMO! O CHApéu roxo de gigolô na cabeça de Michael! Em um momento crítico para o império da Motown, Berry Gordy emprega todos os recursos da Hitsville U.S.A. (inclusive o então inimaginável orçamento de gravação de US$ 10 mil) para chegar à música pop perfeita. E a voz suplicante de Michael convence. Nunca, literalmente, alguém saiu de uma sala enquanto essa música estava sendo tocada.

Revistas.PeruRadio.net.pe



**DE NOVO**
*De 1984 a 1985, após o grande sucesso de* Thriller, *a ABC reprisou* The Jackson 5ive *nas manhãs de sábado.*

## "I'll Be There"

1970

COM ESTA BALADA, O JACKSON 5 SE TORNOU O PRIMEIRO GRUPO a chegar ao primeiro lugar com seus primeiros quatro singles em uma grande gravadora. Eles não podiam mais ser descartados como uma novidade infantil – as vozes de todos os irmãos flutuam, prometendo uma fantasia de devoção eterna. Essa música foi regravada inúmeras vezes, mas ninguém conseguiu suplantar o jeito com que Michael se jogou no verso "Let me fill your heart with joy and laughter" [*Me deixa encher seu coração de alegria e de risos*].

## "Got to Be There"

1971

SEU PRIMEIRO SINGLE SOLO, E UM PRIMEIRO APERITIVO DO Michael maduro e introspectivo que estava por vir, vendeu mais de um milhão e meio de cópias após o lançamento no terceiro trimestre de 1971. A música propriamente dita está longe de ser infantil, com harmonias agridoces que deviam estar além do alcance de um garoto. Mas Michael surfa nas cordas jazzísticas e na exuberante orquestração, lidando com cada mudança de tom. Ele tinha acabado de completar 13 anos.

## The Jackson 5ive

1971-73

PARA INÚMERAS CRIANÇAS DOS ANOS 1970, AQUELE DESENHO animado das manhãs de sábado (em que "ABC" era a música-tema) foi a primeira experiência com a eterna trilha sonora do J5, como uma mistura de Sly & The Family Stone com a Junkyard Band de Fat Albert. Era mais psicodélico que *Scooby-Doo*, com uma pulsação melhor do que *Hong Kong Fu*, tão bom que a ABC o ressuscitou nas manhãs de sábado, em 1984, depois do sucesso de *Thriller*. Mais tarde, Michael admitiu que assistia sempre, dizendo: "Eu sou um desenho animado!"

## "Dancing Machine"

1974

OS IRMÃOS ESTAVAM FICANDO VELHOS DEMAIS PARA O APELO adolescente, aborrecendo-se com as limitações artísticas da Motown, em que nem mesmo Michael tinha permissão para compor ou produzir. Mas o último grande sucesso da Motown era uma prova do que estava por vir. Enquanto MJ ficava calmamente observando os profissionais trabalharem no estúdio, estava absorvendo os truques ("como um falcão", conforme admitiu) que usaria para conquistar o mundo.



Revistas.PeruRadio.net.pe



## “Rock With You”

1979

ACREDITE SE QUISER, HOUVE UM TEMPO em que usar a palavra “rock” em uma melodia disco era escandaloso. É por isso que não se pode chamar *Off the Wall* de mudança de estilo – Michael era orgulhosamente da disco, mas o reflexo no globo espelhado dele era tão sedutor que todo o mundo musical mudou de estilo. Só ele conseguiria resistir ao final, quando esticou a palavra “girl” em uma fermata de seis compassos. Sua androginia era irresistível: ele era o rapaz mais feminino do mundo, embora fosse o maior alvo do amor das mocinhas, e não ficava nem um pouco constrangido com isso.

Revistas.PeruRadio.net.pe



**A HORA DO ESPANTO**
*Jackson no cenário do vídeo musical "Thriller", em 1983. Dirigido por John Landis, o clipe durava 14 minutos*

Revistas.PeruRadio.net.pe

## "Shake Your Body (Down to the Ground)"
1979

ABRINDO COM A DANÇA UM CAMINHO PARA ESCAPAR DAS RESTRIÇÕES da Motown (e aproveitando sua chance de ter o controle artístico), MJ leva os irmãos à terra prometida. A letra apresenta o anseio dele ("I need to do just something to get closer to your soul" [*Eu preciso fazer algo para ficar mais perto de sua alma*]), enquanto o ritmo agita o nosso corpo. Olá, futuro do pop!

## "Don't Stop 'Til You Get Enough"
1979

FAÇA UMA LISTA COM OS 10 MAIORES GRITOS "OOOOH!" DA HISTÓRIA, e pelo menos seis deles serão desta música. MJ apresenta ao mundo seu lado adulto descolado, agitando mais do que qualquer outra música nas rádios de rock, ainda que elegante e atraente o bastante para fazer o restante do Top 40 parecer conversa fiada. Quem mais poderia se sair bem daquela introdução apenas sussurrada? Quem mais poderia calçar meias soquete brancas com um smoking e ainda parecer tão legal?

## "Heartbreak Hotel"
1980

UM R&B FANTÁSTICO PARA OS JACKSONS, ERA SOMBRIO DEMAIS para as rádios – seu pico nas paradas de sucesso foi o 22º lugar –, mas foi um sucesso nas casas noturnas. Michael jurou que não era uma referência a Elvis, embora a gravadora tenha ficado nervosa e lhe tenha dado um novo título: o estúpido "This Place Hotel". (Esse é um dos poucos momentos de sua carreira sobre o qual ninguém nunca reclamou créditos.) Mas Elvis teria gostado de ver como ela combinava religiosidade antiga, um quê de sexo e muito medo.

## "Billie Jean"
1983

SEIS MINUTOS DE DEMÊNCIA FUNK, UM PRIMEIRO LUGAR imediato, apesar de ser uma das mais estranhas e perturbadoras músicas a tocar nas rádios. Quincy Jones tentou dialogar com Jackson quanto a não no colocá-la no disco. A música ainda acabou criando um impasse entre Michael e Quincy – o cantor achou que merecia um crédito de coprodução, já que a versão demo que ele apresentara a Jones parecia idêntica à versão de *Thriller*. Jones discordou.

## "Beat It" (Clipe)
1983

ESTA ERA A MÚSICA NECESSÁRIA PARA TORNAR MICHAEL ACEITÁVEL pelos "discotecófobos", mas "Billie Jean" já tinha feito isso, então ela se tornou uma "volta da vitória". No vídeo, ele vai até uma garagem cheia de membros de gangues, e salva o dia como um anjo adolescente, enquanto o solo de guitarra traz Eddie Van Halen com o diabo no corpo.



## Motown 25 Special
1983

TODOS JÁ VIRAM O MOVIMENTO DO HOMEM EM "BILLIE JEAN", mas, em 16 de maio de 1983, 50 milhões de fãs estavam atentos, esperando que ele fizesse algo novo. E ele fez, deslizando com uma graça sobre-humana. Vários dançarinos afirmaram ter sido quem ensinou o moonwalk a Michael, mas ele, sem dúvida, tomou posse daquele movimento. Fred Astaire ligou para ele no dia seguinte e disse: "Você acabou com eles ontem à noite."

## "Human Nature"
1983

DE CERTO MODO, ESTE FOI UM PEDIDO DE DESCULPAS POR "THE Girl is Mine", seu dueto ridículo e chato com Paul McCartney. "Human Nature" é uma balada delicada na superfície, mas um soul emocional de partir o coração, executado brilhantemente pelos rapazes da banda Toto. Michael nunca pareceu tão quente, corajoso, suspirante e mais vibrante emocionalmente. Merecia chegar ao primeiro lugar, mas sabe quem chegou lá? "Say Say Say", um dueto mais ridículo ainda com McCartney.

## "Thriller" (Clipe)
1983

ESTE FILME DE JOHN LANDIS, COM 14 MINUTOS DE DURAÇÃO, nunca foi realmente um vídeo musical – o diálogo era engraçado, mas ninguém conseguiria dançar o diálogo. Ele mostra o belo sorriso de Michael Jackson, mas sugere a escuridão de sua alma quando dança à frente de um grupo de zumbis.

## "State of Shock"
1984

O ÚLTIMO GRANDE MOMENTO DOS JACKSONS E UMA CONQUISTA redentora no natimorto disco *Victory*. É apenas Michael com Mick Jagger, dois profissionais do ramo, fazendo uma brincadeirinha sexy em uma levada de guitarra funky calcada nos ROLLING STONES. A farra dura uns dois minutos mais do que deveria, mas, de certa forma, isso vira parte da piada.



Revistas.PeruRadio.net.pe

## "We Are the World"
1985

A VERSÃO DEMO DE MICHAEL ERA UMA BALADA TRANQUILA; transformou-se na obra elaborada e cravejada de estrelas, o USA for Africa, que imortalizou a voz estridente de Bob Dylan, os óculos estranhos de Dan Aykroyd e o sinal de positivo de Lionel Richie. Também foi o último solo do jovem e gentil Michael daquele momento *Thriller*, cantando o verso que Prince não cantou ("When you're down and out, and there seems no hope at all" [*Quando você está sem nada,e parece não haver nenhuma esperança*]) de modo mais convincente do que Prince teria feito.



## Captain EO
1986

ENTRE *THRILLER* E *BAD*, JACKSON CHEGOU À TOMORROWLAND, na Disney, alguns anos atrasado. Esse curta metragem em 3D, com 17 minutos, começou a ser exibido nos parques temáticos em 1986 e é um conto de fadas sci-fi feito com Francis Ford Coppola e George Lucas, tendo como tema a música "We Are Here to Change the World". A Disneylândia parou de exibir *Captain EO* em 1997, por razões talvez óbvias.

## "Bad"
1987

TODOS SE PERGUNTAVAM SE MICHAEL AINDA CONSEGUIRIA chamar a atenção das pessoas, mas esta música, o segundo single do álbum de mesmo nome, provou que ele tinha a habilidade, principalmente com um verso inicial como "Your butt is mine" [*Seu traseiro é meu*]. Ela foi direto para o primeiro lugar. Depois de *Captain EO,* Michael era uma personalidade completamente diferente, um adulto amargo e nervoso que se sentia oprimido pelo mundo. Seu brilho juvenil era coisa do passado; ele não estava se divertindo e queria que todos nós soubéssemos disso.





Revistas.PeruRadio.net



**CURAR O MUNDO**
*A amizade de Michael com Lionel Richie vinha desde quando o Commodores abriu shows para o Jackson 5 no início dos anos 1970*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**SEREI O SEU ESPELHO**
*Michael e um coro gospel cantando "Man in the Mirror" no Grammy de 1988*

Revistas.PeruRadio.net.pe

## "Man in the Mirror" no Grammy
1988

QUANDO AS PESSOAS OUVIRAM PELA PRIMEIRA VEZ A VERSÃO de estúdio, ele parecia muito cheio de si. Mas no Grammy, no palco do Radio City Music Hall, em Nova York, Jackson levou a música à igreja, com uma produção gospel que continua sendo um de seus trabalhos vocais mais impressionantes. Michael não ganhou prêmio algum naquela noite, mas, de certa forma, ela foi tão majestosa e definitiva quanto o moonwalk do *Motown 25*.

## Moonwalker
1989

CASO NINGUÉM TENHA NOTADO QUE MICHAEL TINHA ALGUNS problemas, este filme bizarro – Jackson esperava um lançamento nos cinemas, mas em vez disso o filme foi direto para vídeo nos Estados Unidos – foi colocado em seu devido lugar com animações e violência sci-fi no estilo *Transformers*. Quem mais poderia inspirar um videogame em que você tem de matar pessoas com seus talentos de dançarino?

## "Black or White"
1991

AFASTADO POR ALGUNS ANOS, MICHAEL VOLTOU FORTE COM SEU primeiro single de *Dangerous*, como se o pior tivesse passado e houvesse todo o tempo do mundo para ele continuar criando sucessos como este. Ele podia arrebatar seu coração com um verso como "I believe in miracles/And a miracle has happened tonight" [*Acredito em milagres/E um milagre aconteceu esta noite*], mas ele também podia ganhar seu corpo com os sons tocados repetidamente na guitarra e as batidas funk espasmódicas.

## "In the Closet"
1992

O INÍCIO DOS ANOS 1990 FOI A ÚNICA ÉPOCA EM QUE MJ REALmente se rendeu às tendências musicais, saltitando nas batidas do new jack swing de Teddy Riley. Com uma fala de uma misteriosa mulher (era Madonna? a princesa Stephanie?) e um clipe com Naomi Campbell, esse é um item único em seu songbook.

## Grammy
1993

AO RECEBER DAS MÃOS DA IRMÃ JANET UM PRÊMIO POR SUA contribuição à música, MJ deu ao mundo a última coisa que alguém esperava: um momento de genuína emoção humana. Seu abraço em Janet provocou lágrimas em qualquer pessoa que se importava com ele. Ele pareceu luminoso, espontâneo, até mesmo brincalhão. ("Janet e eu somos duas pessoas diferentes!") Ele parecia perceber quanta gente o amava, e foi catártico vê-lo em condições de retribuir. Foi uma exibição final de seu charme, imediatamente antes de tudo se desintegrar.



**O MOMENTO DA IRMÃ**
*Michael beija Janet em agradecimento por ela lhe ter entregue seu Grammy especial.*

## Blood on the Dance Floor
1997

SEU ÚLTIMO SUSPIRO – ZANGADO – E UMA VERDADEIRA EXCENtricidade: um álbum de Michael Jackson que quase ninguém ouviu. Um bombardeio de delírios e remixagens quase industriais, desatrelado de qualquer conceito de música pop existente fora de sua cabeça, esse álbum nunca foi um sucesso, embora tenha sido o álbum de remixagens mais vendido de todos os tempos, seja qual for a importância disso. Mas ele expõe a fúria paranoica que guiava a música de Jackson no final. Foi só após a morte de Michael que as pessoas começaram a reparar em "Morphine", uma ode ao vício em Demerol.

## "You Rock My World"
2001

O ÚLTIMO AMIGO DA VELHA HOLLYWOOD COM QUEM ELE DECIdiu atuar foi Marlon Brando, que tornou mais difícil ignorar que Michael tinha se transformado no Coronel Kurtz no final de *Apocalypse Now*. Ele ofereceu a seu público um último adeus com um especial de 30 anos – programado, com a falta de sorte que garantiu que ninguém se lembraria dele, para o fim de semana anterior ao 11 de setembro – e fez sua última visita ao Top 10 com uma das últimas coisas memoráveis que gravou.



Revistas.PeruRadio.net.pe

# TRIBUTOS

## Amigos, fãs e colegas de Michael Jackson celebram o homem e a música

### Quincy Jones

**O produtor trabalhou com Jackson em seus três maiores álbuns**

Michael era mestre em fazer cada música soar como se pertencesse totalmente a ele – de "Human Nature", com todas as suas partes caleidoscópicas, a "Billie Jean", com seus três acordes, quase um mantra. Se você disseca "Baby Be Mine", é como John Coltrane, só que disfarçado com letra e arranjo pop. Michael foi o artista mais profissional com quem já trabalhei, o mais concentrado e o que chegava mais rápido ao fundo da música. Foi o melhor dançarino, o melhor cantor e era tão bom de drama quanto Frank Sinatra – podia te fazer acreditar em qualquer coisa quando gravava. Eu o conheci quando ele tinha 12 anos, mas, quando tinha uns 20, estávamos trabalhando em *O Mágico Inesquecível* e ele disse: "Você me ajuda a achar um produtor para o meu disco solo?" E eu disse: "Não podemos falar sobre isso agora, você nem tem uma canção em *O Mágico*... ainda!" Eu o olhava no estúdio cantando "Easy on Down the Road" com Diana Ross, e ele era muito disciplinado. Ele não perdia nada. Eu ainda não tinha visto esse lado dele. Então, eu disse: "Que tal se eu produzir o álbum?" A Epic disse: "Nem pensar. Quincy é jazzista demais, é o cara errado." Mas fazia tempo que eu sabia o que é não ser compreendido. Fizemos o álbum com a maior venda da história dos artistas negros até então, e todos eles mudaram de ideia rapidinho.

### Stevie Wonder

**Um dos mentores de Michael desde os primeiros dias de Motown**

Ouvi falar do Michael quando ele e seus irmãos estavam vindo para a Motown – e então ouvi aquela voz. É impossível não ficar tocado pela forma de Michael cantar uma faixa como "I Want You Back" ou "I'll Be There" ou, depois, "The Way You Make Me Feel", que é uma das minhas favoritas. Uma vez, Michael e eu estávamos juntos em um elevador e eu estava cantando "The Way You Make Me Feel" para ele, nós começamos a ir e voltar nos versos e eu lhe disse como gostava da parte em que ele cantava "Go on, girl", e Michael me disse que tinha pegado isso da minha música "Go Home". Eu me senti bem à beça. Fizemos um safári uma vez, em um veículo com barras para nos proteger dos leões. Eu ouvia o Michael dizendo ao motorista: "Dá pra chegar mais perto?" Aí eu ouvi um urro, e o Michael ficou superquieto.

### Smokey Robinson

**A lenda da Motown compôs "Who's Lovin' You" para o Jackson 5**

Eu passei um tempão com o Michael quando ele tinha 10 ou 11 anos. Um artista da Motown chamado Bobby Taylor e eu levávamos o Michael a um campo de golfe só para ele passear de carrinho enquanto nós jogávamos. Se eu desse uma tacada ruim, ele ria e me dizia como eu devia ter batido. Ele nunca carregou os tacos nem deu uma tacada na vida – só torcia e criticava.

### Donny Osmond

**Rivais na infância, no início dos anos 1970, ele e Michael continuaram amigos nas décadas seguintes**

Os Osmonds e o Jackson 5 tiveram discos de sucesso ao mesmo tempo. Uma vez, estávamos fazendo um grande show no Canadá. O irônico é que éramos ídolos adolescentes e tudo o que nós queríamos era voltar para o hotel. Enquanto Joe e Katherine conversavam com meus pais, nós fomos para meu quarto e curtimos os meus brinquedos. Lembro que, alguns anos depois, eu fui à casa de Stevie Wonder para tocar para ele uma cover que eu tinha gravado dele, "I Wish". Stevie disse: "Por favor, por favor, gruda no Mike, porque ele realmente está precisando de um amigo." Logo depois disso, passei pela casa



Revistas.PeruRadio.net.pe




**O MENTOR DE MICHAEL**
*Na adolescência, Jackson foi influenciado pela música de Stevie Wonder, vendo-o no estúdio quando gravou "Fulfillingness' First Finale", em 1974*

Revistas.PeruRadio.net.pe

do Mike e toquei a música para ele. Isso foi pouco antes daqueles processos todos. Eu disse: "Sempre estivemos ligados em um universo paralelo, nós e nossas famílias, mas na verdade nunca fizemos nada juntos." O rosto dele se iluminou e ele disse: "Em que você está pensando?" Eu toquei "I Wish" para ele. E ele adorou a música com essas duas crianças que agora são adultos falando "I wish those days would come back once more" [*Eu queria que aqueles dias voltassem mais uma vez*]. E ele disse: "Eu gosto disso, vamos fazer." Íamos fazer um dueto, e então ele me ligou, quando o julgamento começou: "Vou ter de desistir."

## Lionel Richie

**Amigo desde os anos 1970, escreveu "We Are The World" com Michael**

O primeiro single de *Thriller* foi "The Girl Is Mine", com Paul McCartney. Eu era muito fã de McCartney. E Michael sabia disso. Eu estava trabalhando no mesmo estúdio em que eles estavam gravando a música, perto de uma ou duas horas da madrugada, e ele me chamou e disse: "Lionel, dá um pulo aqui." Achei que ele queria me mostrar a música e entrei no estúdio – e o Paul McCartney estava lá. Nem preciso dizer que encerrei minha gravação daquela noite. Acho que o Quincy acabou indo para casa porque nós estávamos falando demais. Paul e Michael tinham muito em comum em termos de fama, e o Michael parecia uma esponja. Ele perguntava tudo. Acho que o Paul tinha um Suburban escuro, e quando o Paul foi embora o Michael também tinha um. O irônico é que Paul McCartney, Quincy Jones e eu tínhamos amigos antes de fazermos 21 anos. Brigávamos no playground antes dos 21. Tínhamos levado chute de uma garota antes dos 21. Passamos por aquelas experiências normais para quem está crescendo. Mas quando se trata de Michael, não dá para falar em "normal". Dos sete aos oito anos, esse cara estava cantando. Eu me lembro de ele chegar em casa, depois da escola, e entrar direto no estúdio. Eles não tinham tempo para brincadeira. Jackie e Jermaine tiveram um pouquinho mais de experiências reais, porque eram mais velhos. Mas essa porta se fechou cedo para o Michael. Acima de tudo, ele só queria ser o maior e o melhor que havia. Nos últimos anos, porém, não era só o playground que cantava "Wacko Jacko" – era o mundo todo. Como é que você supera isso? Isso te destrói. E o resultado é que a gente vê o maior dos artistas desmoronar diante de nossos olhos.

## LA Reid

**Jackson convidou Reid, agora presidente da Island Def Jam, a fazer músicas para *Dangerous*, de 1991**

Michael era muito doce, mas era um grande lutador. Ele nos convidou (a mim e ao meu parceiro, Babyface) para irmos ao rancho Neverland, em 1991. Ele estava trabalhando em *Dangerous* e nos pediu para compor para o álbum. Pegamos um helicóptero para ir à casa dele, e sacolejou à beça. Eu devia estar com cara de terror, porque o Michael começou a rir de mim e disse que eu era um frouxo.





Revistas.PeruRadio.net.pe



**SUPERASTROS**
*Jones, Richie e Jackson em Los Angeles, em 1985, gravando "We Are the World" – que Jackson e Richie compuseram para levantar fundos para o combate à fome na África*

Revistas Parupadas.net.pe

## Akon

**O cantor passou um tempo na casa de Jackson, trabalhando em um álbum ainda inédito**

Mike e eu fomos apresentados há alguns anos, por um amigo. Nós gravamos no estúdio da casa dele, e seus filhos estavam sempre lá. Ele estava sempre tomando conta deles – certificando-se de que estavam fazendo os deveres e comendo direito. Ele próprio cozinhava para eles, sempre comida saudável. Eles eram o foco da vida dele – a gente podia estar no meio de uma gravação, mas ele largava tudo para ver se eles estavam bem.

## Martin Scorsese

**O ganhador do Oscar dirigiu Jackson no vídeo de "Bad", filmado em uma estação de metrô do Brooklin**

Quando nós fizemos o vídeo "Bad", ele estava aberto a tudo. Como aquela cena da escada, em que Wesley Snipes diz: "Are you down, or what?" Ele fez essa umas 40 vezes. O Wesley tem uma presença incrível, mas o Michael não se intimidou. O que me impressionou mais foi o poder extraordinário da persona dele, era quase a de um xamã. A dança dele me hipnotizou. Na primeira tentativa, quando o rosto dele estava de frente para a câmera, havia uma sensação de ser só e de ser vítima. Havia algo real ali. Na rua do Harlem em que nós filmamos uma cena, os edifícios estavam destruídos ou condenados. Ele me chamou de lado: "Tem gente morando aqui?" Ele ficou impressionado com o que viu. Em um apartamento térreo do edifício em que estávamos gravando, havia um pobre homem na cama, tossindo e nas últimas. Michael disse: "Você está vendo como são as coisas aqui?" Eu disse: "É, eu sei." Mas mesmo o cara que estava de cama sabia quem era o Michael.

## Slash

**O guitarrista do Guns N' Roses tocou em *Dangerous* e participou da turnê de 1992**

Uma das coisas legais do Michael é que ele me deixou trabalhar do meu jeito. Estávamos tocando em um show na Itália, e a Jennifer Batten, guitarrista dele, queria que eu seguisse os passos coreografados que ela estava fazendo. Eu nunca faria aquilo – sem chance. Estávamos no camarim e ela, reclamando, foi correndo para o Michael. Foi a primeira vez que o vi ser ríspido, sério e mandão. Ele disse a ela para deixar o porra do Slash em paz. Eu só ficava ali e fazia o meu trabalho, mas de vez em quando eu olhava e ficava deslumbrado vendo como ele trabalhava com naturalidade e fluidez. Michael viveu no mundo do entretenimento, é a única vida que ele conheceu desde quando era pequenininho, e havia nele um senso de distanciamento da realidade. Ele ficava em harmonia total quando fazia qualquer coisa que tivesse a ver com música, mas parecia completamente deslocado quando se envolvia em outra coisa. Era mesmo genial vê-lo pessoalmente. Podia haver 80 pessoas no palco, todas fazendo o mesmíssimo passo de dança, mas ele era o cara que tinha aquela fluidez natural que ninguém conseguia igualar.





Revistas.PeruRadio.net.pe




**ROCK BENEFICENTE**
*Em 1999, Jackson e Slash em Munique, Alemanha, em um concerto organizado por Jackson para as crianças de Kosovo*

Revistas.PeruRadio.net.pe



**PARCEIROS**
*Sheryl Crow – que na época fazia backing vocals para Jackson– na turnê* Bad, *em 1988*

Revistas.PeruRadio.net.pe

## Ne-Yo

**Jackson queria que o cantor fizesse músicas para o álbum de retorno que tinha planejado**

Uns dois anos atrás, o Michael ligou para o meu celular e eu desliguei na cara dele, porque pensei que alguém estava de brincadeira. Michael Jackson não liga para o celular de ninguém... Minutos depois, ele ligou de novo. Eu menti e disse que estava entrando em um túnel, e a ligação caiu. Ele queria me encontrar em algum lugar isolado, então a gente se viu na casa de Lyor Cohen, porque eles são amigos. Eu não ligo para os famosos, porque gente é gente, mas o Michael era pura energia. Senti sua presença assim que entrei na sala. Ele falou de trabalharmos juntos e aonde ele queria ir musicalmente. Eu lhe mostraria umas três ou quatro músicas e ele me diria do que tinha gostado e do que não. "Pega esta parte e muda; faz o refrão mais forte." Ele era muito seletivo – afinal, esse ia ser o álbum da volta dele ou uma tentativa fracassada, e ele não queria que fosse esta última.

## Sheryl Crow

**Ela começou a carreira fazendo backing vocals na turnê mundial *Bad*, de Jackson, em 1987**

Eu conheci o Michael nos ensaios da turnê *Bad*, em 1987, quando fui contratada para cantar. Fiquei surpresa em ver como ele era tímido. A gente estava ensaiando o dueto "I Just Can't Stop Loving You" e tinha uma brincadeira engraçada entre nós – estávamos cantando uma canção de amor e fingindo ser muito tímidos, então a gente dava umas risadinhas nervosas quando um tocava o outro. Ver aquela jovialidade partir do performer mais importante do mundo era surpreendente. Em nossas três primeiras semanas da viagem, tocamos em Tóquio, para 75 mil pessoas. Michael começou "Human Nature" e fez o moonwalk de lado. Eu me lembro que ficava ao lado do palco pensando: "Eu nunca mais vou ver esse tipo de talento em minha vida." Não importa o tipo de música que você curte – tem alguma coisa especial nele que não é deste mundo.

## "Weird Al" Yankovic

**O satírico vencedor do Grammy credita sua carreira a Jackson**

A primeira vez que procurei o Michael Jackson para falar de uma paródia, foi um tiro no escuro. Nós estamos falando da pessoa mais popular e famosa do universo, e cá estava eu, um compositor besta de músicas gozadas. Ele não só retornou as minhas ligações, como aprovou. Ele achou a ideia divertida. Então, quando eu fiz a segunda paródia, "Fat", ele nos deixou usar o cenário original do metrô, do vídeo dele. Ele sempre me deu muito apoio. A primeira vez que o vi pessoalmente foi em um dos seus shows, em 1988, quando o meu álbum *Even Worse* apareceu com minha segunda paródia, "Fat". Eu fui aos bastidores e ele estava com um monte de pessoas, mas eu trouxe um disco de ouro para lhe dar de presente e ele foi muito educado, agradeceu e disse algumas coisas agradáveis. Depois disso, eu pensei: "Provavelmente a última coisa de que Michael Jackson precisa é de outro disco de ouro para a sala de troféus..." Vê-lo pessoalmente foi uma coisa do outro mundo. Ele era, e continua a ser, um ícone. É difícil imaginar que ele é um ser humano.Nosso segundo encontro foi na gravação de um programa de TV, acho. Michael estava cantando "Black or White" e, depois, eu falei com ele rapidamente. Ele me disse que ia passar meu filme, *UHF*, para seus amigos no rancho Neverland. Ele falava macio e era muito quieto, mas sempre foi muito gentil comigo. Naquela época, pensei em parodiar "Black or White", mas ele não comprou a ideia, porque achava que "Black or White" continha uma mensagem e ele não se sentia confortável com uma paródia a ela, o que eu entendi perfeitamente. De certa forma, ele me fez um grande favor, porque eu já estava ficando marcado como o cara que fazia paródias do Michael Jackson, e então decidi parodiar o Nirvana, o que acabou revitalizando a minha carreira. Eu não sei que tipo de carreira eu teria hoje se não fosse pelo Michael Jackson. Sem dúvida, ele fez a minha carreira deslanchar. Com "Eat It", eu, que era um desconhecido, me tornei um cara que era reconhecido até no Burger King.

## Brooke Shields

**No final dos anos 1970, ela e Michael eram próximos – dois adolescentes famosos e não exatamente apaixonados**

Eu tinha 13 anos quando conheci o Michael Jackson. Nós ficamos amigos imediatamente. Nada era cansativo com ele. Eu ficava impressionada com sua doçura. Ele era pensativo, sensível, doce e tinha um ótimo senso de humor. Se você resolvesse falar com ele sobre música ou sobre o futuro da tecnologia, a voz dele ficava mais profunda, ele começava a falar e parecia um gênio. Ele me pediu algumas vezes para casar com ele, e eu disse: "Você me tem para o resto da vida. Não precisa se casar comigo. Eu vou viver e construir a minha própria vida, e vou ter meu próprio casamento e meus próprios filhos, e você sempre me terá." Acho que isso o deixou tranquilo. Ele não queria perder coisas que tinham significado para ele. Quanto mais ele crescia e mudava fisicamente, mais assexuado ele ficava para mim. Era fácil para ele ser meu amigo, porque eu era a virgem mais famosa do momento; é ridículo, mas eu era a virgem norte-americana. Eu via mulheres muito mais sensuais, que queriam se jogar para cima dele, e sentia que elas ensinariam a ele. Nós dois só encontramos um ao outro e não precisávamos lidar com a nossa sexualidade. Quando eu cresci e comecei a namorar, queria compartilhar com ele, e ele ficava como um garotinho, fazendo aquelas analogias de beisebol – como era a primeira base, como era a segunda base... Soaria muito estranho para quem ouvisse, imagino, mas entre nós, não. Ele era alguém que nunca tinha saído realmente de sua bolha, e eu posso entender como ele ficava curioso. A última vez que nos vimos foi no casamento da Elizabeth Taylor, em 1991. Ele parecia se divertir sozinho. Nós entramos escondidos e tiramos fotos de nós mesmos perto do vestido dela. A gente sempre se comportava como duas criancinhas. Para ele, a nossa amizade era um santuário, porque ele sabia que a única coisa que eu queria é que ele atingisse a felicidade.



Revistas.PeruRadio.net.pe

# 40 ANOS DE SUCESSO

Um guia completo dos singles de Michael Jackson, incluindo os 60 que estiveram no Top 40. Dezessete deles – entre solos e gravações dos Jacksons – chegaram ao primeiro lugar

| 1968 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "Big Boy" | |
| **The Jackson 5** "We Don't Have to Be Over 21 (To Fall in Love)" | |



O single de estreia do J5, lançado pelo selo Steeltown de Gary, Indiana, em janeiro de 1968, vendeu mais de dez mil cópias. A música foi relançada depois que as fitas master foram reencontradas, em 1994.

| 1969 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "I Want You Back" | 1 |



Primeiro de quatro 1[os] lugares seguidos, esta música foi composta originalmente para Gladys Knight.

| 1970 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "ABC" | 1 |
| **The Jackson 5** "The Love You Save" | 1 |
| **The Jackson 5** "I'll Be There" | 1 |
| **The Jackson 5** "Santa Claus Is Comin' to Town" | |

| 1971 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "Mama's Pearl" | 2 |
| **The Jackson 5** "Never Can Say Goodbye" | 2 |
| **The Jackson 5** "Maybe Tomorrow" | 20 |
| **Michael Jackson** "Got to Be There" | 4 |
| **The Jackson 5** "Sugar Daddy" | 10 |

| 1972 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **Michael Jackson** "Rockin' Robin" | 2 |
| **The Jackson 5** "Little Bitty Pretty One" | 13 |
| **Michael Jackson** "I Wanna Be Where You Are" | 16 |
| **The Jackson 5** "Lookin' Through the Windows" | 16 |
| **The Jackson 5** "Doctor My Eyes" | |
| **Michael Jackson** "Ain't No Sunshine" | |
| **Michael Jackson** "Ben" | 1 |
| **The Jackson 5** "Corner of the Sky" | 18 |

"Ben": O primeiro solo de Jackson a chegar ao 1º lugar foi o tema de um filme de terror sobre um garoto que é amigo de um rato. Donny Osmond era a opção do estúdio para a música, mas ele estava em turnê.

| 1973 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "Hallelujah Day" | 28 |
| **The Jackson 5** "Get It Together" | 28 |
| **Michael Jackson** "With a Child's Heart" | 50 |
| **The Jackson 5** "Skywriter" | |

| 1974 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "Dancing Machine" | 2 |
| **The Jackson 5** "The Boogie Man" | |
| **Michael Jackson** "Music and Me" | |
| **The Jackson 5** "Whatever You Got, I Want" | 38 |
| **The Jackson 5** "The Life of the Party" | |



Após dois anos, os irmãos voltaram ao Top 10 com esta música, da fase disco inicial, que apresentou à América o Robô.

| 1975 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jackson 5** "I Am Love (Parts I & II)" | 15 |
| **Michael Jackson** "Just a Little Bit of You" | 23 |
| **Michael Jackson** "We're Almost There" | 54 |
| **The Jackson 5** "Forever Came Today" | 60 |
| **The Jackson 5** "All I Do Is Think of You" | |

| 1976 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jacksons** "Enjoy Yourself" | 6 |

| 1977 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jacksons** "Show You the Way to Go" | 28 |
| **The Jacksons** "Goin' Places" | 52 |

| 1978 | POSIÇÃO |
|---|---|
| **The Jacksons** "Find Me a Girl" | |
| **The Jacksons** "Even Though You're Gone" | |
| **The Jacksons** "Music's Taking Over" | |
| **Michael Jackson and Diana Ross** "Ease On Down the Road" | 41 |
| **The Jacksons** "Blame It on the Boogie" | 54 |





Revistas.PeruRadio.net.pe

## 1979

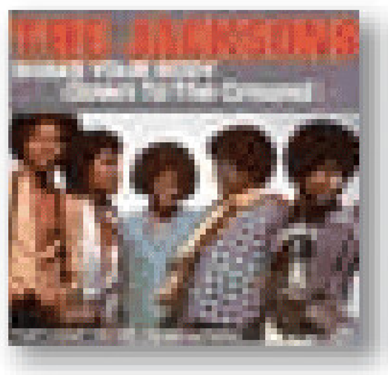
POSIÇÃO

**The Jacksons**
“Destiny”

**Michael Jackson**
“You Can’t Win (Part 1)” **81**

**The Jacksons**
“Shake Your Body (Down to the Ground)” **7**

Esta gravação ultrafunkeada, composta por Michael e Randy, foi o modelo para *Off the Wall*.



**Michael Jackson**
“Don’t Stop ’Til You Get Enough” **1**

**Michael Jackson**
“Rock With You” **1**

## 1980

**Michael Jackson**
“Off the Wall” **10**

**Michael Jackson**
“She’s Out of My Life” **10**

**The Jacksons**
“Lovely One” **12**

**The Jacksons**
“Heartbreak Hotel” **22**

## 1981

**The Jacksons**
“Can You Feel It” **77**

**The Jacksons**
“Walk Right Now” **73**

**The Jacksons**
“Time Waits for No One”

**The Jacksons**
“The Things I Do for You”

**Michael Jackson**
“One Day in Your Life” **55**

## 1982

**Michael Jackson and Paul McCartney**
“The Girl Is Mine” **2**



Juntos, Jackson e o beatle gravaram dois hits: “Say Say Say”, para *Pipes of Peace*, de McCartney, e esta, para *Thriller*. Em 1985, Jackson ofereceu um lance mais alto do que Paul pelo catálogo dos Beatles.

## 1983

POSIÇÃO

**Michael Jackson**
“Billie Jean” **1**

**Michael Jackson**
“Beat It” **1**

**Michael Jackson**
“Wanna Be Startin’ Somethin’” **5**

**Michael Jackson**
“Happy”

**Michael Jackson**
“Human Nature” **7**

O tecladista Steve Porcaro, do Toto, fez esta música em parceria com o letrista John Bettis, do Carpenters.

**Michael Jackson**
“P.Y.T. (Pretty Young Thing)” **10**

**Paul McCartney and Michael Jackson**
“Say Say Say” **1**

## 1984

**Michael Jackson**
“Thriller” **4**

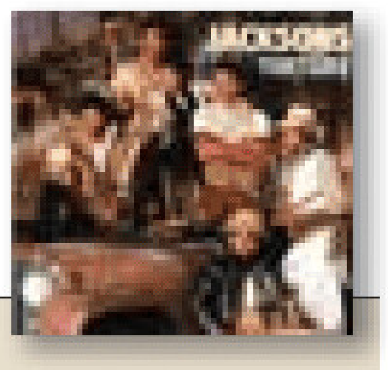
**Michael Jackson**
“Farewell My Summer Love” **38**

**The Jacksons**
“State of Shock” **3**

**Michael Jackson**
“Girl You’re So Together”

**The Jacksons**
“Torture” **17**

Após *Thriller*, foi difícil convencer Michael a participar desta reunião. Jermaine também participa pela primeira vez desde 1975.



## 1987

**Michael Jackson**
“I Just Can’t Stop Loving You” **1**

**Michael Jackson**
“Bad” **1**

**Michael Jackson**
“The Way You Make Me Feel” **1**

## 1988

**Michael Jackson**
“Man in the Mirror” **1**

**Michael Jackson**
“Dirty Diana” **1**

**Stevie Wonder and Michael Jackson**
“Get It” **80**

**Michael Jackson**
“Another Part of Me” **11**

**Michael Jackson**
“Smooth Criminal” **7**

## 1989

POSIÇÃO

**Michael Jackson**
“Leave Me Alone”

**Michael Jackson**
“Liberian Girl”

**The Jacksons**
“2300 Jackson Street”

## 1991

**Michael Jackson**
“Black or White” **1**



Bill Bottrell, colaborador de Sheryl Crow, ajudou a transformar esta sobra de *Bad* no primeiro sucesso de Jackson a chegar ao 1º lugar nos anos 1990.

## 1992

**Michael Jackson**
“Remember the Time” **3**

**Michael Jackson**
“In the Closet” **6**

**Michael Jackson**
“Jam” **26**

**Michael Jackson**
“Heal the World” **27**

## 1993

**Michael Jackson**
“Give In to Me”

**Michael Jackson**
“Who Is It” **14**

**Michael Jackson**
“Will You Be There” **7**

O oitavo single de *Dangerous* subiu nas paradas depois de aparecer no filme *Free Willy*.

**Michael Jackson**
“Gone Too Soon”

O nono e último single de *Dangerous* era um tributo de Michael a seu amigo Ryan White, vítima da AIDS. Usher cantou esta música no funeral de Jackson.

## 1995

**Michael Jackson and Janet Jackson**
“Scream” **5**

**Michael Jackson**
“You Are Not Alone” **1**

Décimo-sétimo e último 1º lugar de Jackson, é do álbum *HIStory* e foi escrito por R. Kelly. O vídeo apresenta Jackson acariciando Lisa Marie Presley em topless.

**Michael Jackson**
“Earth Song”

## 1996

POSIÇÃO

**Michael Jackson**
“This Time Around”

**Michael Jackson**
“They Don’t Care About Us” **30**

## 1997

**Michael Jackson**
“Blood on the Dance Floor” **42**

**Michael Jackson**
“Stranger in Moscow” **91**

**Michael Jackson**
“HIStory”/“Ghosts”

## 2001

**Michael Jackson**
“You Rock My World” **10**

**Michael Jackson**
“Butterflies” **14**

Último sucesso Top 40 de Jackson, composto por Marsha Ambrosius, da dupla Floetry. Foi o segundo single do álbum *Invincible*.

**Michael Jackson**
“Cry”

## 2002

**Michael Jackson**
“Heaven Can Wait”

## 2003

**Michael Jackson**
“One More Chance” **83**



O último single lançado com Michael ainda vivo foi criado para a compilação *Number Ones*. A balada chegou às lojas no mesmo dia em que policiais invadiram o rancho Neverland, abrindo o caso de assédio sexual contra o artista.

## 2009

**Michael Jackson**
“This is It”

Single lançado depois da morte de Michael para promover o filme de mesmo nome. A gravação era uma demo, finalizada pelos irmãos Jackson, que gravaram backing vocals.



Revistas.PeruRadio.net.pe

# COLABORADORES

## Anthony DeCurtis

Anthony DeCurtis é editor-contribuinte da Rolling Stone. Ganhou um Grammy por seu encarte para a caixa *Crossroads*, de Eric Clapton.

## Jon Dolan

Jon Dolan é colaborador frequente da Rolling Stone.

## Ben Fong-Torres

Ben Fong-Torres tornou-se editor da Rolling Stone em 1969. Está trabalhando em um livro sobre Quincy Jones.

## Mikal Gilmore

Mikal Gilmore é editor-contribuinte da Rolling Stone e é autor de vários livros, entre eles *Stories Done*, sobre os ícones culturais dos anos 1960 e dos anos 1970.

## Brian Hiatt

Brian Hiatt é editor-assistente da Rolling Stone.

## Gerri Hirshey

Gerri Hirshey é autora de *Nowhere to Run: The Story of Soul Music* e *We Gotta Get Out of This Place: The True, Tough Story of Women in Rock*.

## Claire Hoffman

Claire Hoffman é editora-contribuinte da Rolling Stone e professora assistente de Jornalismo na Universidade da Califórnia, em Riverside.

## Alan Light

Alan Light foi redator-chefe da Rolling Stone e é colaborador do *The New York Times*.

## David Ritz

David Ritz é o autor de *Divided Soul: The Life of Marvin Gaye* e colaborou nas autobiografias de Ray Charles, Etta James e Aretha Franklin.

## Rob Sheffield

Rob Sheffield é editor-contribuinte da Rolling Stone e autor do livro de memórias *Love Is a Mix Tape: Life and Loss, One Song at a Time*.

## Touré

Touré é editor-contribuinte da Rolling Stone e é autor do romance *Soul City* e da coleção de contos *The Portable Promised Land*.

## Douglas Wolk

Douglas Wolk é crítico e autor de *Reading Comics: How Graphic Novels Work and What They Mean*.

Com reportagem de David Browne, Andy Greene, Austin Scaggs, Evan Serpick e David Wild.



Revistas.PeruRadio.net.pe

# CRÉDITOS DAS FOTOS

PÁGS. 2-3: Kevin Mazur/WireImage. PÁGS. 4-5: Paul Bergen/Redferns/Getty Images. PÁG. 7: David Loh/Reuters. PÁG. 9: AP Images. PÁGS. 12-13: Greg Allen/Retna. PÁG. 14: Polaris. PÁG. 17: George Kalinsky. PÁGS. 20-21: Cortesia dos Universal Music Group Archives. PÁG. 22: Michael Ochs Archives/ Corbis. PÁG. 23: © 1978 Curt Gunther/MPTV Images. PÁGS. 24-25: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁG. 26: John Bennett/"Detroit Free Press"/Zuma Press. PÁG. 27, em cima: Isaac Sutton/Ebony Collection/AP Images. PÁG. 27, meio: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁG. 27, embaixo: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁGS. 28-29: Bettmann/Corbis. PÁGS. 30-31: Neal Preston/Corbis. PÁGS. 32-33: © Todd Gray, de "Michael Jackson Before He Was King"/Chronicle Books. PÁG. 35: Fin Costello/Redferns/Getty Images. PÁG. 37: Matthew Rolston. PÁG. 39: Harrison Funk/Zuma Press. PÁGS. 40-41: Polaris. PÁG. 43: John Gunion/Redferns/Getty Images. PÁGS. 44-45: Harry Benson. PÁGS. 46-47: Harry Benson. PÁG. 49: Emilio Flores/Zuma Press. PÁGS. 50-51: Kevin Mazur/WireImage. PÁGS. 52-53: Michael Ochs Archives/ Getty Images. PÁG. 55: Cortesia dos Universal Music Group Archives. PÁGS. 56-57: Neal Preston/Corbis. PÁGS. 58-59: Cortesia dos Universal Music Group Archives. PÁG. 60: Bettmann/Corbis. PÁG. 62: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁGS. 62-63, embaixo: CBS/Landov. PÁG. 63: Cortesia dos Universal Music Group Archives. PÁGS. 64-65: Julian Wasser/Time Life Pictures/Getty Images. PÁGS. 66-67: David Redfern/Redferns/ Getty Images. PÁG. 68: Henry Diltz/Corbis. PÁG. 71: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁGS. 72-73: Cortesia de Ben Fong-Torres. PÁGS. 74-75: Kwame Braithwaite PÁG. 76: Chris Walter/Photofeatures. PÁG. 77: Fin Costello/Redferns/Getty Images. PÁG. 79, em cima: Bobby Bank/WireImage. PÁG. 79, meio: Berliner Studio/BEImages. PÁG. 79, embaixo, à esquerda: Lynn Goldsmith/Corbis. PÁG. 79, embaixo, à direita: George Brich/AP Images. PÁGS. 80-81: Lynn Goldsmith/Corbis. PÁG. 83: © 2009 Bobby Holland/MPTV Images. PÁGS. 84-85: Lynn Goldsmith/Corbis. PÁGS. 86-87: Newscom. PÁG. 89: Kevin Mazur/WireImage. PÁG. 90: Kevin Winter/Getty Images. PÁG. 91: CBS/Landov. PÁG. 92: Polaris. PÁG. 93: Lora Voigt/Zuma Press. PÁGS. 94-95: Cortesia de MJJ Productions/Sony. PÁGS. 96-97: Dilip Mehta/Contact Press Images. PÁGS. 98-99: Cortesia de MJJ Productions/Sony. PÁGS. 100-101: Harrison Funk/Zuma Press. PÁGS. 102-103: Harrison Funk/Zuma Press. PÁG. 105: Rex USA. PÁGS. 106-107: Lennox McLendon/AP Images. PÁG. 108: Photofest. PÁGS. 110-111: Kevin Mazur/WireImage. PÁGS. 112-113: David McGough/ DMI/Time Life Pictures/Getty Images. PÁGS. 114-115: Polaris. PÁG. 116: HBO/Photofest. PÁG. 118: Bonnie Schiffman/Corbis Outline. PÁGS. 120-121: Allan Tannenbaum/Polaris. PÁG. 122, em cima: Ron Galella/WireImage. PÁGS. 122-123, embaixo: Brad Elterman/BuzzFoto/FilmMagic. PÁG. 123, em cima: Bettmann/Corbis. PÁG. 123, embaixo: Globe Photos. PÁG. 125: Ron Galella/WireImage. PÁG. 129: Lynn Goldsmith/Corbis. PÁG. 131: Globe Photos. PÁGS. 132-133: Neal Preston/Corbis. PÁG. 135: Harrison Funk/Zuma Press. PÁGS. 136-137: Polaris. PÁGS. 138-139: Rusty Kennedy/AP Images. PÁG. 141: Paul Bergen/ Newscom. PÁGS. 142-143: Jeff Widener/AP Images. PÁG. 145: Dave Hogan/Getty Images. PÁG. 146: Mark Baker/Sony Music Archive/Getty Images. PÁGS. 148-149: Michael Caulfield/WireImage. PÁG. 151: Suzanne Plunkett/AP Images. PÁG. 153: George Rodriguez/Cache Agency. PÁGS. 156-157: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁGS. 158-159: Lynn Goldsmith/Corbis. PÁGS. 160-161: Harrison Funk/Zuma Press. PÁGS. 162-163: Steven R. Nickerson/"Detroit Free Press"/Zuma Press. PÁG. 164: Robert Wallis/Corbis. PÁG. 165: Dave Hogan/Getty Images. PÁGS. 166-167: Kevin Mazur/AEG via Getty Images. PÁG. 169: Polaris. PÁGS. 170-171: Paul Drinkwater/NBCU/AP Images. PÁGS. 172-173: Chris Walter/WireImage. PÁG. 175: Polaris. PÁGS. 176-177: Entertainment Pictures/Zuma Press. PÁG. 179: Cortesia de MJJ Productions/Sony. PÁG.181: Steven Paul Whitsitt/Contour by Getty Images. PÁGS. 182-183: Jonathan Exley/Contour by Getty Images. PÁGS. 184-185: Kevin Mazur/MJ Memorial/WireImage. PÁG. 186: Thom Elder/Shooting Star. PÁG. 187, em cima: Ernie McCreight/Rex USA. PÁG. 187, meio: Polaris. PÁG. 187, embaixo: AP Images. PÁG. 188: AFP/Getty Images. PÁG. 189: Reuters. PÁG. 190: Tobias Schwarz/Reuters. PÁG. 192: Kimberly White/WireImage. PÁG. 193, à esquerda: Ed Souza/"Santa Maria Times"/Zuma Press. PÁG. 193, em cima, à direita: Cortesia do Santa Barbara County Sheriff's Department. PÁG. 193, embaixo, à direita: Kevork Djansezian/ AP Images. PÁG. 194: Spencer Weiner/Reuters/Corbis. PÁG. 196: Hamad Mohammed/Reuters/Landov. PÁG. 197: Reuters/Landov. PÁG. 198: Bauer-Griffin. PÁGS. 200-201: Harry Benson. PÁGS. 202-203: CBS/Landov. PÁG. 204: ABC/Retna. PÁG. 205: Kate Simon. PÁG. 206: MCA/Universal/Everett Collection. PÁG. 208: Photofest. PÁGS. 208-209: Polaris. PÁG. 210: Larry Busacca/WireImage. PÁG. 211: Douglas C. Pizac/AP Images. PÁG. 213: Globe Photos. PÁGS. 214-215: HBO/Photofest. PÁGS. 216-217: Volker Dornberger/DPA/ Abaca USA. PÁG. 218: Dave Hogan/Hulton Archive/Getty Images. PÁG. 220, em cima, à esquerda: Michael Ochs Archives/Getty Images. PÁG. 220, meio: Allen Fredrickson/Reuters/Landov. PÁG. 220, embaixo, à direita: Photofest. PÁG. 221, embaixo, à esquerda: Echoes/Redferns/Getty Images. PÁG. 221, embaixo, à direita: Joe Cavaretta/AP Images. PÁG. 224: Lynn Goldsmith/Corbis.



Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe




Revistas.PeruRadio.net.pe